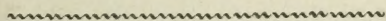
Fronstespicio

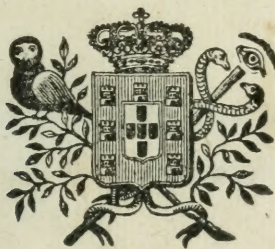
VIDA
DE
D. JOÃO DE CASTRO
QUARTO VISO-REY DA INDIA

ESCRIPTA POR JACINTO FREIRE DE ANDRADE,

IMPRESSA CONFORME A PRIMEIRA EDIÇÃO DE 1651.

AJUNTÃO-SE ALGUMAS BREVES NOTAS
AUCTORIZADAS COM DOCUMENTOS ORIGINAES E INEDITOS

POR

D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ,

Bispo Reservatario de Coimbra, Conde de Arganil, Par do Reino, Conselheiro de Estado, Socio da Academia Real das Sciencias, &c.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA

1835.

Com licença de Sua Magestade.

ARTIGO
EXTRAHIDO DAS ACTAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DA SESSÃO DE 6 DE SETEMBRO DE 1827.

Determina a Academia Real das Sciencias, que sejão impressas á sua custa, e debaixo do seu privilegio, as Breves Notas sobre a Vida de D. João de Castro, *escripta por Jacinto Freire de Andrade, auctorizadas com muitos documentos originaes e ineditos, pelo seu Socio D. Fr. Francisco de S. Luiz, acompanhadas do texto a que se referem. Secretaria da Academia em* 16 *de Março de* 1835.

Joaquim José da Costa de Macedo,
Secretario da Academia.

AO PRINCIPE

DOM THEODOSIO

NOSSO SENHOR.

SERENISSIMO SENHOR.

Tiverão os Scipiões quem os igualasse nas obras, porèm não na fortuna. Teve Dom João de Castro Daríos a quem vencer na Asia, mas não achou Curcios, & Livios na Europa que illustrassem seu nome. Persuadiome o Bispo Dom Francisco de Castro a escrever esta Historia, que agora faz publica na estampa, bem que com penna desigual do merecimento de hum varão que chegou a ser grande entre os maiores, cujas virtudes começárão tão cedo, que mais parecèrão herdadas, que adqueridas. Não acabou de encher os annos de seu governo, no qual forão quasi iguaes os dias, & as victo-

rias, bem que viveo á patria idade larga; menos á natureza. Porèm agora que o nome de V. Alteza ampara sua memoria, fica em duvida se foi mais felice na vida, ou na posteridade, victorioso sempre, dos inimigos então, & hoje dos annos. Neste lugar pudéra dar a ler a V. Alteza suas mesmas virtudes, mas para tal materia he a carta breve, tambem o fòra o livro. O brado universal do mundo será papel aberto onde em mais fiel estylo as leráõ todos, esperando que unindo V. Alteza a gloria das armas ás dilicias do estudo, será entre os Principes Portugueses no nome, & no valor primeiro. Guarde Deos a Serenissima pessoa de V. Alteza. Lisboa 15 *de Março de* 1651.

Jacinto Freyre de Andrada.

AOS QUE LEREM.

São os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andão sempre de companhia os erros, & as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada, quem achar que dizer naõ me perdoe (nem será necessario encomendalo.) Se me notarem o livro de roim, não negaráõ que he breve, & escrito em lingua Portuguesa, que tantos engenhos modernos, ou temem, ou desprezão, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindose de vozes estrangeiras, por onde passárão como hospedes, sem respeito a aquellas veneraveis cãs, & ancianidade madura de nossa linguagem antiga. Escrevi esta Historia com verdade de memorias fieis, sem que a penna, ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes que este papel saisse dos borrões, sei que muitos o taixárão de escasso, dizendo, que houvera de dilatar a Historia com allusões,

& passos da Escriptura, que fizessem mais crecido volume; estes comprão os livros pelo pezo, & não pelo feitio: de mais que não permittem tão licenciosa penna as leys da Historia. Outros querião que me valesse do estrepito de vozes novas, a que chamão Cultura, deixando a estrada limpa, por caminhos fragosos, & trocando com estimação pueril, o que he melhor, polo que mais se usa; mas como não determinei lisongear a gostos estragados, quiz antes com a singeleza da verdade, servir ao applauso dos melhores, que á fama popular, & errada.

VIDA

DE

DOM JOÃO DE CASTRO,

QUARTO VISO-REY DA INDIA.

LIVRO PRIMEIRO.

ESCREVEREI a vida de Dom João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias; cujas noticias são hoje no Oriente, de pays a filhos, hum livro successivo, conservandose a fama de suas obras sempre viva; & nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado: porque durão as memorias menos nas tradições, que nos escritos.

1 Foi Dom João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente; mas pri-

meiro relataremos as virtudes, & depois a origem, por serem as obras proprias, pays melhores. que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivado nas letras, & virtudes, que sofre aquella idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado. Como não era Dom João herdeiro da casa de seus pays, dispunhão elles inclinalo a estudos maiores: porque nas casas grandes forão sempre neste Reyno as letras o segundo morgado. Obedeceo Dom João em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escólha para tomar outro exercicio.

Primeiros estudos de D João de Castro.

2 Aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunez, o maior homem, que desta profissão conheceo Portugal; fazendose tão singular nesta sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acompanhou o Infante Dom Luis, a quem se fez familiar, ou pola qualidade, ou polo engenho; porèm como Dom João amava as letras por obediencia, & as armas por destino, despresou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus avós exemplo.

Applicase ás Mathematicas.

Em companhia do Infante D. Luis.

3 Era naquelle tempo clara a fama de Dom Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouvião com temor, & nós com reverencia. Considerava Dom João melhor suas victorias, que as figuras, & circulos de Euclides, amando as artes em quanto podião servir ao valor.

4 Chegado aos dezoito annos, vendose mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde contra o estylo d'aquellas praças, assistio nove annos, como quem

Passa a Tanger.

queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasiões d'aquella guerra se portou com esforço igual ao sangue, & maior que os annos, merecendo congratulações dos parentes, envejas dos soldados.

5 Dom Duarte de Menezes o respeitava, como se houvera lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, & receber a honra de o armar Cavalleiro, gloriandose tão anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos merecião ser ajudados dos favores Reaes, desejando que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a causa do Rey, & do vassallo, escreveo a elRey Dom João o Terceiro, que Dom João de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercè ja lhe seria grande: que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos Reys fazião soldados, & era justo, que aos olhos de tão grande Principe não ficassem sem premio as virtudes.

D. Duarte de Menezes o arma Cavalleiro.

E informa a elRey de seu merecimento.

6 ElRey mandou logo chamar a Dom João por huma carta, tão honrada, como se lhe não quizera fazer outra mercè; com a qual Dom João se veo á Corte, onde foi tão envejado pelas feridas, como pelos favores. ElRey lhe fez mercè da comenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimação com que os tratava.

ElRey o chama, honra, & premia.

7 Cursou Dom João algum tempo a Corte, sem que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadeiramente varão em toda a idade; porèm com tal medida, que nem a madureza o fazia pesado, nem a urbanidade facil. Soube philoso-

Seu procedimento na Corte.

phar entre as diversões da Corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas não a de discreta.

Casou com D. Leonor Coutinho.

8 Mudou de estado, casando com Dona Leonor Coutinho, sua prima segunda, filha de Leonel Coutinho, fidalgo da illustrissima casa de Marialva, nobreza tão conhecida, & tão antiga, que d'ella, & do Reyno temos igual noticia. Não lhe derão outro dote que as qualidades, & virtudes da esposa; porèm sem os arrimos da fazenda, conservou o respeito de maneira, que era tratado de todos com veneração de rico, & lastima de pobre.

Jornada de Tunez.

9 Offereceose neste tempo a jornada de Tunez, facção mais celebre pola victoria, que pola utilidade; de que não coube a Dom João de Castro pequena parte na honra, & no perigo. Daremos do successo relação menos abreviada, por haver elRey Dom João empenhado na facção o poder, o Infante D. Luis a pessoa. Havia aquelle famoso Cossario Barba-Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, & atrevimento maior que de Pirata, achando a fortuna tão prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba-Roxa o escandalo de suas victorias. Vendose cada dia mais crecido em opinião, & forças, se passou ao serviço do Turco, com quem ja a fama de nossas injurias o tinha acreditado, & comprandolhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser General do mar; & baixando diversas vezes com grosso numero de galés, fez grandes danos nos portos de Napoles, & Sicilia, sem que bastasse a defendelos o valor de seus naturaes, nem a tutela do Imperio, a que servião. Cativou infinitas almas, perdendo

Occasião que para ella houve.

muitas a Fé pola liberdade; assolou povos, & abrasou navios, dandolhe as miserias dos Christãos entre os Barbaros, huma gloriosa fama, até que esquecido de seus principios, lhe fizerão as prosperidades lugar á ambição de reynar, usurpando o Reyno de Tunez com varios artificios, cuja relação não serve á nossa Historia. Vendo pois Carlos este tyranno ja com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; & que pola vizinhança de seus Reynos não convinha que criasse raizes ás portas de sua mesma casa; & que os Mouros, a quem não faltava valor, mas disciplina, industriados de soldado tão pratico, virião a conhecer suas forças, em dano de seus Reynos; resolveo buscalo com huma poderosa armada, & tirarlhe o abrigo de Tunez, para que quando melhor livrasse, se tornasse ao mar, donde como Pirata, só poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderião acabar os tempos, & os successos. Tirou os soldados velhos dos presidios de Italia, que suprio com bisonhos; fez grandes levas na Alemanha alta, & paizes de Flandes; alistou Italianos, & Hespanhoes, alèm dos senhores, & nobreza, que servia sem soldo; & como empresa tão util, & justificada, & onde o Emperador empenhava a pessoa, acudião muitos aventureiros a acompanhar tão pias, & valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que levava, e achou vinte & cinco mil infantes de lista, que recebèrão soldo, fóra outra muita gente que servia sem elle, que era huma grande parte do exercito, & cada dia recebia differentes soccorros, que engrossavão o campo.

10 O Infante Dom Luis, Principe digno de

Acompanha nella o Infante D. Luis.

empresas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; & ainda que d'elRey Dom João foi mui dissuadido com razões differentes; humas que topavão no amor do sangue, & outras no respeito da pessoa; com tudo o Infante interpretando a vontade d'elRey, mais em favor do brio, que da obediencia, partio secretamente com alguns fidalgos; o que entendido por elRey, lhe mandou a Barcellona, onde o Emperador estava, largos creditos, & aprestar vinte & cinco caravellas, & alguns navios redondos; entre elles hum galeão, que jugava duzentas peças de bronze, o maior que até aquelles tempos surcárão nossos mares, á ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada; & por reverencia do Infante se encomendárão as vasilhas da armada a fidalgos de grande conta, sendo hum delles Dom João de Castro, que nesta occasião igualmente despresou o perigo, & a cobiça, como logo mostrará a Historia.

Fidalgos que forão nesta jornada.

11 Os fidalgos que se embarcárão nesta armada, de que alcancei noticia; forão, de mais de Dom João de Castro, Dom Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimioso, Dom Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luis Alvarez de Tavora senhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora seu irmão, que depois foi Viso-Rey da India, Dom João de Almeida filho do Conde de Abrantes, Dom Pedro Mascarenhas, que tambem foi Viso-Rey da India, Dom Diogo de Castro Alcaide mór de Evora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, Dom Francisco Pereira Embaixador que foi d'elRey Dom Sebastião em Cas-

tella, Dom Affonso de Castelbranco Meirinho mór, Pero Lopez de Sousa, João Gomez da Sylva Pagem da lança, & Dom Luis de Attayde, que depois foi Conde d'Attouguia, & morreo na India, sendo segunda vez Viso-Rey d'aquelle Estado. Todos estes fidalgos forão servir á sua custa, levando criados, & soldados, sem receberem soldo, com galas, & librés, demonstradoras do gosto com que seguião a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, & salvando a Capitaina Imperial, deu de si huma mostra bellicosa, & alegre. O Emperador se veo ás casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendez de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, erão mais aptas para honrar, & festejar a entrada.

12. Os Duques de Alva, & Cardona, com outros muitos Senhores, vierão á praia buscar o General, & fidalgos de sua companhia, que forão beijar a mão ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, & agasalhos, que a authoridade sofre, alegrandose de se acompanhar de nossa milicia pratica, & valerosa, a quem não parecerião estranhas as Luas, & lanças Africanas. Todas as resoluções grandes communicava o Emperador ao Infante Dom Luis, não só pola grandeza da pessoa, mas pola do juizo, tão pratico na Corte, como no Estado, de quem referirei hum lanço de urbanidade, pola estimação que d'elle fizerão os Castelhanos. Recolhiãose huma noite o Emperador, & o Infante, & ao entrar de huma porta, sobre qual havia de passar diante, pleiteárão ambos a cortesia, querendo hum, que precedesse o Hospede, outro a Magestade. O Emperador, travandolhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não que-

Cortesia entre o Emperador, & Infante.

rendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engeitala, lançou mão a huma tocha, que hum pagem levava. Assi soube o Infante fazerse tão senhor da vontade do Emperador, que teve resoluto darlhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, & para o defender, valor; mas as pretenções de França fizerão o dominio d'este Estado tão contingente, que ficou o senhorio d'elle muitos annos debaixo do juizo das armas.

O Emperador quer armar Cavalleiro a D. João, que não aceita.

13 Não relatarei os successos d'esta guerra, por ser historia alhea, bem que nella Dom João de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Cavalleiro, honra de que elle se escusou com a verdade, de o haver ja sido por outras mãos, que o que lhe faltavão de Reaes, tinhão de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitães da armada, que Dom João singularmente não quiz aceitar, porque servia com maior ambição do nome, que do premio.

Nem a mercè do dinheiro.

Concluida esta jornada, se recolhe a Sintra.

14 Triunfante Carlos, como outro Scipião da guerra de Africa, se veo descansar entre applausos, & acclamações de Europa, podendose chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde Dom João achou nos braços do Rey, & saudações do povo maior premio, do que engeitára do Cesar: & como varão que tão bem sabia despresar sua mesma fama, se retirou á sua quinta de Sintra, desejando viver para si mesmo, havendose no serviço da patria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, & nova agricultura, cortan-

do as arvores, que produzião fruto, & plantando em seu lugar arvoredos sylvestres, & estereis; quiçá mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito, fizesse pouco caso do que podião produzir os penedos de Sintra, quem soube pisar com despreso os rubis, & diamantes do Oriente!

Passa a primeira vez á India.

15 Achavase Dom João no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; & como a guerra de Africa com a nova conquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havendo o mundo por mais gloriosa a fama, que vinha de mais longe, resolveo Dom João passar á India, cuja conquista enchia o Reyno de fama, & de victorias, embarcandose sem pedir posto, ou mercè alguma, havendo por mais sua, a honra que se vai a ganhar, que a que se leva.

Fazlhe elRey mercè, & como a aceita.

16 Passou naquella occasião a governar a India Dom Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou levar a Dom João de Castro com meritos de successor, & praça de soldado. ElRey, logo que entendeo a resolução de Dom João, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, & portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (não sei se com maior ambição, ou com maior temperança) não aceitou, por ser mais rara a memoria das mercès, que se engeitão, que das que se recebem: acção mais facil de louvar, que de imitar.

Leva seu filho Dom Alvaro.

17 Embarcouse Dom João de Castro, com seu filho Dom Alvaro de treze annos, dandolhe por entretenimentos d'aquella idade os perigos, & tormentas de tão prolixos mares. Chegou a ar-

mada de Dom Garcia á India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, & peleijar com as galés do Turco, que o tinhão sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylveira. Tomou Dom Garcia, com a posse do governo, a obrigação de soccorrer a praça, para o que se lhe offereceo Dom João de Castro, que como soldado da fortuna alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que ja presago dos futuros triunfos, a que o chamava Dio. Porèm a retirada dos Turcos privou a Dom Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Embarca-se no soccorro de Dio.

18 Falleceo brevemente Dom Garcia, a quem succedeo Dom Estevão da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, & parece que tivera a fortuna, se não fora tão breve o seu governo. Emprendeo huma facção, no perigo, & na gloria, grande; qual foi embocar o Estreito do mar Roxo, & queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavão com voz de lançar os Portugueses da India: empresa que o Turco reputava por digna de seu poder.

19 Posta de verga d'alto toda a armada, não houve soldado de valor a quem não alvoroçasse o risco de tão nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio Dom Estevão da Gama com doze navios de alto bordo, & sessenta embarcações de remo o primeiro de Janeiro de mil & quinhentos & quarenta & hum. Aqui foi Dom João de Castro Capitão de hum galeão, & seguindo sua viagem com Levantes, avistárão a costa de Arabia, posto que derramados. O Governador Dom Estevão da Ga-

Vai ao mar Roxo com Dom Estevão da Gama.

ma a vio em monte Felix, & surto na boca do Estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foi certificado que as galés inimigas estavão varadas em terra, porém tão vigiadas, que se não podião queimar senão com força descoberta; o que seria impossivel aos navios redondos, em razão dos baixos, & restingas d'aquelle porto; com tudo Dom Estevão da Gama, despresando o aviso, & o perigo, passou avante com algumas fustas, huma das quaes levou Dom João de Castro, deixando o seu navio. Passárão pelas primeiras Ilhas, situadas em doze graos, & meio, & pela enseada velha em treze escassos, tomárão a da Fortuna, que está na mesma altura. Em todas estas angras, & enseadas da boca do Estreito até Suez, foi Dom João de Castro, tomando o Sol, & fazendo roteiro, formando juizo, ja de Philosopho natural, & ja de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tão judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque ao mar Roxo foi imposto este nome; e tambem dos impulsos, & movimentos naturaes das crescentes do Nilo nas monções do Estio; materia que desvelou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos escondeo estes secretos. Assi contaremos deste varão como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos com tão soberba eloquencia, escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este tratado, & outro de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar, & o açoute dos ventos, dedicou ao Infante Dom Luis, offerecendolhe o fruto das letras, que juntos aprendèrão.

Nesta viagem faz hum Roteiro.

20 Nesta paragem vírão o monte Sinai, onde com fabrica de Anjos forão as reliquias de S. Catherina collocadas em illustre deposito; a cuja vista Dom Estevão da Gama armou Cavalleiro a Dom Alvaro de Castro, o qual em memoria de tão celebre sanctuario tomou por timbre de suas armas a roda de navalhas, com que religiosamente as illustrão ainda hoje seus descendentes. Do effeito d'esta jornada não daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

Dom Estevão arma Cavalleiro a Dom Alvaro.

21 Tornando Dom João ao Reyno, como querendo deixar crecer as palmas do Oriente, que havião de coroar suas victorias, não desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; & estando com os vestidos do mar, ainda mal enxutos, o nomeou elRey por General das armadas da costa, dandolhe novas occasiões de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo Dom João no anno de 543. a comboyar as naos, que de viagem se esperavão da India, & pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum Cossario Frances, que com sete navios infestava todos aquelles mares, & havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinhão atrevido, & rico. Logo que Dom João o avistou, se fez naquella volta com os navios arrasados em popa, & atracando a Capitaina do inimigo, a abordou, & rendeo depois de porfiada resistencia; meteo dous navios no fundo, & outros se salvárão com o favor da noite. Os casos particulares d'esta briga não pude achar escritos, assi ficará nosso silencio disculpado com o descuido alheo.

Torna D. João ao Reyno.

He General da armada da costa.

Desbarata sete naos de Cossarios.

22 Houve Dom João vista das naos dentro em

poucos dias, que com reciprocas salvas lhe ajudárão a festejar a rota do Cossario; entrou com ellas pela barra de Lisboa, sendo tão geral o applauso com que foi recebido, que parecia haver passado ja os perigos do odio, & da enveja: felicidade, ou miseria, que só na sepultura alcanção, ou evitão os varões excellentes. Porèm d'estes successos conseguio Dom João somente o premio na victoria: porque quando as dividas são grandes, os Reys por não ficarem escassos, arriscãose antes a parecer ingratos; mais faceis a confessar os vicios na pessoa, que na Magestade.

Recolhe as da India.

23 Pouco tempo deixárão a Dom João de Castro descansar no gosto da victoria, porque logo para negocio de maior cuidado, tornou a vestir as armas, como referirei mais largamente, ainda que contra meu costume; por não troncar a Historia, buscarei principios afastados. Viose aquelle famoso Cossario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado com a perda de Tunez, & Goleta, & muito mais com a das galés, perdendo na terra a authoridade de Tyranno, & no mar as forças de Pirata. Porèm não ficou este inimigo de todo tão quebrantado, que deixasse de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de seu açoute. Tinha depositado em differentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa em que salvarse; fez d'elles hum presente a Solimão senhor dos Turcos, de tanta estimação que pode fazer esquecer, ou disculpar a desgraça da armada, & fugida de Tunez, de que Solimão ainda tinha a dor, & a memoria fresca. Representoulhe o muito que podia obrar em dano dos Christãos, pois começando a tentar o mar com duas galeotas

mal armadas, o valor, & os successos o fizerão temido, & poderoso, & fazendolhe cruel guerra com seus proprios despojos; que não cabião ja os cativos nas masmorras de Africa; que no Reyno de Napoles, em toda a Apulha, & terra de Lavor, fizera taes estragos, que ainda agora, nem o sangue, nem as lagrimas estavão enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas apodrecião ancoradas no porto; que aquelle Andre Doria tão buscado dos Principes da Europa, diria quantas vezes por se desviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testimunha de suas obras seus proprios inimigos; que o Emperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que só Barba-Roxa fazia a suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, juntára para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha, & Flandes, expondo temerario o melhor de seus Reynos, ao caso de huma ruina, ou de huma victoria, & ainda que o não desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunez hum inimigo por desapossar outro; que se não recolhèra tão inteiro, que lhe não custasse a victoria navios, & soldados; & que com as despesas de tão numeroso poder, esgotára os thesouros de Espanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a Christandade, enfraquecida com huma larga guerra, descuidada com huma apparente victoria; que no Estreito de Gibraltar estava a celebre Cidade de Ceita, porta por onde ja os Africanos entrárão com victoriosas armas a dominar Espanha; que os Portugueses a tinhão com fracos muros, & hum debil presidio, mais attentos a inquietar os vezinhos, que acautelarse d'el-

les, porque altivos com as prosperidades do Oriente, despresavão sua propria morada, á maneira de rios, que quanto mais distão do berço em que nacèrão, são maiores; que se a Magestade do grão senhor se inclinasse a senhorear esta parte tão principal da Europa, elle se offerecia com hum justo numero de galés, a entregarlhe Ceita, para que as nações do ultimo Occidente vivessem na reverencia de seu Imperio. Assi discorreo o Cossario, tentando restaurar com forças alheas o credito, & estado de que havia caido. E como nas Cortes dos Principes, as cousas grandes são melhor ouvidas que as possiveis; & em Barba-Roxa a experiencia, & o valor tinhão tantos abonos, Solimão altivo, & bellicoso, começou a dar ouvidos a empresa de tantas consequencias, que parecia opportuna pola paz, & prosperidade, que gozava seu Imperio. Ouvio diversas vezes a Barba-Roxa, que lhe persuadio serem os uteis d'esta facção maiores que as difficuldades. Inflammavão mais a indignação do Turco os Mouros Africanos, queixosos de que não podião respirar, senão debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de seu Propheta nas prostradas Mesquitas. No remedio d'estes danos empenhavão o Turco por zelo, e por grandeza, porque huns tocavão á Religião, outros á Magestade; motivos que cobrião a ambição, & justificavão a jornada.

Avisos do Emperador a el-Rey.

24 O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheo, não pudesse brotar novo veneno: teve industria para saber a resolução do Turco

acerca da invasão de Espanha; & ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da victoria pára onde começa, não querendo cair tambem sobre nossas ruinas, mandou armar navios, alistar gente, & dobrar os presidios nos portos do Estreito, escrevendo a elRey D. João seu cunhado os avisos que tinha, para que juntos dispusessem a resistencia do commum inimigo.

25 Chegada a Portugal esta nova, tratou logo elRey de fortificar Ceita, que não tinha outra defensa, que a que ensinava a disciplina d'aquelles tempos; & como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com o temor alheo. Governava naquelle tempo Ceita Dom Affonso de Noronha, a quem elRey encommendou a fortificação, & a defensa, mandando-lhe gente, materiaes, & engenheiros. Pedia o Emperador a elRey, que mandasse sair a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, á ordem de Dom Alvaro Bação, esperassem o inimigo na boca do Estreito, onde em qualquer successo terião no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armadas se juntassem, porque não ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

E lhe pede ajuda para resistir aos Turcos.

26 Entrou elRey em consideração de buscar quem governasse a armada, & dado que no Reyno havia muitos homens, a quem as experiencias, & perigos de nossas Conquistas tinhão feito soldados, o nome de Dom João de Castro se fazia lugar entre os maiores; fez brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria. Sabemos que elRey Dom João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo; de

sorte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra; assi não vimos que na casa Real tivesse officio, ou valimento, porque varão tão livre podiãono sofrer como vassallo, mas não como criado. Estava ja com velas metidas toda a armada, & embarcada muita parte da nobreza do Reyno, & os soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante; quando de repente se divulgou a nomeação em Dom João de Castro, feita com geral satisfação, ainda dos mesmos pretendentes.

Nomea elRey a D. João por General.

27 Mandou elRey chamar a Dom João, a quem communicou os avisos do Emperador, & designios do Turco, significandolhe a enveja com que o mandava a tão honrada empresa, mas que pois era huma prisão Real das Magestades, poder dar honras sem poder merecelas, lhe entregava aquella armada, esperando que havia de ajuntar ás Ruelas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregárão. Dom João beijou a mão a elRey, agradecido; entendendo que dos Principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

Confiança que mostra ter de Dõ João.

28 Aos doze dias de Agosto de 1543 se fez á vela toda a armada, & em poucos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada Imperial, que recebeo a nossa com toda a cortesia naval, alegrando, ou assombrando o lugar com repetidas salvas. Veio logo Dom Alvaro Bação com os principaes Cabos da armada visitar a Dom João de Castro ao mar, onde depois de saudações corteses, lhe deu conta das noticias que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invazão

Ajuntase com o General do Emperador.

Discorrẽ sobre a jornada. seria sobre Ceita. Alli se discorreo, como unidas as armadas de dous tão grandes Principes, convinha á reputação de humas, & outras armas, peleijar com o inimigo; que dado que viesse com maiores forças, peleijavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflicto nos podião soccorrer com gente descansada; & os navios destroçados terião o abrigo vesinho; & que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não pudessem intentar facção nas praças do Estreito, as quaes sempre remirião peleijando em ambos os successos; maiormente, que as ordens, que trazião cerradas de buscar o inimigo, não sofrião outra interpretação com que se salvasse a honra, & a obediencia. *Resolvem peleijar.* Tomada esta resolução, ainda que precisa, briosa, ficárão os soldados alvoroçados, & os Cabos solicitos nas ordens, & disposição de tão grande negocio; quando de repente chegárão apressados avisos, que Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o Estreito. Mandou logo Dom João de Castro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos Capitães, empavesar navios, & avisar a Dom Alvaro de como se levava. *Muda o General Castelhano parecer.* O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriado d'aquelle ardor primeiro, escreveo a Dom João de Castro, que novos casos necessitavão de novos conselhos; & que pelas noticias das espias, sabia que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baxeis do que as armadas tinhão; que não era intenção, nem serviço de seus Principes perderemse com risco tão sabido; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande; & se acaso na peleija ficassem destroçadas, ficarião as praças

do Estreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço do Cesar que o brio dos particulares; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, & que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho. Dom João de Castro respondeo ao General Castelhano, que elle não mudava de opinião á vista do inimigo: que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos; que pois elles pretendião pisar terra de Espanha, as armadas se devião arriscar pela reputação, quanto mais pela injuria; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tão grandes Principes, quando se colligavão para fazer a Barba-Roxa a guerra defensiva! deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das Aguias do Imperio, & Quinas de Portugal; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum, & outro acontecimento, porque no mao successo, os perdidos não davão conta de nada, & aos victoriosos de nada se pedia.

E trata de reduzir a Dom João.

O qual permanece em peleijar com os Turcos.

29 Mas nem esta resolução bastou para o General Castelhano Dom Alvaro Bação mudar de conselho; não sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. Dom João de Castro se poz na boca do Estreito, aonde esteve surto tres dias; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensões que houvera entre os Cabos maiores, ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada; porèm a gentileza com que Dom João de Castro a esperou no Estreito, mereceo dos presentes enveja, & dos futuros glo-

E o espera no Estreito tres dias.

ria; pois para conseguir huma illustre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que d'esta tão generosa resolução, se fizerão em Espanha juizos differentes, pondolhe nota aquelles, que a todas as acções não vulgares, chamão temeridades; porèm eu creo, que ainda os que mais condenárão esta acção, tomárão ser os authores d'ella.

30 Vendo pois Dom João, que com a retirada do inimigo ficára assegurado o receo d'aquellas praças, se foi a Ceita a communicar algumas cousas de sua instrucção com Dom Affonso de Noronha; o qual recebeo a Dom João com tantas salvas de artelharia, que os Castelhanos em Gibraltar se persuadírão, que peleijava a armada; mas nem assi quizerão desaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve Dom João de Castro aviso, que os Mouros tinhão Alcacere Ceguer em apertado cerco, praça, que os nossos sustentavão em Africa com despesa, & perigo inutil, de que era Capitão hum fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu filho Dom Alvaro com hum troço da armada, & ordem, que metesse o soccorro na villa, & que até se levantar o inimigo estivesse no porto; o que executou promptamente, bastecendo, & municionando a praça; & como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria, faltandolhes o calor da primeira invazão, levantou o sitio, & Dom Alvaro se tornou a aggregar á armada, que depois de assegurar Ceita, & livrala do receo dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa, aonde ja havia chegado a fama de hum, & outro successo, que como cairão sobre valor tão bem reputado, pare-

Manda seu filho com soccorro a Alcacer Ceguer.

cèrão maiores; mas Dom João, que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com despreso suas mesmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Sintra, ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acções por dignas de si mesmo.

Volta a Lisboa, & se recolhe a Sintra.

31 Entrou elRey Dom João em consideração de buscar quem governasse o Estado da India, porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo, & pedia successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavão por varios accidentes hum pouco declinadas, & não queria que a guerra com algum desar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia, que dá a ignorancia do povo poder a huma desgraça, para desauthorisar muitas victorias. Para negocio tão grande se representárão a elRey sujeitos differentes; huns que pela antiguidade do sangue costumavão a ser, senão benemeritos, herdeiros dos lugares maiores (segunda tyrannia de reynar, que inventou a nobreza); outros humildes por nacimento, & illustres por si mesmos, que o que se lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alheos; assi que para posto de tanta authoridade, nem bastava valor plebeo, nem qualidade inutil.

32 Com estas considerações elRey irresoluto na escolha de varão, de quem pudesse fiar o peso de tão grande governo, perguntou ao Infante Dom Luis, quem no estado presente fizera Governador da India? O qual lhe significou o conceito que tinha dos espiritos de Dom João de Castro; porque ainda que na occasião do Estreito a muitos havia parecido que se houvéra com animo sobejo, he certo, que não haveria

He proposto pelo Infante para o governo da India.

soldado que não estimasse ser reo de tão honrada culpa; & que dado que seus emulos o arguião de altivo, & retirado, por não pedir mercès, nem cortejar ministros, erão estes defeitos de tão boa qualidade, que vinhão a ser melhores os vicios de Dom João, que as virtudes de outros; que não via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India senão Dom João de Castro, o qual servia tão alheo de todos os interesses, que parecia despresar os premios da terra, como se S. Alteza não fora Rey dos homens, senão Deos dos vassallos; que era affeiçoado a Dom João de Castro por suas qualidades, porèm tão livremente, que seus merecimentos ainda separados do sujeito, amára em qualquer outro.

ElRey o elege, & lhe falla.

33 ElRey com quem a opinião do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de Dom João com zelo de Principe, & noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, & mandando chamar a Dom João de Castro a Evora, onde tinha suá Corte, lhe disse em sala publica: « Andei estes dias cuidadoso em bus-
„ car varão que governasse o Estado da India, &
„ não duvidava podelo achar na familia dos Cas-
„ tros, de cujo tronco os senhores Reys meus an-
„ tecessores tirárão sempre Generaes para os ex-
„ ercitos, Regentes para os povos; assi me pro-
„ metto, que de tão valerosa raiz não póde de-
„ generar o fruto; mórmente se medir as futuras
„ acções pelas passadas, as quaes vos tem dado
„ justo nome na opinião do Reyno, & estimação
„ na minha; polo que confiadamente vos encom-
„ mendo o governo da India, aonde espero pro-
„ cedais de maneira, que possa dar vossas ac-

„ ções por Regimento aos que vos succederem. „ Dom João beijou a mão a elRey, mais agradecido á honra, que ao officio, estimando só de tão grande cargo o não o haver buscado. Na Corte houve sobre esta eleição diversos sentimentos; alguns a notárão por enveja, & outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe não podião achar faltas, lhe arguião excessos; foi porèm tão bem avaliado dos mais, & dos melhores, que elRey se alegrava de haver achado hum homem feito á vontade de todos.

Approvão todos esta eleição.

34 ElRey lhe mandou logo despachos para aprestar a armada sem correr o meneo d'ella por outras mãos, como erradamente andou escrito, affirmando hum Author, que Dom João passára á India descontente, por ser mal respondido em seus particulares; cousa tão encontrada com as noticias que temos, & com a pouca ambição d'este fidalgo, que mais se desvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir, como se não tivera Rey a quem rogar, se não a quem servir.

Corre com o apresto das naos.

35 Determinou levar comsigo a seus filhos Dom Fernando, & Dom Alvaro, que era o mais velho; o qual mandou cortar algumas galas, das que pedião a profissão, & os annos; & passando Dom João acaso pela Jubiteria, vendo estar penduradas humas calças de obra, parando o cavallo, perguntou de quem erão? & tornandolhe o official, que as mandára fazer Dom Alvaro filho do Governador da India, pedio Dom João de Castro huma tisoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre: Dizei a esse rapaz, que compre armas. Não lemos que fosse mais exemplar, ou austera a disciplina dos antigos Romanos.

Reprova as galas de seu filho.

Naos, & Capitães dellas.

36 Aprestou Dom João a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque inda então as extorsões com que os ministros maiores armão á graça dos Principes, se não usavão, ou se não conhecião. Era o corpo da armada de seis naos grandes, em que se embarcárão dous mil homens de soldo. A Capitaina S. Thomé, em que o Governador hia, que lhe deu este nome, que depois appellidou nas batalhas, invocando ja como de justiça ao Apostolo da India por patrão de huma, & outra conquista. Os outros Capitães de sua conserva erão Dom Jeronymo de Menezes filho, & herdeiro de Dom Henrique irmão do Marquez de Villa Real, Jorge Cabral, Dom Manoel da Sylveira, Simão de Andrade, & Diogo Rebello.

Partem, & em que tempo.

37 Aos dezasete de Março de 1545, desaferrou do porto toda a armada, & a poucos dias de viagem foi avisado o Governador, que na sua nao hião quasi duzentas pessoas que recebião ração sem assentarem praça; huns que por inuteis não forão recebidos, & outros que por delictos se embarcárão escondidos. Instavão os ministros da nao com o Governador que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a nao, & levarem mantimentos sobrados para os casos de tão larga viagem; porèm o Governador mais compassivo que acautelado, fazendo huma mesma a causa dos miseraveis, & a sua, seguio sua derrota. Passados alguns dias começouse a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, & soldados esforçárão a queixa contra o Governador, que com tão arriscada piedade queria pòr em contingencia polo remedio de poucos a salvação de todos. Os mais erão de pare-

cer, que se lançasse esta gente nas ilhas de Cabo verde, onde os criminosos, & os pobres ficavão assegurados, estes da fome, aquelles da Justiça. Porèm o Governador considerando que os ares, & o terreno das ilhas, buscados fóra de monção, erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio, crendo se salvaria com elles, e por elles, dizendo, que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assim forão navegando com tempos escassos, até que lhe entrárão os geraes na costa de Guiné, onde a nao do Governador tocando, esteve soçobrada, sendo, na opinião dos mareantes, aquelles mares limpos, & aonde a carta não sinalava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte inopinadamente; as horas, & o temor fazião maior o perigo, até que a nao estando atravessada, & sem governo começou a sordir sobre a vaga; seria caso, mas pareceo milagre. O Governador mandou tirar tres peças, para que as naos que vinhão por sua esteira dessem resguardo ao baixo; as quaes não entendendo o sinal, arribárão sobre elle, & com melhor fortuna que conselho, sendo do mesmo porte que a Capitaina, salvárão o baixo, achando sobre as mesmas aguas differente successo, cuja causa não soubérão ajuizar os mareantes.

Compaixão do Governador.

Perigo da sua nao.

38 Seguindo o Governador sua viagem com toda a armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, & commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos Dom Alvaro, & Dom Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli

Chega a Moçambique.

Muda a fortaleza para melhor sitio.

tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, & soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavão, impedindolhe juntamente a pureza dos ares em dano da saude. Communicou este negocio com as pessoas que d'esta arte tinhão alguma luz por uso, ou disciplina, & a todos parecèrão os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução ao conselho, & escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, & mestres para a nova defensa; & como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos á volta dos peões acarretavão as pedras: humas que servião á lisonja, outras ao edificio.

Parte para Goa.

39 Posta ja em defensa a fortaleza, & reparada a saude dos enfermos com os ares, & refrescos da terra, deu o Governador á vela, & navegando sempre com ventos de servir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martim Affonso de Sousa que tinha o successor vezinho, dispondose a recebelo com festas que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, & deixava o governo. Foi logo buscalo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe á quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao Governador, & aos fidalgos, & Capitães da frota, com tanto primor no serviço, & abastança tão grande nas viandas, que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que espirava. Houve aquella noite bailes, & folias; festins que a singeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o Governador dous dias, assistido de to-

dos os fidalgos, desemparando a Martim Affonso de Sousa, até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidão Oriental dos Indios, que apedrejão o Sol quando se põe, & o adorão quando nasce.

40 Chegado o termo da entrada, se metèrão os dous Governadores em huma falúa com os remos dourados, & o toldo de sedas differentes. As torres, & os navios os festejárão com horror de repetidas salvas; & os vivas, & expectações da plebe lisongeavão sem artificio ao novo governo. Assi chegárão a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos Vereadores sua estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o Governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abrião a porta a seus particulares interesses.

Chega, & como he recebido.

41 Acabada a solemnidade d'aquelle acto, & entregue Dom João do Governo da India, se partio Martim Affonso para Cochim a tratar de seu apresto para o Reyno. Entrou logo o novo Governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pola mudança de moeda, que os ministros Reaes havião sobido com dano dos vassallos, e escandalo do Gentio vezinho. Direi de seus principios o caso.

Estado em que achou o Governo.

42 Corre na India huma moeda de baixa ley, que chamão Bazarucos, a qual entre Christãos, Mouros, & Gentios conservou sempre a mesma estimação vulgar. Esta como se lavra de cobre, material que naquelle tempo passava de Portu-

Com a alteração dos Bazarucos.

gal por droga, pareceo aos ministros que se lhe devia sobir o preço em beneficio da fazenda Real. Publicouse solemnemente a alteração da moeda, começando a correr com nova estimação; porèm como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha só o que recebia da ley, & não do peso, o Gentio, que não estava sojeito a leys alheas, faltava com a ordinaria provisão de mantimentos, & os povos padecião, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros maiores defendião, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rey na perdição do povo; o corpo da Cidade clamava, que os Reys de Portugal nunca fizérão de suas miserias thesouro, nem costumavão beber as lagrimas de seus vassallos em baixelas douradas; que os Gentios, & Mouros se gloriavão de que não podendo destruir os Portugueses com o ferro, os acabavão com suas mesmas leys, armando contra elles a ambição de seus Governadores. Crecia a fome, & a liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, & a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas forão os Vereadores da Cidade, entre pobres, mulheres, & mininos, huns com razões, & outros com lastimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pay; & porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusão para o seguinte dia; assi os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde chamou os ministros da fazenda Real, & ouvidos os fundamentos, que tivérão, deu parte da materia aos homens mais scientes nas leys,

Ouve a Cidade, & Povo.

Resolução que toma.

& na politica d'aquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resolvèrão ser cruel o decreto, & repugnante á piedosa intenção de nossos Principes. E este parecer se corroborou com os foros, & privilegios populares, & outras legalidades, que deixamos por não fazer prolixa nossa Historia. Revogada esta ley pelo Governador, começárão a correr os mantimentos do Sertão, & os povos lhe viérão offerecer as vidas que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

Primeira embaixada do Hidalcão.

43 Concluido este negocio com tanto credito da clemencia Real, viérão Embaixadores do Hidalcão, que depois de lhe darem as saudações ordinarias, & congratulações do cargo, lhe pedião entregasse certo prisioneiro na forma que com seu antecessor estava concertado. E porque este negocio chegou a alterar o Estado com guerra descoberta, não deixaremos em silencio a origem que teve.

Sobre a causa do Meale.

44 Morto Bazarb Principe do Balagate, no tempo que foi Governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda no berço de sua infancia, havido por indubitavel successor da Coroa. Era o Hidalcão neste tempo a segunda pessoa do Reyno em authoridade, a primeira em valor, porque nas guerras dos Principes vezinhos, tinha dado de suas obras hum testimunho grande. E como estes barbaros mais reynão por occasião, que por justiça, o Hidalcão vendo que suas forças, & a impossibilidade do herdeiro lhe abrião larga porta á ambição da Coroa, começou a solicitar os corações dos Grandes, com os quaes artificiosamente se lastimava da miseria do Reyno com successor minino, com quem havião de servir, ou sofrer como a Reys, todos os seus validos; que os

Principes com quem trazião guerra, não perderião a occasião de os acabar vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem hum varão, onde havia tantos, para salvar a patria, que elle seria o primeiro que lhe obedecesse, porque o governo do Reyno não podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas adorassem Meale, não duvidava que por conservarem o Rey, perderião o Reyno. Mostrouse logo affavel com os povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendose ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, se não para reynar. Chegárão emfim os principaes a offerecerlhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

45 Era o Hidalcão liberal, & valeroso, & sem duvida fora hum grande Principe, se conservára o Reyno com as mesmas virtudes com que soube acquirilo; porèm logo que se vio obedecido, cessárão aquellas artes fingidas, como não tinhão movimento natural, & rebentárão a ambição, & soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá, que o pobre Principe com obediencia servil lhe authorizasse o cetro que lhe tyrannizava. Os Satrapas do Reyno vendose fóra de tempo arrependidos, & que ja não podião ser traidores, nem leaes sem perigo, andavão consultando meios de

assegurar Meale da tyrannia do Hidalcão, como se tivera o desgraçado Principe mais justiça para viver, do que para reynar. Nestes discursos passárão alguns annos, nos quaes Meale chegou a idade que podia conhecer seu perigo, & considerando que sua presença arguia a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intrusão da Coroa, aconselhado dos mesmos que lhe tirárão o Reyno, se passou a Cambaya, onde foi bem recebido, mostrando o Rey, & o povo que se compadecião de miserias Reaes; porèm como aquelles favores tinhão mais de ambição que de piedade, chegárão a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizérão tratamento como a Rey, os outros como a perseguido. Com tudo Meale se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno.

46 Entre tanto o maior cuidado do Hidalcão era destruir aquelles que lhe dérão a Coroa, que ainda que como complices da traição, lhe pudérão ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavão a obrigação, ou o delicto. E como ja vivia temeroso de suas mesmas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade que a clemencia; assi o fazião duas vezes cruel, o vicio, & a necessidade. Aos maiores foi usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delictos impostos, ou esquecidos, cobrindo a tyrannia com sombras de justiça, crendo que com abaixar os poderosos se faria aceito aos pequenos, aos quaes sempre he grata a ruina dos grandes por odio natural de sua fortuna. Porèm elles vendo que não bastava o sofri-

mento, consultárão meios de restituir Meale, huns por vingança, outros por remedio. Fizérão suas juntas secretas, onde tomárão differentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, & a difficuldade do negocio, mais arduo na execução que no conselho. Acabárão emfim de apurar a obediencia forçada com os aggravos novos; tentárão pois com a morte do Hidalcão remir a culpa, & cobrir a infamia da traição passada; não sendo d'este voto os atrevidos, senão os desesperados, porque ja o Hidalcão neste tempo vivia com forças de Rey, & cautelas de tyranno. Era assistido do povo, que aborrecendo o Rey, amava as crueldades executadas contra a nobreza, infesta pola desigualdade de huma, & outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, & que com a dilação se fazião os odios mais remissos, & a paciencia servil se fazia costume, vendo que para tão grande empresa não tinhão forças proprias, buscárão as alheas. Acordárão communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, Governador que então era do Estado da India, pedindolhe mandasse vir Meale de Cambaya, & o tivesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir, teria sempre ao Hidalcão temeroso, & propicio para todas as occurrencias do Estado.

47 Persuadido Martim Affonso, que este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, & os seus, convinha mais sopralo que extinguilo, & que seria util ao Estado enfraquecer hum vezinho soldado, & poderoso; cobrindo estas conveniencias com causas mais honestas, quaes erão, pòr á sombra de nossas armas hum Principe desapossado, & perseguido, facção para

os de fóra gloriosa, & para os nossos util, resolveo mandar buscar Meale a Cambaya, significandolhe a disposição de seus vassallos acerca da restituição do Reyno, cujos animos se esforçarião vendo que lhe amparava o Estado, a causa, & a pessoa. Recebida do Mouro tão inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens, por religião não só differentes, mas contrarios, se encommendou á fé, & clemencia do Estado; & embarcandose com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do Governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna; se bem forão de alguns interpretadas, antes em injuria do vezinho, que em favor do Hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meale, que ja começava a reynar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que ja a sombra de nossas armas amparava sua causa, & que começava a soar bem seu nome nos ouvidos do povo.

48 Considerando o Hidalcão, que o Estado não chamára Meale só para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas como victoriosas, & vezinhas lhe erão mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Sousa huma embaixada, significandolhe como tinha sabido, que estava em seu poder Meale, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos, que cansados de obedecer, querião crear senhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalcão não referia as razões que tivera para tomar a Coroa, porque se os Principes houvessem de dar razão de seu direito, não ha-

veria differença entre os Reys, & plebeos; que a justiça dos Principes havia de ser julgada de Deos, & não dos homens; que o mundo tinha ja recebido, que em materia de reynar não havia differença de causa à causa, mas de pessoa a pessoa; que não negava que Meale apoucado, & cobarde era de geração Real, mas que o erro que fizera a natureza, emendára a fortuna, dandolhe o Reyno a elle ousado, & valeroso; quanto mais que a natureza só aos leões dera com o nascimento a coroa, aos homens deixára que a ganhassem; que muitas cousas parecião ao mundo, por menos costumadas, injustas; que tomar para si o Reyno quem era digno d'elle, os primeiros o recebião como escandalo, os outros como ley; que Meale fora o homem mais vil, que nascèra em seu Reyno, & elle o mais felice; & que naturalmente os homens aborrecião os monstros da natureza, e amavão os da fortuna; que nos perguntassemos a nós, com que acções senhoreavamos a Asia? que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa? em que grao estavamos com Soltão Badur para lhe herdarmos Dio? se o Achem nos deixára Malaca em testamento? & tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagavão tributo? que nos rogava não infamassemos nelle os mesmos titulos com que nos faziamos do mundo absolutos senhores; que não tirassemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois nascendo no ultimo Occidente queriamos emendar as desordens da Asia; que nos fazia a saber, que nos seus Reynos havia minas de metaes differentes; que de humas tirava para os amigos ouro, & de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle Go-

vernador lhe entregasse Meale, porque na clemencia que com elle usasse, se visse que era digno de reynar quem assi tratava seu maior inimigo; que seus Embaixadores levavão ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

49 Recebida por Martim Affonso a carta, & ouvidos os Embaixadores do Hidalcão, entendeo d'elles, que pola pessoa de Meale offerecião cento & cincoenta mil pardaos, & as terras firmes de Bardez, & Salsete, importantes ao Estado polos rendimentos, & vezinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, & que de ambas as faces mostrava utilidades grandes, porque restituir a hum Principe, & abaixar hum tyranno, era empresa digna de armas Christãs, da qual receberia não vulgar reputação o Estado, mostrando ao mundo, que não passárão nossas bandeiras á Asia a usurpar Reynos, nem acquirir riquezas, pois só tratavão de que os Pagãos, & Mouros do Oriente guardassem a Deos fidelidade, & justiça entre si. Por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reynar depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcão sem ella offerecia; & que como estes Mouros por odio, & por Religiao erão sempre inimigos, rirsehia o mundo se visse que com nosso sangue destruiamos hum infiel, & criavamos outro, quando da ruina de ambos pendia nossa prosperidade; mórmente, que não passárão á India nossas armas a defender os inimigos da fé, senão a destruílos. Que se Meale não achára amparo em elRey de Cambaya, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portugueses, de quem era inimigo? que quando se visse restitui-

do, & poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa a vezinhança de homens tão valerosos, que o fizerão Rey; & que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grande beneficio.

50 Resoluto emfim Martim Affonso a entregar Meale por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, & com elles a Galvão Viegas hum cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na forma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus Embaixadores.

51 Neste estado achou Dom João de Castro as cousas de Meale, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porèm Dom João com differente acordo respondeo ao Hidalcão, que os Portugueses erão fieis aos inimigos, quanto mais aos hospedes; que as propostas de seu antecessor mais forão para conhecer a causa que para resolvela; que as terras firmes pertencião ao Estado por doações mais antigas, & que dos rendimentos era justo alimentar Meale por gratidão dos Reys seus antecessores, que as vinculárão ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, & que o amparar o Estado sua pessoa atégora não era protecção, senão piedade; que não alterasse a paz com impacientes armas, porque então viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse author de huma, & outra vingança. E porque seus Embaixadores apontavão, que com a negação de Meale seria forçoso o rompimen-

Reposta do Governador.

to, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhão os alicesses sobre cinzas de Reynos abrasados; que os Portuguezes tinhão a condição do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assi como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar.

52 Com esta reposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo entendèrão, que o não dobraria a entregar Meale, temor, ou beneficio. Apercebeose logo para fazer, & esperar a guerra, que como era de Principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que serião duzentos homens, & servião debaixo de huma so bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade á gente da ordenança, & os soldados pagos teve promptos para qualquer invasão subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada polas viagens, & guerras de seu antecessor, & pobreza do Estado, & como as forças navaes são as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcações que estavão no rio, fez tres galés, & seis navios redondos com estranha brevidade, não faltando aos officiaes com a paga, & o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. D'estas galés, & navios nomeou Capitães, que assistião ás obras, como a cousa propria; expediente que foi assaz importante para a brevidade do apresto, bondade, & abundancia das munições, & mantimentos, com que a armada se poz de verga d'alto em tempo opportuno, & breve, & com ella poz

Apercebimẽtos que faz.

freo aos Principes vezinhos para se colligarem com o Hidalcão, que ja os solicitava a sacudir o jugo como em beneficio da commum liberdade.

Primeiros movimentos do Hidalcão.

53 Entendida pelo Hidalcão a resolução do Governador, recorreo á justiça das armas, querendo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuassem os vassallos, a quem farião fieis os póstos, & os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorosas leys aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provisão de mantimentos, que como os recebia do Sertão, não estava bastecida para aturar tão repentina guerra. Traz isto mandou a Acedecão hum valeroso Turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavão á nossa obediencia.

Acode o Governador pessoalmẽte.

54 Mas Dom João de Castro entendendo que a guerra recebe opinião dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, & a cavalleria da terra a fazer rosto ao inimigo, & sendo de muitos fidalgos persuadido que não empenhasse sua pessoa com partido tão desigual, que não era authoridade do Governador da India, cingir a espada contra hum Capitão do Hidalcão, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra; mórmente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, & do perigo d'esta empresa, não foi possivel dissuadilo da primeira resolução, dizendo com maior confiança do que permittião as forças de seu campo, que sahia a castigar, & não a vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ao pé de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava, & de trincheira, com

as ventagens do numero, & do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começárão a passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foi possivel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançárão ao rio, & nos sisudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

Peleija, & desbarata o inimigo.

55 O Governador com singular acordo, mandou aos que ficavão que passassem o rio, entendendo que o que no principio fòra erro, agora era remedio; & porque este dia não teve lugar de dispor como Capitão, peleijou como soldado. Envestírão logo os nossos aos Mouros tão impetuosamente, que assombrados d'aquella primeira invasão, forão largando o campo, turbadas as fileiras, & por si mesmas rotas, forão desordenadas, & vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, & mais desbaratado. Recebèrão os Mouros grande dano na fugida, nenhum na resistencia. Forão os nossos duas legoas executando as licenças, & crueldades da victoria, recolhendo as armas que os miseraveis largavão como carga, & não como defensa. Durou emfim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheos de sangue, de gloria, & de despojos, se deixou o Governador ficar no campo ao seguinte dia, sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deu a victoria; seguindo a condição dos juizos humanos, que nunca deu louvor ás desgraças, nem ás victorias culpa.

Recolhese a Goa.

56 Entrado o Governador em Goa, foi recebido com singular applauso daquelle povo tão costumado a ver, & despresar victorias. E porque nesta, & nas mais batalhas que Dom João venceo, appellidou o nome de S. Thomé Apostolo da India, cremos que forão havidas com o auspicio de hum Patrão tão grande; o qual, por gratificar a piedade, & honrar a memoria de Dom João de Castro, se servio de descobrir nos dias de seu governo, aquella maravilhosa Cruz, achada em Meliapor na costa de Choromandel, quasi cobertos de huma mesma terra a milagrosa Cruz, & o Corpo Sancto. E como Dom João de Castro venerava este sinal de nossa redempção com devido, mas peregrino obsequio, pois sempre que topava Cruz, se apeava do palanquim, ou cavallo, pondose de joelhos; não parecerá casual a maravilha d'este descobrimento, pois as misericordias do Ceo não vem por accidente. Daremos a relação d'este mysterio, por involver hum milagre successivo, testimunho da fé Oriental, cultivada naquellas Regiões com o sangue, & doutrina de nossos Portugueses.

Veneração que fazia á Cruz.

Invenção da Cruz de S. Thomé.

57 Depois da maravilhosa invenção do corpo deste sagrado Apostolo, na Cidade, ou ruinas de Meliapor, que então se chamava Calamina, os Reys Dom Manoel, & Dom João ardião em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficárão, ainda que corruptas ja com a doutrina de sacerdotes Armenios, & Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, davão a beber áquelles innocentes Christãos, perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratárão de levan-

tar huma Igreja no lugar aonde fòra achado o precioso corpo do Apostolo; & abrindo os alicesses para a fabrica, achárão huma Cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, & tres de largo, borrifada de gottas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta Cruz a fórma das que usão os Cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavão algumas Cruzes mais pequenas com a mesma figura que a maior, salpicadas com as mesmas nodoas de sangue. Estava a Cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas letras antigas, cujo significado ignoravão os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Forão buscados velhos, & antiquarios scientes em differentes linguas, sem que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escritura, até que d'ahi a alguns tempos foi trazido hum Bramene de Narzinga, que nos deu a exposição d'ella em sentido corrente, & dizia assi.

Depois que appareceo a ley dos Christãos no mundo, d'alli a trinta annos, a vinte hum de Dezembro, morreo o Apostolo S. Thomé em Meliapor, onde houve conhecimento de Deos, & mudança de ley, & destruição do Demonio. Este Deos ensinou a doze Apostolos, & hum d'elles veo a Meliapor com hum bordão na mão, onde fez hum Templo, & elRey do Malabar, Choromandel, & Pandi, & outros de diversas nações, & seitas, se sujeitárão voluntariamente á ley de S. Thomé. Veo tempo em que o Sancto foi morto por mãos de hum Bramene, & com seu sangue fez esta Cruz.

E como esta traducção era de interprete assalariado, não lhe dérão os nossos inteira fé em

negocio tão grave; assi chamárão outro Gentío douto no conhecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposição primeira, declarou as letras na mesma fórma, sem discrepancia alguma. A elRey Dom Sebastião foi trazida a copia da estampa o anno de mil quinhentos sessenta & dous, como aqui parece.

Continuárão os nossos a fabrica da Igreja com maiores despesas pola veneração do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, & concurrencia do povo Malabar á vista de tão illustre testimunho da fé que conservavão. Acabouse a fabrica do Templo brevemente, servindo no altar maior de retabolo a Cruz, gravada no marmore que temos referido. Começárão a celebrarse os officios divinos com a decencia, que permittia hum lugar tão remoto; quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectação da Senhora, estandose officiando a Missa á vista de muito povo, começando o Sacerdote o Evangelho, começou tambem a Cruz sagrada a cobrirse de hum suor copioso, destillando sobre o altar não meudas gottas; & porque ficassem maiores sinaes d'aquella maravilha, parou no sacrificio o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz evaporava, os quaes subitamente se banhárão em sangue á vista do numeroso povo que assistia. Foi logo a sagrada Cruz mudando a cor alabastrina em pallida, & d'esta passou a hum negro escuro, que tornou a mudar em azul, com hum resplandor maravilhoso, que durou em quanto o sacrificio da Missa; & depois de acabada, tomou a cor natural em que foi descoberta.

Milagre notavel da mesma Cruz.

58 Successivamente se vio o mesmo milagre

muitos annos naquelle mesmo dia, & ainda agora sabemos por Authores, & relações fieis succede algumas vezes; com que aquella Christandade recebe os preceitos de nossa ley com fé ja mais robusta. Este milagre se calificou ante o Bispo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos viérão a este Reyno em tempo do Cardeal Rey Dom Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII. authenticou o milagre, ja divulgado em nossas Chronicas, & Authores estranhos. As novas d'este milagre recebeo Dom João de Castro com não vulgares mostras de piedade, amparando aquella Christandade de S. Thomé, opprimida da servidão dos Principes Gentios, que lhe havião revogado certos donativos, & graças, que por intervenção do Sancto Apostolo lhe forão concedidas dos Reys antecessores, das quaes hoje polo odio dos infieis, & corrupção dos tempos, só guardavão as memorias.

Affecto com que o Governador recebe esta nova.

59 Não cessava o Hidalcão de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, que bastavão a nos ter em continua vigia, & impedir a cultura aos lavradores, a cuja causa se resolveo o Governador a darlhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho Dom Alvaro na armada que aprestára, com ordem que nos portos do Hidalcão fizesse todo o dano possivel, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do saco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, & desviar a outros dos tratos mercantis; corrupção que hia lavrando em muitos, & ja com feo exemplo dos maiores.

Manda contra o Hidalcão seu filho Dom Alvaro.

60 Sahio Dom Alvaro com novecentos Por-

Sae com seis navios.

tugueses, & quatrocentos Indios em seis navios, & alguns baixeis de remo, & a poucos dias de viagem houve vista de quatro naos do Hidalcão, que com roupas, & outras drogas da terra navegavão a Cambaya. Mandou logo Dom Alvaro aos Capitães, que lhe posessem a proa, & aos navios de remo, que se fossem cosendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Erão as naos de mercadores, com pouca guarnição de soldados, & vendo, que nem podião fogir, nem defenderse, mandárão á Capitaina dous Mouros mercadores, que entre razões, & lagrimas se mostravão innocentes nas discordias do Hidalcão com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porèm, nem a cobiça dos soldados, nem a razão da guerra sofria que os ouvissem; assi forão as naos entradas, & mandadas a Goa, para que conforme o bando do Governador se repartisse a preza. Chegadas estas naos ao porto de Goa, foi estranho o alvoroço do povo, vendo que huma a outra se alcançavão as victorias, louvando na primeira o esforço do pay, na segunda a fortuna do filho.

Presa que faz.

Propõe Dom Alvaro a entrada de Cambre.

61 Vendo Dom Alvaro que as occasiões, & o tempo peleijavão por elle, & que tinha os soldados contentes, por terem ja em seguro o fruto da jornada, mandou ao seu piloto, que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcão tinha dobrado as guarnições depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa, &. pola estreiteza do canal não podião nossas naos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o General Dom Alvaro com os Capitães da armada as difficulda-

des, que se representavão, & a todos parecèrão dignas de reparar, dizendo, que empresas voluntarias não se acomettião com risco tão sabido; que maior guerra ſazião ao Hidalcão senhoreandolhe seus mares, fazendo prezas, & tolhendo o commercio á vista de seus olhos; que nas facções de terra era maior o risco que o proveito; que o canal vião estava tão cingido d'aquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como Dom Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens que levava, que erão saltar em terra, & abrasar os portos do inimigo, lhe replicárão no Conselho, propondo que se ficasse elle General no mar mandando, & que os Capitães dos mais navios cometterião a barra, porque se ao General d'aquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acontecesse algum desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de tão justa vingança; do que Dom Alvaro indignado, atalhou a pratica dizendo, que elle não queria victorias, onde o seu perigo não fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediencia era seu General, & para o risco era seu companheiro; que a instrucção que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade; que os riscos que lhe representavão, ainda lhe parecião mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra não se ganhava sem perigo; que de Portugal viéra a buscar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos; & que nesta resolução não queria

Resolve envestila.

conselho, só na fórma de acometter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do General desculpárão então o brio, & a mocidade, & depois o successo. Assentouse que a gente passasse aos bateis, & que no quarto d'Alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebèrão todos, vendo ja no semblante do General huns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos navios, saltou o General em terra com oitocentos homens escolhidos, & com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas balas, não houve alguma que matasse, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria, disposição, ou principio.

Salta em terra.

62 Era a Cidade de cinco mil vezinhos, derramada por huma estendida planicie. As casas entre si desunidas, & independentes humas de outras, sem mais policia, união, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, & eirados de cada casa representavão juntos huma magestade barbara, como de homens que edificavão com maior ambição, que architectura. Tinhão ao Norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome, que assi servião ao deleite, como á fertilidade da campanha. Fòra a Cidade antigamente habitada de Bramenes, & agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, então pola superstição, hoje pola riqueza. Não tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores, ou na grandeza de seu senhor, ou na paz dos Principes vezinhos; porèm ao presente, como a guerra que

Grandeza, & forças da praça.

faziamos ao Hidalcão, começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assi trouxérão para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizérão numero bastante a defendelos, conforme a seu discurso.

Resistencia do inimigo.

63 Estes viérão debaixo de suas bandeiras, impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçárão espaço grande, peleijando a pé firme, & tão travados, que não podião os nossos soldados ajudarse da espingardaria, da qual só recebèrão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu Dom Alvaro mostras de seu valor, & acordo, inflammando os seus na peleija, ja com palavras, ja com o exemplo de suas obras. Virãose enfim tão apertados os nossos, que mais peleijavão pola vida, do que pola victoria; por espaço de huma hora esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desempararão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo menos que de mulheres: cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder o maior temor á maior ousadia. Com o exemplo d'estes se forão os outros retirando tímidos, & desordenados. Nesta volta recebèrão os Mouros grande dano, porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que cahião tantos, que estorvavão a fogida aos outros.

Entrão os nossos.

64 Entrárão os nossos de envolta com os Mouros a Cidade, onde os miseraveis se detinhão presos do amor, & lagrimas das mulheres, & filhos que acompanhavão ja com piedade inutil, mais como testimunhas de seu sangue, que defensores d'elle; taes houve, que abraçadas

com os maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavão, outros as defendião; quaes seguião os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algumas d'estas mulheres com desesperado amor se metião por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder as vidas; lastimosas nas feridas alheas, sem lastima nas suas. Ganhámos emfim a Cidade com menos dano que perigo, porque na resolução da entrada por baixo da artelharia do inimigo, mais arrastou a Dom Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a maior parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Maior animo mostrárão as mulheres que os maridos; elles perdèrão as vidas, que não soubérão defender; ellas podendoas salvar, as despresárão. Dos nossos morrèrão vinte dous; forão mais os feridos, em que entrou o General de huma setta. Foi necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou Dom Alvaro dar a Cidade a saco; onde o despojo igualou a victoria, porque não tinhão os Mouros posto em salvo cousa alguma; ou fosse confiança, ou descuido; & até a gente inutil para a defensa guardárão na Cidade, ou por despreso de nossas armas, ou por não mostrar sombra de temor aos defensores; forão emfim as fazendas tantas, que se não pudérão recolher aos navios; os soldados recolhião as mais preciosas, & deixavão as outras, como para alimento do fogo, com que se havia de abrasar a Cidade, a qual Dom Alvaro deixou entregue a hum lastimoso incendio, que fez não pequeno horror nas povoações vezinhas,

E ganhão a Cidade.

Destruição, & saco della.

por ser este lugar de toda a costa o mais rico, & defensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

Volta D. Alvaro a Goa.

65 Levouse o General com toda a armada, & se fez na volta de Goa a descarregar os navios, que com o muito peso hião empachados, determinando deixar ahi os feridos, & alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavão os soldados, contentes da liberalidade, & fortuna do novo General. Chegou primeiro a nova, que os navios, a Goa, & o Governador fez grande estimação da victoria, a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapárão da rota forão representar ao Hidalcão o miseravel destroço da Cidade, e entre a primeira dor dos filhos, & parentes, contavão o segundo estrago das fazendas, & edificios, onde a voracidade do fogo deixára tão confusas humas & outras cinzas, que não podião chorar os seus mortos com lagrimas distinctas. Dizião ao Hidalcão, que se com tal gente determinava continuar a guerra, irião habitar os desertos, onde não verião estas féras do Occidente, nascidas para escandalo, & ruina da Asia. Assi contavão, & maldizião nossas victorias huma a huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

Comette o Hidalcão paz.

66 O Hidalcão vendo a fortuna de nossas armas, as queixas, & o estrago dos vezinhos, & muitas vontades alheas de seu serviço, que a guerra, e os successos fazião mais atrevidas, inclinou o animo á paz para remediar as discordias, & sedições de casa, que podião tomar maiores forças com as liberdades de gente armada, & pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo que devião co-

brir seus aggravos com huma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças de alguns Reys offendidos cometter o Estado juntamente; & como estes Mouros mais guerreão pola conveniencia que pola injuria, mandou o Hidalcão Embaixadores ao Governador, disculpando a guerra que fizera com frivolas escusas, & acordando os beneficios que de sua amizade recebèra o Estado.

O Governador a aceita.

67 O Governador ouvio os Embaixadores em sala publica com grande authoridade, respondendolhe que assi como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque com despojos, & victorias se engrandecèra sempre; mas que tambem nunca negára a paz a quem com obras, & amizade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades que d'esta guerra se promettião; mas que soubesse, que o primeiro dia que tinha de Rey, era este em que capitulava paz com os Portugueses. Assi despedio os Embaixadores assombrados de animo tão altivo; & com este mesmo despreso tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual á sua fortuna.

Trata das cousas do Estado.

68 Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos soldados que havião servido, aos quaes deixava tão satisfeitos do despacho, como do agrado. Deu Capitães ás fortalezas vagas, em quanto os providos por elRey não entravão; fazendo do merecimento dos homens estimação tão justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor: virtude nos Principes difficultosa, & nos ministros rara.

69 Não ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Estado, porque entre a confusão da guerra, & estrondo das armas, acodia aos negocios da Religião, como se só para os zelar, fora enviado; & porque elRey Dom João assi conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encommendava a dilatação da fé, & culto divino; & de huma carta que sobre esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quão inflammados andavão na causa de Deos o Rey, & o Ministro; de que daremos a copia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente trouxérão mais filhos á Igreja, que vassallos ao Estado.

E das da Religião.

Carta d'elRey a Dom João de Castro.

Governador amigo. O muito que importa olharem os Principes Christãos polas cousas da fé, & na conservação d'ella empregar suas forças, me obriga avizarvos do grande sentimento que tenho, de que não só por muitas partes da India a Nós sujeitas, mas ainda dentro da nossa Cidade de Goa, sejão os Idolos venerados; lugares em que mais fòra razão que a fé florecèra; & porque tambem somos informados da muita liberdade com que celebrão festas gentilicas, vos mandamos, que descobrindo todos os Idolos por ministros diligentes, os extinguais, & façais em pedaços em qualquer lugar onde forem achados, publicando rigorosas penas contra quaesqier pessoas que se atreverem á lavrar, fundir, esculpir, debuxar, pintar, ou tirar á luz qualquer figura de Idolo em metal, bronze, madeira, barro, ou outra qualquer

materia, ou trazelos de outras partes; & contra os que celebrarem publica, ou privadamente alguns jogos que tenhão qualquer cheiro gentilico, ou ajudarem, & occultarem os Bramenes, pestilenciaes inimigos do nome Christão. A qualquer de todos os sobreditos, que encorrer em semelhantes crimes, he nossa vontade, que os castigueis com a severidade que dispuser a prematica, ou bando, sem admittir appellação, nem dispensar em cousa alguma; & porque os Gentios se sujeitem ao jugo Evangelico, não só convencidos com a pureza da fé, & alentados com a esperança da vida eterna, senão tambem ajudados com alguns favores temporaes, que amansão muito os corações dos subditos; procurareis com muitas veras, que os novos Christãos d'aqui adiante consigão, & gozem todas as exempções, & liberdades dos tributos, gozando dos privilegios, & officios honrados, que até aqui costumavão gozar os Gentios. Havemos tambem sido informados, que em nossas armadas vão muitos Indios forçados, fazendo para isso despesas involuntarias; & desejando Nós o remedio de tão grande excesso, vos mandamos, que d'esta violencia sejão os Christãos isentos; & sendo a necessidade mui urgente, provereis, como, em caso que vão, se lhes dè satisfação cada dia de seu trabalho, com a fidelidade que de vosso cuidado, & diligencia esperamos. Havendo tambem sabido de pessoas graves, & fidedignas (com particular sentimento nosso) que alguns Portugueses comprão escravos por pouco preço para os vender aos Mouros, & outros mercadores barbaros por interessar alguma cousa nelles, com notavel detrimento de suas almas, pois poderião facilmente ser convertidos á fé, vos mandamos empregueis todas vossas forças em atalhar tamanho

mal, impedindo semelhantes vendas, polo grande serviço que nisso se faz a Deos, & nos fareis, se com o rigor que o caso pede, remediais huma cousa que tão mal nos parece. Procurareis, que se refree a excessiva licença de muitos usurarios, que havemos sabido andão, sem embargo de huma ley das antigas de Goa, a qual desde logo revogamos, & vós revogareis, tirandoa do corpo das de mais, como contraria á Religião Christãa. Em Baçaim dareis ordem, como se levante logo hum Templo com a invocação de São Joseph, sinalandolhe por nossa conta renda para hum Reitor, & alguns Beneficiados, & Capellães, que nelle sirvão. E porque os Prégadores, & ministros da fé padecem algumas necessidades por tratarem da conversão dos Gentios, queremos, & he nossa vontade, que se lhes dem algumas ajudas de custo, & só para isto lançareis de tributo cada anno tres mil pardaos ás Mesquitas, que tem os Mouros em nossos senhorios. Tambem por conta de nossas alfandegas, & dereitos, dareis trezentas fanégas de arroz perpetuas, para alimentos d'aquelles, que nas terras de Chaul ha convertido, & converter o Vigairo Miguel Vaz; a qual quantidade mandamos entregar ao Bispo, para que elle a reparta, conforme vir a necessidade. Havemos tambem sabido, que nas terras de Cochim são defraudados os pesos, & medidas dos Christãos de S. Thomé polos nossos mercadores, que alli vendem pimenta, & que lhes tirão as crescenças, que com justo peso, & medida se davão de sobejo, conforme o antigo costume, aos quaes por muitos respeitos fòra melhor favorecer, que aggravar; polo que dareis ordem, que se lhes guardem seus antigos costumes. Assi mesmo tratareis com elRey de Cochim, que faça tirar certos ritos, & superstições Gen-

tilicas, que na venda da pimenta costumão fazer seus agoureiros, pois nisso lhe vai pouco a elle, & he de grande escandalo para os Christãos, que alli contratão. E porque ha chegado á nossa noticia a violencia, que este Rey faz aos Indios, que recebem a fé, tomandolhes as fazendas; procurareis, com muitas veras, apartar ao ditto Rey (a quem sobre o caso escrevemos) de tão barbara crueldade, pois d'ella resulta tanto mal para as almas, & corpos de seus vassallos, o que fará por ser nosso amigo, pondo vós da vossa parte o cuidado que vos encommendamos. E no que por vossas cartas, & informações nos avisastes, acerca de livrar os povos de Socotorá da miseravel servidão em que vivem, nos pareceo remedialo de maneira, que o Turco, cujos vassallos são, não infeste esses mares com suas armadas, o que provereis, como mais convier, com conselho do Vigairo Miguel Vaz, cuja experiencia vos ajudará muito, assi neste, como em todos os negocios arduos que se offerecerem. Os da pescaria das Perolas, alèm de outros males, & aggravos que padecem, sabemos que recebem dano em suas fazendas, constrangendoos nossos Capitães com pouco temor de Deos, a que só para elles fação a pescaria com condições intoleraveis. Polo que desejando Nós que nenhum de nossos vassallos padeça aggravo, ou violencia, vos mandamos que aos taes povos se lhes não faça semelhante aggravo, nem nossos Capitães pretendão acquirir tão injusta posse. E assi para evitar taes vexações, & forças, vereis se aquellas costas estão sufficientemente guardadas, & se he possivel cobraremse nossos dereitos, sem que alli haja armada; & achando que isto póde ser, tirareis nossos Capitães, mandando que não se navegue por aquellas costas, porque d'esta maneira possão

os naturaes gozar suas fazendas, & se escusem aggravos, & extorções. Sobre tudo vos encommendamos, que em tudo o que se offerecer consulteis ao Padre Francisco Xavier, & principalmente sobre se convem ao augmento da Christandade da costa da Pescaria, que os novamente convertidos se não occupem nella; ou, quando se lhes permitta, que seja de maneira, que se conheção nelles, com a nova Religião, novos costumes, limitandoselhes a grande soltura com que se hão nella. Havemos tido tambem informação, que os que de novo se convertem da Gentilidade á nossa sancta fé, são mal tratados, & despresados de seus parentes, & amigos, desterrandoos de suas casas, & despojandoos de suas fazendas com tanta injuria, & violencia, que lhes he forçoso viver miseravelmente, com grande necessidade, & trabalho; para que cousa semelhante se remedee, fareis, com conselho do Vigairo Miguel Vaz, sejão soccorridos á nossa custa, entregando o que se lhes houver de dar ao Reitor que d'elles tiver cuidado, para que cada anno lho reparta da maneira que mais convier. Juntamente havemos sabido, que de Ceilão se veo para Goa hum mancebo fugindo á furia, & indignação de seus parentes, & que sendo (como he) da casa Real, lhe pertence a successão do Reyno; sobre o que nos pareceo, que para exemplo dos mais convertidos, & por converter, o accommodeis, ja que he Christão, no Collegio de S. Paulo d'essa Cidade, onde á nossa custa seja provido de tudo o que lhe for necessario para sua sustentação, & regalo, & casas onde esteja, em maneira, que bem se veja nossa grandeza com semelhantes pessoas; alem do que tratareis de averiguar o dereito que pretende ter ao Reyno, & o que acerca d'este ponto vos constar, nos mandareis authentico, para

provermos o que mais convier; & entre tanto he nossa vontade, que com todo o rigor tomeis conta ao Tyranno das crueldades que executou nos que á nossa sancta fé se convertèrão, obrigandoo que dè satisfação a tão grande insolencia, para que todos os Principes da India vejão quanto nos apraz a justiça, & como tomamos á nossa conta o favorecer os que pouco podem. E porque não he conveniente, que os officiaes Gentios fundão, pintem, ou lavrem (como atégora se lhes permittio) imagens, & figuras de Christo senhor nosso, nem de seus Sanctos, para venderem; mandamos que ponhais toda diligencia em o impedir, pondo penas, que o que se provar que fez alguma imagem das sobreditas, perca sua fazenda, & lhe dem duzentos açoutes, porque sem duvida parecerãõ muito mal imagens, que representão mysterios tão sanctos, andarem por mãos de idolatras Gentios. Da mesma maneira sabemos, que as Igrejas de Cochim, & Coulão, que de novo se começárão, estão por acabar, descobertas, & expostas a todas as inclemencias do tempo, o que não só parece mal, mas ainda he em prejuizo do edificio; polo que mandareis que se continuem até se acabar, sem reparar no custo; & isto por mãos, & traça dos melhores architectos, & officiaes. Em Narão mandareis tambem edificar huma Igreja em honra, & com a invocação do Apostolo S. Thomé; & acabar em Calapor a que está começada com o nome de Sancta Cruz; & na Ilha vezinha de Corão levantareis outra, da traça, & magestade que vos parecer conveniente, pois he cousa, que nada mais despertará nos Gentios a devação ás cousas de nossa sancta fé, que a affeição que de nossa parte virem. Alem do que vos encommendo mui apertadamente, que em lugares accom-

modados fundeis estudos, & casas de devação, ás quaes em certos dias acudão aos Sermões, & praticas espirituaes, não só os Christãos, mas tambem os Gentios, para que por esta via se affeiçoem á nossa sancta fé, & ao conhecimento dos erros em que vivem, alumiandolhes as almas com a luz do Evangelho; para o que escolhereis ministros em que haja as partes, que semelhante ministerio requere. E porque sobre tudo grandemente desejamos, que nesse Estado seja o nome do Senhor Deos conhecido, & rerevenciado, & sua sancta fé recebida, queremos, & he nossa vontade, que em todas as terras de Salsete, & Bardez, sejão de raiz arrancados todos os Idolos, & o culto infernal, que nelles ainda se lhes faz; & para que isto se execute com menos difficuldade, & sem ser para isso necessaria força, ou violencia alguma, ordenamos que os Prégadores em seus Sermões, & disputas lavrem com tanta prudencia, & zelo, os corações dos Gentios, que com o favor de Deos, conheção o bem que se lhes procura, em os trazer ao conhecimento de seus erros, & tirar da miseravel servidão do Diabo em que estão, da qual só se podem livrar, obraçandose com a sancta fé, que he o caminho unico de conhecer a cegueira em que os traz Satanás, para não verem quanto lhes importa a salvação de suas almas; & polo muito que importa a este negocio, que os ministros d'elle sejão de boa vida, & costumes, & letras sufficientes, os elegereis taes, que se possa esperar d'elles o effeito que desejamos; encommendarlheseis o cuidado, & diligencia, que importa ponhão de sua parte, & da vossa procurai attrahir, & favorecer a todos, em particular aos nobres, & principaes, (a cujo exemplo os de mais se movem) de maneira, que reduzidos estes a nos-

sa sancta fé, pouca difficuldade haverá em converter a gente commum, que logo fará o que vir fazer aos seus maiores. Os que se converterem sejão bem tratados, para que os mais se affeiçoem, favorecendoos não só em geral, mas ainda em particular, por pobres, & miseraveis que sejão. De tudo isto nos pareceo darvos conta para que segundo a confiança que de vossa diligencia, & cuidado temos, deis a tudo o remedio, de que resultará a Deos nosso Senhor muita gloria, & Nós volo teremos em particular serviço. Dada em Almeirim a oito de Março anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos quarenta & seis.

REY.

70 D'esta carta deu Dom João á execução aquillo que com as armas na mão podia obrar, porque foi o tempo de seu goverv o huma continuada batalha, & os soldados com as licenças da guerra estavão mais promptos a estragar leys, que a emendar costumes; porèm a historia nos mostrará não leves argumentos de seu zelo, gratificado do Ceo com sinaes, & maravilhas, de que referirei huma, que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcção de seu governo, substanciarei o caso brevemente, como he meu costume.

Milagroso successo nas Malucas.

71 Havia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Evangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das espinhas, & cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portugues Antonio Galvão, valeroso Governador, & Apostolo zeloso d'aquel-

lè paganismo. Ao valor respondeo o fruto com maravilhosa conversão de almas, que recebèrão com o Bautismo o suave jugo de Christo, assi da plebe, como dos Regulos, & Magnates, todos dóceis á obediencia do Evangelho. Sentia o Demonio, que naquellas trevas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo, a descubrirlhe os caminhos da vida, & armou contra a innocente Christandade hum Gentio d'aquellas partes, que havia tyrannizado a Ilha de Moro, & se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigandoos com inventadas crueldades a ser apostatas da fé, que tinhão professado, pola qual muitos chegárão a derramar o sangue com felice martyrio; porèm outros com fé menos robusta cedèrão aos tormentos. Crescia o desaforo do Tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo d'este idólatra em obsequio da fé, & serviço do Estado. Os perseguidos, & os temerosos acodião com queixas aos Portugueses, que estavão em Ternate, os quaes resolutos a domar este Barbaro se dispusérão, com mais zelo que forças, a buscalo em sua mesma casa. Não pòde ser este movimento tão occulto, que o não entendesse o Tyranno, que se apercebeo para a defensa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras, & estacadas fortes, & quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cubertos os passos que guiavão á Cidade com estrepes, & puas de ferro, tocados de erva, onde passando os nossos furiosos da colera, & victoria, se perderião sem remedio. Assi foi, que vencida a primeira estacada, que os Barbaros largárão com facil resistencia, quiçà fiados no segundo engano, querendo a nossa gente passar incau-

ta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo (caso maravilhoso!) cahío do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares seguírão a victoria por sima dos estrepes, onde a cinza abrio caminho sólido, & seguro; assi o referião depois os mesmos Barbaros admirados, servindolhes este milagre de argumento para as verdades da ley que perseguião.

72 Assi se davão as mãos na Asia a fé, & o imperio nos dias de Dom João de Castro, trazendo em huma mão a ley, & n'outra a espada, dando que discorrer ao Oriente, sobre huma acção tão grande, como fòra soster huma guerra voluntaria pola tutela de Meale, hum Mouro perseguido, a quem os vassallos negárão a fé, & os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

73 Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triumphos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que ja as intelligencias do Estado ouvião os eccos, a qual referiremos em livro separado, por ser de nossa Historia a porção mais illustre.

VIDA

DE

DOM JOÃO DE CASTRO,

QUARTO VISO-REY DA INDIA.

LIVRO SEGUNDO.

1 Com a morte de Soltão Badur Rey de Cambaya, ficou o nome Portugues mais temido, que amado, dos Principes da Asia; porque como suas culpas erão occultas, & o castigo publico, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pola commiseração natural dos que padecem, ou por veneração da Regalia, & odio de nosso imperio, tão aborrecido por estranho, como por poderoso.

Trata el-Rey de Cambaya de tomar Dio.

2 Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Coroa, & da injuria de Badur, cuja morte succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, & da vingança, emprendeo tomar aos

Portugueses Dio, & com liga de outros Principes, lançalos da India; negocio (ao parecer dos seus) não mui difficil; porque discorrião, que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, & terras interpostas, & que era tão grande o poder de Cambaya, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os Grandes, & Satrapas do Reyno se partião em pareceres differentes; huns ajuizavão ja por fataes as armas Portuguesas em dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhão as feridas, & a memoria fresca; & ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, desculpavão a sua. Reprendião os primeiros, que assentárão pazes com o Estado, & aos que agora intentavão quebralas; estes porque não sabião guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como soe succeder nas cousas incertas) discorrião ao contrario, & achavão tantas razões para a guerra, como para a victoria.

Persuadido de Coge Çofar.

3 Entre todos Coge Çofar, o mais poderoso, & aborrecido de Cambaya, & que da privança d'elRey lograva a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, crendo que com o perigo commum cessarião as envejas de sua fortuna, & as emulações dos Grandes, como vicios da paz, & que com os postos, & meneos da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe serião fieis. Darei huma breve noticia d'este homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

4 Foi Coge Çofar de nação Albanez, filho de pays Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolente, que soldado; nos motins, & rebelliões era buscado, como peor que todos; assi passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo; & como homem inquieto, querendo antes buscar a fortuna; que esperala, mudou de profissão, passando de soldado a mercador, porque era intelligente, & cobiçoso, & para seus intentos era este caminho mais breve, & mais seguro. Começou em pouco tempo a crecer nos tratos, como quem sabia as opportunidades, & monções do commercio, sendo em hum mesmo tempo, liberal, & avaro, servindose com artificio dos vicios, & virtudes. Veo emfim a medrar com cabedal, & credito, de sorte, que navegando o Estreito com tres sétias suas, carregadas de differentes drogas, encontrou a Rax Solimão General do Soldão do Cairo, que o envestio, rendeo, & despojou. Foi a presa maior que a victoria, & Solimão por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentandoo ao Soldão, como prisioneiro de maior porte, fazendo maior estimação da pessoa que da presa. Começou Coge Çofar a contentarse de sua desgraça, como se a buscára; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, & Flandes; fallava no poder dos Christãos com odio, & despreso, como ensinando ao Soldão a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veo o Soldão a pòr os olhos no escravo para cousas maiores; começou a ouvilo, ao principio por curiosidade, logo por affeição. Approvavalhe Co-

Quem era Coge Çofar.

ge Çofar os erros, & os acertos, com huma lisonja tão encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, senão servir. Encubria a graça do Soldão, & evitava favores publicos, mais cauto, que modesto. Chegou a ser thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com juizo, & verdade; louvadas pelo Soldão, como virtudes, entre barbaros novas. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra, ja pola pratica, ja pola valia. Nas facções contra Christãos, votava com grande bizarria, particularmente nas que se havião de executar por outros; & assi crecco de maneira, que ja não podia com sua mesma fortuna; & não querendo conservarse com as mesmas artes, com que havia medrado; veo a descubrir a ambição, & soberba; fezse senhor dos lugares, buscando com maior attenção os póstos que os amigos; os quaes ja não queria para arrimo, nem para companhia; só do Soldão queria parecer escravo, & dos outros senhor. Empenhava, & destruia os maiores com pretextos publicos, como querendo introduzir Monarchia de dous; até que cansados os Mouros de tão servil paciencia, começárão a publicar queixas com que perturbar o animo do Soldão na graça de Çofar; assi lhe representárão com grande sentimento seus aggravos, dizendo, que ja era escusado armar galés contra Christãos, se depois havião de fazer senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais nobres recebião dos Christãos tão cruel tratamento, que andavão por Italia, & Hespanha arrastando cadeas, chegando a escreverlhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; que não era tolera-

vel, que tantos Baxás illustres estivessem recebendo leys de hum vil escravo; que ainda que vião com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, ja não podião sofrer as do Propheta; não entrando em suas Mesquitas hum vil Christão, soberbo, & irreverente, que não faltava ja mais, que nas praças do Cairo, mandar levantar Cruzes, & adoralas.

5 Forão estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais parecião conjuração que queixa; & como entre os aggravos particulares envolvião a causa da Religião, que costuma levar tras si a justificação, & amor publico, forão bem ouvidas do Soldão, privando a Çofar dos cargos, & mandandolhe que mudasse de crença: tão caduca he a graça dos Principes, ainda com suas creaturas mesmas.

6 Vendose Çofar caido, tornou a vestir a primeira humildade, & as artes, que a necessidade do tempo lhe ensinava; & como de Christão só conservava o nome, & a memoria, foilhe facil trocar polo veneno do Alcorão a saude Evangelica, mudando o nome imposto no Bautismo, por este de Coge Çofar, que lhe démos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamede, começou a grangear maiores confianças com os Mouros, saneando o odio dos émulos com dadivas, & o da plebe com a nova apostasía, com que purgou as sospeitas na fidelidade, obrando com ambição mais cauta, com que se fazia mais affabel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soldão, temeroso de segunda quéda, não tendo por segura huma vontade ja reconciliada, matando huma noite á traição a

Como vea a Cambaya.

Rax Solimão seu mortal inimigo com hum filho que tinha, juntou as joyas, & dinheiro que pode, & se passou secretamente ao serviço d'el-Rey de Cambaya, de cuja grandeza, & liberalidade tinha inteiras noticias, & da estimação que fazia de homens estrangeiros, principalmente d'aquelles que tinhão alguma pratica das guerras, & policia de Europa. Respondeolhe o successo ao pensamento, porque em breve tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou ja por sua fortuna, ou sua industria, sendo companheiro de suas victorias, & de suas desgraças, achandose na ultima de sua morte, como nossas historias referem; porèm ja tão engrandecido nos favores Reaes, que em poder, & authoridade era o maior vassallo; conservando com Mahamud successor da Coroa a mesma estimação, ao qual inflammava na vingança da morte de Badur, polos fins que temos referido, & por merecer a graça do novo Principe, com o amor, & fidelidade que mostrava ás cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, & Sátrapas de Cambaya, fallou nesta substancia.

Suas razões para a empresa de Dio.

7 *As mercès que por espaço de dez annos recebi de Soltão Badur, são manifestas a todos; aos de fóra com espanto de sua grandeza, aos de casa com enveja de minha fortuna; pozme os olhos, & levantoume como vapor da terra, antepondome estranho, & peregrino, aos que lhe nascèrão em casa; sendo vassallo me tratou como amigo, & me amou como filho. A este clementissimo Principe (cujas cinzas venero como de senhor, choro como de pay) debaixo do sagrado da paz, tirárão os Portugueses a vida com escandalo de todos os Reys, & não*

menor injuria de seus vassallos, indignos de o havermos sido de Principe tão grande, pois insensiveis, & ingratos estamos alimentando os homicidas de nosso Monarcha em nossa mesma casa, gozando como herança a praça, que asseguràrão com tão atroz delicto; hontem hospedes, & agora senhores. Vós, ó Principe herdeiro, & senhor d'este Imperio, vedes vossos vassallos cada dia receber leys d'estes insultuosos; a vós toca determinar a quem havemos de obedecer primeiro, se a nosso Rey, se a nossos inimigos. Crecerá com a nossa paciencia o seu atrevimento. Depois de comettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor onde se não vingão injurias? Acabemos pois de despertar d'este mortal lethargo; metamos até os cotovelos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; neste veneno banhemos os alfanges, porque percão com as vidas, a gloria de tão grandes insultos. Com o sangue de Badur recebèrão as armas Portuguesas a maior fama do mais atroz delicto, & deixámoslhes na mão a espada, com que nos degolárão o Rey, para que com ella mesma nos usurpem o Reyno; tiremos pois d'entre nós estas viboras nascidas no ultimo Occidente, para inficionar a Asia toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que elles chamão victorias. E começando naquelle primeiro Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Oriente, derão fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o primeiro a quem cortou seu ferro. As naos de Meca, que no amparo do Propheta, & paz das ondas, navegavão seguras, forão assaltadas, & rendidas d'este feliz cossario, que tantos annos, como monstro do mar, teve por casa as ondas, & por abrigo os ventos, & as tormentas. Pois aquel-

le Dom Francisco de Almeida, que em hum só dia, & com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egypto, & Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, parece que queria beber o sangue do Oriente todo, se hum Albuquerque successor de sua crueldade, e seu governo, lhe não viera tirar das mãos a espada. Este nasceo para injuria de todas as Monarchias, porque com senhorear Malaca, poz a todo o Sul freo; rendeo Ormuz, emporio das riquezas do Mundo; tomou Goa ao Sabayo para cabeça de seu tyrannizado imperio; & sem trazer os exercitos de Xerxes, ou Darío, fez tributarios mais Reynos do que trazia soldados; levantando o pensamento a querer tirar de Meca o corpo do Propheta; poz em conselho mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egypto; emprendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias, huma ao Ceo, outra á natureza. Não poderei referir a ambição de tantos, que com nossas injurias se fizerão illustres, porque temo me não caiba no tempo, ou na memoria; porèm lançai pelas mais remotas partes do Oriente a vista, ou o juizo, vereis a maior parte do Mundo receber leys de poder tão pequeno. Elles navegão d'aquella parte de Africa, que corre do Cabo de Boa Esperança até as portas do Estreito do mar Roxo, dominando por aquella parte Moçambique, Çofála, Quilòa, & Mombaça; & discorrendo o Cabo de Guardafú, olhando para as gargantas do mar Roxo, Adem, Xael, Herit, Caxem. Temem suas armadas as Cidades de Dofar, & Norbete no Cabo de Fartaque, & logo Curia, Muria, Rozalgate. Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli a Ilha de Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacão, & Lima; o Cabo Mocandão, & Jazque, que formão a boca

do Estreito, que se estende até o rio Indo; logo o Cabo Guzarate, & Cinde nesta nossa Cambaya, donde até o Cabo de Comori passeão suas armadas a India por espaço de trezentas legoas, & começando d'esta nossa Cidade de Cambaya discorrem por Madigão, Gandar, Baroche, Çurrate, Reyner, Moscarin, Damão, Taraper, Baçaim, Chaul, Bandor, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão, Tamega, Banda, Chaporá. Senhoreão Goa, assento de seus Governadores, & logo o marítimo do Canará, com Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor, & Mangalor; & logo aquella parte principal do Malabar, que aquentão suas frotas, onde está o Reyno de Cananor, & nelle Catecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão. Com não menos soberba assombrão o Imperio de Calecut com seus portos de Pandarane, Coulate, Charé, Capocate, Parangale, Tanor, Panane, Balcançor, & Chatua. Nos Reynos de Cananor, & de Cochim quasi dominão com absoluto imperio em Porcá, Coulão, Calecoulão, Dotorá, Birinjão, Travancor. Alcança o respeito de suas armas até o famoso Cabo Comori, defronte do qual está a illustre Ilha de Ceilão, onde carregão as naos de differentes drogas. Não perdoão á enseada de Bengala, ou seo do Ganges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande, Chercapale, Tutucuri, Calecare, Beadala, Canhamorra. Correm Negapatão, Nahor, Triminipatão, Tragumbar, Colorão, Calapate, Sadrapatão. Amedrentão com a multidão, & grandeza de seus baixeis Biznagá, & a costa brava de Orixa, & toda aquella distancia, que ha de Segopora até Oristão, & as bocas do Ganges. Atravessão o Cabo de Negraes, Arracão, & Pegú com tantas & tão mara-

vilhosas Ilhas. Passão por Vagatú, & Martavão, Tagala, & Favaes, Tanaçari, Lungur, Tairão, Quedá, Solungor, navegando até sua Malaca, cabeça de todo aquelle Archipelago. E logo dobrando o cabo de Sincapura, ancórão nos portos dos Reynos de Syão, Cambaya, Champá, & Cochinchina. E passando aos Reynos da China, se atrevèrão a olhar aquelle tão recatado Imperio, que nunca sofreo a communicação de gentes estrangeiras; alli fundárão a celebre Cidade de Macáo, por onde persuadem aos Chins os Mysterios de sua crença, fazendo juntamente do commercio á Religião escada. D'aqui se divertem para as innumeraveis Ilhas de Japão, visitando Tava, Timor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios; de sorte, que as velas Portuguesas com incansavel navegação, rodeão a mór parte do Mundo em distancia de mais de nove mil legoas, que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna. Repeti prolixamente todo o maritimo da Ásia, onde as armas Portuguesas, por imperio, ou commercio, se hão feito conhecidas, porque de tão derramadas Conquistas, faz o Mundo erradamente o maior argumento de seu poder, & eu de sua fraqueza; porque sendo Portugal hum abreviado Reyno no ultimo Occidente, & com perpetuas guerras na Africa vezinha, onde se consumem com os successos prosperos, & adversos, comendolhes sempre gente a guerra nas facções, & nas praças, que guarnecem, & agora não podendo caber aonde nascèrão, como aborrecendo o Ceo, & o clima, que os ha produzido, andão vagando o Mundo, como se lhes fòra usurpado o senhorio dos homens, das terras, & dos ventos. Agora deixo ao mais rasteiro entendimento, que julgue o pouco que se podem

temer forças tão divididas, as quaes na maior prosperidade vão acabando suas mesmas victorias. Que temos que recear d'este imperio de loucos, que com hum braço na Asia, outro no Occidente, querem abarcar o Mundo. Na India tem muitos Principes sujeitos, porèm nenhum amigo; todos aos dominantes adorão, & aborrecem, porque com nenhum assentárão os Portuguezes paz, senão depois de victorias, & estragos; de sorte que não o amor, senão a injuria os tem feito conformes; & todos estes servem em quanto não podem offender. Mas que será se virem a Soltão Mahamud armado na campanha? Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos soldados? Fizérão muitos Reys tributarios á força de armas, & dado, que d'ellas mesmas hoje recebem amparo, mais facilmente esquece hum beneficio, que huma injuria. Selim senhor dos Turcos ainda vê abertas as feridas dos seus Janizaros recebidas em Dio; & quem está tão pouco costumado a receber injurias, não perderá a occasião de vingar a primeira; ou sendo autor da guerra, ou companheiro nella, ambicioso tambem de que a melhor parte do Mundo conheça seu imperio. O Çamorim depois que entrárão os Portuguezes no Oriente, não tem porto que não fosse theatro de victorias suas; & apenas tem vassallo que não fosse cortado de seu ferro. O Hidalcão cada dia vê regadas de sangue as terras de Bardez, & Salsete; & depois de o Governador lhe fazer injusta guerra, trouxe Meale a Goa, querendo honestarlhe sua ruina com a justiça alhea. Todos os outros Principes se hão de armar contra o commum inimigo, para poderem respirar na antiga liberdade em que vivião. Polo que a mim toca, os filhos, a fazenda, & a pessoa offereço a esta guer-

ra, se acabar nella, em meu sangue verá Badur minha fidelidade; & em ambos os successos não terei por menos honrada a morte, que a victoria.

O Soldão os approva, & lhe encarrega a empresa.

8 As razões de Coge Çofar forão bem ouvidas, polo odio da causa, & authoridade da pessoa. ElRey, depois de lhe engrandecer a fidelidade lhe commetteo a empresa, como a maior que todos no zelo, & disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos, com differentes missões aos Reys vezinhos, acordandolhes suas mesmas injurias, & offerecendolhes as armas de seu Principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Despachou Embaixadores a Constantinopla convidando o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsão dos Portugueses da India, negocio tão importante á Religião, como ao Estado. Facilitava o soccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta estima, que era mais apto a despertar a ambição do Turco contra suas riquezas, que a darlhe armas auxiliares com que as defendesse.

Dom João Mascarenhas Capitão de Dio.

9 Era neste tempo Dom João Mascarenhas Capitão mór de Dio, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varão tão benemerito de sua fama, como de sua fortuna. Este sabendo por intelligencias secretas os desenhos de Coge Çofar, & que todos seus apercebimentos ameaçavão aquella fortaleza, escreveo ao Governador Dom João de Castro os avisos que tinha, & como estava falto de gente, munições, & petrechos; descuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiçá assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Acrescentava, que os aprestos

Avisa o Governador.

do Soldão estavão mui avante, o inimigo vezinho, e que os temporaes do inverno não tardarião muito, com que ficarião cerradas as portas ao soccorro.

10 Quando Dom João de Castro recebeo este aviso, tinha ja mandado duzentos soldados áquella fortaleza, debaixo das Capitanias de Dom João, & Dom Pedro de Almeyda, filhos de Dom Lopo de Almeyda, erão os outros Capitães Gil Coutinho, & Luis de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno. E para conhecer o estado em que se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no maritimo, & sertão de Cambaya com cartas a Soltão Mahamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conducções, & aprestos que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empresa; que na occasião presente lhe seria mui facil, por ter prompta no mar huma poderosa armada; & que tambem na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com munições sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encommendou aos enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo; os soccorros que tinha; & o rumor do povo, para por elle penetrar os desenhos da empresa. Mas em quanto os nossos enviados dão á vela, poremos hum pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiverão a direcção d'este mesmo governo.

Que escreve ao Soldão.

11 Estiverão as Malucas muitos annos á obediencia de nossas leys, descubertas, & conquistadas com as armas d'esta Coroa, que forão as

Direito dos Reys de Portu-

gal sobre as Malucas. primeiras da Europa, que vírão aquellas Ilhas; as quaes entravão na nossa demarcação, conforme á repartição que os Papas fizerão entre os Reys de Portugal, & Castella, tendo elRey Dom Manoel em seu favor o direito das armas, & o das leys, não sendo estas Ilhas de Portugal somente por conquista, mas tambem por herança; porque no tempo d'elRey Dom Manoel, o ultimo, & primeiro d'este nome, corrião naquellas Ilhas com igual prosperidade o divino, & humano; resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evangelho nas trevas d'aquelle Paganismo, recebendo muitos Reynos de tão ditoso Principe Religião, & Imperio. Foi, entre outros, elRey Dom Manoel (que em Goa recebeo o Bautismo) Rey & Senhor das principaes Ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruido nos mysterios de nossa crença, voltando a governar, & doutrinar seus povos, falleceo em Malaca sem descendencia alguma; & por gratidão dos beneficios, que d'esta Coroa havia recebido, deixou a elRey Dom João o Terceiro d'este nome por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civis, para que andasse vinculado successivamente na Coroa Portugueza. Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opinião dos melhores Juristas, & Geographos.

O Governador as dá a Cachil Aeyro. 12 Achou o Governador Dom João de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, & da linha Real do ultimo Principe Dom Manoel; o mais conjunto em sangue, po-

rèm tão pobre por varios accidentes, que passou á India, encommendandose á clemencia dos nossos. O Governador, parecendolhe suas miserias indignas de seu sangue (crendo que ficava a memoria de nossos Reys mais honrada com dar hum Reyno, do que recebelo) lhe deu a Envestidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o uso da Regalia dependente do cetro Portugues, nelle. & seus descendentes; attribuindo os Reys da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a desprezo; espantandose, que fizessemos tanto por acquirir, o que sabiamos largar tão facilmente.

13 Entretanto as cousas de Maluco estavão alteradas com a vinda de tres navios Castelhanos, que derrotados avistárão aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidore para repararse das fortunas do mar, & levar a seu Principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposição que os nossos lhes fizerão, por cairem estes successos debaixo de outro governo, & andarem ja com melhor penna escritos; tratarei só precisamente do succedido nos dias de Dom João de Castro, o qual mandou a Maluco a Fernão de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia, & riqueza da terra, querião gozar o fruto dos trabalhos alheos, perturbandonos a paz, & commercio d'aquellas Ilhas, de que a conquista, & herança nos fizérão duas vezes senhores. Governava os Castelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberba das grandes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, & dos grandes uteis, que podião receber

Vão Castelhanos a ellas.

Quem era Capitão dos Castelhanos.

de sua amizade aquelles Reys Gentios na guerra, & no commercio, tratando a fama de nossas cousas com grande abatimento; & como na opinião dos homens he maior o esperado que o presente, algumas d'aquellas Ilhas tomárão a voz do Castelhano, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns leves, & outros esquecidos.

Fernão de Sousa chega a Maluco.

14 Neste tempo aportou em Maluco Fernão de Sousa, mandado pelo Governador, que informado de Jordão de Freitas Capitão mór da fortaleza, do estado das cousas, entendeo, que o partido dos Castelhanos se engrossava na esperança do soccorro, & riquezas, que promettião de Espanha; porèm logo que Ruy Lopez teve aviso da vinda de Fernão de Sousa, & do negocio a que era mandado, querendo com arte escusar, ou entreter o rompimento com nosco até chegar o soccorro de Espanha, que esperava; o mandou visitar, escrevendolhe saudações corteses, lembrandolhe que estavão entre Gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de si mesmos; que assaz de guerras, & inimigos tinhamos na India; que para povoarmos sós hum Mundo tão grande, eramos muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o Gentio mais obediente, porque como Espanhoes erão bons para soldados, & como Catholicos mui fieis para amigos; que considerasse, que era mais importante a Portugal a paz do Emperador, que o cravo de Maluco, porque estas dissensões entre vassallos podião vir a ter os effeitos das minas, que rebentão muito distantes donde se pega o fogo.

O Castelhano trato entretelo.

Reposta de Fernão de Sousa.

15 A esta carta composta de féros, & lisonjas, respondeo Fernão de Sousa, que elle era pe-

queno de corpo, mas tão abreviado na resolução, como na estatura; que aquellas Ilhas erão d'elRey de Portugal seu senhor, que com a mesma espada com que as ganhára podia defendelas; que bem sabia que era Espanhol, & Catholico, porèm que isso não lhe dava justiça para tomarlhe a capa; que o Emperador não faria guerra a Portugal, sem ler primeiro nas Chronicas de Castella os successos de seus antecessores; que ou se havia de embarcar para a India, ou meterse com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcação segura para Espanha.

16 D'esta carta tão dura entendeo o Castelhano, que Fernão de Sousa não queria curar o negocio com remedios largos, porèm vendo que não podia resistir, nem lhe convinha desobedecer, escreveo segunda vez a Fernão de Sousa, que suspendessem as armas, avisando a seus Principes do estado das cousas, para que elles com pacifico acordo determinassem a causa, porque se antes d'esta diligencia se derramasse sangue, ficaria por conta dos Reys vingar a injuria dos vassallos; que entre Portugal, & Castella havia direitos, & aggravos, que a paz cobria, que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas de hum largo esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, & das doenças, se obrigassem a condições injustas, maior força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavão.

Continua o Castelhano no primeiro intento.

17 Fernão de Sousa, entendendo dos rodeos d'esta carta, & de outras noticias, que os Caste-

lhanos se querião remir com dilações, respondeo, que deixados argumentos, tratasse de defender com a espada seu direito.

Vense os dous Capitães.

18 Ruy Lopez de Villalobos, vendo d'esta reposta que o entendião, ou que o desprezavão, escolheo deixarse vencer da razão primeiro que da força, & logo respondeo a Fernão de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros, para assentarem as condições da passagem, & embarcação, que lhe offerecia; o que assi se fez, saindo Fernão de Sousa da fortaleza em huma embarcação lustrosamente toldada, & emproando com a dos Castelhanos, que ja o aguardavão, sobre qual dos Capitães havia de passarse á outra, em ceremonias prolixas gastárão largo tempo. Entrou o Castelhano na de Fernão de Sousa, onde entre saudações, e urbanidades, abrio a conversação porta ao negocio.

Acordo q̃ tomão.

19 Tratou Fernão de Sousa com grande comedimento das razões de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reys de Portugal, & Castella, que Ruy Lopez ds Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assi ficárão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos meterse dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India; levando livremente a roupa, drogas, & armas que tivessem; & que elRey de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que rematárão esta concordia, forão hum largo banquete, brindando alegremente ás saudes dos Reys: beneficio, que lhes repetírão muitas vezes. Ao convite acrescentou Fernão

de Sousa o seu çaguate, a uso da India, dando algumas joias ao Capitão, & companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavão, porque com o sainete do eravo saboreavão os desabrimentos da terra.

20 Despedidos os Capitães se tornou Fernão de Sousa á fortaleza, contente de alhanar hum negocio tão escabroso, por meios tão commodos á sua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem á nossa fortaleza, se poz Fernão de Sousa mui galante para demonstração do gosto com que esperava os hospedes, que foi buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopez despedio huma embarcação da terra, pedindolhe suspendesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenientes, de que lhe daria conta. Fernão de Sousa entendendo, que a dilação era cautela, & que o Castelhano faltava no concertado; como lhe derão o recado no mar, mandou forçar a voga, & com mais paixão, que acordo, se foi meter desacompanhado entre os Castelhanos. O que visto por Ruy Lopez o veo esperar á praia com oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, & levandoo a seus aposentos, lhe deu conta da alteração, que entre os seus havia; porque D. Alonso Henriquez Capitão de hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu Principe, não queria estar polo capitulado, & tinha convocados amigos, & homens inquietos, que sustentavão seu partido, persuadindo cousas fantasticas a elRey de Tidore, & a outros, por engrossar seu bando, chamando á sua sedição zelo, & á moderação do General fraqueza, pois entregava as armas, &

Falta o Castelhano á promessa.

E o que nisto faz Fernão de Sousa.

as bandeiras de Espanha, que jurára defender com a vida, & privava ao Emperador do Senhorio de tão abundantes Ilhas, & aos pobres soldados do fruto, & premio de navegação tão perigosa; & que os Portugueses como nação soberba, & sempre opposta á sua, farião riso, ou gloria de tão vil rendimento. Porèm que elle sabia, que todas estas bizarrias armavão sobre falso, porque os não estimulava o serviço do Cesar, nem o zelo da honra, senão o amor do cravo, de que tinhão recolhido quantidades grandes, & não fiavão de nós, que lhes deixariamos levar a Espanha as novas d'esta droga, cuja valia lhes havia de compensar os perigos, & trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Sousa, & os mais, que seguião sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receos, & como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ao interesse, se vierão ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavão.

Proposta de Çofar ao Capitão de Dio.

21 Mas ja o estrondo das armas de Cambaya não sofre esta pequena digressão de negocios menores. Governava Coge Çofar esta guerra com absoluto imperio, livrando o bom successo d'ella, parte na força, & parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens, & soccorros, que pola grandeza d'elles necessitavão de espaços differentes; escreveo a Dom João Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o Soltão, & o Estado, para que se lograssem com reciproco amor os frutos de tão justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse hum muro entre a fortaleza,

& a Cidade, o que se não executára por não mostrar desconfianças em tão tenra amizade; porèm agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separação, como sinal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelamos a Cidade, fòra com a ira, ou licença da victoria, & que não querião os moradores acordarse cada dia de sua injuria com tão fea memoria; que os sinaes do odio, como não estavão no animo, não era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, não convinha dar leys como Senhores; & que levarião asperamente os moradores o que lhes ordenavão seus Reys, tolherlho seus vezinhos; que de vassallos alheos deviamos querer amizade, & não obediencia; que o Soltão lhe dera aquella Cidade, a qual determinava engrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella fortaleza não estava como freo, senão como amparo de seus habitadores; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfações ao povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

22 Por esta carta entendeo Dom João Mascarenhas, que Çofar buscava causas ao rompimento, havendo, que se lhe concedia o muro, facilitava a empresa; se lho negava, justificava a guerra; & assi lhe respondeo, que em huma paz tão assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantalas; que o muro nem a nós seria de perigo, nem a elles de amparo; que entre a fortaleza, & a Cidade estava outro reparo maior que a defendia, que era a fidelidade Por-

Reposta do Capitão.

tuguesa; que do novo Senhorio lhe dava o parabem, & que dos Portugueses que alli estavão, fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio, que propunha, tocava ao Governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle lhe communicaria a sua proposta. E logo avisou ao Governador do estado das cousas, que ja pelos enviados, que mandára a Cambaya, tinha do cerco noticia mais inteira; recebendo do Soltão huma reposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada, fazendo relação intempestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

E avisa o Governador.

23 Porèm o Governador, dandose todo a este só negocio, pesando a importancia d'aquella praça, resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo, ou diligencia. A's Cidades de Baçaim, & Chaul, que erão as mais vezinhas, encommendou affectuosamente os soccorros de Dio, lembrandolhes a honra, o premio, a obrigação; & logo em Goa mandou aperceber hum caravelão com munições, & bastimentos, & duzentos & cincoenta soldados, que por acharem ja os mares grossos, chegárão a Baçaim com trabalho, & tentando atravessar a Dio, forão os ventos tão ponteiros, & furiosos, que tornárão a arribar destroçados.

Que soccorre Dio com gente, & munições.

24 Coge Çofar em quanto não tinha as forças juntas, nos acommettia com ardís differentes. Com largas dadivas, & promessas maiores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite désse fogo á polvora, ou lançasse peçonha na cisterna, & que não po-

Traição intentada por Çofar.

dendo conseguir nenhum d'estes intentos, tentasse dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas casas em que vivia, commodas a esta maldade, por estar vezinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deu parte do negocio a hum Mourisco seu familiar amigo; & como nas traições mais seguro he o premio de as descobrir, que de as executar, delatou ao Capitão mór o caso, o qual tendo noticia d'elle por duas vias mais, & considerando que este delicto era feo para exemplo, para castigo, pouco averiguado, & que a culpa não merecia perdão, nem o tempo permittia castigo, enviou este soldado a Goa com cartas ao Governador, significandolhe os indicios da traição imaginada.

Prevenções de Dom João Mascarenhas.

25 E como Dom João Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na Cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia, que entreteve, ou remediou a fome muitos dias; porèm logo se alterou a segurança do trato, entrando na Cidade hum Capitão com quinhentos Turcos, mais a dispor que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Çofar para o Capitão mór, nas quaes cauteloso, & importuno, instava em levantar o muro; a que D. João Mascarenhas ja não quiz dar reposta, dizendo ao Turco, que os Portugueses não deferião a petições escritas com o arcabuz no rosto. Não foi este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Çofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendonos os soccorros da terra, porque os do mar começavão ja a impedir os temporaes do inverno, que era o mais duro ini-

Chega Çofar com gente de guerra.

migo que a fortaleza tinha. E como esta praça foi o theatro em que os Portuguezes obrárão maravilhas tão grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

Descripção de Dio.

26 A Ilha de Dio, celebre pola riqueza de seu trato, lastimosa pola ruina de seus habitadores, illustre pola fama de nossas victorias, está situada em huma enseada, & ponta, que limita o Reyno de Cambaya, em altura de vinte dous gráos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulão os naturaes, dandolhe principios mais illustres, que averiguados, cuja memoria conservão suas tradições na falta dos escritos. Foi sempre o porto da enseada a principal escala, frequentada das naos, que navegão a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a Religião, & o commercio. He a Cidade apartada da terra firme por hum esteiro, que em torno a vai cingindo; pola qualidade do terreno he forte, & ajudandose da arte a natureza, a faz mais defensavel. O esteiro, que a rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por ser aparcelada, & baixa, he ao serviço inutil; outra ao Sul, tambem desacommodada pola aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde podem ancorar navios, & d'este recebe a Cidade mais commoda passagem. Não segui a fórma, em que a descreve João de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que a senhoreárão, fortificandoa cada huns d'elles com varia disciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes ensinava.

27 Entrado Coge Çofar na Cidade com oito mil soldados, muitos d'elles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que en-

travão dezoito basiliscos, com munições, & bastimentos de homem que antevia a duração do sitio. Trazia mil Janizaros no campo com avantajado soldo, os quaes com sua ordinaria soberba desprezavão a empresa, accusando o temor de Çofar, em convocar soccorros, & inquietar as armas do Grão Senhor contra quatro miseraveis Christãos, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija se ganhava honra, nem na victoria despojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia, & no abrir as trincheiras, plantar batarias, formar esquadrões, mostrou que era soldado; & logo que teve posto sitio á fortaleza, fez aos Turcos huma breve pratica, dizendo.

Pratica de Coge Çofar aos seus.

28 *Companheiros, & amigos, não vos ensinarei a temer, nem a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque não chegão a ser mais que homens, inda que são soldados. Em todo o Oriente atégora os acompanhou, ou servio a fortuna, & a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com hum limitado poder fazem guerra ao Mundo, não podendo naturalmente durar hum Imperio sem forças, sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhes são sujeitos. Apenas tem quinhentos homens naquella fortaleza, os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costumão ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inverno. Estão faltos de munições, & mantimentos, assegurados na paz, ou na soberba, com que desprezão tudo. Como são poucos, sempre naquelle muro hão de as-*

sistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o lugar de outro; faltalhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bataria, & por força os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que fizerão nas galés do Grão Senhor no cerco d'esta mesma fortaleza. A tão honrados Turcos, & valentes Janizaros, como estais presentes, toca acudir pola honra de vossa gente, & de vosso Imperio, como causa mais justa da guerra, que fazemos; que ainda que Cambaya tem exercitos, & soldados, não convem á reputação do Grão Senhor vingar suas injurias com as armas alheas. Com este fim vos trouxe a esta empresa, porque vos não furtassem outros a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra, que agora estais pisando, cobre os ossos de vossos companheiros, parentes, & amigos, que a cada hum de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contandonos as mortes, & as feridas, que d'estes homicidas recebèrão, esperando por vosso esforço poderem descansar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á Magestade de Principe tão grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamão Reys, precisa a todos os que somos vassallos.

Insta de novo ao Capitão de Dio.

29 Acabada esta pratica, ou querendo justificar mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccorros, tornou a tentar o animo de Dom João Mascarenhas, com condições mais graves, instando na porfia de levantar o muro, & pedindo, que as naos do Soltão, seu senhor, podessem navegar livres sem cartazes de nossos Generaes; injuria, que o Soltão tolerava como amigo, & não podia sofrer como Monarcha. Pedio

mais, que as naos de mercadores não fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade, que devia outorgar em beneficio do commercio. Dom João Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores, & bombardas não se fazião acordos de amizade; que aquella fortaleza, estava costumada a dar leys a todos, & não a recebelas de ninguem; que em breve esperava castigalo, como a quebrantador das pazes, & que então sofreria a seu pesar condições mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Janizaros.

Reposta do Capitão.

30 Ja neste tempo o Governador tinha feito aprestar nove embarcações com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasião tão honrada, só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocára agora as prisões de seu cargo, pola liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resoluto em ir descercar Dio, não podia negar as envejas, que tinha aos que primeiro que elle havião de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho Dom Fernando lhe disse em salla publica:

O Governador mãda a Dio seu filho D. Fernando.

Eu vos mando, filho, com este soccorro a Dio, que pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos; polo que toca a vossa pessoa não fico com cuidado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei hum filho. Encommendovos, que tenhais lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, & para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer o appellido que herdastes, acordandovos que o nascimento em todos he igual, as obras fazem os homens differentes; & lembrovos, que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta he a benção que nos deixárão nossos maiores, morrer glo-

riosamente pola Ley, polo Rey, & pola Patria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhala.

Com isto lhe lançou a benção, e o encommendou a Diogo de Reynoso, hum dos mais valentes Cavalleiros que passárão á India. Neste soccorro foi Sebastião de Sá filho de João Rodriguez de Sá, que nesta occasião, & em outras deu de seu valor hum testimunho illustre. Com elle passou D. Francisco de Almeyda, filho de D. Lopo, a acompanhar dous irmãos, que tinha ja em Dio. Com o mesmo soccorro forão Antonio da Cunha, Pero Lopez de Souza, Diogo da Sylva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, & outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavão após os perigos, como se lhes fugírão.

31 Escreveo o Governador a Dom João Mascarenhas huma carta mui honrada, dizendolhe, quanto maior cousa era nesta occasião ser Capitão de Dio, que Governador da India; que naquelle soccorro lhe mandava seu filho Dom Fernando, para que depois no Reyno, entre as vanglorias da velhice, contasse que fòra seu soldado; que estivesse certo, que todas as forças do Estado se havião de empenhar na defensa d'aquella fortaleza; que naquelles navios hião muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigação dos cercados só era defenderse; que alli lhe mandava munições, que bastavão a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, & muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os instrumentos, & materiaes convenientes; no que Dom João de

Castro não só mostrou zelo de ministro, mas pratica de soldado, antevendo as necessidades do sitio, & occorrendo a todas.

Reparte o Capitão de Dio os postos da fortaleza.

32 Ja neste tempo Dom João Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava serventia por sima da cava do baluarte Sanctiago á outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Sanctiago entregou a Alonso de Bonifacio Escrivão da Alfandega; o baluarte São Thomé a Luis de Sousa; o de S. João a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta a Antonio Freire; & outro baluarte Sanctiago, que descobria o rio, a Dom João de Almeyda com seu irmão Dom Pedro de Almeyda; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a João de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes Capitães repartio cento & setenta soldados, ficando elle de sobre rolda com trinta, para soccorrer ás estancias. Com tão pequenas forças esperava Dom João tão numeroso poder, como contra si tinha, dispondo com tanta segurança a defensa, que lhe não fazia o perigo temor, ou novidade. Com as munições, & mantimentos mandou ter grande conta, pola contingencia em que estava de poder receber outros com os estorvos do tempo, & do inimigo. Entre os escravos, & outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, & mantimento, por desviar aos soldados de outra occupação mais que a da peleija. Neste serviço entreteve os mininos, os velhos, & as mulheres, para que na fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pela idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no

terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante:

E falla a seus soldados.

33 *Esses Turcos, & Janizaros, que d'este lugar estamos vendo, vem a restaurar com nosco a honra que no primeiro cerco perdèrão; porèm nem elles valem mais que os que então forão vencidos, nem nós valemos menos que os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre com a enveja do menor soldado que defendeo esta praça; pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus descendentes, que menos conhecemos polo appellido, patria, ou solar, que por filhos, ou netos d'aquelles que tão gloriosamente acabárão, ou triumphárão em Dio. Os mais illustres honrárão sua familia; os mais humildes derão a ella principio. Trouxenos a fortuna esta empresa a aquella nada dessemelhante; não sepultárão comsigo aquelles valerosos Portugueses toda a gloria das armas, ainda nos deixárão esta, que nos fará illustres. Não nos assombre a desigualdade do poder, porque a fama não se alcança com perigos vulgares. Navegamos cinço mil legoas só a buscar este dia, para nelle ganhar a honra, que nos não podem dar os Reys, nem as gentes; porque os Reys dão premios, não dão merecimentos. Não nos faltão munições, nem mantimentos para entreter o cerco até chegar soccorro; & ainda que andão os mares levantados, por serem os tempos verdes, temos hum Dom João de Castro, que por debaixo das ondas virá com a espada na boca a soccorrernos, & tantos outros fidalgos, & Cavalleiros, que terão por injuria ganharmos nós sem elles a honra que se nos offerece, com a qual não temos, que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no numero d'aquelles, que ao Rey, & á patria fizerão algum me-*

moravel serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo Occidente a tão remotas partes. E o que mais he que tudo, peleijamos com inimigos de nossa fé, & não nos póde faltar favor para tão justa causa, pois servimos ao Deos das victorias.

34 Acabada a pratica, se ouvio logo no campo dos Turcos huma grossa salva, com que Coge Çofar festejava hum soccorro de dous mil infantes, que lhe havião chegado de Cambaya, todos soldados velhos, que fazião o soccorro maior na qualidade, que no numero. Accompanhavão esta gente, entre outros, dous Capitães Mogores, pessoas entre os seus de grande nome. No mesmo dia entrou grão parte da nobreza da Corte, que se alojou separada do Campo, em mui lustrosas tendas, com tal concerto, que não devião nada á policia de Europa. Os nossos com a desestimação da vida, divertião o horror de tantos apparatos, animandose com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes.

Entrão mais soccorros ao inimigo.

35 Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior d'este anno de mil quinhentos quarenta & seis, amanheceo vezinho á fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, & nellas algumas peças grossas, & por sima do muro quantidade de sacas de algodão, forradas de couros crús para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, polo silencio, & brevidade com que se havia obrado; mostrando bem, que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, & confusa; porque em todo o conflicto mostrárão igual o valor á disciplina. Logo começárão a bater di-

Começa a bater a fortaleza.

M 2

tosamente a nossa ſortaleza, porque nos cegárão quatro peças, das quaes a sua bataria recebia mais dano.

Estratagema do inimigo em huma nao.

36 O bom successo d'este dia lhe deu para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem geral assalto por brechas differentes, a que não podião resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio podéra responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhes não fizera tanto dano, que julgárão lhes convinha acudir primeiro ao reparo, que á offensa. Callárão as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica, maquinárão segunda. Lançárão ao mar huma nao alterosa chea de polvora, alcatrão, & outros materiaes dispostos ao fogo; estes disposerão na primeira coberta, como ardil reservado para segundo intento; por sima d'elles fizerão huma grande esplanada, onde podião peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala; ficava a nao senhoreando o forte, donde com a vantagem do numero, & lugar da peleija, entendião que serião os nossos entrados facilmente; & quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a nao, lhe pegarião fogo, que ateado no forte, o abrasaria, sem dano, nem perigo dos seus; & que logo occupadas as ruinas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantarião outro, donde se podesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros d'este padrasto, com que poderia laborar sem dano a sua artelharia. Estratagema inventado com militar discurso.

Desbaratada pelos nossos.

37 Da obra, & do intento teve o Capitão mór aviso por espias que trazia no campo, & cha-

mando o Capitão do mar Jacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto; que estimasse, que a primeira facção d'este cerco fosse sua; & praticandolhe tudo o referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo a ponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada com dous catures, & trinta soldados, remando a voga surda, & emproando com a nao, a começou a servir de muitas panelas de polvora; vírão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estava abrasando, & acudindo ás armas, turbados do temor, & do sono, se defendião com huma resistencia tímida, & confusa, impedindose huns aos outros com as vozes, & desacordo, causado do subito acommettimento. Alguns se começárão a lançar ao mar, estes fizérão aos outros caminho, & exemplo; emfim entre queixas, & alaridos despejárão a nao, fazendo pòr em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo á nao, & trazela atoada; a quem o Capitão mór deu muitos abraços, & louvores, estimando este successo por dar á guerra tão ditoso principio. Os Mouros ordenárão que se continuasse a bataria a risco aberto, custandolhes cada pedra que derribavão da fortaleza, soldados, & artilheiros. Não fazia a sua bataria dano consideravel, só o baluarte Sanctiago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, & ja com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavão de noite.

E trazida á fortaleza.

38 Continuava a bataria não sem effeito,

porque ja se via o muro por muitas partes aberto, por todas abalado, & não podia pelas ameas assomar soldado, que não fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das balas, que erão tantas, que parecião huma continuada salva, doendo pouco a Coge Çofar despender munições, & arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido, & sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meudo a nossa artelharia com mais dano, porque como era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma bala se jogava perdida.

39 Instavão os Turcos, porque se désse o assalto, porque ja em muitos lugares polas ruinas da bataria, se podia subir ao muro; porèm Coge Çofar os detinha, ou esperando maior poder, ou querendo, que o trabalho, & feridas quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar com lentas armas, apurando as forças, as munições, & ainda a paciencia dos cercados; discurso, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessarios, & forçosos desde o primeiro dia, em razão de que os descuidos da paz, & a subita invasão do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o peso d'esta guerra; sendo nesta parte tão demasiada nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só com o respeito d'aquella victoria, se defendia a praça; & Dom João Mascarenhas se achava só com quarenta barrís de polvora de bombarda, & vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão

duzentos, os mais d'elles soldados de guarnição, a quem a gloria d'este cerco deu a primeira fama.

40 Trazião ao Capitão mór solicito o estado das cousas, & a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como aos de fóra, & não queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, & munições, vendo por huma parte ser danoso, & por outra preciso; quando as vigias lhe viérão dar aviso, que a huma vista parecião nove velas, & que pola feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegárão os soldados todos ao muro com o alvoroço d'esta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista, & cerração do tempo; porèm dentro de huma hora divisárão as bandeiras de quadra, & logo com as armas Reaes a Capitaina, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flamulas, & galhardetes, empavezadas, & guerreiras. Salvárão logo as torres, donde lhes respondèrão com a mesma cortesia naval. Os Mouros lhe tirárão muitas peças de terra, em quanto davão fundo. Forão desembarcando as munições, & mantimentos, tras elles os soldados, & o ultimo de todos Dom Fernando; ou fosse instrucção do pay, ou brio do filho.

Chega D. Fernando a Dio.

41 O Capitão mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli Dom Fernando, o foi buscar ao navio, & o encontrou na escada da fortaleza, por onde ja sobia, & levandoo nos braços, lhe disse palavras accommodadas ao lugar, & tempo, & offerecendolhe sua mesma pousada, a

Dom João Mascarenhas o recebe.

não quiz aceitar Dom Fernando, pedindolhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. Dom João Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonís em annos tão verdes.

42 Vinha nos navios quantidade de polvora, armas, & bastimentos, com que se podia entreter o cerco até outro soccorro; tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, & feridos, remedios, & regalos. Mostrou o Capitão mór aos soldados a carta do Governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia, & forças, que sofria o Estado; o que deu corações novos aos cercados, com que ja as necessidades, & aprestos da guerra mostravão outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Çofar cada dia soccorros, & traçando artificios, para que tinha conduzido engenheiros de differentes partes, que a emulação, & premio incitava a inventar cousas novas, que fazia os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descoberto.

Publica o Governador guerra contra Cambaya.

43 Porèm o Governador, logo que despedio seu filho Dom Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, & sangue, contra elRey de Cambaya, como perjuro, e quebrantador da paz, que tinha com o Estado, & isto com instrumentos militares, & solemnidades legaes, para fazer publicas, & justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreveo aos moradores de Baçaim, lembrando-

lhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodião ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batião a Dio, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a fortaleza, & fazer a Cambaya as hostilidades possiveis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reys do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios, & gente, como de tão honrados Cidadãos, & leaes Portuguezes se devia esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer d'elles, com a fidelidade, & amor de seu Rey, excederia á possibilidade.

Emprestimo q̃ pede aos mercadores.

44 Na mesma fórma escreveo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, & despender as fazendas: felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, & achando o Estado pobre para tantas despesas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, & diamantes, que só enthesourára; prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offerecião tudo: & não sei se entre os poderosos correm hoje fazendas d'esta ley em tanta estima. Mandou fazer orações publicas, & secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Dio, não se inclinando ao voto mais authorisado, senão ao mais experto.

Recorre a Deos com preces publicas.

Tomãose aos inimigos muitos mantimentos.

45 Em Dio não descansavão as armas. Foi o Capitão mór avisado, que no exercito se esperava por huma grande cáfila de mantimentos, que se havião de carregar por aquella costa de Balsar até Damão; o que entendido, despedio o Capitão do mar Jacome Leyte com tres navios, para que a fosse esperar até a Ilha dos Mortos, o qual saindo de noite pela barra fòra correndo a costa, na qual tomou muitas Cotías, que vinhão bastecer o exercito, passou os Mouros á espada, excepto alguns que reservou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entrasse a barra; o que assi se fez, dando com elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do successo com o fogo em que vio arder as Cotías; os mantimentos se recolhêrão na fortaleza, que era a droga mais importante para o tempo.

46 Tinha ja Coge Çofar perdido muita gente, sem ver na fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe désse esperanças de ganhala; os nossos passeavão no muro com galas, & plumagens, que mostravão o gosto, ou desprezo da guerra que sostinhão. Vendo Coge Çofar que estavamos senhores do mar com tão pequenas forças, & que as provisões, que recebia o exercito, vinhão furtivas, & arriscadas, mandou sair huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcações nossas, que de Baçaim, & Chaul vinhão prover a fortaleza; peleijárão os Portugueses desesperadamente, mas como era tão desigual o poder, os mais ficárão mortos, vendendo tão bem as vidas, que não tivérão os Mouros, que festejar na preza, ou na victoria. Dom Fernando de Castro pedio ao Ca-

pitão mór licença para sair ao inimigo em alguns navios do soccorro, que lhe não deu, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella saida furtado, & se recolheo logo.

47 Tratou Dom João Mascarenhas de avisar por terra a S. Alteza do estado das cousas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, & costumes dos Mouros: o qual despachou em hum Catur ligeiro, para que o lançasse na costa de Pór; & d'ahi em trajos de Jogue (que entre elles he habito religioso, & pobre) se passasse ao Cinde, & d'ahi a Ormuz, com cartas ao Capitão. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorá, que o passárão a Babylonia pelo rio Eufrates, onde havia de esperar as cáfilas, para atravessar os desertos da Arabia.

O Capitão de Dio avisa por terra a el-Rey.

48 Continuava Coge Çofar as obras da fortificação com não menos perigo que trabalho, & com porfia tão barbara, & cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavão, lhe servião ao entulho, usando tão deshumana disciplina, quiçá por encobrir o dano, que começava ja a ser conhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, que por horas engrossavão o campo. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias sessenta peças grossas, em que entravão Basiliscos, Salvagens, Aguias, & Camelos, sem outra artelharia miuda, de que era maior o numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas, em tantas voltas, que os não podia pescar a nossa artelharia. Com este artificio

N 2

Senhoreão os inimigos a cava.

chegárão os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde assentárão dezoito Basiliscos, com que tirárão quinze dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavão com suas mesmas ruinas, fazendo contramuros, & reparos das pedras derribadas.

49 Tinhamos ja perdido oitenta homens, & mais de cento feridos, & pola estreiteza, & ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavão enfermos. As munições em grande parte gastadas, tinhão reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugírão da fortaleza, mandou reforçar as batarias, crendo, que não poderião durar os animos em tão quebradas forças; & logo, como homem, que queria partir com seu Rey os mimos de sua fortuna, avisou ao Soltão, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé d'esta promessa acodio o Soltão com dez mil de cavallo, & grão parte de sua Corte, onde foi recebido com huma salva Real a volta de muitos instrumentos de guerra, & de alegria, consonancia, que os nossos ouvião, aos animos temerosa, aos ouvidos barbara.

Chega o Soltão cõ muita gẽte.

50 Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo Dom João Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho Capitão do forte do mar, que mandasse huma almadía a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no campo, ou se havião feito dobres, ou erão descobertas; o que se fez na mesma noite, trazen-

donos hum Mouro, que referio a vinda do Soltão, as promessas de Coge Çofar, & confianças da empresa. Mandou o Capitão mór soltar o Mouro, & que dissesse a elRey de Cambaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava irlhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foi contente com a liberdade, & assombrado com a reposta do Capitão mór. Foi o Mouro levado ante Mahamud, & referindo as palavras do Capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhão a fortaleza derribada, & os animos inteiros.

51 Coge Çofar mandou continuar a bataria, & dizer a Dom João Mascarenhas por Simão Feo (hum prisioneiro nosso, que contra as leys da guerra havia represado) que se espantava de o ver encurralado, sem sair a peleijar ao campo, como fazia o bom Cavalleiro Antonio da Sylveira; que mal respondião as obras ás palavras; á qual mensagem os soldados com pelouros respondèrão do muro. Cinco horas durou a bataria, fazendo no edificio já abalado, estrago grande. Porèm as nossas peças lhe respondèrão com maior dano, & com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltão, huma bala perdida matou hum Mouro, com quem o mesmo Soltão estava praticando, & como estes Mouros Orientaes são credulos em agouros, tomando elRey o caso, como aviso de algum mao successo, quiçá cobrindo com a superstição o medo, sahio logo do campo, deixando a Juzarcão, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tirára soldo contra Soltão Mahamud, & agora como soldado mercenario, fòra chamado com algumas vantagens a servir nesta guerra,

Retirase, & fica Juzarcão em seu lugar.

52 Partido elRey do arrayal, mais bellicoso

na paz, que no conflicto, retirandose na mesma Ilha á quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçavão o campo, porèm Dom João Mascarenhas, que polo aperto do sitio, não tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os fidalgos, & Cavalleiros quanto importava tomar alguma lingoa.

Acção notavel de Diogo de Anaya.

Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum fidalgo que vivia do soldo, porèm com espiritos mui dignos de seu sangue; este se offereceo ao Capitão mór, & lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, & a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavão praticando; duvidou de os acommetter, porquè trazer dous não era possivel, peleijar com elles não convinha; porèm tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança a hum d'elles, & abraçandose com o outro, que se defendia bradando, mordendo, & forcejando, o levou até as portas da fortaleza, onde achou o corpo de guarda, que entre louvores, & envejas o levárão ao Capitão mór com o seu prisioneiro. Referirei agora a circunstancia, por ser maior que o caso. Levou Diogo de Anaya prestado hum capacete de hum soldado, & vendose na fortaleza sem elle, crendo, que com a luta, & bracejar do Mouro o perderia, se tornou pola mesma corda a derribar do muro, & buscandoô á vista de hum exercito ja alterado, o recolheo, & trouxe, tão temerario, como ditoso.

53 Pelos avisos do Mouro, soube o Capitão mór, que Coge Çofar, & Juzarcão, hum valente, & outro desconfiado, fizérão reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar

ná empresa, dizendo, que se nos não podião supportar amigos, mal nos poderião sofrer victoriosos. Com a continuação da bataria, lhe rebentárão muitas peças, em lugar das quaes encavalgárão outras, batendo furiosamente os baluartes S. João, S. Thomé, & Sanctiago, de que erão Capitães Dom João de Almeyda, Luis de Sousa, & Gil Coutinho, os quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavão algum breve repouso, sempre constantes no perigo, & ao trabalho promptos.

54 O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez maiores ruinas, & ja nelle podião os Turcos peleijar quasi iguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que não fosse arrasada; & do baluarte S. João até o de Sanctiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, & forçoso tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de huma fortaleza por tantas partes rota: porem todos conformes se dispunhão ao trabalho, que não podião vencer, nem escusar.

Valor das mulheres de Dio.

55 Acodírão as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defensa, sobindo sem temor ao muro, tropeçando em lanças, espadas, & pelouros, vencendo a natureza, & o sexo, como se trouxérão corações varonis em habitos alheos; taes houve, que vestindo armas, fizérão aos inimigos rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha; entre todas mereceo maior gloria Isabel Fernandez, a quem nossos Escritores em lugar de elogios, que honrassem sua memoria, chamão: a Velha de Dio; celebre

por este nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, & regalos, com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortandoos á defensa, & á peleija, com razões maiores, que de hum espirito, & juizo feminil. Emfim a diligencia d'estas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas, & opportunas.

56 Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas arruinavão de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais sutil pola traça, que util polo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pola materia, & disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameas, tolhendo peleijar aos defensores, & ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia, com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, & rama, para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quantidade dos gastadores, que servião o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, & sem medida. Entretanto a artelharia do nosso baluarte jogava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada, & descoberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

57 Reparou Coge Çofar no dano, por ser grande, ordenando, que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pon-

taria incerta, & vaga, fosse menor o effeito, mandando fazer maior ruido onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, & dos eccos. O que entendido por Dom João Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porèm Coge Çofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, & encobertas, por onde continuárão os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando á nossa artelharia balas inuteis, & perdidas.

58 Deu o negocio ao Capitão mór cuidado, porque crescendo aquella maquina, não ficava na fortaleza lugar algum seguro, jogando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não havia no lugar vantagem, ficando os Mouros com a do numero tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conhecião o perigo, & nenhum o remedio. Alguns com maior ouzadia, que prudencia, votárão que saissem os nossos, & lhes estorvassem a obra a risco descoberto, sem ver que era maior o perigo que acommettião, que o de que se livravão. Poucos approvárão este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizérão os nossos algumas sortidas, porèm de pouco effeito, porque o inimigo poderoso, & vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes soe o perigo ser o melhor conselheiro, lembrouse Dom João Mascarenhas, que na fortaleza havia huma eminencia, que sobrelevava

O

o forte S. Thomé, por sima do qual podia jogar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tirárão com tão ditoso effeito, que em poucos dias derribárão aquella maquina, levantada, & caída com o sangue dos que a fabricárão. Porèm como esta Hydra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çofar cegar a cava com as mesmas ruinas; o que lhe era mais facil, por ser obra que não havia mister medida, disposição, ou engenho.

59 Começárão dous mil peões a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, & espingardaria impedia os nossos assomarse ao muro. Cresceo a obra, & perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estavão desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelavase o Capitão mór por lhe frustrar o intento; & vacillando nos meios convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disserão, que no lugar onde estavão, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cobríra com terra movediça, & que por aquella parte sem risco, & com facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execução prompta; mandou cavar o Capitão mór, & achou o postigo accommodado a seu intento. Sahião os nossos de noite, & furtavão o entulho por baixo, deixando a superficie vãa, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porèm como aquella terra estava no ar violentada, trouxea seu mesmo peso ao centro, caindo todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

60 Foi logo avisado Coge Çofar da industria,

com que lhe frustramos tão custoso trabalho, & acudindo áquella parte, impaciente na contraposição que achava a todos seus desenhos, sahio da fortaleza huma bala perdida, que no meio de hum esquadrão de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento publico pola falta de tão grande soldado. Vírão os nossos com destemperadas caixas, & arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, & politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecão sobre o sangue do pay tomar justa vingança, que entre elles a dor, & a ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

Morre Coge Çofar de huma bala.

61 Succedeo Rumecão ao pay no odio, & cargo, continuando a guerra com a obrigação de General, & sentimento de filho, tão empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, munições, & soldados, crescendo por toda parte a obra, que Rumecão esforçava, como disposição para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a maquina, que o pay começára, contrapondo hum artificio a outro; lavrou seis estradas encobertas, que todas hião a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpavão o entulho; estas hião fechar sobre a ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra, sobre que armavão a maquina, que temos referido, & sobre a ponte lançárão pedras, & traves, de tamanha grandeza, que a fizérão encurvar com o peso, & logo virse a terra, não sem dano dos servidores, que por debai-

Succede-lhe Rumecão seu filho.

xo d'ella andavão recolhendo a terra. O que visto pelo Capitão mór, mandou cerrar o postigo por ficar ja esta serventia inutil, & evitar alguma subita invasão do inimigo, o qual sem estorvo continuava a obra, em quanto os nossos vacillavão em descobrir algum engenho, ou força, com que pudessem contrastar fabrica tão danosa, porque os Mouros com festas, & algazarras, mais mostravão gozar ja da victoria, que esperala.

62 A estes cuidados succedião outros não menos pesados, porque ja não havia na fortaleza duzentos homens defensores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, & feridas, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecelas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios ja a desconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavão munições, & mantimentos; os mares verdes, o inverno furioso, tiravão toda a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber era o tempo opportuno.

63 Era Vigairo da fortaleza João Coelho, que sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resolução para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitão mór (a quem era singularmente aceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os mares, & aportando em Baçaim, ou Chaul, significar aos Capitães com certeza de vista, o estado das cousas; & d'ahi avisar ao Governador por correos de terra, promettendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O Capitão lhe mandou logo esquipar hum Catur com doze marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas até dar-

O Vigairo João Coelho vai ao Governador.

mos razão do successo, que teve viagem tão animosa, & pia.

64 Os Mouros trabalhavão por força no entulho da cava, mas Rumecão cruel, & imperioso, os mandava morrer, ou aturar no trabalho, de que recebião por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Emfim chegárão a igualar a cava, & polo baluarte de Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessárão grandes mastos com taboas pregadas, que lhes servião de ponte, para picar o muro, o que se lhes não pòde defender com a artelharia por trabalhar cobertos.

65 Ordenou logo Dom João Mascarenhas humas cadeas grossas, que do muro alcançassem á ponte, das quaes pendião muitas sacas de gunes, envoltas em polvora, salitre, & outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateárão na ponte com tal braveza, que logo a desfizérão. Acudio Rumecão a sustentar a obra com novo madeiramento, & maior copia de servidores, & soldados, huns que assistião á defensa, outros ao trabalho, a que os nossos se oppozérão, dandolhes miudas cargas de artelharia, & espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumecão na obra tão porfiadamente, que por sima dos mortos fazia sobir outros, que inda que violentados, vencião o perigo com a obediencia. Chegou emfim por meio de tão custoso trabalho a igualar a cava.

Partidos q̃ aos nossos offerece Rumecão.

66 Conhecendo pois Rumecão o estado em que nos achavamos polos poucos defensores que occupavão os postos, nos quiz tentar os animos, crendo, que em tão perigoso estado nos ensinaria a razão, & a natureza, a não engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouvírão os do baluarte

Sanctiago bradar pela vigia, em lingua Portuguesa, dizendo, que era Simão Feo, que queria fallar ao Capitão mór em negocio importante. Foi logo avisado Dom João Mascarenhas, & pondose com o soldado á falla, elle lhe disse, que era Simão Feo, que vinha mandado por Rumecão, que affeiçoado ao valor de tão grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendião; que bem via a fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança alguma de soccorro, faltos de munições, & mantimentos; que não quizessem perecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos tão valerosos inimigos; que nos faria todos os partidos honrados, deixandonos com a liberdade as fazendas, & os navios para nossa passagem; o que não aceitando passariamos pelas leys da guerra, & pelas licenças que dava nos estragos a ira, & a victoria. Dom João Mascarenhas lhe respondeo, que a fortaleza onde estavão Portugueses, não havia mister muros, que no campo raso a defenderião ao poder do Mundo; que esta verdade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pedir ao Soltão mais gente, & melhores soldados; que os Portugueses desprezavão victorias tão pequenas; que as ruinas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os iria buscar como despojos; que em quanto seus soldados tinhão armas, não lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagem que lhes offerecia, esperava fazer cedo com a espada

Reposta do Capitão mór.

na mão por meio de seus esquadrões armados; & a elle Simão Feo dizia, que ainda que repetia forçado palavras alheas, não tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

67 Vendo pois Rumecão, que dos perigos, trabalhos, & fomes, nos serviamos como de alimento, injuriado no desprezo d'esta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que foi aos dezanove de Julho d'este anno de mil quinhentos quarenta & seis; em roda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcão com mil & quinhentos soldados escolhidos acommetteo o baluarte S. João, de que era Capitão Luis de Sousa, acompanhado de Dom Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reynoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, & de outros fidalgos, & soldados, que não passavão de trinta. Estes esperárão o primeiro impeto do inimigo, com tanta gentileza, que rebatèrão os primeiros oitenta que subírão, mostrando o dano que recebèrão nas vozes, no sangue, & na caída. Logo lhes succedèrão outros, fazendolhes a subida mais facil os corpos dos que caírão mortos. Juzarcão os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo, & de vozes humanas, fazião nas paredes da fortaleza huma impressão medonha. A bataria continuava nos outros baluartes; em S. João, & S. Thomé o assalto; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

Assalta o inimigo o baluarte S. João.

68 Rumecão com os Turcos assaltou o baluarte S. Thomé, de que erão Capitães Dom

E o de S. Thomé.

João de Almeyda, & Gil Coutinho; & como gente polo valor escolhida, pola nação soberba, arremetèrão tão furiosos, que polas lanças dos nossos intentavão subir atravessados, buscando pola morte a victoria. Elles tinhão a vantagem do numero; a do lugar os nossos; & os que tinhão cavalgado o muro, ou havião de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto, os nossos valendose de humas mesmas forças, se mostravão superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudião com armas, & panelas de polvora, vestindo os espiritos do tempo, não os da natureza. Algumas com regalos, & bebidas alentavão aos soldados, & não podendo mostrar esforço proprio, servião ao alheo. Taes houve, que com exhortações os animavão, merecedoras de forças varonís em corações tamanhos; mas nos feitos d'este cerco contaremos os seus polos mais raros, senão polos maiores. Viase hum monte de corpos mortos aos pés dos baluartes, huns desangrados do ferro, & outros abrasados do fogo. Alguns agonizando entre a irá, & a dor, pedião vingança; & talvez os que hião a satisfazelos, acabavão primeiro. Emfim os nossos este dia fizérão cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar polo successo, do que pola escritura: porque sempre no particularisar accidentes, he a verdade incerta; mormente nos acontecimentos de guerra, onde a ira, ou o temor, & outros affectos, arrebatão o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

69 Dom Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, maior que seus annos. Sebastião de Sá nos deixou de seu valor huma clara memoria, até que atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahio quasi mortal; & não podendo sustentar a peleija, não queria deixala. Foi emfim retirado dos companheiros com lastima, e enveja, deixando ja nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos emfim obrárão tão valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começavão o assalto, obrando Rumecão, como quem queria acabar a guerra em hum só dia; mandou peleijar as nações divididas; ou para que a emulação as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia; & elle mandando, & peleijando, com a voz, & com o exemplo os obrigava; & não se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ouzados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. Dom João Mascarenhas se mostrou não só Capitão, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijando, & governando tão sabiamente, que não ficou devendo nada ao valor, menos á disciplina.

Resistencia dos nossos.

70 Vendo Rumecão os muitos mortos, que estavão em torno dos baluartes, & que os seus acodião ja com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, & feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porèm d'elles mesmos soubemos, que perdèrão quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só soldado, os feridos forão

Retirase o inimigo com perda.

menos de vinte. Nesta desproporção se vè, que não se alcançou victoria só com forças humanas, & que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrará a Historia argumentos maiores.

71 Recolhido o inimigo, chamou o Capitão mór os nossos a segundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruinas da fortaleza; sendo as pedras, & o barro os leitos molles, em que os nossos havião de restaurar as forças ja tão quebradas; acodírão todos, faceis, & alegres ao serviço, a que o Capitão mór os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em novo descanso; não lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado d'este assalto, que se não atreveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendoo a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves, para quebrantar os nossos com rebates continuos, & notar a disposição dos animos no occupar dos postos; não cessava porèm a bataria, intentando enfraquecernos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, & o Soltão significava o empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecão dar segundo assalto á fortaleza.

72 Considerando porèm o dano, que havia recebido, peleijando com tão superiores forças, entendeo que o estrago dos seus devia ter cau-

sas maiores, para o que convinha applacar o Propheta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, & com ella désse o exercito diversas voltas em torno da Mesquita, & com outras expiações barbaras, & ridiculas, tivessem a Mafamede applacado, & propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernão Carvalho Capitão do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com grão copia de luzes, ouvindo a tempos as vozes, & clamores, que logo paravão em subito silencio, & tornavão a rebentar em huns gemidos de multidão confusa, succedendo aos ays, & alaridos instrumentos de guerra; & nesta supersticiosa vaidade occupárão muitas horas da noite. Deu a Fernão Carvalho cuidado a novidade, de que não pode fazer juizo. Avisou com tudo a Dom João Mascarenhas do que víra; que entendeo serião disposições para o assalto, ajudadas de hum barbaro culto, ou supersticioso rito, com que entendião conciliar a indignação de seu falso Propheta.

Recorre Juzarcão a superstições.

73 Apercebeose o Capitão mór para esperar esta segunda invasão do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças tão quebradas; os feridos, & enfermos desemparavão os leitos, & os remedios; mais promptos a buscar o perigo, que a saude. Dom João Mascarenhas obrava, & dispunha as cousas necessarias á defensa com valor, & juizo. Amanheceo o inimigo sobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, & alaridos medonhos, entre bellicos instrumentos, que fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; trazião diante, entre outras, hu-

Outro assalto.

ma bandeira, em que estava figurado o seu Propheta, para que os incitasse juntamente a Religião, & a Regalia. Ao mesmo tempo assaltárão os baluartes S. João, & S. Thomé, & a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes não deixava ver, nem temer o perigo; porèm forão recebidos dos nossos de maneira, que voltárão mais depressa do que havião sobido, caindo muitos mortos, os mais feridos, & outros abrasados do fogo. Ouviãose as vozes de Juzarcão, & Rumecão, que incitavão a outros a escalar os baluartes. Estes sobírão de refresco, favorecidos da escopetaria do exercito, innumeraveis settas, & outros tiros missivos. Aqui se ateou com grão calor o assalto, instando os Turcos por restaurar a opinião perdida, peleijavão estimulados da furia, ou da vergonha, porfiando a sobir por entre o ferro, & fogo, como homens que estimavão a vida menos que a victoria; assim chegárão a igualarse com os nossos, peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

74 Luis de Sousa, Dom Fernando de Castro, com os fidalgos, & soldados de sua companhia, dérão este dia novo credito a nossas armas, obrando de maneira, que Rumecão os nomeava aos seus, humas vezes para exemplo, & outras para injuria. Os Turcos tinhão por momentos soccorros successivos; os nossos sempre os mesmos, tão valentes se mostravão aos ultimos como aos primeiros. Fervia a guerra em todos os lugares. Dos inimigos erão ja muitos mortos, ou estropeados; porèm o furor, & a ira, ou encobrião, ou desprezavão o dano; porque sobre o corpo d'aquelle que

cahia, estribava outro o pé para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ardor, & a impaciencia da victoria, novas finezas, ou crueldades novas.

75 Entrárão emfim o baluarte S. Thomé, que sustentárão por hum espaço largo, caindo huns, & succedendolhes outros. Aqui foi grande a furia do inimigo, & tambem o estrago. Os tres irmãos Dom João, Dom Francisco, & Dom Pedro de Almeida, se mostrárão tão irmãos no valor, como no sangue, sustentando o peso de tantos inimigos o tempo que durou o assalto.

Entrão Turcos o baluarte S. Thomé.

76 Os Turcos do terço de Rumecão peleijavão com os nossos corpo a corpo iguaes no sitio, no numero maiores; o perigo acrescentou esforço. Dos que entrárão o baluarte, poucos baixárão vivos, mas como tinhão ja esta porta para a victoria aberta, a todo risco querião sustentalla. Rumecão, como este era o primeiro favor, que lhe derão as armas nesta guerra, com louvores, & promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou huma voz, que o baluarte era ganhado; & esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudéra perder a fortaleza, porque os que nas outras estancias peleijavão, quasi tinhão desemparado os postos por soccorrer o baluarte, que havião perdido; principalmente os que guardavão as casas da banda da rocha, acodírão com tanto impeto ao soccorro, que se aliviárão em parte os companheiros, que do trabalho, & feridas, tinhão ja as forças lassas, & quebradas.

77 Dom João Mascarenhas andou pelas es-

tancias certificando a todos, que estava por nós o baluarte, & do valor com que nelle se pelêijava; que Rumecão estava vendo no destroço dos seus, que banhados em sangue se precipitavão do muro, acabando de perecer na quéda. Durava o assalto, & com as mortes, & feridas, parece, que crescião em huns, & outros inimigos as forças, & a braveza; o que considerando Juzarcão, crendo que os poucos defensores, que tinha a fortaleza, estarião nos baluartes escalados, saindo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando o muro, & chegando áquella parte da fortaleza, que chamão a Couraça, a qual a natureza fizéra defensavel, sem arte, pola altura, & aspereza do rochedo, em que o mar batia, & vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha assegurados; & mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, & prevenir escadas, começárão a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavão alli de guarda, com a nova do baluarte S. Thomé ser perdido, desemparando o posto, que guardavão, com mais valor que disciplina, se forão a soccorrello.

Juzarcão enveste a Couraça.

78 Sobírão os Turcos ouzadamente a rocha, & forão demandar humas casas, que estavão encostadas á Igreja de Sanctiago, & davão passo a huma varanda baixa, em que logo arvorárão escadas para sobirem outros; & Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, & a victoria. Ganhárão os Turcos as casas, pelas quaes forão descendo á fortaleza, & hum mais atrevi-

do, ou diligente, entrou em casa de huma mulher casada, pedindolhe dinheiro com seguro da vida: a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sabia a buscalo, & entrando na casa de outra vezinha, lhe contou desmayada o perigo em que estavão; esta com o sobresalto da nova, deo aviso a outra; a qual com acordo, & forças de varão, tomou huma chuça, & indo a demandar a casa en que os Turcos estavão, vio hum d'elles á porta, como vigiando o que passava fóra, & remetendo a elle, tirandolhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficandolhe o juizo tão livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, & animo para esperar os Turcos, & impedirlhe a saida; digna por certo, que entre os varões mais claros ficasse sua memoria.

Valor de huma mulher Portugueza.

79 As mulheres que vivião para aquella parte assombradas de hum temor tão justo, forão em demanda do Capitão mór, gritando: Turcos na fortaleza; o qual achárão com tres soldados correndo os baluartes, & ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso, mandou, que se callassem, levandoas comsigo por guia á casa onde estavão os Turcos; & despedindo hum soldado dos que o acompanhavão, lhe mandou que tirasse alguma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, callando o perigo da fortaleza aos que peleijavão; & logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou Andre Bayão com outro companheiro; & chegando á casa onde es-

Acode o Capitão mor.

tavão os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendolhes a saida com esforço mais que varonil; faltandolhe na vida premio, nesta Historia nome.

80 Dom João Mascarenhas, havendo por presagio da victoria, achar em huma mulher valor tão novo, sabendo d'ella, que estavão os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecèra, que lhe trouxesse huma panela de polvora, & porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço, a tempo que do eirado da Igreja, onde ja estavão alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao Capitão de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panela de polvora, & tomandolha das mãos Dom João Mascarenhas, lançando de hum vaivem as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrasou os mais d'elles, sem lhe tocarem muitos pelouros, que de dentro tirárão com pontaria certa; o que a muitos pareceo fortuna, a outros mysterio; & mostrandose este dia igualmente Capitão, que soldado, coberto de huma rodela com a espada na mão, envestio os Turcos com mais quatro que o acompanhárão, & á força de cutiladas os levou até a varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fogião, porque os mais d'elles mortos, ou estropeados, perecèrão na quéda.

E lança fora os inimigos.

81 Aqui foi D. João Mascarenhas avisado, que sobre o eirado da Igreja se vião muitos Turcos com dous guiões arvorados, os quaes do alto começavão a escopetear os nossos,

Sobem Turcos á Igreja.

que ja vinhão chegando. Foi aqui grande o perigo, porque como tudo erão armas de fogo, obrava menos o valor, que a contingencia. Os nossos erão menos de sessenta, os Turcos mais de cem. E vendo Dom João Mascarenhas, que em quanto aquelles sustentavão o lugar, cresciāo outros, mandou que lhe trouxessem escadas, ordenando o caso, & a necessidade, que na sua mesma fortaleza désse elle o assalto. Encostárão os nossos ao muro huma pequena escada, & o primeiro soldado, que se lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas, que os Turcos lhe dérão. Chegárão logo escadas mais capazes, & arrimadas ao muro, querendo o Capitão mór sobir primeiro, lhe fizérão os soldados justa força para que não passasse. Acommettèrão os nossos a sobida pelas paredes do Apostolo Sanctiago, cuja a Igreja era, assegurandolhes o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebrárão duas escadas, porque entre os nossos a competencia, & o ardor de qual havia de sobir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão mór com as palavras, & com o exemplo animava os soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga mui travada; dos nossos alguns caírão mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavão debaixo, a impaciencia de não ter lugar para sobir, causava maior dor, que as feridas que vião receber aos companheiros, porque ainda em tão prolixo, & perigoso cerco, os não fartava a guerra. Cortavãose huns aos outros com estranha crueza.

Vai o Capitão tráz elles.

82 Juzarcão animava, & soccorria os seus

com nova gente; assi encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o eirado ou abobeda da Igreja. Emfim os nossos a preço de seu sangue cavalgárão o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, & do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se achárão, obrárão de maneira, que merecia só esta facção particular Historia; porèm nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mortos quasi todos os Turcos, huns na quéda, outros na resistencia; & sempre serião os melhores os que merecèrão ser escolhidos para facção tão grande.

E retirão-se.

83 O Capitão mór entendendo, que nos baluartes inda durava o assalto, levou os companheiros a descansar em segundo perigo; & visitando as estancias achou os nossos tão empenhados na resistencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavão tantos mortos, que lhes faltava a terra, cujos corpos facilitavão a sobida do muro. Rumecão de fóra animava, ou reprendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que combatião, incitandoos com premios, ou castigos, mostrando em todas as facções d'este cerco valor, & disciplina. Dom João Mascarenhas não descansava, ordenando, & provendo o necessario em todas as estancias, de sorte, que em nenhum perigo o achavão os companheiros menos. Neste dia, que foi do Apostolo Sanctiago, parece que nos quiz mostrar o Sancto, que era a victoria sua,

não menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

84 Durava a briga de huma, & outra parte cruel, & temerosa, & Juzarcão com a dor viva de não effeituar a escala da fortaleza, que lhe foi tão custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porèm de hum pelouro da fortaleza, que lhe deo pelos peitos, cahio atravessado, & morto. E como era pessoa de tanta conta polo valor, & posto que occupava, foi logo a nova derramada pelo exercito, & chegando aos ouvidos de Rumecão, a recebeo com grande sentimento, ou fosse temor, ou piedade; mandou logo tocar a recolher, & retirar o corpo de Juzarcão; perda que se não pode encobrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavão, que ja a victoria não valia o que tinha custado; & quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triumpho? Que bem se mostrava o Propheta estar contra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamente rota; & a estas considerações juntavão outras, accusando a fortuna do General, & as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecão curava estas desconfianças com varios artificios, cobrindo a perda dos seus, & encarecendo a nossa; pondolhes diante dos olhos as mercès do Soltão, & a fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sete soldados, & feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, & forão perto de dous mil os feridos.

Morte de Juzarcão.

E de muitos Turcos.

85 Dom João Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos, & cura dos feridos;

em que não faltou com o cuidado, & menos com a fazenda, que despendeo sem conta, avisou por hum Catur ao Governador do estado das cousas, significandolhe a falta que tinha de gente, munições, & mantimentos. Nesta fusta, ou Catur se embarcou Sebastião de Sá a rogo do Capitão mór, & amigos, dizendo elle, que só no baluarte onde fòra ferido, podia ter saude; a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecèrão suas obras fama, & vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber, & hospedar Dom Jeronymo de Menezes Capitão da fortaleza, enviando logo ao Governador as cartas com os avisos de Dom João Mascarenhas.

O Capitão mór avisa o Governador.

86 Andava neste tempo Dom João de Castro mui cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inverno lhe impedião ter novas, & despachar soccorros; porèm sem perdoar a despesa, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodio com munições, & gente, nos maiores apertos, como logo mostrará a Historia. Tinha abalado todo o poder da India com animo de ir em pessoa descercar Dio, & parece que os successos lhe respondião ao intento, porque os Reys da India lhe fazião mui honradas offertas; & os fidalgos, & soldados, sem soldo, ou mercè, se lhe offerecião.

Cuidados do Governador sobre soccorrer Dio.

87 Neste tempo, que era ja na entrada do mez de Julho, chegou á barra de Goa a nao Espirito Sancto, Capitão Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador, & por roim navegação havia invernado em Melinde; & ainda que chegou com alguma gente enferma, os ares da terra, o cuidado do Governador, & o alvoroço

da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrouse Dom João de Castro com tão opportuno soccorro para engrossar a armada; porèm tardavão novas da fortaleza, que o povo interpretava como indicio de algum mao successo; quando chegárão as cartas enviadas pelo Vigairo, das quaes o Governador entendeo o aperto do sitio, as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavão de gente, & bastimentos; & como o tempo pedia mais conclusão, que conselho, assentou comsigo enviar a seu filho Dom Alvaro de Castro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este acommettimento no principio do inverno. Porèm Dom João de Castro sem deixarse vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro; o que entendido polos soldados, & fidalgos, se lhe viérão offerecer, ainda aquelles, que polos annos, & authoridade ja estavão escusos. Entre estes foi Dom Francisco de Menezes, que depois de occupar grandes postos, se offereceo ao soccorro com praça de soldado; o Governador o levou nos braços, pedindolhe se guardasse para passar na armada em sua companhia; mas vendo que estava resoluto a ir neste soccorro, lhe deu sete navios, para que com elles tentasse o golfão, com os quaes partio Dom Francisco com muitos soldados de brio, & alguns parentes seus, amigos de ganhar honra, que o acompanhárão.

Chegalhe o aviso do Vigairo.

Mãda seu filho Dom Alvaro cõ soccorro.

E primeiro a Dom Francisco de Menezes cõ sete navios.

88 D'ahi a tres dias partio Dom Alvaro, reconciliado ja com o pay da queixa de enviar seu irmão Dom Fernando primeiro, como se lhe tocassem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou grão parte da nobreza, a

Parte D. Alvaro cõ dezenove.

quem o gosto da empreza, & o da companhia do General, fazia desprezar os Turcos, & as tormentas. O Governador lhe lançou a benção, & o embarcou com grande saudade do povo, entregando os filhos pola patria, de quem se mostrou mais amoroso pay, que de seu mesmo sangue. Depois de o Governador dar ao filho algumas instrucções secretas, lhe ordenou, que estivesse á obediencia de Dom João Mascarenhas, sem embargo de o eximir o posto, & assi lho escreveo; porque foi sempre Dom João de Castro justo estimador de virtudes alheas. Erão dezenove os navios da armada, cujos Capitães forão Dom Jorge de Menezes, Dom Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luis de Mello de Mendoça, & Jorge de Mendoça seu irmão, Dom Antonio de Attayde, Garcia Rodriguez de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Attayde Inferno, Dom João de Attayde, Balthasar da Sylva, Dom Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavarez, & Francisco Guilherme.

Capitães que com elle hião.

Aprestos do Governador.

89 Logo que o Governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, & dinheiro, pedido sobre sua verdade, que era só o thesouro que conservou na India, com que se fez senhor dos corações, & fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos vivos.

As mulheres de Chaul offerecem suas joyas.

90 As donas, & donzellas de Chaul movidas de hum mesmo espirito, juntárão todas as joyas com que se adornavão, de ouro, & pedraria, & com liberalidade maior que de mulheres, as enviárão ao Governador, sem preceder obrigação,

ou rogo, significandolhe, que de seus proprios filhos, & maridos tinhão menos saudade, que enveja, pois o acompanhavão; não lemos nos Annaes dos Cesares acção mais generosa das matronas de Roma.

91 Acaso se achava em Goa huma dona de Chaul, chamada Catherina de Sousa, quando chegou o presente, & juntando em huma boceta todas as joyas que tinha, as enviou ao Governador com esta carta:

Senhor, eu soube como as mulheres de Chaul tinhão offerecido a V. Senhoria as suas joyas para a guerra. Ainda que eu me achasse em Goa, não quiz perder a parte da honra, que me d'ahi cabe. Por Catherina minha filha mando as minhas joyas a V. S. Não julgue, em quão poucas são, as que póde haver em Chaul, porque lhe certifico, que eu sou a que menos tenho, porque as tenho repartidas por minhas filhas. E crea V. S. que só das joyas de Chaul, póde fazer a guerra dez annos sem se acabarem de gastar. E a mercè que peço a V. S. he gastar logo estas minhas na ida do senhor Dom Alvaro, porque eu espero em Nossa Senhora, que haja elle tamanhas victorias, que escuse a ida, & trabalhos a V. S. Isto peço em minhas orações, & assi que acrescente a vida a V. S. & o deixe ir a Portugal diante dos olhos da senhora sua mulher, & filhas. Escrita em Goa nas casas de Dona Maria minha filha, hoje onze de Junho. Minha filha Catherina empenharei, se for necessario, para o serviço de V. S.

Offerta, & carta de huma dona.

Não sei se do amor da Patria, se da benevolencia do Governador, nascião estes estremos. Vimos iguaes necessidades na India, mas não

iguaes finezas, como nos dias de Dom João de Castro. Muitos fidalgos acabárão de ser Geneaes, & os velhos arrimados nos bordões se vinhão offerecer para soldados, porque não havia corpo, que pola authoridade, ou polos annos parecesse pesado.

92 Despedido hum, & outro soccorro, ficou o Governador juntando o resto do poder, dispondo o governo da Cidade em sua ausencia; & sempre com hum braço na paz, & outro na guerra, todas as occurrencias do Estado o achavão presente. E porque de munições, & mantimentos havia na fortaleza falta, alem dos que ja tinha enviado, carregou hum caravelão grande, que por ser embarcação pesada, podia mal sofrer os mares. Alguns soldados lha tinhão engeitado, parecendolhes risco sem gloria, lutar com os elementos, mas pola importancia do negocio, desejava entregar a caravela a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, fidalgo, que polo valor, & juizo, lhe era muito aceito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barreto tinha brio, & industria para cousas maiores; que ainda que tinha d'elle Governador alguma leve queixa, seria para não pedir, mas não para engeitar o serviço Real em occasião tão ardua; que elle o tentaria, & da resolução traria reposta. Assi foi, que entendido por Antonio Moniz o gosto do Governador, & que lhe dava huma viagem engeitada de alguns só por difficultosa, a aceitou promptamente. Do successo, & perigos que teve, diremos a seu tempo.

Antonio Moniz aceita ir a Dio.

93 Com a vigilancia do Governador havião

entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo, & trabalho carregavão sobre forças maiores, bem que não tinhão proporção com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcão, não menor no valor, nem melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do Soltão para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecão, que não era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empresa, porque antes queria hum Imperio deserto, que sujeito; que pois nas ruinas da fortaleza estavão ja os Portugueses meios enterrados, quando os não pudessem render como a homens, os matassem como a leões em suas mesmas covas. Rumecão não respondeo com mais, que apontar para as muralhas, & baluartes, todos postos por terra, ja para gloria, ja para desculpa; furioso de lhe parecer que o Soltão estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazerlhe com a morte, ou com a victoria; & como a crueldade o fazia mais obedecido, que o cargo, mandou levantar hum bastião defronte do baluarte Sanctiago, que se obrou com incrivel presteza; o qual guarneceo de artelharia, & gente, que ficando a cavalleiro dos nossos, não podião assomarse, que os não pe[illegible]assem as balas do inimigo.

Vem outro Juzarcão a continuar o cerco.

Levanta o inimigo hum bastião.

94 Deu este negocio ao Capitão mór não pequeno cuidado, porque se Rumecão dera por aquella parte o assalto, como era seu desenho, não podião resistirlhe os nossos defensores, sem

Os nossos o desfazem.

que ficassem descobertos ás balas do inimigo; & resoluto a derribar esta maquina, encommendou a facção aos dous irmãos Dom Pedro, & Dom João de Almeida, os quaes saindo com cem soldados no quarto da modorra, achárão os Mouros huns dormindo, & outros descuidados na confiança do lugar, & da hora, & dando subitamente nelles, fizérão em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metião nas lanças, & espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que pudérão escapar fogindo, despertárão o arraial com gemidos, & vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mesma confusão chegou a Rumecão a nova, & como os perigos da noite se fazem parecer maiores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto de suas sentinellas. Chamou os Cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em arma, & resoluto em soccorrer o bastião com o poder todo, entre ordens, & aprestos, gastou o tempo de obrar, & quando ja chegou, achou a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facção não menos ditosa, que importante; morrèrão 300 inimigos, nenhum dos nossos.

95 Rumecão mandou logo levantar humas grossas paredes defronte do baluarte S. João, asseguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos fazião sentinella, & sobre o terrapleno hia plantando alguma artelharia, para d'aquelle sitio, em mais proporcionada distancia, bater o baluarte. Porèm Dom João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do ini-

migo, em huma noite tormentosa, & escura, lançou quatorze soldados por huma bombardeira, que dando de subito nos Mouros, os lançárão do posto, em quanto os servidores com picões, & outros instrumentos desfizérão a obra, do que sendo Rumecão avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descoberta, ordenando hum assalto geral para o seguinte dia; no qual fez huma pratica aos soldados, incitandoos com as injurias que tinhão recebido de tão poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome, & das feridas; que mais honrados estavão os que alli acabárão, que os que ficárão vivos, sendo no Mundo testimunhas infames de huma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu Rey, vingar seus companheiros, & deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercês do Soltão estivessem seguros, porque havia de premiar, & contar huma a huma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastão de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

Valor de quatorze soldados.

96 Assi os despedio igualmente irritados da gloria, & da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se vião tremolar dos nossos, & chegando aos muros, começárão em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito, com innumeraveis, & differentes tiros de settas, pelouros, & outras armas, ajudando o horror d'este conflicto, confusas, & duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, & turbando os juizos, impe-

Assalto geral.

dião mandar, & obedecer. Sobírão os Mouros ouzadamente os muros, & os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheo, trabalhavão todos por ser primeiros no risco, & nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitão, & despertador de si mesmo, obravão de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que sobírão, com o sangue, & as vidas pagárão a ouzadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succedião outros, incitados huns do valor, outros do General, que debaixo louvava, ou reprendia aos que sobião, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

97 Lançavão os Mouros nos baluartes granadas, panelas, & alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavão entre as chamas, que prendendo nos vestidos os abrasavão vivos. Occorreo o Capitão mór neste perigo com algumas tinas de agoa, que em parte extinguião, ou refrigeravão o ardor do fogo; porèm como o inimigo entendia o dano, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventárão hum remedio mais facil, que efficaz, vestindose muitos de couro, em que o fogo não podia prender tão levemente; & Dom João Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficandolhe as paredes nuas, & os soldados vestidos.

Reparo dos nossos contra o fogo.

98 Fervia a guerra, & apenas se divisava a fortaleza, escondida entre nuvens de fumo, & só a descobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que se via, & o que se ouvia. Estavão ao pé do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonisan-

do; & tudo o que se representava á vista, & ao juizo, era hum feo espectaculo de mortes, horrores, & feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que desigual pola desproporção do numero entre cercadores, & cercados. Mas o baluarte de Luis de Sousa, onde estava Dom Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com maiores ruinas, & foi acommettido pola gente mais escolhida do campo. Porèm fizérão os defensores illustres provas de valor, peleijando entre chamas de fogo com tão nova constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrandose sobre valentes insensiveis. Aqui se singularisou Dom Fernando de Castro com esforço de maiores annos; parece que o valor não esperou a idade. Obrárão este dia os Portugueses cousas dignas de melhor penna, & mais larga escritura. E os mesmos Turcos forão testimunhas fieis de suas proezas, dizendo, que só os Frangues merecião trazer barbas no rosto.

99 Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, que como peleijava em tropas descoberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecão, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, & que os Portugueses havião defendido as ruinas de sua fortaleza, sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, sentindo o dano menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes felice, porque morrendo dos inimigos trezentos, & levando dous mil feridos, não faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficárão bem sangrados. Proveo logo o Ca-

Recolhese o inimigo.

Com morte de trezentos.

pitão mór na cura dos feridos, sendo a benevolencia com que lhes assistia, o primeiro remedio; acodindo aos enfermos com as despesas, & tambem com a dor, & sentimento, parecendo pay na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarias derribavão de dia; porèm acodião todos tão alegres ao serviço, que parecia vinhão a descansar, acarretando as pedras, a terra, & a faxina.

Trata Rumecão entulhar a cava.

100 Vendo Rumecão o risco, & a difficuldade que tinha tomar a fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte São João até o de Sanctiago, obra que encommendou aos Janizaros, os quaes por opinião, ou por valor soberbos, buscavão com ambição os maiores perigos d'este cerco. Erão ja mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, & sentimento; os que restavão assistião a esta obra, que para elles foi de nenhum fruto, & de grande perigo; porque a nossa artelharia os pescava, & a muitos servidores, cujos corpos lançavão no entulho com disciplina barbara, & cruel. Crescia a obra, como era de faxina, & terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis, que nella trabalhavão, chegárão a encavalgar algumas peças, com que fazião dano aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegárão hum Camelo, & mostrava ja a bataria disposição para cousas maiores.

Torna o Vigairo a Dio.

101 Neste tempo chegou á fortaleza o Vigairo João Coelho com nove soldados em huma embarcação pequena; & ainda que achou os mares grossos, & os ventos ponteiros, o trabalho, & a necessidade fez vencer o perigo. Referio, que

o Governador se aprestava com vivas diligencias para acodir ao cerco, & os grossos soccorros, que ja tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfão; & que muitos impacientes na tardança tinhão tentado os mares. Pola fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folias, & musicas; & pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes parecião navios: tão credulos são os homens em qualquer esperança. Forão os Mouros sabedores das novas do soccorro, & antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavão, dispusérão hum assalto geral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao Mundo, & ao Soltão desculpa com as mortes, com o sangue, & com as ruinas.

Novo assalto.

102 Começou a bataria aquelle dia com vinte & tres Canhões, & alguns Basiliscos, & a continuárão até o pòr do Sol, & no seguinte dia até as tres da tarde. Arruinárão a mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, polas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegárão logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé polas ruinas da bataria; porèm o Capitão Luis de Sousa, Dom Fernando de Castro, & Dom Francisco de Almeida com outros valerosos soldados, que o guarnecião, os recebèrão nas lanças com tal furia, que os fizérão voltar, huns mortos, outros estropeados. Succedèrão logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizérão aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se peleijava com a mesma fortuna, sendo o dano igual

nos Mouros, & o valor nos nossos. Estava tão rasa a bataria, que os Mouros peleijavão com os nossos iguaes no sitio, como em campo partido, servindolhes as ruinas de escada, mas com grande vantagem do numero, & instrumentos de fogo. Porèm os nossos merecèrão este dia huma immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de tão desigual batalha; porque dos inimigos aos cansados, ou feridos, lhes succedião outros; os Portugueses sempre os mesmos, não mostravão no valor, ou no tempo differença.

Resistencia dos nossos.

103 Dom João Mascarenhas andava por todas as estancias mandando, & peleijando, humas vezes Capitão, & outras companheiro de todos; & vendo que o baluarte S. Thomé tinha o maior perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora por aquellas honradas matronas, que desprezando o risco, & o trabalho, acodião opportunas a servir entre as lanças, & os pelouros, com nunca visto exemplo, & algumas exhortações aos soldados com juizo, & valor grande; outras com regalos, & mimos os esforçavão, parecendo que buscavão, ou merecião fama igual com elles. Tinhamos o vento contrario, & levantando nuvens de pó da terra movediça, que os Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estivérão a risco de perderse só por este accidente; porèm elles peleijando com os olhos cerrados, acommettião os Mouros, mais attentos a offender, que a repararse. Os inimigos peleijavão desesperadamente, acordandolhes Rumecão por momentos a honra de seu Rey, & a sua.

104 Juzarcão com os soldados de sua obediencia acommetteo o baluarte S. João com tanto valor, que estivérão os nossos em grande perigo; porque depois de derribar os primeiros que havião sobido, tornárão outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentárão a peleija igual por muitas horas, até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perdèrão o lugar, & as vidas. Aqui foi maior o esforço, & tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças ja lassas, & quebradas, sobreviérão outros Mouros de novo, porèm elles, como se tivérão poupadas as forças, & o espirito para o maior trabalho, assi rechaçárão os ultimos, como os primeiros.

Juzarcão enveste o baluarte S. João.

105 Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, nem desigual fortuna; & sem particularizar accidentes, podemos ajuizar polo successo, os casos d'este dia; porque deixou o inimigo mil & seiscentos mortos, fóra innumeravel copia de feridos; cousa incrivel de pouco mais de duzentos soldados, que serião os nossos; assi o achamos escrito nas Relações, & Historias d'este cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com penna mui escaça. Nós ficámos com tres soldados menos, & com trinta feridos.

Perda grãde dos inimigos.

106 Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou a fortaleza quasi em roda arruinada, & aberta, faltandonos para reparala tempo, materiaes, & gente; porèm furtavão os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite, & derribando as casas da fortaleza, se servião das pedras, & madeiramento, fazendo huma forma

de defensa subita, & furtiva, mais conforme ao tempo, que á necessidade.

Necessidades da fortaleza.

107 Faltavão as munições, & os mantimentos, porque não havia mais polvora, que a que se podia fazer dia por dia, pouca, & mal enxuta; falta que ja começavão a conhecer os Mouros, concebendo esperanças, & ouzadia para aturar o cerco, avisados, que a esta necessidade respondião as outras, porque ja valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, & ainda a falta d'elle era maior, que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comião gralhas, que acodião a cevarse nos corpos mortos, as quaes os soldados matavão, & vendião por excessivo preço. Chegou emfim a tanto extremo a fome, que não perdoavão a cães, & gatos, & outras viandas semelhantes, nocivas, & immundas; & com tão miseravel alimento reparavão as forças, desprezando perigos, & trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos, as paixões, ou affectos da mesma natureza.

Como se remediou a falta de panelas de polvora.

108 Entre outros instrumentos offensivos, que faltavão, erão panelas para a polvora, de que se serve a milicia da India em mar, & terra; e neste cerco forão de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro, & breadas por fóra, de que pendião murrões com as pontas accesas, & arrojandoas entre os inimigos, abrasavão a muitos, & com este facil engenho, ajudárão os nossos a victoria.

109 Desejava o Capitão mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, & ardiloso nos encobria seus desenhos com estranho

recato; alèm de que do forte do mar havia tido aviso, que as mais das noites chegavão alguns Mouros até a ponte da fortaleza, onde paravão, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, & a continuação, mostravão não ser a diligencia acaso; polo que Dom João Mascarenhas encommendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, & que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum destes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros polas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando só espadas, & rodelas; & chegando ao lugar determinado, se baquearão em terra para não ser vistos dos Mouros, & a pouco espaço applicando o ouvido sentírão gente, que vinha a demandar a ponte; & levantados acommettèrão subitamente os Mouros, que erão dezoito, que como se vírão de improviso assaltados, voltárão as costas aos primeiros golpes, ficando só hum Nobi no campo, que se defendia com huma lança mui valerosamente; porèm Martim Botelho, vendo que era mais importante prendelo, que matalo, lhe desviou hum bote de lança com a espada, & arcando com elle, o trouxe apertado nos braços até a fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

Tomão os nossos hũa lingua.

110 D'este prisioneiro soube o Capitão mór os intentos do inimigo, servindose do aviso para se vigiar de alguns ardís, que maquinavão os Turcos. Mais lhe disse, que faltavão no exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; & que os soldados

Que novas deu do inimigo.

de melhor voto, desconfiavão da empresa, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga, que o mar fizesse; porèm que Rumecão com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empenhado na honra, & na palavra, que havia dado ao Soltão. E assi aconselhado de hum engenheiro Turco de Dalmacia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomé, onde estava Dom Fernando com Diogo de Reynoso, & outros Capitães, & Cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que os nossos podessem rastrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os instrumentos de fogo não erão tão praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito erão Turcos, parece que assi trouxérão o valor, como a disciplina.

Minase o baluarte S. Thomé.

111 Em quanto se trabalhava na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo publico, não dessem no secreto; & por nos divertir a attenção com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, & postos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escala, & determinando dar o assalto aos dez de Agosto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas estancias; & porque d'esta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim á fortaleza, industriado de hum sotil engano, o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia, dizendo, que o recolhessem dentro, porque queria tratar com o Capitão cousas de grande peso.

Trata Rumecão divertir-nos.

Recolhido, & escutado por Dom João Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdição do estado em que se achava, pois nascido de pays Christãos, perjurára a fé paterna em que fora criado, como fruto abortivo de Catholicas plantas, & que agora ja com os olhos abertos vinha bater ás portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo tão perdida ovelha; que esta era a miseravel relação de tão desconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltão tivéra aviso, como o Mogor com poderoso exercito entrava polos confins do Reyno, pondolhe tudo a ferro; & que Juzarcão, que pouco antes viéra ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se unir com Rumecão, & juntos fazerem opposição ao inimigo; que com esta resolução mandára recolher a artelharía; porèm que estivesse avisado para esperar hum assalto geral ao seguinte dia, porque queriâo os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. Dom João Mascarenhas lhe louvou, & confirmou a resolução Catholica, que havia tomado, & no mais lhe agradeceo o aviso, tornandoo a lançar polo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houvesse no campo.

112 Derramouse pola fortaleza a nova de levantarse o cerco com a certeza do futuro assalto, & os soldados alegres vestírão aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitão mór achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opinião de todos era o ul-

timo de tão prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

Dom Fernando doente acode ao baluarte.

113 Dom Fernando de Castro estava de cama, curandose de febres, & sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza; o que Dom João Mascarenhas tratou de lhe impedir, humas vezes como Capitão, & outras como amigo; mas como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude, que contra a opinião, vestindo armas, & acodindo ao baluarte.

114 Amanheceo o dia do glorioso S. Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acodírão a suas estancias fidalgos, & soldados, com tanto alvoroço, como se ja tivérão posse do premio, & da victoria. Logo vírão de longe abalarse o exercito inimigo com ordenada marcha, derramandose em torno da fortaleza. Laborava a nossa artelharia com não pequeno effeito, porque o inimigo, como soldado, sofreo a carga sem descompor a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, & arvorar escadas para dar o assalto. Chegárão a acommetter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusão do conflicto servisse de coberta ao engano do fogo, que tinhão maquinado. Fazião os nossos grandes gentilezas nas armas, como quem se apressava a descansar na victoria, promettida no termo d'este dia.

Finge o inimigo novo assalto.

115 No baluarte S. João se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o sinal de se dar fogo á mina, retirandose a hum mesmo tempo todos; porèm o te-

mor igual, & subito nos descobrio o engano. Bradou logo o Capitão mór dizendo, que deixassem o balnarte, para que sem dano rebentasse a mina, ja conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedecèrão todos ás vozes do Capitão mór, deixando o posto; porèm Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustenteu o lugar, tratando de covardes aos que o desemparavão. A estas vozes tornárão todos a occupar o posto, não querendo seguir a razão, senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, & aquelles valerosos defensores sustentárão mortos o lugar, que defendèrão vivos. Aqui acabou Dom Fernando de Castro em idade de dezenove annos, levantado de huma doença, que a natureza pudéra fazer leve, & o valor fez mortal. Morreo Dom Francisco de Almeida, continuandose nelle o valor, & as desgraças dos de seu appellido. Aqui ficárão tambem sepultados Gil Coutinho, Ruy de Sousa, & Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tantas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. Dom Diogo de Sottomaior, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da quéda. Alguns caírão no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens perecèrão nesta desventura, & treze que escapárão com a vida, ou ficárão feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos d'este incendio. Nós por não lastimar a attenção de quem ler esta Historia, quizeramos nos successos de tão illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. Admirarãose os nossos de ver, que foi tão grande

Dá fogo a mina.

Pessoas que perecèrão nella.

o effeito da polvora opprimida, que as pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulso, matárão muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais á vontade da natureza, que ao regulado limite do inventor da mina.

116 Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumecão entrar quinhentos Turcos polas ruinas do baluarte abrasado, seguindoos de tropel o restante do campo; porèm achárão cinco valerosos soldados, que lhes fizérão rosto, sustentando largo espaço o peso de tão nova batalha. Verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porèm calificada então na confissão dos proprios inimigos, & agora nas cãs de tantos annos. Acodio logo áquella parte Dom João Mascarenhas com quinze companheiros, & vio dous espectaculos; hum que merecia lastima; outro espanto; & soccorrendo aos cinco soldados fizérão todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastárão a retardar a furia de hum exercito ja quasi victorioso; caso que referido só com a verdade núa, excede tudo o que escrevèrão, ou fabulárão os Gregos, & Romanos.

Valor notavel de cinco soldados nossos.

117 Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavão ja senhores do baluarte abrasado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijavão, corrèrão áquella parte como de mór perigo, & quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formárão hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos contão nossas Historias, que commettèrão o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acodírão

a ministrar lanças, pelouros, & panelas de polvora; & aquella valerosa Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, & com as palavras, dizendo em altas vozes: Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rey, Cavalleiros de Christo, porque elle está com vosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria huma tão larga porta, determinárão este dia concluir a empresa, incitados do General, & da occasião, peleijando ja como favorecidos; os que combatião no baluarte, pola ambição de ser primeiros em facção tão illustre, se portavão com mais ardor, que os outros; & como erão Janizaros, & Turcos querião só para si a gloria d'este dia. Rumecão mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversão, em poder tão pequeno, facilitar a entrada.

Esforço de Isabel Fernandez, & mais mulheres.

118 Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, & descançados; os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acodio o Vigairo João Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa defendião, era o Author das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, & fortes companheiros, parecião que obravão com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, & espirito com que a começárão.

O Vigairo anima os soldados.

119 Ja declinava o dia, & os Turcos com os nossos mortalmente abrasados, por humas mesmas feridas vertião sangue proprio, & alheo; &

como hum exercito inteiro carregava sobre tão poucos defensores, chegárão os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida. Parecerá exageração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portugueses obrárão neste dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da illustre Dio, lhes será cada pedra hum epitafio mudo. Porèm dos cinco Cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes forão Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bertholameu Correa, Mestre João Cirurgião de nome. Com a peleija se acabou o dia; mandou Rumecão tocar a recolher depois de haver perdido neste assalto setecentos soldados, & sem conta os feridos, de que morrèrão muitos, mal assistidos na cura, porque pola multidão cansavão os mestres, & faltavão os remedios. Dos cinco Cavalleiros, que defendèrão o baluarte, morreo só Mestre João despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retirárão como pessoa tão importante pola arte, polo valor não menos. Isabel Madeira sua mulher acodio a atarlhe as feridas mortaes, & depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas, & grande sentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto ainda no varão mais constante.

Nomes dos cinco soldados.

Retirase Rumecão.

Particular valor de Isabel Madeira.

120 Logo que se retirou o inimigo, mandou Dom João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavão nas ruinas do baluarte, sendo levados de hum sepulchro a outro. Forão enter-

rados juntos pola estreiteza do lugar, & do tempo; faltando funebres honras, & piedosas lagrimas a tão honradas cinzas; porèm dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixárão de huma vida sem nome ociosa memoria. A Dom Fernando de Castro depositárão em separado enterro, por se o Governador seu pay quizesse trasladarlhe os ossos a lugar differente; lavrarlhehia tumulo mais soberbo, porèm não mais illustre. Depois que o Capitão mór cobrio aos companheiros de piedosa terra, acodio a reparar o estrago, que deixára o assalto nas paredes; a que ajudárão as mulheres companheiras do trabalho, & perigo, sem reservar tempo, & lugar para a dor, & lagrimas dos filhos, & maridos, que vírão espirar com seus olhos, & ellas mesmas havião sepultado, encobrindo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

Determinação do Capitão mór.

121 Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue, & do incendio; chamou o Capitão mór a conselho os poucos companheiros, que sobrevivèrão ao estrago, representandolhes o miseravel estado em que se achavão; a maior parte dos defensores mortos; os que ficavão, enfermos, & feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento; as munições gastadas, a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante, & soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas; o que considerado pedia a todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderião salvar a hon-

ra de seu Rey, & as suas; que entendessem, que estavão como espectaculo do mundo, & tinhão sobre si os olhos do Oriente todo, expostos a merecer a maior fama, ou a maior infamia; que se não podião alcançar a victoria, podião privar della aos inimigos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando maior honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução em que estava, esperando, que todos a approvassem, a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento, & munições que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, & sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não pudesse chamar victoria aquella, em que não acharia cativos, nem despojos. Ouvido Dom João Mascarenhas, não houve soldado a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa. Diga Roma, se acha nos seus Annaes escrita huma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipiões, ou Marcellos.

Viagem de D. Alvaro de Castro.

122 Em quanto estas cousas passavão, andava Dom Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte & quatro de Junho, tempo em que se não deixão navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, & desprezando o da armada, forçava o remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão, & os mares andavão tão cruzados, & soberbos, que comião os navios; huns abertos com a força do vento, outros sem mastos, & desenxarceados andavão sem governo á vontade das ondas, & se hião alagando por hum, & outro bordo, sem nenhum

obedecer ao leme. Dom Alvaro obstinado em soccorrer a Dio, andava a huma, & outra parte errando, vendose por momentos soçobrado; até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fóra, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva: outros tomárão differentes portos, & enseadas. Aqui achou Dom Alvaro a Dom Francisco de Menezes arribado com a mesma fortunà, depois de haver huma, & outra vez tentado o golfão, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as munições, & mantimentos que levava, por salvar o casco.

Arriba a Baçaim.

123 Neste tempo chegou Antonio Moniz Barreto com o caravelão das munições; & como era tão geral a tormenta, esteve muitas vezes perdido, & surgindo o entregou a Dom Alvaro com animo de passar a Dio, a despeito dos mares, em qualquer embarcação que achasse, como saboreado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a cassear o caravelão, & trincou duas amarras; & como era baixel tão importante, por trazer as munições do soccorro, tentou Dom Alvaro acodirlhe; & por mais que trabalhárão os marinheiros, não pudérão chegarlhe com a força do tempo. Porèm Antonio Moniz Barreto, metendose em huma Galveta, que acaso achou na praia, os de terra o virão mil vezes soçobrado; mas como era embarcação tão leve, & não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Emfim chegou, deu cabo ao caravelão, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razão, trouxe atoado. E fazendo discurso, que só aquella embarcação, por leve, & pequena po-

Chega Antonio Moniz a Baçaim.

Salva o caravelão dos mantimentos.

deria penetrar mares tão grossos, na qual faria menos impressão o choque, & embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, & com alguns marinheiros pagos á sua vontade, se veo embarcar nella. Estava acaso na praia Garcia Rodriguez de Tavora, & vendo a resolução de Antonio Moniz, lhe pedio o levasse comsigo; escusouse o Moniz dizendo, que lhe não convinha acompanharse de homem tão grande, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si este perigo, sem que na sua embarcação parecesse segundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda parte confessaria, que elle era o que o levava, & que disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se tratavão naquelle tempo os pontos da opinião. Satisfeito Antonio Moniz d'este comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; & vendoos fazerse ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de corpo agigantado, & maior ainda no brio, que na estatura, bradandolhes de terra, lhes disse: Como, senhores, sem mim passais a Dio? Não cabeis cá (lhe respondeo hum d'elles.) Mas o valeroso soldado, lançandose ao mar vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a Galveta. E vendo Antonio Moniz tão grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que levava hum bom soccorro a Dio, em tão bom companheiro.

Partem dous fidalgos para Dio.

Miguel de Arnide os acompanha.

124 Forão aquelles fidalgos navegando com tempos tão rijos, que andárão todo aquelle dia, & noite á misericordia dos ventos, obedecendo a Galveta aos mares sem carreira, ou governo. Humas vezes a fazião sordir as ondas, outras perder o que tinhão canjado. Forão correndo com huma moneta ao pé do masto á discrição

Perigos da viagẽ.

dos mares, que a alagavão por hum, & outro bordo, os quaes apenas podião vencer com baldes. Nesta fadiga, & risco passárão a noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridão d'ella, & cerração do tempo, podessem conhecer a paragem em que estavão. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, & elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houvérão vista da fortaleza; porèm tão arrasada, que apenas se dava a conhecer polas ruinas. Chegárão emfim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a fortaleza perdida. Bradou Antonio Moniz alto, & sendo ouvido dos de dentro, forão correndo dar aviso ao Capitão mór. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem erão? respondèra hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Moniz sofrendo mal, disse: que elle era o que alli vinha; & pudéra a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodriguez cortès, & comedido, não temperára o animo de Antonio Moniz justamente sentido; se bem o tempo, & o motivo pudérão fazer desprezar queixa tão leve. Chegou Dom João Mascarenhas, & levandoos nos braços, lhes disse, quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moniz, onde se achava Dom Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouvírão: Aqui, senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta navios, & com a primeira vaga do tempo lhe vereis as bandeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccor-

Chegão a Dio.

Desconfiança briosa destes dous fidalgos.

Dão novas de D. Alvaro.

relo. Esta nova foi festejada de maneira, que os soldados com danças, & folias, esquecião os trabalhos passados, na esperança do soccorro vezinho; & os que havião militado com Dom Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificavão a vinda a despeito dos mares, & dos ventos.

125 Dom João Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. João, & S. Thomé, que erão os mais arruinados, dandolhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Não era neste tempo menor o risco, mas ja menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcação, em que viera, a seu primo Luis de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Passárão nella alguns soldados estropeados com cartas do Capitão mór a Dom Alvaro de Castro, em que lhe dava conta de todo o succedido, referindolhe em somma as necessidades que temos relatado. Chegou a Galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a virão, polas novas de estar ainda por elRey a fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui sentida a de Dom Fernando de Castro, que em tão verdes annos deixou de si tão honrada memoria. Dom Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio acharse com a espada na mão para vingala. E logo aquella mesma tarde mandou sair a armada com ordem, que todos posessem a proa em Dio, & que nenhum navio aguardasse por outro.

Avisa o Capitão mór a D. Alvaro.

O qual sae de Baçaim.

126 Entretanto Rumecão vendo, que obravão mais as minas, que os assaltos, sabendo de alguns escravos, que da fortaleza havião fogido, da fome, & do perigo, o sentimento com que os

Continua Rumecão as minas.

nossos estavão pola falta de tantas pessoas illustres, que acabárão na mina, & a estreiteza com que se repartião as munições, & mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obravão com menos risco, & com maior effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, & o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, & encobertas, para nos esconder o desenho, & assegurar os seus trabalhadores. Dom João Mascarenhas cauto, & prevenido, arguindo d'aquella breve pausa, que fazião as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendose do baluarte de Antonio Peçanha, mandoulhe fazer alguns repairos, & abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava o muro; o qual o inimigo achou tão forte, que o não podia romper o picão; difficuldade que venceo com vinagre, & fogo. Donde se vè, que a estes inimigos da Asia, não faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem, os que em abatimento de nossas victorias, imaginárão os Mouros Orientaes barbaros, & bisonhos. Com este artificio começou a arruinar o muro; & logo entre o baluarte S. Thomé, & o Cubello, ordenou Rumecão, que se lavrasse a mina, a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizérão contramina, & alevantárão por dentro huma parede forte; & como estavão faltos de materiaes, & gente, acodírão aquellas honradas matronas ao serviço de tão pesada obra em beneficio dos feridos, & enfermos, que não podião suprir este trabalho, nem tão pouco escusalo.

Os nossos acodem ao reparo dellas.

127 Logo que Rumecão teve posta em perfeição a mina, determinou á sombra d'ella dar

hum geral assalto, & chamando a si os Cabos do exercito, & os que estavão escolhidos para escalar o muro, escrevem, que lhes fez esta falla:

Anima Rumecão os seus para outro assalto.

Aquellas ruinas, que estais vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardão aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome, & as feridas tem tirado as forças de sorte, que só peleijamos com as sombras dos que ja forão homens, offerecendo os miseraveis aos nossos alfanges, vidas sem sangue. A honra que neste cerco tem ganhado com valor infelice, ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomão nome as empresas; que o mundo julga sempre o valor da parte da ultima fortuna. Acabemos de ganhar aquella fortaleza, subamos a este monte de triumphos, vingaremos infinitas injurias com huma só victoria. Livremos esta escrava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empresa, & se acordará o Oriente idades largas com alegre memoria de tão fermoso dia.

128 Acabada a pratica, fallou, & animou aos particulares com razões accommodadas ao tempo, & ás pessoas, sinalando premios aos primeiros, que sobissem ao muro, como pudéra o mais sabio, & pratico Capitão da Europa. No mesmo dia, que foi o de dezaseis de Agosto, sahio o inimigo com todo o poder, de seus alojamentos, & repartindose ordenadamente polos baluartes, deixou o maior grosso do exercito, para acommetter o de Sanctiago, por onde esperavão abrir a porta á victoria; ao qual se arrojárão

Commettem o baluarte Sãctiago.

tumultuariamente, dando espantosas vozes, & tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem á defensa a maior força dos nossos. Ateouse por esta parte com maior calor a briga, até que na força do conflicto, fingindo o inimigo, que cedia á nossa resistencia, se retirou subitamente, como a sinal certo. Os nossos, que estavão sobre aviso, conhecendo o engano no temor simulado, com que se retrahião, se apartárão tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Derãolhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, & escarpas do muro, que lhe contraposérão, rebentou pola face de fóra retrocedendo; & voando a cortina do muro, a lançou sobre os Mouros com tão grande violencia, que matou mais de trezentos, & muitos mais ficárão estropeados.

Rebenta a mina com dano dos inimigos.

129 Ficou a fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pó, & fumo, sem que de huma, & outra parte se conhecesse o dano; mas logo que se começárão a adelgaçar os ares, acodio o inimigo em tropas a sobir polos estragos, & ruinas do fogo com tanta certeza de victoria, que huns aos outros fazião impedimento, estimulados da cobiça do premio, ou da ambição da honra. Porèm os nossos os recebèrão nas lanças, fazendoos voltar em pedaços sobre os oprimidos da mina. Tras estes acommettèrão outros, que depois de peleijarem grande espaço, forão tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinavão muitas settas, chuços, & alcanzias de fogo, que tiravão do campo, com que nos encravavão alguma gente, & impedião a defensa aos soldados attentos a hum, & outro perigo; porèm assi abrasados, & feridos, não houve al-

U 2

gum que largasse o lugar que sostinha, onde fizérão tão heroicos feitos, como se deixão ver no successo, & na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavão no baluarte, era tanto, que os nossos peleijavão em hum incendio vivo, a que o Capitão mór occorreo mandando trazer tinas de agua, onde mitigavão, ou extinguião os vestidos, & corpos abrasados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambem aqui lhe fez opposição maior a força dos nossos, com que se acendeo a peleija mais viva, soccorrida dos Mouros por momentos com gente de refresco, & assistida com a presença, & voz do General, que os esforçava.

130 Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tavora, dérão aqui de seu valor huma illustre prova, sostendo o peso dos inimigos com constancia não vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra d'este dia coube áquellas nunca assaz louvadas matronas, não só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos, animava aos soldados com palavras, & melhor com o exemplo; & as de mais entre as settas, as lanças, & pelouros, ou mostravão seu esforço, ou servião ao alheo.

Continuão as mulheres seu valor.

131 Nos outros baluartes não estavão as armas ociosas, porque em todos se peleijava, para com a diversão facilitar a entrada polo de Sanctiago onde havia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecão, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrasada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porèm os nossos dérão tão grande

pressa aos inimigos, que chegavão ja froxos, & tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

Retirãose os inimigos com perda.

132 Mandou Rumecão tocar a recolher impaciente, deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; & como a tão crescida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecão, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, & do valor dos Portugueses fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias d'este dia, dizia, que erão dignos de que os servissem as gentes; & que a fortuna do mundo estava em serem elles tão poucos, porque a natureza, como a leões, os tinha feito raros, encerrandoos nas covas do ultimo Occidente.

Mojatecão louva o valor dos nossos.

133 Este dia perdemos sete soldados, & ficárão vinte & dous abrasados, & ja os sãos erão tão poucos, que não bastavão a curar os feridos, & menos a repairar as ruinas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, & gente; mas como Rumecão achava nos assaltos tão dura resistencia, fazia de nossas forças differente conceito. Neste tempo fugírão para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados a Rumecão, lhe affirmárão, que na fortaleza não havia sessenta soldados, que podessem tomar armas, & estes muito debilitados com a fome, & continuo trabalho das obras,

Avisado Rumecão de tres escravos fugidos.

& vigias, nos quaes não acharia mais que obstinação sem forças. Com a certeza d'este aviso, resolveo Rumecão assaltarnos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achavamos, & mandando, que todos o ouvissem da boca dos escravos; os quaes discorrendo polo exercito, espalhavão alegres a relação de nossas miserias.

Dá outro assalto.

134 Logo que amanheceo se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o ultimo da guerra, se quizérão achar todos, & alguns vestírão galas, crendo, que hião mais a triumpho, que a peleija. Saírão de seus alojamentos, com todas as insignias arvoradas, tocando diversos instrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavão eccos barbaros, & medonhos; & como trazião vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe se avançárão ao baluarte S. Thomé, que por estar quasi todo arrasado, as ruinas lhes servião de escadas. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremetèrão confiados, como a dar a victoria; porèm os nossos quebrando entre elles algumas panelas de polvora, os fizérão retirar abrasados. Com a mesma furia chegárão outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltárão tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumecão, crendo, que tão continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro, que cortando se gasta, ajuizando nossa fraqueza de seu mesmo estrago, bradou aos seus, que sobissem a tomar posse da fortaleza, que ja não havia quem se lhes oppozesse. Aqui arremeteo tumultuariamente hum grão troço de

Valerosa resistencia dos nossos.

Mouros esforçados, ou credulos ás vozes do General. Estes com o primeiro alento cavalgárão o muro; & começárão a peleijar com os nossos braço a braço, muitos, & descansados contra poucos ja lassos, & feridos; porèm tirando forças do brio, & necessidade, se mostrárão tão valentes aos ultimos, como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahião, & succedião outros, com que esteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui acodio Dom João Mascarenhas animando os seus; como grão Capitão, peleijando como o melhor soldado, & próvido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que se ajudavão os nossos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luis de Sousa Capitão d'aquelle baluarte, fez grandes gentilezas nas armas este dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Pedro, & Dom Francisco de Almeida, fizérão obras dignas de maior escritura; & todos os mais Cavalleiros, & soldados, que aqui se achárão, alcançárão bem merecida fama.

Acommette Rumecão o baluarte S. João, & retirase.

185 Mandou Rumecão acommetter o baluarte S. João, crendo pola informação dos escravos, que achasse a entrada franca, mas obrárão tanto os poucos defensores que tinha, que obrigárão a retirar o inimigo com perda, & com vergonha. Rumecão assombrado do que via, affirmava, que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaya, & segunda vez tratou de applacar Mafoma com algumas expiações barbaras, & ridiculas; & porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto, & os soldados ja timidos desprezavão a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como

artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas sétteiras na parede, que dividia o exercito da nossa fortaleza, por onde recebião os nossos muito dano, porque peleijavão como em campo raso, sem abrigo da muralha, que estava arruinada. Começárão a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

Intenta arrombar a cisterna.

136 Ordenou que com hum Quartão se batesse a cisterna, a qual, se chegára a arrombar-se, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está á entrada de huma rua, que chamamos a Cova, que foi a cava antigua dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahião muitos pelouros com dano dos miseraveis, que alli se abrigavão, & perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitão mór, ordenando huma tranqueira alta de vigas, & entulho, com que remedeou hum, & outro dano, furando as casas pola parte de dentro, com que de humas a outras se dava serventia segura.

Rebenta outra mina cõ dano dos inimigos.

137 Entretanto trabalhavão os Mouros na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago, o que entendido dos nossos, ordenárão por dentro repuxos fortes, & abrírão alguns vãos por onde se vazasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas, que deu com parte do baluarte para a banda de fóra, matando quantidade de soldados, & mineiros, que assistião na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro; seria caso, mas tão raro, que pareceo milagre. Em rebentando a mina, sobírão de tropel os Mouros polas ruinas do baluarte, donde se lhe oppozérão os nossos, desvela-

Perigo grãde dos nossos.

dos das continuas vigias, debilitados das fomes, & feridas, sustentados mais na grandeza do espirito, que em forças naturaes; mas ainda assi os animou a honra, & o perigo, de sorte, que parecião peleijar com forças descansadas, & inteiras, detendo a furiosa corrente do inimigo á custa d'elle mesmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, & a desigualdade do numero fazia o perigo maior. O ruido das armas, a confusão das vozes, impedião mandar, & obedecer. Caírão muitos Mouros, mas pola diligencia dos Cabos, lhes succedião outros, com o que não deixavão respirar os nossos, acommettidos de longe com armas de arremesso, & de perto peleijando braço a braço. Assi aturárão muitas horas esta dura contenda. Tivérão os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de espingardeiros. D'este lugar forão descendo ao muro até a Igreja do Apostolo Sanctiago, que ficava encostada ao mesmo baluarte, metendose nos altos da casa; com o que ficou o baluarte, & a Igreja, ametade sustentada dos Mouros, & a outra dos nossos.

Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sanctiago

138 Sobreveo a noite, pondo termo á discordia, não a paz, senão a natureza; & ainda assi com golpes vagos, & incertos continuárão huma cega batalha. Ordenou logo o Capitão mór huma fraca trincheira, que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual se obrou com as armas nas mãos, quasi furtiva, ficando por alojamento dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas, podião ter seguros hum pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhão tempo, ou lugar opportuno. Não descansava o Capitão mór com as armas, & menos

Cuidado do Capitão mór nos reparos.

com o espirito. Mandou aquella noite assestar hum Camelo á porta da Igreja, que ficava a cavalleiro do baluarte, & com elle varejava os Mouros, que recebião muito dano, em quanto conservavão a posse do que tinhão ganhado, até que se cobrírão com huma trincheira grossa, que os assegurava.

Sae de Baçaim Luis de Mello.

139 Não se passava menos perigo no mar, do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a Galveta de Antonio Moniz, ao outro dia, que se contavão quatorze de Agosto, se embarcou nella Luis de Mello de Mendoça com quinze companheiros, & após elle em hum Catur Dom Jorge, & Dom Duarte de Menezes com dezesete soldados; & Dom Antonio de Attayde, & Francisco Guilherme cada hum em seu navio com quinze soldados. Luis de Mello se foi logo engolfando, sordindo pouco, porque levava o vento polo olho, & quanto mais se afastava da terra, via os mares mais grossos; & como a Galveta era pequena, & estroncada, & as ondas tão soberbas, que rebentavão em flor, quebrandose cruzadas com a força do temporal, começou a entrarlhe a agua por hum, & outro bordo, que os marinheiros despejavão com baldes, vendose por momentos soçobrados, com que ja areados, & timidos, grumetes, & soldados requerião a Luis de Mello, que arribasse, dizendo, que sabião peleijar com homens, & não com os elementos; que ja não era valor, senão porfia, perderemse sem fruto; que contra a indignação de Deos, não valia esforço. Porèm Luis de Mello os applacou, dizendo, que naquella Galveta, & com a mesma tormenta passára Antonio Moniz, que não levava melhores companheiros que elle,

Perigos q̃ tem na viagem.

nem lhe tinhão mais cortesia os mares; que ninguem acabára cousas grandes sem perigo; & que quando seus companheiros, & amigos estavão ás lançadas com os Turcos, não havião de esperar os mares leite, & os ventos galernos para ir a soccorrelos; que quando as ondas lhe comessem o navio, sobre a espada havia de chegar a Dio; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

140 O temor, ou o pejo d'estas palavras, fez por então aquietar a todos; assi forão aquella tarde, & noite lutando com a tormenta, esperando que cada onda os soçobrasse, & não podendo ja as forças com o trabalho, vendo crescer o temporal por instantes, se conjurárão os marinheiros, & soldados a obrigar a Luis de Mello por força, que arribasse; do que sendo avisado por hum Gomez de Quadros soldado de sua obrigação, tomou as armas todas, & recolhidas no pavol, se pôz em sima com a espada na mão, dizendo, que quem lhe fallasse em arribar, ás estocadas lhe havia de dar a reposta; que a vida de nenhum d'elles era de maior preço que a sua, para se não quererem perder, onde elle se perdia; que posessem os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a salvação tinhão ja outro porto. Vendo os soldados esta resolução, & os marinheiros mais temerosos do Capitão, que da tormenta, seguírão sua viagem sempre alagados, & com a morte bebida, parecendo, que cada rajada de vento os sepultava. Assi forão em continuo naufragio navegando, até que sobre a tarde houvérão vista da fortaleza, donde forão olhados com espanto, & alegria. Os Mouros lhes tirárão muitas bombardadas ao entrar da barra; surgírão sem dano na Couraça, onde o Capitão os

Resiste aos q̃ querem arribar.

Chega a Dio, & dá novas de Dom Alvaro.

veo a receber com grande alvoroço; a quem Luis de Mello affirmou, que não poderia tardar dous dias Dom Alvaro de Castro; nova que foi festejada de todos com demonstrações que os Mouros entendèrão, de que fizérão juizo, que andaria ja no mar o soccorro, a cuja causa determinou Rumecão apertar mais o cerco. Luis de Mello com os seus foi aposentado no baluarte Sanctiago, de que o inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apostados a morrer na defensa do que tinhão ganhado. Ao seguinte dia chegárão Dom Jorge, & Dom Duarte de Menezes, havendo passado os mesmos riscos, com a mesma constancia, que Luis de Mello. Com estes soccorros, maiores na qualidade, que no numero, parecia que tinha ja outro semblante a guerra.

Chegão outros fidalgos.

141 Importunavão os novos hospedes a Dom João Mascarenhas, que os deixasse ver o rosto ao inimigo, tentando deitalo fóra do baluarte Sanctiago, o que elle concedeo levemente, querendo tambem acompanhalos. Aprestárãose para o outro dia, & em amanhecendo sobírão polos muros, com que o inimigo se cobria, lançandose aos Mouros tão impetuosamente, que os deitárão fóra sem lhes valer o esforço, & resistencia com que se defendèrão. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecão primeiro, que o aviso, & acodindo com todo o poder áquella parte, tornou a travar com os nossos com igualdade no lugar, & vantagem no numero. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço, & corpo a corpo, ferindose com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue, &

Peleijase no baluarte Sanctiago.

com a vida o lugar, que occupava. Os nossos com tão inferior partido, fizérão tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhavão de fóra com temor, & espanto; porèm como erão tão desiguaes as forças do inimigo, tornou a recobrar aquella parte do baluarte, que ja tinha ganhado, & reforçandoa com guarnição dobrada, mandou dar hum assalto geral á fortaleza. Peleijavase por todas as partes com huma mesma furia; cahião muitos Mouros, huns cortados do ferro, & outros abrasados do fogo; mas no mais vivo d'este conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de ventos, agua, trovões, & relampagos, parecendo, que no ar se accendia outra nova batalha.

142 Os Mouros vendo que a agua nos apagava as cordas, & que não podião ser offendidos com as panelas de polvora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curso, ou variedade dos tempos; por entre espessos chuveiros se chegavão aos nossos sem medo, com vozes, & algazarras, como de quem tinha o Ceo propicio. Foi este o dia, em que maior valor mostrárão os nossos, & em que a fortaleza teve maior perigo, porque os Mouros se metião polas lanças, & espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas tão porfiado assalto, até que tornou a abrir o dia, & os nossos se começárão a aproveitar das panelas de polvora, com que abrasavão muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, até que se lhes acabou o dia, & Rumeção tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos, & mais de mil feridos; dos nossos faltárão sete, forão

Perigo da fortaleza, & valor dos nossos.

Retirase Rumeção com muito dano.

mais os feridos. Neste assalto se achárão todos os fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no sangue. Dom João Mascarenhas fez as vezes de Capitão, & de soldado, sábia, & valerosamente; assistindo sempre ao perigo, sem faltar ao governo. Esta noite passárão os nossos mui vigiados pola vezinhança do inimigo, que havia recebido do Soltão novas honras, polos apertos em que tinha os cercados; & lhe havia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Rumecão quiz logo avistar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

Entra soccorro ao inimigo.

143 Ao seguinte dia depois do assalto, entrárão pola barra Dom Antonio de Attayde, & Francisco Guilherme, que não achárão menos bravos os mares que os outros, que temos referido. Dissérão, que não podia tardar hum dia Dom Alvaro de Castro, porque se tinha ja levado a armada com ordem, que nenhum navio esperasse por outro. Os soldados festejárão a nova, & o soccorro, com musicas, & folias continuas, com que ja parecião passatempos os perigos do cerco.

Chegão a Dio mais fidalgos.

144 Entendendo Rumecão, que vinhão chegando á fortaleza alguns soccorros, & que em abrindo o tempo não serião os Portuguezes tardos em darse huns aos outros a mão nos maiores perigos, começou a desconfiar da empresa, vendo, que os trabalhos não quebravão os animos dos nossos, & que os seus soldados nas conversações não tinhão por justificada a causa d'esta guerra; accusando aos quebrantado-

Desconfia Rumecão da empresa.

res da paz por nós fielmente guardada. Temeo a disposição, que via para algum motim, a que atalhava encarecendo o miseravel estado dos nossos, & a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados, & mandou prégar pelos Cacizes a certeza de gloria para todos os que morressem nesta guerra; & as mercès com que o Soltão havia de remunerar aos libertadores da patria, não se esquecendo do temporal á volta do divino. E porque as minas erão de menos risco que os assaltos, & obravão com maiores effeitos, determinou de as ir proseguindo. Com este desenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porèm como os nossos andavão sobre aviso, ainda que Rumecão cauto, & ardilòso fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo, para com esta diversão cobrir o intento; comtudo Dom João Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se assegurou como das outras vezes, trabalhando os fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leve.

Abre outra mina, que se atalha.

145 Chegado o termo de se dar fogo á mina, se abalou o exercito, & começou a tornear a fortaleza. Vinhão diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que erão os que havião de entrar polas roturas, que se abrissem ao rebentar da mina, a qual com tremendo estampido voou polos ares toda a face do muro. Corrèrão logo os Turcos, ainda cegos do fumo, & da terra, levantada nos ares com o impulso do fogo, porèm achárão outro

Daselhe fogo, & os nossos defendem as roturas.

muro contraposto, a que o fogo, ou não chegou, ou achou resistencia; virão comtudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficára por tres partes aberta, & voltando áquella parte as armas, intentárão ganhala; mas os nossos acodírão a defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

146 Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores, & cercados como em campo raso. E crendo Rumecão, que estava naquelle lugar todo o poder dos nossos, mandou acommetter os outros baluartes, onde tambem os Portugueses lhe mostrárão o ferro. Metèrão este dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes não recebemos dano, estando ella quasi arruinada, caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou emfim o combate algumas horas, retirandose o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

Retirase o inimigo.

147 Rumecão, que ja tinha por injuria a dilação do cerco, como homem, que buscava os perigos, & o dano por disculpa, acommetteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, & mandou por differentes Capitães escalar os outros baluartes, parecendo a invasão d'estes dias, hum successivo assalto. Aqui peleijárão os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atravessados pelas lanças, & espadas dos nossos a morrer, & a matar juntamente; mais promptos a offender, que a repararse, buscando a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe promettião os Cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da

Acomette Rumecão o baluarte S. Thomé.

empresa, & desprezo da vida. Com este ardor sofrêrão o peso da batalha muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavão, incitados da dor, & da injuria dos companheiros mortos. Peleijárão emfim com tal porfia, que sustentárão aquella parte do baluarte, onde se combatia, & nella arvorárão bandeiras, cobrindose com vallos, & estacadas.

Successos no baluarte Sanctiago.

148 Não andavão menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tivérão ganhado os inimigos, mas forão tão valerosamente resistidos, que o tornárão a perder depois de bem sangrados. Aqui foi tanto o fogo, que os inimigos lançárão, que os nossos peleijavão abrasados, soccorrendose, por unico remedio, das tinas de agua para refrigerarse. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achavão sós no baluarte detendo a furia do inimigo, & querendo o Moniz sairse a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou d'elle hum soldado, dizendo: Ah, senhor Antonio Moniz; deixais perder o baluarte del Rey? Voume banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estão sãos para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cuja advertencia aceitou o Moniz, tão pagado do valor que o soldado mostrava, que o trouxe comsigo para o Reyno, & lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheo; chamandolhe sempre com hourado appellido, o soldado do fogo; nem as relações d'este successo no lo dão a conhecer por outro nome.

Valor particular de hum soldado.

149 Neste, & nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, & perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que parecendo huma mesma cousa repetida, se escrevem, & se lem com fastio; porém ainda que a relação d'este cerco não deleite com a variedade, quem negará, que foi esta facção huma das mais illustres que se achão nas historias humanas, da qual fizérão estimação justa as mais bellicosas nações da Asia, & da Europa. Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da fortaleza, donde continuamente se mostravão as armas.

Retirase outra vez o inimigo.

Sae Antonio Correa a fazer alguma presa.

150 Ao seguinte dia despedio Dom João Mascarenhas em hum Catur a Antonio Correa, com vinte companheiros, soldado de grande valor, a quem não sabemos o nascimento, se bem suas obras o merecião, ou suppunhão illustre. Sahio da barra, & torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, se recolheo sem presa; & como os soldados de valor se não contentão com obrar bem, senão ditosamente; tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado, que obediente) a tentar a fortuna; mas como o que parecia caso, era mysterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empresa porfia, o qual, como se a desgraça fora culpa, se accusava a si mesmo. Tornou emfim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer sua sorte, & dando volta á Ilha, divisou ao longe hum fogo, que a distancia fazia mais pequeno, & remando contra aquella parte, deixando os companheiros no Catur, saltou em terra, caminhou algum espaço só, até

que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros, que em torno d'elle reparavão o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que saissem, porque tinhão como nas mãos a presa que buscavão; porèm os soldados, ou esquecidos de si mesmos, ou servindo á Providencia mais alta, o não acompanhárão, como dando lugar á fortuna do Capitão, o qual vendo a fea resolução dos soldados, se foi só a demandar os Mouros, bastandolhe o animo para acommetter o perigo, que não podia vencer. De repente envestio os Mouros, os quaes amedrontados com o subito acomettimento, huns fugírão, outros se defendião timidos, & sobresaltados, mas tornados em si, & vendose acutilados de hum só homem, começárão a fazerlhe rosto ja com mais ouzadia, voltando os que fogírão, a defenderse unidos, & em quanto Antonio Correa se acutilava com huns, outros o sojugárão pelos lados, & ainda depois de preso, como a fera, o temião atado; assi o levárão a Rumecão, mostrando as feridas, que recebèrão, em credito do preso.

Enveste com doze Mouros, que o prendem.

He presentado a Rumecão.

151 Mandou Rumecão que o soltassem, perguntandolhe, que gente haveria na fortaleza? se viria o Governador á Dio? com que poder, & em que termo se esperava o filho? Elle lhe respondeo, com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavão o Capitão que os levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de Dom Alvaro com oitenta baixeis, o qual em desembarcando sairia á campanha, porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos; que o Governador aprestava maior poder,

porque queria acabar de huma vez com as cousas de Cambaya. Rumecão que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coração tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimação (como soldado) de quem entre prisões o desprezava. Rogoulhe, que se fizesse Mouro, porque com melhor Ley teria melhor fortuna, & conheceria a differença de servir a hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porèm o valeroso Cavalleiro, escandalizado na injuría de favores tão feos, lhe respondeo, que os Portuguezes, pola Ley, & polo Rey estavão sempre promptos a derramar o sangue; que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, & doutrina; que se em Cambaya havia renegados, serião de outras nações, qual o fora seu pay Coge Çofar, que como monstro da terra em que nascèra, os pays, & a patria o negavão de filho.

Quer persuadilo a deixar a Fé.

152 Rumecão não podendo sofrer de hum escravo as injurias da Ley, & as da pessoa, inflammado do zelo, & do desprezo, o mandou ante si afrontar no rosto, primeiro que lhe tirassem a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; & logo entre baldões, & mofas, o mandou passear nú as ruas da Cidade, inventor barbaro de tão novo supplicio, ja contra o homem, ja contra a humanidade. Porèm o Cavalleiro de Christo, como soldado ja de outra milicia, com mais castigado valor vencia sofrendo. Rumecão depois d'estas injurias, dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do Propheta, mandou que fosse degolado, & a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foi levantada a cabe-

Afrontas que lhe faz.

Mandao degolar.

ça em huma pica, & posta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados, lhe vingárão o sangue; como Catholicos lhe envejárão a morte. Entrárão ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o Capitão mór não quiz ver nem castigar, tendo respeito ao tempo, porèm elles remírão a culpa, com se arriscar em todas as occasiões, como homens, que aborrecião huma vida sem honra. Muitos d'elles morrèrão quasi voluntariamente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos fazião mofas, & algazarras de longe, apontando para a cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfação de tantos danos aquella recompensa, & ja mais atrevidos fazião a despeito dos nossos algumas gentilezas.

153 Entre o baluarte S. Thomé, & o de Sanctiago estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, & pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, & sobindo polas ruinas travou da haste, & ainda que a abalou forcejando, nunca pode levala, & soltandoa temeroso, a deixou encostada; & vendo o pouco que lhe custára a primeira ouzadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porèm ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda, & o derribou morto. Aconteceo isto á vista do arraial, que lhe tinha festejado o primeiro acommettimento com gritas, & louvores; agora o olhavão caido com hum profundo silencio; corrèrão os nossos com grão velocidade a cortar-

lhe a cabeça, que arvorárão, avistandoa com a de Antonio Correa.

154 Os Mouros, que estavão fortificados no entulho do baluarte S. Thomé, forão ganhando terra, palmo, & palmo, á custa de seu sangue, levando sempre diante montes de terra, & rama, que os cobria, & fortificava. Porêm Dom João Mascarenhas mandou levar hum Basilisco ás portas da Igreja, que como lugar eminente lhe ficavão em bataria os Mouros, donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defensas, & com morte de muitos forão desalojados.

Extremos em q̃ está a fortaleza.

155 Ja neste tempo estava arrasada á fortaleza, & os Portuguezes, em lugar de muros, defendião suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns erão, polo tempo, corruptos; outros, pola qualidade, nocivos, de que resultavão doenças de tão má qualidade, que os sãos recebião maior dano do contagio, que da hostilidade.

Torna D. Alvaro a arribar.

156 Tinha partido de Baçaim Dom Alvaro de Castro com cincoenta navios (assi chamão quaesquer baixeis na India, inda que sejão caravelas latinas, ou embarcações de remo) & como vinhão empachados com munições, & bastimentos, não podendo sofrer mares tão grossos, tornárão a arribar em popa destroçados, & abertos, tomando diversas angras, & enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que forão correndo com a tormenta, foi o de que era Capitão Athanasio Freire, o qual indo demandar a terra, se foi metendo na enseada de Cambaya quasi alagado, & tão perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra, que avistassem, havendo, que precedia a vida á li-

berdade; assi forão encalhar junto a Surrate, onde forão cativos, & levados a Soltão Mahamud, que os mandou aprisionar, & meter na masmorra, onde tinha Simão Feo com outros Portuguezes.

Chega Ruy Freire a Dio.

157 Ruy Freire, que vinha na conserva de Dom Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos á sua custa, sofreo melhor os mares, & navegando aquelle dia, & outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foi chegando até ir demandar a fortaleza; & entrando pola barra foi surgir na Couraça, onde foi bem recebido de todos, & deu ao Capitão mór as novas da vinda de Dom Alvaro, tão esperada, como importante, porque inda não sabia da arribada, de que daremos conta.

Prosegue D. Alvaro a viagem.

158 Dom Alvaro de Castro, & Dom Francisco de Menezes arribárão com tormenta geral a Agaçaim perdidos, aonde se reformárão brevemente, & tornárão acommetter o golfão com a maior parte dos navios de sua conserva; & vencendo a furia do temporal, houvérão vista da outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma nao grossa, que se vinha furtando á nossa armada. Mandou Dom Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizérão mais dous navios, que vinhão na sua esteira. Amainou logo a nao, que era d'elRey de Cambaya, & vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fóra, que viérão apresentar a Dom Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represaria na nao, & a mandou levar a Goa, para que visse o Governador se era de presa. As drogas que trazia, erão coral, chamelotes, larins, & alcatifas, que tudo foi julgado por perdido.

Toma huma nao de Cambaya

Chega á fortaleza com quarenta navios.

E logo Dom Alvaro de Castro, seguindo sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados; trazião todos flamulas, & galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, & alegre. Saudou a Fortaleza com toda a artelharia; que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou o Capitão mór abrir as portas da fortaleza para receber Dom Alvaro, baixando todos os fidalgos, & soldados a receber, & festejar a armada, em que de mais da pessoa de Dom Alvaro, vinhão fidalgos, & Cavalleiros de muita conta. Trazião munições, & bastimentos para mui largo tempo; porque não quiz o Governador deixar á cortesia dos mares, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentouse Dom Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão Dom Fernando; passárãose a elle os soldados de sua milicia, & os mais dos fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; & como a General do mar lhe hião pedir o nome, sem querer separarse de sua obediencia, opinião encontrada com o tempo, & mais com a disciplina. Porèm Dom Alvaro disse ao Capitão mór, que elle vinha sojeito a suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a Dom João Mascarenhas, lhe respondeo com a mesma cortesia; mas Dom Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, não foi a mais pequena, na qual dizia, que ainda que a jurdição do cargo, & as provisões Reaes o eximião de qualquer subordinação, que não fosse a do Governador da India, que elle mandava a seu filho Dom Alvaro, que estivesse ás ordens de Dom João Mascarenhas, porque assi o pedia a

Como he recebido do Capitão mór.

muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varão verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, & aventurava outro, da fama, que ajudára a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; sem duvida maior neste desprezo, que depois na victoria.

159 Rumecão sabendo da vinda de Dom Alvaro, disse, que ja tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triumpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu navio com cartas ao Governador, do estado em que achára a fortaleza; & Dom João Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria ja na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de opinião, com os quaes lhe pareceo a Dom João Mascarenhas que podia intentar cousas maiores que a defensa. Mandou logo assestar tres Camelos contra as estancias do inimigo, que as batèrão tão furiosamente, que Rumecão reforçou as fortificações, que tinha, tão attento a offender, como a defender.

Avisão ambos o Governador do estado da fortaleza.

160 Dos assaltos passados ficou nas ruinas do baluarte S. Thomé, hum Basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o Capitão mór desejou sobir á fortaleza, & ordenando cabrestantes, & engenhos, nunca lhe foi possivel; & querendo ao menos seguralo, para que os inimigos se não servissem d'elle, o mandou liar com viradores grossos; porèm os Mouros forão cavando por baixo das paredes do baluarte, & picando as pedras do alicesse, até que faltandolhe os fundamentos, viérão as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, & suspenso nos ares.

Enveste o inimigo outra vez, & retira-se.

Acodírão logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez rosto Dom Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achavão, travando com os Mouros huma pendencia assaz de bem renhida; & como este era o primeiro dia, que vírão a cara do inimigo, o carregárão com as mãos tão pesadas, que houve a seu pesar de retirarse, deixando muitos dos companheiros no campo; mas no tempo que mais fervia a briga, liárão outros o Basilisco com hum calabrote forte, & o levárão arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos á peleija não dérão fé da obra, que os Mouros fazião.

Determinão os nossos ir buscalo.

161 Andava Dom João Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser acommettido com força descoberta; o que entendido polos soldados de Dom Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de Dom Fernando de Castro, & outros fidalgos, & soldados, que morrèrão abrasados, se conjurárão em sair a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

162 Dizião, que não querião com obediencia inutil perecer abrasados, quando podião morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabião peleijar como homens, não querião acabar como feras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fogir. Dom João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel, primeiro com razões, depois com a authoridade do cargo, & da pessoa; mas tudo foi sem fruto, porque estavão tão vãos, & altivos com sua

O Capitão mór trata dissuadilos.

mesma culpa (como tinha semblante de virtude) que esperavão da desobediencia premios, & louvores. Dom Alvaro de Castro acodio a detelos, estranhandolhes resolução tão fea, dizendo: que elRey sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda de huma fortaleza; que ao Capitão mór só tocava o governar, a elles obedecer, & peleijar. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portugues, que a honra levavão ja perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrarse da indignação justa de seu Rey, ao qual desprezavão na pessoa de seu Capitão mór com sedição tão fea. Porèm elles fatalmente obstinados, se ordenárão para dar a batalha, dizendo, que de nenhum delicto se engeitava a victoria por disculpa; & quando se perdessem, ficavão fóra do premio, & do castigo; que elles acodião pola honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que perder as suas.

Dom Alvaro, & D. Francisco fazem o mesmo.

163 O mais que se pode acabar com os amotinados, foi, que ficasse a invasão para o seguinte dia, deixandolhes por conselheiro aquelle breve tempo, em que podião considerar o que convinha á honra, & saude de todos. Porèm elles, fatalmente conformes, amanhecèrão resolutos, & promptos á batalha, dizendo ao Capitão mór, que se os não quizesse governar, entre si mesmos escolherião cabeça. Vendo pois Dom João Mascarenhas, que ja acompanhar aos desatinados, era hum lanço forçoso, & que os de fóra sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, Dom Alvaro, & os mais

Proseguem os soldados seu intento.

O Capitão mór, & fidalgos os acompanhão por atalhar o

maior perigo. fidalgos resolvèrão seguilos, onde com nova disciplina, obedecião os Capitães, mandavão os soldados.

Saem os nossos, & em que ordem. 164 Haveria na fortaleza (como temos dito) seiscentos homens, dos quaes ficárão nas estancias cento; dos outros fez Dom João Mascarenhas tres batalhas; as duas deu a Dom Alvaro de Castro, & Dom Francisco de Menezes, & outra tomou para si; logo saírão da fortaleza, & com o primeiro impeto ganhárão as estancias, que os Mouros tinhão feito na cava, deixandolhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruina, porque os nossos altivos, & desordenados remetèrão ao muro. O primeiro que o sobio foi Dom Alvaro, ajudado dos dous irmãos Luis de Mello, & Jorge de Mendoça, que tras elle sobírão. Dom Francisco de Menezes entrou por outra parte, sendo dos primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Jorge, & Dom Duarte de Menezes, Dom Francisco, & Dom Pedro de Almeida.

Resistencia dos inimigos. 165 Rumecão, Juzarcão, & Mojatecão, viérão com grossas companhias a encontrarse com os nossos, entre os quaes se começou a batalha, sustentada de nossa parte com mais valor, que disciplina. Dom Francisco de Menezes foi levando do campo os Mouros, que não podendo sofrer o peso d'este encontro, perdèrão muita terra, até que soccorridos de outros muitos, detivérão a corrente dos nossos. Dom João Mas-

Reprende o Capitão mór os amotinados. carenhas sobindo o muro, quasi ao mesmo tempo, que os outros Cabos, vio muitos soldados do motim, que estavão ao pé d'elle sem ouzar cavalgalo, & em voz alta lhes accusou, com pa-

lavras feas, a desobediencia, & a fraqueza, os quaes callados, como querendo responder com as obras, o seguírão. E logo acommettendo os inimigos, que andavão baralhados com Dom Alvaro, lhes fizérão perder parte do campo; mas como o partido era tão desigual, os Mouros se forão melhorando, & carregando os nossos, de sorte, que se desordenárão.

166 Dom Alvaro fez obras, que respondèrão bem ao sangue, opinião, & ao valor; não faltou á disciplina, difficil de conservar nas desgraças; porque foi ordenando, & recolhendo os seus, quanto lhe foi possivel, retirandose mui acordado com o rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degolado alguma gente, & outra se desmandava, não podendo sofrer o impeto dos Mouros; o que vendo Jorge de Mendoça, inda que estava ja ferido, tomou a Dom Alvaro nos braços para o sobir ao muro; mas podendoo mal fazer, por estar desangrado, foi ajudado de seu irmão Luis de Mello; & estando Dom Alvaro ja sobre a parede, lhe dérão huma pedrada, que o fez cair da outra parte sem sentido.

Valor, & disciplina de D. Alvaro.

Sobe o muro, donde cahio de huma pedrada.

167 Depois de Luis de Mello acodir a Dom Alvaro, salvou tambem o irmão, ficando elle com Garcia Rodriguez de Tavora, Antonio Moniz, & outros fidalgos, detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais sobião, até que foi passado de hum pelouro, de que cahio quasi mortal. Os companheiros o levantárão, & pozérão em sima da parede, donde foi levado á fortaleza, & d'ahi a Chaul, onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço, senão mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

Passa hũ pelouro a Luis de Mello.

Morte de D. Francisco de Menezes.

168 Dom Francisco de Menezes, peleijando mui valerosamente, cahio atravessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começárão a retirar desordenadamente. Aqui foi o estrago maior, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com maior ouzadia.

Acordo do Capitão mór.

169 Dom João Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, & acordo, humas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhião os desmandados, com que evitou grande parte do dano; & tendo ja salvado as paredes, se derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os soldados se começárão a espalhar por differentes partes, como gente desbaratada. Neste tão apertado conflicto bradou Dom João Mascarenhas aos seus, afeandolhes a retirada, & peleijando tão valerosamente, que so com alguns poucos que o seguião, deteve o inimigo. Os fidalgos, que aqui se achárão, alcançárão em dia tão infelice, illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo de hum grão tropel de Mouros, fazendoos afastar muitas vezes, com tal valor, que o acommettião de longe com armas de arremesso, até que atravessado polos peitos de hum dardo cahio morto, deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom Duarte, & Dom Jorge de Menezes, que trazia dezesete feridas, fizérão ao inimigo mui custosa a victoria.

Fidalgos que se assinalárão neste dia.

Enveste Mojatecão a for-

170 Rumecão, querendo tirar maior fruto de nosso desatino, mandou a Mojatecão, que fosse demandar a fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhião destroça-

dos, & acommettendo o baluarte S. Thomé, achou nelle a Luis de Sousa, que com a artelharia, & espingardaria lhe matou muita gente; porèm o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada; mas foi tão valerosamente resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. Dom João Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a ordenar os soldados, que andavão derramados, dos quaes fazendo hum batalhão cerrado, guiou á fortaleza, & encontrando muitos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deu nelles tão valerosamente, que muitos deixárão as vidas, & os de mais o campo. Perderãose nesta desgraça trinta & cinco pessoas, em que entrárão os fidalgos, que havemos referido; & forão mais de cem os feridos, mas em tão desordenada empresa, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O Capitão mór foi logo demandar a Dom Alvaro, que ainda achou sem falla, & a juizo dos cirurgiões, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philosophia chama Decretorios, ou Criticos; porèm fez a doença termo, cobrando Dom Alvaro saude com alegria de todos, que o amavão polas qualidades do sangue, & da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual depois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, & era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço d'elRey gastou grão parte, até perder a vida, como diremos.

taleza, & retirase.

Ordena o Capitão mór os soldados.

Perda dos nossos nesta desordem.

171. Vendose Rumecão com tão inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do succes-

Animase Rumecão com este successo.

so, resoluto a ver o fim da empresa, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia d'aquelle dia muita parte do temor, que tinhão a nossas armas. Deu logo conta ao Soltão da victoria, que na Corte se festejou com alegrias publicas, & Rumecão recebeo d'elRey honras de homem victorioso, sendo d'aquelle dia em diante mais assistido de gente, munições, & dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar com elle, esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtandolhe por baixo a terra, para que descarnado arruinasse o peso, faltando o fundamento sobre que assentava. Este desenho divertio D. João Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro, que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defensavel. Não se pode esconder a Rumecão a obra, & carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravão de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzías de fogo, huns com pontaria certa nas partes que descobria o muro, & outros por elevação, com que ferião a nossa gente, mais attenta ao trabalho, que á defensa; polo que o Capitão ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas, pondo as pedras pola estimação, & tino, do que tinhão desenhado de dia.

Continua as minas, & os nossos os reparos.

172 Rumecão altivo, & confiado com o bom rosto, que lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do Governador, que se esperava, começou a edificar huma nova cidade, como quem ja lograva os ocios do triumpho na imaginada victoria; ou fosse por dar aos seus confiança, ou que obrava como homem

Fabricão huma nova Cidade.

credulo na prosperidade dos successos, que ja se promettia; fez Palacios para sua pessoa com a policia, & grandeza, que pudéra em huma paz ociosa. Para os Cabos maiores ordenou aposentos, empenhandoos a defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica não menor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alfandega para a villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grossas amarras, terraplenou igualmente, por onde (como em ponte, ainda que tremula, segura) tinhão facil passagem os carros, que bastecião a cidade. Da confiança com que Rumecão se dava a tão custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos Reynos vezinhos, & distantes de Cambaya, que era perdida a nossa fortaleza; & esta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, & Gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltão congratulações de muitos Principes, que lhe davão emboras da victoria. Em Goa se ouvião os eccos d'esta nova, com temor, & silencio, & ainda que vaga, & sem author, chegou aos ouvidos do Governador, fazendose mais certa polo secreto, & recato com que huns a referião a outros.

Cuidados do Governador.

173 Esta desgraça que se temia, parecia, que tomava certeza da tardança que havia nos avisos de Dio; porque nem da armada de Dom Alvaro se sabia cousa certa, & os que querião divertir o Governador, mais podião desprezar, que negar a fama que corria; & elle, sendo o mais interessado, vendo quão necessario era animar o povo, mostrava hum coração inteiro, desmentindo com o semblante as novas, que temia.

174 Com este cuidado passava o Governador, divertindose com os negocios, & aprestos da armada, que solicitava com viva diligencia, quando lhe dérão aviso, que na barra surgíra huma nao do Reyno, de que era Capitão Dom Manoel de Lima, & se apartára de cinco mais, que vinhão na mesma conserva, á ordem de Lourenço Pirez de Tavora. Das outras vinhão por Capitães Dom João Lobo, João Rodriguez Peçanha, Fernand'Alvarez da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de Dom Manoel de Lima, pola pessoa, & pola occasião. Vinha provido na fortaleza de Ormuz, que elRey lhe deu por desviar alguns encontros entre elle, & o Governador Martim Affonso de Sousa, com quem andava atravessado, esperando que viesse da India para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou elRey, como pay, interessado na paz de hum, & outro vassallo. Quizera Dom Manoel partirse logo a Dio com trezentos soldados á sua custa, porèm o Governador o divertio, querendo acompanharse d'elle na armada, servindose de seu valor, & experiencia na facção presente.

Chega do Reyno a Goa Dom Manoel de Lima.

175 O Governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a Capitaina em que fora Dom Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, & dando alegres salvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo á praia grande parte do povo, solicito a perguntar polos filhos, parentes, & amigos, & os menos empenhados, polo commum do Estado. O Capitão foi levado aos Paços do Governador, satisfazendo polo caminho

Tem o Governador novas de Dio.

a duplicadas, & molestas perguntas. Achou o Governador com o Bispo Dom João de Albuquerque, & Fr. Antonio do Casal Custodio dos Franciscos. A primeira cousa que o Governador perguntou foi, se estava ainda a fortaleza por el-Rey seu senhor? ao que o Capitão respondeo, que estava, & estaria. A cuja nova ajoelhandose o Governador, com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, significadoras da piedade com Deos, do zelo com seu Principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho Dom Fernando, que recebeo com tanta constancia, que os de fóra lhe não conhecèrão mudança no rosto, ou nas palavras, como se fòra fraqueza parecer pay, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercè ao Capitão, & o mandou que fosse alegrar a Cidade com as novas que trazia, & logo recolhendose chorou em secreto o filho, esperando tempo á dor, sem injuria do lugar, & do animo. Aquelle mesmo dia aportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceo no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que se devião á pessoa, acompanhado do Governador, Nobreza, & Povo, deixando de si este fidalgo, saudosa memoria.

Piedade, & alegria com que as recebeo.

Valor com que se portou na morte de Dom Fernando seu filho.

176 Ao seguinte dia se fez huma solemne procissão de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo, na morte de seu proprio filho. Por este navio soube da saida que os nossos fizérão desordenada, & forçosa, que fòra occasião de tantas mortes, & do perigo em que ficava Dom Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida, que a memoria.

Procissão em acção de graças.

Soccorros que manda a Dio.

177 No mesmo dia despedio Vasco da Cunha, para que fosse polas bahias, & enseadas da costa, recolhendo os navios da armada de Dom Alvaro, & os levasse a Dio. Por elle escreveo a Dom João Mascarenhas congratulações da honra, que havia ganhado, não menos para si, que para o Estado; affirmandolhe, que em breves dias iria avistar a Dio com todo o poder do Estado, para o que não perdoava a nenhuma despesa, ou diligencia; & que em quanto se aprestava a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem a assegurar a fortaleza, & enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo após Vasco da Cunha, despachou a Luis de Almeida com seis caravelas, & quatrocentos soldados, com muitas munições, & bastimentos, & grão copia de materiaes importantes para as necessidades do cerco. E foi tão incansavel a diligencia, com que se aprestava, que em brevissimo tempo se poz de verga d'alto toda a armada, & só lhe faltavão os soccorros de Cananor, & Cochim para levarse; porque era tal o amor, & obediencia com que lhe assistião, que as Donas, & Cavalleiros de Goa, lhe vinhão a offerecer os filhos, & a fazenda; levando esta armada tantas benções do povo, como outras soem levar lagrimas, & queixumes.

Chega Vasco da Cunha a Baçaim.

178 Vasco da Cunha seguindo a instrucção, que levava, foi recolhendo os navios, que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, & com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitão mór Dom Jeronymo de Menezes com quinze navios aprestados para soccorrer Dio, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmão Dom Francisco, que temos referido; porèm havia retardado a partida alguns dias,

por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente, diversão procurada polo Soltão em beneficio dos cercadores. Dom Jeronymo, vendose mais empenhado na defensa de Baçaim, que no soccorro de Dio, entregou a Vasco da Cunha os navios; o qual partido encontrou a Luis de Almeida com as seis caravelas, & todos em conserva entrárão em Dio, representando soccorro mais crescido no numero dos vasos; porèm a fortaleza ficou assegurada da fome, & do perigo; & os soldados pagos, & bastecidos, mais desejavão, que temião a guerra.

Entra em Dio com Luis de Almeida.

179 Era ja o tempo em favor dos nossos, & começavão a senhorear o mar os navios do Estado. Dom Alvaro, como Capitão mór do mar, mandou a Luis de Almeida com tres caravelas, de que elle hia por Cabo, & nas duas Payo Rodriguez de Araujo, & Pedro Affonso, com ordem, que fossem demandar a barra de Surrate a esperar as naos de Méca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem, a poucos dias vírão atravessar duas naos, huma grossa, & outra de menos porte. Logo que Luis de Almeida as avistou, foi demandalas com os traquetes dados. Vinhão as naos arrasadas em popa, & tanto que houvérão vista de nossas caravelas, voltárão n'outro bordo; mas como as caravelas hião mais boyantes, & erão mais ligeiras, soltando as vélas, as alcançárão logo. Luis de Almeida abordou a nao grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro parente de Coge Çofar, que fiado na grandeza da nao, artelharia, & gente, que trazia, começou a defenderse, ateandose entre huns, & outros huma renhida conten-

Vai Luis de Almeida esperar as naos de Méca.

Toma duas.

da. De ambas as partes se derramava sangue; peleijavão os Mouros por necessidade, os nossos por officio; & como erão melhores no valor, & disciplina, entrárão a nao, onde os Mouros, com a ultima desesperação mais atrevidos, peleijavão como para acabar vingados, até que com a morte dos principaes, se rendèrão os outros. Ao Janizaro achárão atravessado de muitas feridas, o qual Luis de Almeida mandou passar á sua caravela, & curar com resguardo. A outra nao rendeo Payo Rodriguez de Araujo com leve resistencia. Depois d'este feito se deteve Luis de Almeida naquella paragem os dias de seu regimento, nos quaes tomou algumas embarcações de mantimentos, que hião bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo alguma falta na provisão do Campo; & logo entrou em Dio com as naos da presa, & os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pesar ao Campo tão lastimosa vista. Rumecão offereceo polo Capitão Janizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta & dous mil pardaos de ouro; porèm Dom Alvaro mandou que o enforcassem, porque não viera a vender sangue, senão a derramalo; que dos Mouros não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecão a ira, aos Turcos o desprezo, & por não ter Dom Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto não chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim, & Chaul tomar as Gelvas, que basteciāo o inimigo; o que fizérão tão ditosamente, que preárão quatorze, trazendo polas vergas os Mouros enforcados, de que ja era menor o sentimento, que o espanto, vendo que não tinha a colera, & vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Entra em Dio com ellas.

Não quer D. Alvaro resgatar hum Janizaro, & mãdao enforcar.

Tomão os nossos quatorze Gelvas ao inimigo.

180 Entretanto Dom João de Castro, resolvendo comsigo dar a elRey de Cambaya hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a paz, & reverencia do Estado; quiz primeiro palpar, ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvassem o intento, achasse dóceis na execução de seu mesmo conselho. Para este effeito chamou a si o governo da Cidade, Ecclesiastico, & Secular, com os fidalgos, & soldados de nome, aos quaes declarou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Dio, & dar a Rumecão batalha em seus alojamentos; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que na approvação da Republica, levasse como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o Governador, agradecèrão todos em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente; logo o fervente zelo, com que queria em serviço da patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrèrão com sentimentos differentes. Dom Diogo de Almeida Freire Capitão mór de Goa, a quem os annos, & os casos da guerra, tinhão dado experiencias largas, fallou d'esta maneira.

O Governador declara em conselho a resolução de ir a Dio.

181 *As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem, porque toda esta Asia avalia nosso poder polas victorias, mais que polos soldados, de sorte, que só a fama das cousas passadas, nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nesta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar dous mil Portuguezes, & tentamos estremecer o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do Esta-*

Parecer de D. Diogo de Almeida em contrario.

do, de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, convem que as sustentemos, arrimada na paz de huns, & no respeito dos outros. Nunca podemos responder ao que se espera de nossas forças juntas, porque huma victoria pouco nos acredita, & hum só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida; de que serve em huma chaga ja curada, esperdiçar o remedio das outras? que nova prudencia nos ensina aventurar em huma só batalha, o que se tem ganhado em tantas victorias? Temos poder para nos conservar inteiros, não temos forças para nos reparar perdidos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão necessitado, porque onde o destroço costuma ser igual, só fica com o victorioso o campo, & a fama inutil. De Dio não queremos, nem podemos ter mais, que a fortaleza; pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso sangue, o mesmo de que somos senhores? Que novos povoadores temos para habitar a Ilha? De que parte do Mundo podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros, ou Gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes, que agora nos offendem? Vamos a peleijar com Turcos, & com Mouros superiores em numero, iguaes em armas, & disciplina; se tivermos hum successo adverso, não temos salvação, porque a terra he sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fruto tiramos da victoria. Com armas navaes conquistámos a India, com ellas a havemos de conservar, porque temos a vantagem dos vasos, & da marinharia. Se não queremos vencer, senão em batalhas, arrasemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me dizem que he honra do Estado, arruinar por huma offensa hum Reyno,

ja estivera despovoado o Oriente, se todos os que nos fizérão guerra, recebessem o ultimo castigo. Por ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque depois de sofrer tantas hostilidades, & enganos dos Reys, & Governadores de Ormuz, o não deixou abrasar? Perderá aquella grande fama, que mereceo na terra, porque nas offensas, & cavillações do Çamorim, não deixou o Malabar destroido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traições de Badur, não fez guerra a Cambaya? Iremos destroir ao Turco, polo atrevimento, com que cercou o seu Baxá a nossa fortaleza? Aprestaremos nossas armadas contra o Achem, porque tantas vezes nos assaltou Malaca? Meteremos a fogo, & sangue este Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimentos, & inquietar as terras de Bardez, & Salsete? Que desesperação nos arrastra, a offerecer a garganta do innocente Estado ao cutelo inimigo? Esta armada tão espantosa nas apparencias, & no poder tão debil, he freo a Rumecão, aos nossos muro; porèm desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segredo de nossas forças, & todos estes Principes trabalharáõ por romper a fraqueza das prizões, em que os temos atados. Gloria foi do Imperio Romano, vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação escusar huma. Os primeiros Conquistadores nos fizérão a casa, a nós só toca o conservala. Se na oppugnação de Dio, perdeo o inimigo hum exercito, que falta a esta facção para victoria? E que para castigo? A offensa intentase com forças iguaes; a vingança com muito superiores, porque não se hade ir a satisfazer hum aggravo com risco de nova injuria. Mórmente, que em nada

tem a fortuna maior imperio, que nas cousas de guerra; alcançãose muitas vezes as victorias por leves accidentes, & por outros se perdem. Será pois justo deixar na contingencia de hum successo o cetro Oriental, com espanto, & enveja das gentes, fundado sobre tantas victorias? Se perdermos esta armada, onde está junto todo o poder da India, que thesouros poupados tem S. Alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar, ou a conquistar de novo os Principes da India; tornaremos á sua infancia este Imperio ja encanecido; viveremos na cortesia das Coroas, que temos offendido, ficando creaturas miseraveis daquelles, de quem fomos senhores.

182 As razões de Dom Diogo de Almeida satisfizérão aos de sua opinião; abalárão os que tinhão outra; porèm Dom João de Castro, seguro na resolução tomada, discorreo em contrario, dizendo. Que nenhuma nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente árbitro da paz, & da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conservavão com as mesmas armas, com que forão ganhadas; que o respeito, que nos tinhão os Mouros, & Gentios, não duraria mais, que até saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estavão attentos ao castigo de Cambaya, & não ouzárão atégora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cair sobre suas ruinas; porèm se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa fortaleza, & atar as feridas, que nos tinhão aberto,

Reposta do Governador.

as tornarião a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos Imperios; o sofrimento nos particulares, virtude; nas Coreas, ruina; que tinhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos Cavalleiros, & soldados de nome, que cobririão os vivos, como sinaes infames, as feridas que recebèrão nesta guerra, se as não vissem vingadas; que ficava que contar ao Mundo d'este cerco, senão a paciencia com que o toleramos? Que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drogas do Oriente; as quaes só erão de preço, quando as recebiamos, não por commercio, senão como tributo; que, ultimamente, não queria, que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de Dom João de Castro; que elle estava resoluto a peleijar; a culpa seria de hum só, a victoria de todos. Referio o Governador estas palavras com hum espirito presago do triumpho antevisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

Continua Rumecão com outra mina.

183 Em Dio não estavão ociosas as armas, porque Rumecão valeroso, & constante, não o assombravão os danos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o Governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior na fama, que na apparencia; mas nem assi dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, & ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attenção dos nossos com ardís differentes, o Capitão mór, a quem nenhum caso, ou accidente achava des-

cuidado, lhe penetrou a obra, á qual contrapoz os mesmos reparos, que outras vezes. Dérão os Mouros fogo á mina em dez de Outubro, a qual rebentou sem dano pola face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, & vírão os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que anteviamos os fins de todos seus desenhos, não lhes valendo a força, nem a industria contra tão valerosos, & prevenidos inimigos. Rumecão ainda que experimentava que nas minas era menor o fruto, que o trabalho, ou por cansar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas, se atalhárão, as quaes não referimos, porque não involvèrão successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas.

A que deu fogo, sem dano nosso.

VIDA

DE

DOM JOÃO DE CASTRO,

QUARTO VISO-REY DA INDIA.

LIVRO TERCEIRO.

1 Aos dezesete de Outubro d'este anno de mil quinhentos quarenta & seis, entregando Dom João de Castro o governo da Cidade ao Bispo Dom João de Albuquerque, & a Dom Diogo de Almeida Freire, soltou as vélas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros, & mantimentos, que vinhão retardados, porque fez opinião de não estar o Governador da India em Dio, hum só dia cercado, querendo com a felicidade de Cesar, chegar, ver, & vencer.

Parte o Governador para Dio.

2 Constava a armada de doze galeões grossos, de que era Capitaina S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros erão Capitães Garcia de Sá, Jorge Cabral, Dom Ma-

Com que armada, & Capitães.

noel da Sylveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, Dom João Manoel Alabastro, Luis Alvarez de Sousa. Os navios de remo erão sessenta, de que erão os principaes Capitães Dom Manoel de Lima, Dom Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, Dom Diogo de Sottomaior, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Perez de Andrade, Dom Manoel Deça, Jorge da Sylva, Luis Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandez Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandez, Manoel Lobo, Francisco de Azevedo, Pero de Attayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Paiva, Vasco Fernandez Tanadar mór de Goa, Cabo de quinze fustas, cotîas, & taurins, em que hião os Canarins de Goa, & outros navios de Cananor, & Cochim.

Chega a Baçaim, & faz guerra a Cambaya.

3 Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscalo ao navio Dom Jeronymo de Menezes seu cunhado, Capitão mór d'aquella fortaleza, consolandose reciprocamente hum na morte do irmão, outro do filho. E porque o Governador não queria ter ociosas as armas, despachou Dom Manoel de Lima com seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya fizesse algumas presas nos navios, que soccorrião, ou bastecião o Campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou sessenta cotías de Mouros com mantimentos; mandou espedaçar os corpos, & trazidos á toa, os soltou nas bocas dos rios, para que a corrente os levasse á Ilha, onde fossem vistos com horror, & espanto, de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento,

se recolheo Dom Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios; espectaculo mais grato á vingança, que á humanidade. O Governador alegrandose com estes ensayos da guerra, que emprendia, tornou a mandar Dom Manoel de Lima com trinta navios, & instrucção, que todo o maritimo de Cambaya posesse a ferro, & fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruinas.

Lourenço Pirez o vai buscar.

4 Lourenço Pirez de Tavora, Capitão mór das naos do Reyno (como temos referido) aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia, & achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo, que acharia o Governador em terra; & sabendo que se tinha levado toda a armada, róta batida foi demandar Dio, antepondo o serviço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguírão muitos fidalgos Reinoes, sendo a primeira terra, que pisárão da India, as ruinas de nossa fortaleza. Entre os quaes passou Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey Dom Garcia com sessenta soldados á sua custa; que estas erão as riquezas, que os fidalgos d'aquelle tempo hião buscar ao Oriente, porque erão então melhores drogas as feridas, que agora os diamantes. Nestas naos teve o Governador cartas do Infante Dom Luis, que referiremos, porque se veja a attenção com que o Rey, & o Infante olhavão as acções mais pequenas dos ministros, fazendo d'ellas acertado juizo, para lhes responder com premio, ou castigo; & a singeleza do trato, tão alheo da soberania, ou altivez de outros tempos; & não será para os saudosos d'aquella idade, prolixa esta memoria.

E outros fidalgos.

Carta do Infante Dom Luis.

Honrado Governador, polas cartas que escrevestes a elRey meu Senhor, & a mim, vi o discurso de vossa viagem depois de partido de Moçambique até chegar á India, & o que nella fizestes até a partida das naos, & o estado em que achastes a terra, & a condição dos homens, & devassidão dos tratos, & a fraqueza da armada, & como vos houvèstes com o Hidalcão nas cousas do Meale, & assi nas cousas de Ormuz, & com os fidalgos, que tinhão licenças de Martim Affonso, para levarem lá drogas, & tudo mais, que por vossas cartas dizeis. E porque elRey, meu Senhor, vos responde a todas estas cousas em particular, o não farei eu, senão em somma. E porèm não deixarei de dizer, quanto me assombrou cá em terra, o perigo que passastes a travez da Ilha do Comaro, porque verdadeiramente foi acontecimento mui grande, & temeroso, & porèm eu o tomo, como por boa estrea, porque me parece, que vos quiz nosso Senhor mostrar nisto, que vos ha de salvar dos perigos da terra da India, para que he necessario tanto milagre, como usou com vosco, em vos salvar de tamanho perigo; polo que eu lhe dou muitas graças; & folguei de saber, que Dom Jeronymo de Noronha vos teve companhia neste perigo, pois nosso Senhor tambem o salvou a elle, & he cousa de homem tão honrado, como elle he, participar dos perigos, & trabalhos de seu Capitão. Quanto ás mais cousas, que me escreveis, porque elRey, meu Senhor, vos responde a todas em particular, & eu fui presente ás mesmas repostas, me pareceo acertado tornarvolas a referir, porque por suas cartas

vereis o contentamento, que tem, de como nessas partes o começais a servir, & a boa opinião, que a gente tem de vós, o que particularmente vos manda, que façais em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer he, que estou mui contente do modo, que levais nas cousas dessa terra, & do que nella fazeis, & dizeis, porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas, vos não mudou de quem ereis, & da conta em que vos eu sempre tive, porque vos não contentais de mostrar isto assi por obras, mas alem disso, vos is sempre penhorando com palavras de demonstrações a fazer o mesmo; o que eu tenho por mui certo, que vós fareis sempre inteiramente, quanto humanamente se poder fazer. Do modo que escrevestes a S. Alteza não estou menos contente, porque viérão vossas cartas mui bem ordenadas, & nellas todas as cousas necessarias, & nenhumas superfluas; & bem se vè nellas o mesmo, que a sima digo, & que entendeis as cousas, & que tendes zelo, & desejo de as fazer sem respeito temporal de amor, nem interesse; o que muito folgo de vos ouvir, porque ainda que eu tenho por certo, que o fareis assi, parece huma grande avondança de coração, & de virtude, que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer; polo que eu espero em nosso Senhor, que vos ha de cumprir vossos bons desejos, & que vos ha de trazer d'essa terra com muito vosso contento, & honra; porque não póde deixar de succeder isto, a quem nenhuma cousa procura, senão o serviço de Deos, & de seu Rey; & ainda que vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembrovos, que nelles está o merecimento das cousas; & que a Christo Senhor nosso conveo passalos para entrar na sua gloria; & se vos parecerem as cousas difficiles, lembrevos, que estas são as em que

Deos põe a mão, & o que ajuda a quem o serve nellas com a tenção, com que vós o fazeis, & os homens não pódem pòr mais de sua casa que a vontade, & a diligencia; & por isso São Paulo não attribuhia a si, mais que o plantar das cousas, porque Deos hade dar o incremento; & assi o dará elle em todas vossas cousas, como as plantardes com o zelo, que eu confio, que vós tendes em todas, & por isso vos não espantem as grandes, nem tenhais em pouco as pequenas; fazei igual ponderação, & os fins d'ellas remeteios a nosso Senhor; & posto que algumas vos não saião como desejais, nunca entre em vós desconfiança, em quanto fizerdes as cousas com justo zelo, & limpa tenção, porque muitas vezes permitte nosso Senhor aos que o mais servem, que fação erros, para que mereção na paciencia, & na confiança d'elle, & se espertem mais nas cousas, & se acrescentem em maior perfeição. Fazei justiça, como a entenderdes, tomando sempre conselho, & parecer nas cousas, como fazeis; conservaivos na limpeza de vossa pessoa, que usais acerca dos combates dos gostos temporaes, & interesses d'essa terra, & com isto venha o que vier, porque tudo será para bom fim. Nas cousas, que tocão ao culto divino, na conversão dos infieis, vos esmerai muito, porque estas são as armas, que principalmente hão de defender a India. Procurai de lançar d'essa terra as despesas sobejas dos homens, & as branduras, & delicadezas de que usão; & os vestidos, & paramentos de casas, que tratão, dispondoos para estas cousas branda, & suavemente com o exemplo, que lhes dais, & de vossos filhos, & com fazer favor, & mercè aos que usão do contrario; & se estas cousas não poderdes emendar, não vos espanteis disso, porque as que se danão

com tempo, com tempo se hão de tornar a emender, & não se podem remediar de improviso; por isso ide continuando com vosso bom proposito, & fazendo as cousas segundo a disposição do tempo, & o sujeito das pessoas em que haveis de obrar, que com isto espero em nosso Senhor, que encaminhe todas as vossas cousas a seu serviço, & ao d'el-Rey, meu Senhor, & a vossa honra, como desejais. Quanto ao que me dizeis, que procure, que vossa estada seja lá breve, bem vejo, que tendes muita razão de o desejar assi, & me parece, que se não póde tratar até não ver as vossas cartas, que este anno embora virão, & por isso deixo a reposta d'este ponto para o anno, que embora virá. E acerca do que me escreveis de Dom Alvaro vosso filho, eu fallei a S. Alteza naquelle negocio, & S. Alteza o conhece bem, & está bem informado das qualidades de sua pessoa, & deseja de lhe fazer honra, & mercè; & porèm por algumas razões, que S. Alteza vos manda escrever, & porque este anno escreve, que não manda lá nenhum despacho, houve por bem deferir este para responder a elle o anno que vem, & por entretanto lhe manda fazer a mercè, que vereis por suas provisões; a mim me fica mui bom cuidado de lhe lembrar tudo o que a vossos filhos toca; espero em nosso Senhor, que se faça de maneira, que elle receba honra, & mercè de Sua Alteza, como vossos filhos, a quem deseja fazer o que vós lhe mereceis; & podeis ter por certo, que S. Alteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com que servis, & mui contente do modo, que o tendes feito atéqui. Eu fallei a S. Alteza em Affonso de Rojas, & por vosso respeito lhe fizera logo a mercè, que lhe eu pedi, mas porque (como digo) manda dizer ás pessoas, que andão na India, que

este anno não manda lá nenhum despacho, deferio o de Affonso de Rojas para o anno que vem, & diz, que para então lhe fará mercè; eu terei cuidado, se a Deos aprouver, de vos mandar a provisão, & folgo eu muito das boas novas, que me dais de Affonso de Rojas, & de crer he, que sendo irmão do mestre Olmedo, & estando em vossa companhia, não póde deixar de ser homem de bem. O que me mandastes nas naos, que viérão, me foi dado, & com tudo folguei, por ser cousa que veo da vossa mão, agradeçovolo muito. Escrita em Almeyrim a vinte seis de Março de mil quinhentos quarenta & sete.

O Infante Dom Luis.

Danos que faz Dom Manoel de Lima em Surrate.

6 Partido de Baçaim Dom Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, & sobindo por elle com a maré, avistou huma povoação grande, que ainda que não era habitada de Abexins, tinha d'elles o nome. Estava a povoação da banda de Levante, derramada em huma estendida planicie, & ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vezinhos, que asseguravão a defensa com algumas trincheiras, sem outra fortificação, fiados quiçá em que os seus nesta guerra erão os invasores, & nas espaldas, que lhes fazia o exercito, que tinhão na campanha. Sahio Dom Manoel em terra, & os nossos com a mesma ordem, com que desembarcavão, hião envestir o inimigo, mais valerosos, que disciplinados. Os Mouros tivérão animo para esperar, não para resistir, menos assombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mortos, cujo sangue os intimidou de maneira, que voltárão

as costas. Perecèrão muitos na fogida, poucos na resistencia; foi o estrago grande, porque não perdoou a espada dos soldados a sexo, nem a idade. Mandou Dom Manoel pòr fogo ás casas, abrasárãose fazendas, & edificios. O furor desprezou a cobiça; mandou cortar as mãos a hum só Mouro, que deixou com vida, para que não levasse novas sem sinaes da victoria.

Assola a Cidade de Antote.

7 Sahio do rio a armada, & costeando dous dias, houve vista da Cidade de Antote, conhecida pola soberba dos edificios, & riqueza de seus habitadores grossos com o commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheo, resolvèrãose a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; tão iguaes andão na estimação com a vida, estes bens da fortuna. Tomou Dom Manoel terra, inda que não sem sangue, porque os Mouros viérão esperar os nossos, mostrandose na resolução soldados, mas não na disciplina, porque divididos em magotes, acommettião aos nossos com tiros vagos, & incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. Dom Manoel os foi levando até os encerrar na Cidade, onde a vista das mulheres, & filhos, os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos, que tinhão inimigos, porque peleijavão com amor de pays, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor não era natural, & nascia de affectos piedosos, ou cobardes, cedeo a piedade ao temor, deixandonos a Cidade, os filhos, & a victoria. E como Dom Manoel hia mais a destroir, que a vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a muitas donzellas Bramanas, na cor, & fermosura, como as da nossa Eu-

ropa, não perdoou a victoria, eximindoas da culpa o sexo; o parecer, da espada.

E outros lugares, & recolhese.

8 Foi Dom Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartava o sangue, nem a victoria. Emfim se recolheo com mais gloria que despojos; & achou o Governador ja na Ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, que forão seis de Novembro, se fez na volta de Dio; hião os navios boyantes, cheos de flamulas, & galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

Chega o Governador a Dio.

9 Tanto que da fortaleza descobrírão a armada, foi o contentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue, vião quem lhes levava a paz, pola victoria. Embandeirouse a fortaleza toda, vestindose de alegria as postradas ruinas. Mandou o Capitão mór desparar a artelharia. O Governador lhe respondeo do mar com huma espantosa salva, a que succedèrão os instrumentos musicos, & guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem disparavão muitas peças, mostrando da chegada do Governador alegria, ou desprezo.

Faz conselho no mar.

10 Ficou Dom João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio o Capitão mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, & outros fidalgos de conselho; aos quaes significou a resolução com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheo; que o Governador da India, não desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de commetter o inimigo, o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe

approvou, & louvou a resolução tomada, apontando razões, que ao Governador forão mui gratas, pola pessoa, & polos fundamentos. Sobre a fórma de peleijar se discorreo, & assentou modo, que se teve encoberto até a execução. Ordenou que se metesse a gente na fortaleza no silencio da noite, & em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos, & tiros dos navios, occultar a Rumecão o intento. Em tres noites passou a gente á fortaleza por escadas de corda; o que se obrou tão cautamente, que o não pòde entender o inimigo.

Mete a gente na fortaleza.

11 Rumecão mostrandose mais ouzado no perigo vezinho, disse aos seus; que se o Governador quizesse peleijar na campanha, entrarião os Mouros na fortaleza polas portas, & não polas muralhas; que com as bandeiras Portuguesas esperava varrer a casa do Propheta; que peleijavão pola liberdade de tantos Principes, que gemião opprimidos do peso da servidão, & tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias ja não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco com mandar, que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito; erão os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor fizera conhecidos. Havião chegado de refresco ao Campo setecentos Janizaros, que quizérão com soberba, militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecão as estancias, & poz o grosso do exercito nas par-

Discurso de Rumecão.

Que exercito tinha.

E como o dispõ.

tes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento á disciplina. D'esta sorte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, & na batalha incerto.

Resolve o Governador dar batalha.

12 Tendo o Governador recolhido na fortaleza ja todos os soldados, achou sobre acommetter o inimigo, opiniões diversas; & como as razões de huns, & outros cahião sobre a contingencia do successo, não se podião escolher, nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com authoridade dos annos, do valor, & do sangue, discorreo outra vez sobre conveniencias da batalha; mas Dom João de Castro, mandando guardar silencio a todos, disse; que a sorte estava ja lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação; & os de fóra esperarião o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispor os soldados para o seguinte dia, para que a dilação não alterasse os animos, ou a resolução.

Ordem que deu á armada.

Ordenou que os bateis da armada esperassem sinal com tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sair, fossem remando contra aquella parte donde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstrações de saltar em terra, metendo polas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; & a do Governador se daria a conhecer de longe, polo lugar, & bandeira Real, & polos atavios; simulação, que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Faz outras prevenções.

13 Amanheceo o dia, em que se contavão onze de Novembro, dedicado á memoria do glo-

rioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia favorecer Santo, & ajudar soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da fortaleza com bastão de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrouse Missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o Governador, & a maior parte dos soldados, & o Custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da fortaleza, & guizar com ellas hum almorço aos soldados, para que a confiança do General, & a desesperação de algum abrigo, igualmente servissem á victoria, fazendolhes o peleijar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assi aos soldados.

Falla aos soldados.

Entramos em huma batalha, onde vencidos, honraremos nosso Deos com o sangue; vencedores, nosso Rey com a victoria. A força do exercito inimigo são Turcos, & Janizaros, os quaes como soldados mercenarios, buscão a guerra, aborrecem a peleija. A outra parte se compõe de nações differentes, o soldo as obriga a estar juntas, mas não a estar conformes. Não são estes mais valerosos que seus pays, & avós, não serão mais felices; a todos sujeitárão nossas armas. Este Imperio da Asia he filho de nossas victorias, criámolo em seu primeiro berço, sustentemolo agora ja robusto, que depois de largas idades nos ha de mostrar ao mundo com o dedo a fama d'este dia. Animar a batalha, fòra esquecerme que somos Portuguezes.

14 Nesta forma tinha ordenado a gente. Deu

Ordem em que os paz. a vanguarda a Dom João Mascarenhas, devendoselhe este maior perigo, como premio dos outros; aggregoulhe quinhentos Portugueses, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A Dom Alvaro de Castro, outros quinhentos Portugueses, em que entravão todos os fidalgos, & Capitães de sua armada. A Dom Manoel de Lima outros quinhentos. O Governador ficou com os mais, que serião oitocentos Portugueses com alguns Canarins, & Malabares.

15 Os Mouros cada dia engrossavão o campo, & de fresco tinhão chegado Alucão, & Mojatecão com cinco mil soldados. Mandou o Governador fazer sinal á armada com os foguetes, o qual conhecido, partio á voga arrancada, & arrimandose á praia, desparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo não acodio ao que havia de temer, senão ao que temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecão com o grosso do exercito carregou áquella parte do mar a impedir a desembarcação aos nossos. O Governador sahio a este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. Dom João Mascarenhas foi com os de sua companhia cingindo a cava, por sobir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopez de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia nesta conserva, encommendou a sua escada a tres valentes soldados; estes forão os primeiros que ensanguentárão a victoria, sem que chegassem a vela. Tinhão vindo aquelle anno nas naos do Reyno com Lourenço Pirez de Tavora; erão naturaes da villa do Torrão, & trazião cartas a Antonio Moniz de sua mãy, que

Comette a armada terra.

Acode alli Rumecão.

O Governador sae da fortaleza.

Brio lastimoso de tres soldados.

lhos recommendava, as quaes lhe dérão estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados, que se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o Governador; ao que elles respondèrão conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes farião passagem; que lhe pedião lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberião arvorar, & defender com as vidas. Antonio Moniz vendo brios tão honrados em soldados humildes, lha entregou confiado, dizendo, fiava d'elles o credito, & a escada; a qual logo que levantárão com desgraciado valor, hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

Desafio estranho.

16 Referirei hum estranho desafio, que deixára de escrever por lastimoso, senão fora tão illustre. Dom João Manoel, & João Falcão, fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo em que se estimão. Tratárão de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz d'esta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzírão a questão a mais honrado duello, discorrendo, que o Governador tinha a pique a jornada, & que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo; que polo bando perdião as cabeças; & que Dom João de Castro não era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas não atrevimentos; que podião sanear as honras, onde arriscavão as vidas; concertandose, que o que primeiro, & com maior valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, & na commum batalha; inventando, com engenhoso valor, mortes com

premios, desafios sem culpa. Satisfizéräose da proposta, hum, & outro inimigo, pedírão a parentes, & amigos lhes tivessem as escadas, como homens, que havião de peleijar pola honra do Estado, & pola sua. Começárão de sobir a hum mesmo tempo. Dom João Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levárão de hum golpe; acodindo com a outra, tambem lhe foi cortada; soccorrendose dos cotos para ferrar o muro, com golpe de alfange lhe levárão a cabeça. João Falcão acommetteo ao mesmo tempo o muro, & tendoo ja vencido, defendendose valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual d'estes dous contendores deu maiores provas de valor, fizérão os soldados de brio juizos differentes; nós diremos, em beneficio de ambos, que não devia mais á honra, quem deu tudo por ella.

Que faz Dom João Mascarenhas.

17 Começou Dom João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencèrão a resistencia; estes comprárão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no Campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos de armas, que se obrárão nesta primeira escala, se deixão conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros peleijavão firmes, & os nossos pendentes. Dom Alvaro de Castro, & Dom Manoel de Lima atravessárão o muro por differentes partes, recebendo na maior resistencia, maior dano. Perdèrão alguma gente em quanto peleijavão derramados, logo que se firmárão, dérão lugar mais franco a que os seus sobissem.

Que faz Dom Alvaro de Castro.

Perigo.

18 O Governador achou no raso maior peri-

go, que teve na sobida, porque encaminhou lo-go á ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, & muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometteoa o Governador a risco aberto; o valor foi singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros o murrão ás peças escorvadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre, opportuno; para accidente, raro. Porèm não quiz o Ceo toda a victoria, porque crescendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panelas de polvora, & lanças de arremeço, retardárão o impeto dos nossos. Alguns voltárão os rostos aos pelouros, quiçá para mostrarnos Deos quanto valemos, deixados em nós mesmos; fogião os fracos, detinhãose os valentes; porèm Dom João de Castro a nenhum inferior no esforço, maior que todos no acordo, com alguns que o acompanhavão, cerrou com o inimigo, bradando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou com tão felices eccos, que os nossos outra vez unidos, buscárão sua bandeira; & os inimigos timidos, ou credulos, forão perdendo o Campo, sendo esta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizérão os nossos estrago, como de vencedores, & o que era ardil, ja parecia verdade. O Governador, sem perdoar instante a sua fortuna, foi atravessando o Campo, & como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, Dom João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fogindo por aquella parte os Mouros, sem dano, mas ja desordenados. Emfim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da com-

do Governador na Ponte.

Livra por milagre.

Acclama victoria.

E prosegue.

panhia do Governador, se affirmou sem contradição, que fôra elle o primeiro que cavalgára o muro, & d'este feito não achou testimunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pirez de Tavora primeiro afferrára o muro; não querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhala.

Que diz de Lourẽço Pirez.

Oppõese Rumecão.

19 Avisado Rumecão da desordem com que os seus fogião, acodio com hum grosso batalhão de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, & como a vantagem do numero era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foi derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador, bradou impaciente: Que he isto, Portuguezes? tirãovos das mãos a victoria? tirãovos a bandeira? E remettendo o inimigo coberto de huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz, & com o exemplo animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente fizérão retroceder aos Mouros, fogindo os ultimos com o terror dos primeiros.

Peleija o Governador pessoalmente.

20 Dom Alvaro de Castro, & Dom Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizérão envejar de seus soldados, & de seus inimigos. Acommettèrão a Alucão, & Mojatecão valentes Turcos, & Cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizérão duvidosa a victoria. O sangue tingia as armas, tingia a terra; a vozaria dos Mouros estremecia o Campo, como perigo novo; o horror, & a confusão arrebatava os sentidos de sorte, que muitos sentião as mortes, primeiro que as feridas; cedeo emfim ao valor o numero, & os Turcos se retirárão com infinitos

Estancias dos inimigos ga-

mortos, as estancias perdidas. Dom João Mascarenhas acommetteo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto, com não menos valor, nem peor fortuna. Rumecão, não perdendo animo, nem acorado com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadrões no campo aberto, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em tão numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, & como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecão suas expiações com vozes, & alaridos supersticiosos, que os nossos ouvírão, como para conciliar a indignação dos Astros.

nhadas, & por quem.

Rumecão se fórma no campo raso.

21 Dom João de Castro, não querendo perder hum só momento de tão fermoso dia, juntou a si o pequeno exercito, & dando a vanguarda a seu filho Dom Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado, e estendendo as pontas da mea lua, com que estava plantado, veo cingindo a nossa infanteria; porèm Dom Alvaro, como se quizéra para si só a gloria d'este dia, envestio o inimigo com tanta gentileza, que foi entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, comettendo, ou abrindo com espada, & rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida, mas não podendo sofrer o peso da batalha, começou a retirarse com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais, que destroçavão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumecão com hum grosso batalhão de Mouros, & Janizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezárão, ou esquecèrão a disciplina.

O Governador, & seu filho o envestem.

D. Alvaro o rompe.

Torna Rumecão a fazer rosto.

22 Aqui esteve Dom Alvaro perdido, porque

Perigo, & cõstancia de D. Alvaro.

não podendo seus soldados resistir divididos, hião deixando aos inimigos o campo, & a victoria, sem que as vozes de Dom Alvaro, & constancia, com que peleijava, podesse deter a huns, nem ordenar a outros; tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Fr. Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os Authores memoria, com hum Crucifixo arvorado, começou com piedosas, & esforçadas razões, a reprender, & animar os nossos, mostrandolhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz a segundas injurias; aconteceo que huma pedra perdida desencravou hum braço do Crucifixo, & lho deixou pendente, mostrandose em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis caído. Os nossos com maior espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostrárão differeute valor em differente causa, devendo mais á offensa de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão soldados. Subitamente se unírão conformes, & recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os authores d'ella. Rumecão se retirou desbaratado, & Dom Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na Cidade, achando ja maior estorvo nos mortos, que cahião, que resistencia nos vivos, que se não defendião.

Arvora Fr. Antonio do Casal hum Crucifixo.

Animãose os nossos.

Rumecão se retira, & D. Alvaro ẽtra na Cidade.

23 A este tempo chegou Dom Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pola parte que lhe tocou, rompeo o inimigo, até se juntar com Dom Alvaro, & entrados na Cidade, fizérão cruel estrago nos Mouros, que rotos, & divididos buscavão salvação na fugida, mais que na resistencia; ja o semblante da guerra, mais parecia saco, que batalha; os nos-

Ajuntaselhe D. Manoel de Lima.

sos achavão Mouros, não achavão inimigos; muitos metidos polas casas roubárão suas mesmas fazendas, que occultavão, como furto á victoria; outros deixavão as armas, por fugir mais ligeiros. Dom João Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a tão illustre cerco.

E D. João Mascarenhas.

24 O Governador ainda peleijava no Campo, solicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a Cidade estava ja rendida; mas Rumecão, pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenandose em fórma de dar, ou esperar nova batalha; que era o poder tão grande, que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra; sahião a este tempo da Cidade Dom Alvaro de Castro, & Dom João Mascarenhas, & Dom Manoel de Lima a congratularse da victoria com o Governador, quando vírão a Rumecão no campo com outro novo exercito. O Governador não querendo, que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha, cometteo a segunda, ordenando tres esquadrões, os dous, que buscassem os inimigos polos lados, & elle pola frente. Nesta ordem cometteo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos, mas como peleijava ja timido, & desconfiado, & os seus com cobarde, & forçada obediencia lhe assistião, com leve resistencia nos deixárão o campo; bem que em todas as facções do cerco, & da batalha, se mostrou Rumecão tão valeroso, como disciplinado; mas nas adversidades merecese melhor, do que se alcança, a fama.

Offerece Rumecão nova batalha.

O Governador o desfaz.

Ee

Alcança-se a victoria.

25 Abrírãose os Mouros pola frente, & o Governador, á maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Ja no campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fugida, & não na resistencia; & como os nossos acommettião algumas mangas, que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fugindo huns dos outros com igual, ou mais certo perigo, que fugião dos nossos. Outros, por não parecer inimigos, arrojavão as armas, como instrumentos, que nos podião acordar aggravo, ou vingança. Emfim naquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecão vendo tudo perdido, vestindo huma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultandose á ira, & á victoria; porèm huma pedra tirada de mão incerta, o livrou, com a morte, do triumpho. Muitos d'este homicidio se fizérão authores, como ja nos tempos de Galba, de quem quizérão ser mais os matadores, do que forão as feridas. E em nossos dias, & nosso mesmo Reyno, vimos tambem hum caso nada dessemelhante.

Morre Rumecão.

26 Advertidamente callei os casos particulares d'esta batalha, porque se não podem louvar huns, sem injuria de outros; só dos Cabos, & pessoas maiores, démos breve noticia, por reverencia do lugar, & do sangue; demais, que na confusão de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; & he certo, que aquelles, a cuja penna não escapárão os atomos do caso mais occulto, ou buscárão soccorros para a historia, ou penetrárão os acontecimentos com vista mais aguda.

Basta saber, que tão illustre empresa, honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa memoria; & creo, que em todas as facções da Asia, nos cercos, não tivemos maior; nas batalhas, não tivemos igual.

Varia estimação do numero dos inimigos.

27 O numero do exercito inimigo se não pode averiguar ao certo, porque com estimação desigual, huns o sobem a sessenta mil, outros dissérão menos, & nem os Mouros, que ficárão cativos, soubérão formar juizo certo da gente, que perdèrão. Mas de qualquer maneira foi a desproporção tão notavel de hum poder a outro, que bastou a dar polo Mundo hum espantoso brado; & nas Historias alheas achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; & se a Patria imitára a gratidão do Imperio Romano com filhos benemeritos, déra a ler ao Mundo as obras de Dom João de Castro em sublimes estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes publicos a todas as idades. Não achamos, que respondessem os premios a seu merecimento, quiçá para o fazer maior, o alcançou nesta parte a desgraça dos varões excellentes; logrou porèm, como premio de duração mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciosas mensagens lhe dérão emboras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o advertia, ou que o desejava. El-Rey Dom João o honrou com titulo de Viso-Rey da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia de os sepultar a mesma terra, que cobrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tão grande ascendente.

Parabens da victoria.

Despojos della. 28 Recolheo o Governador os despojos, que forão os Reaes, muitas bandeiras, & quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella, que hoje temos na fortaleza de S. Gião, que do lugar, em que se ganhou, inda conserva o nome. *Saco da Cidade.* Entregou a Cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. D'esta, & outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, *Favor divino que nos assistio.* que fòra o Governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto da Igreja vírão huma Donzella, cujos rayos não podia soffrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os corações, com que deixavão as armas, huns timidos, outros reverentes. Não temos este favor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. *Quantos Mouros morrèrão.* Dos Mouros morrèrão cinco mil, em que entravão Rumecão, Alucão, Accedecão, & outros Turcos de nome; ficárão seiscentos cativos, que depois servírão ao triumpho; *Nossos mortos, & feridos.* dos nossos faltárão trinta, forão quasi trezentos os feridos.

29 Poucos dias descansou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a fortaleza desda primeira pedra; obra, que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel; porque as despesas de tão prolixa guerra tinhão apurado as rendas do Estado, & sobre ellas se havião feito empenhos, que só se podião remir com a paz de muitos annos; *Reedifica o Governador a fortaleza.* porèm o Governador, sem se atar aos inconvenientes, começou a dar principio á nova fabrica, desenhandoa em fórma differente, que a antigua, porque a juizo de homens intelligentes, convinha estender o sitio, engros-

sar o muro, fazer os baluartes mais vezinhos, & lavrar armazens para recolher as munições, & mantimentos, em parte enxuta, em que se conservassem bem acondiçoados, differentes dos outros, que pola humidade do terreno, corrompião os bastimentos. Os materiaes não se podião comprar, nem conduzir sem pagas, & jornaes; pedreiros, peões, & architectos, pedião suas ferias. Não tinha o Governador baixellas, nem diamantes de que poder valerse, assi recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu filho Dom Fernando para fazer d'elles á Cidade de Goa, hum nunca visto empenho; mas como a terra inda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pedio vinte mil pardaos á Camera de Goa, abrindolhe o amor da patria huma estranha porta, por onde não soubérão entrar aquelles fidelissimos Décios, Curcios, & Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu Imperio, lhe salvou a memoria. Acompanhava o penhor a seguinte carta.

Empenha para isso os cabellos da barba.

Carta que o Governador D. João de Castro escreveo de Dio á Cidade de Goa.

Senhores Vereadores, Juizes, & Povo, da muito nobre, & sempre leal Cidade de Goa; os dias passados vos escrevi por Simão Alvarez cidadão d'essa Cidade, as novas da victoria, que me nosso Senhor deu contra os Capitães d'el Rey de Cambaya, & callei na carta os trabalhos, & grandes necessidades em que ficava, porque lograsseis mais inteiramente o prazer, & contentamento da

victoria; mas ja agora me pareceo necessario não dissimular mais tempo, & darvos conta dos trabalhos em que fico, & pedirvos ajuda para poder supprir, & remediar tamanhas cousas, como tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio derribada atè o cimento, sem se poder aproveitar hum só palmo de parede; de maneira, que não sómente he necessario fabricala este verão de novo, mas ainda de tal arte, & maneira, que perca as esperanças elRey de Cambaya, de em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos para mim muito mais incomportavel de todos, que são as grandes oppressões, & continuos achaques, que me dão os Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque d'outra maneira se me irião todos, & ficarei só nesta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande perigo, & por esse respeito toda a India, como quer que os Capitães d'elRey de Cambaya com a gente que ficou do desbarato, estão em Suna, que he duas legoas d'esta fortaleza, & elRey lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé, & de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra batalha; para as quaes cousas me he grandemente necessario certa somma de dinheiro, polo que vos peço muito por mercè, que por quanto isto importa ao serviço d'elRey nosso Senhor, & por quanto cumpre a vossas honras, & lealdades, levardes avante vosso antigo costume, & grande virtude, que he acodirdes sempre ás estremas necessidades de S. Alteza, como bons, & leaes vassallos seus, & polo grande, & entranhavel amor, que a todos vos tenho, me queirais emprestar vinte mil pardaos, os quaes vos prometto como Ca-

valleiro, & vos faço juramento dos Sanctos Evangelhos de volos mandar pagar antes de hum anno, posto que tenha, & me venhão de novo outras oppressões, & necessidades maiores, que das que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar Dom Fernando meu filho, que os Mouros matárão nesta fortaleza, peleijando por serviço de Deos, & d'elRey nosso Senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas achárãono de tal maneira, que não foi licito inda agora de o tirar da terra; polo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodriguez de Azevedo; porque como ja deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente huma verdade secca, & breve, que me nosso Senhor deu. Mas para que tenhais por mais certo vosso pagamento, & não pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira pódem ficar sem elle, como outras vezes aconteceo, vos mando aqui huma provisão para o Thesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos. E o modo que neste pagamento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por escusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos em que fico, porque tenho por muito certo, por todos os respeitos, que à sima digo, haverdes de fazer nesta parte tudo, & mais do que puderdes, sem entrevir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas, & o amor, que todos me tendes, & vos tenho. Encomendome, senhores, em vossas merçês. De Dio a vinte & tres de Novembro de mil quinhentos quarenta & seis.

Os Cidadãos de Goa lhos tornão.

30 Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Povo com maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhão hum Governador tão humilde para os rogar, tão grande para os defender. Remettèrãolhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se conservão em mãos do Bispo Inquisidor Geral seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou pyramide de cristal, assentada em huma base de prata, na qual estão gravados em torno disticos differentes, que fazem de acção tão illustre, engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de Dom João de Castro. Levárão os portadores do dinheiro a carta que se segue.

Hoje se cõservão.

Carta da Camera de Goa, em reposta da do Governador.

Illustrissimo, & excellente Capitão geral, & Governador da India, polo muito alto, & muito poderoso, & muito excellente Principe elRey nosso Senhor. Diogo Rodriguez de Azevedo chegou a esta Cidade segunda feira seis dias do mez de Dezembro, & o dia seguinte deu em Camera huma carta de Sua Illustrissima Senhoria, que foi lida com muito prazer, & grande contentamento, por sabermos de sua saude; a qual boa nova sempre queriamos saber, & muito melhores lhe desejamos; & por ella a Cidade, & todo este povo em geral, & em especial, damos muitas graças a nosso Senhor, & temos certa esperança em nossa Senhora Virgem Maria Madre de Deos nossa avogada, que tendo os povos da India a V. S. Illustrissima por seu Duque, & Governador, que em nossas afrontas, & trabalhos nunca careceremos de ajudas divinaes, por mereci-

mento de seu catholico, & modesto viver, & auto, & obras de muitas louvadas virtudes; & com esta esperança vivemos em novo repouso, porque a presente, & gloriosa victoria, que por seu prudente conselho, & grande esforço, & cavallaria venceo, & descercou a fortaleza de Dio, & desbaratar, & destruir o poder d'elRey de Cambaya, com mais outros vinte mil homens Mouros, Turcos, Rumes, Coraçoes, & Christãos renegados da fé de nosso Senhor, Alemães, Venezianos, Genovezes, Francezes, & assi d'outras muitas, & diversas nações, dos quaes grão parte d'elles forão mortos a ferro de lança, & espada, de que a Cidade tem certeza de pessoas de bem, que de vista forão presentes; os quaes bons serviços nos mostrão claros sinaes, que ao diante, prazendo a nosso Senhor, & a seu amparo, não temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresentão do proprio Rey de Cambaya com outro novo poder, & outros Reys, & Senhores nossos comarcãos, & os de toda a India, que são de certo inimigos nossos, & de muitas inimizades, alem de serem infieis, inimigos de nossa sancta fé Catholica, dos quaes huns, & outros não temos segura, nem firme paz, antes temos sinaes de faltas, & enganosas amizades. E quanto ao emprestimo que em nome d'elRey nosso Senhor nos manda pedir, responde a Cidade, que os moradores faremos de presente, & sempre, que cumprir, servirmos S. Alteza com as fazendas, & vidas, & com as almas. E porque a tenção da Cidade, & de todos he servir Vossa Illustrissima Senhoria, havendo respeito, que o tal emprestimo cumpre muito ao serviço d'elRey nosso Senhor, cuja a Cidade he, & todos somos, com muita diligencia, & cuidado d'aquelle dia, que Diogo Rodriguez de

Azevedo deu o recado até o fazer d'esta, que são vinte & sete de Dezembro, se ajuntárão vinte mil cento quarenta & seis pardaos, & huma tanga, de cinco tangas o pardao; os quaes emprestou esta Cidade, a saber Cidadãos, & o Povo, & assi os Bramenes mercadores, gamcares, & ourives. E escrevemos em certo a V. S. que esta Cidade, & os honrados moradores, polo servir, temos obrigação de pòr as vidas, & as fazendas com melhor vontade do que o faremos por nossas proprias honras, & interesses. E quanto, Senhor, aos penhores que nos manda; a Cidade, & moradores nos temos por aggravados de V. S. ter tão pouca confiança em nós, & em nossas lealdades, que para cousa que tanto cumpria ao serviço d'elRey nosso Senhor, & a seu Estado Real, não era necessario tão honrados, & illustres penhores, porque nossa lealdade nos obriga ao serviço d'elRey, & a presente necessidade, & depois d'isso as obrigações em que somos, & a grande affeição, & muito amor que V. S. tem a esta Cidade, & moradores; & por ello, & tudo o mais que neste caso lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, & rogamos a nosso Senhor, que lhe dè perfeita saude, & o prospere de muita honra, & grandes victorias contra os inimigos de nossa sancta fé. E todavia, Senhor, Diogo Rodriguez de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; & assi lhe levão elle, & Bertholameu Bispo Procurador da Cidade o dito dinheiro, que lhe a Cidade, & Povo d'ella emprestárão de sua boa, & livre vontade. E assi lhe levão mais a provisão, que cá mandou para o Thesoureiro pagar o dito dinheiro, & lhe pedem por mercè que tudo aceite, como de leaes vassallos, que somos a elRey nosso Senhor, & a V. S. mui obrigados. Escrita em Came-

ra a 27 de Dezembro de 547. E eu Luis Tremessão Escrivão da Camera o mandei escrever, & sobscrevi por licença que para ello tenho. Pero Godinho. João Rodriguez Paez. Ruy Gonçalvez. Ruy Diaz. Jorge Ribeiro. Bertholameu Bispo.

31 Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes, & jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo tão pontuaes as pagas dos servidores, & soldados, que havião, que só para o Governador estava o Estado pobre. Alem do emprestimo da Cidade, lhe enviárão as donas, & donzellas em hum cofre a pedraria, & joyas, com que a fraqueza feminil serve ao poder, & á vaidade: offerta de que não podião esperar retribuição, ou usura; donde se vè, quanto melhor servidas são dos povos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

Continua a obra da fortaleza.

32 Ordenou a Dom Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da costa de Cambaya, & os abrasasse todos, mostrando ao Soltão, que a vingança não acabára na victoria; porèm que na Cidade de Goga não entrasse, por ter aviso, que a ella se recolhèra toda a gente que escapou da batalha. Dom Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foi correndo a costa, & a poucos dias de viagem lhe sobreveo hum temporal tão rijo, que o levou a necessidade da tormenta a demandar abrigo no mesmo porto, que pola instrucção lhe fòra prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhão presente a imagem do passado perigo, tanto que virão as mesmas armas, de que estavão cortados, desempararão a Cidade, assi os soldados como a gente popular, & inutil, fu-

E a guerra de Cãbaya.

Dom Manoel de Lima a faz.

Vai á Cidade de Goga.

gindo para o sertão com igual desacordo. Estava ancorada no porto huma nao de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vendo a fugida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. Dom Manoel, não entendendo o sinal do navio, pareceolhe que de confiado o chamava á peleija, & pondose logo em armas colerico, & impaciente, notou, que a Cidade se despejava, & o miseravel povo corria com hum tropel confuso a demandar huma pequena serra, que lhe ficava á vista, crendo, que a distancia, & aspereza do sitio os livraria da invasão dos nossos. Conheceo Dom Manoel o intento com que lhe capeava o navio, & perplexo entre a occasião, & a obediencia, poz o caso em conselho; & como entre os soldados de valor, he sempre o brio o primeiro interprete das ordens, votárão, que se entrasse a Cidade, porque a instrucção do Governador não podia comprender todos os accidentes, o qual se estivera presente, fòra o primeiro que saltasse em terra. Seguio logo a execução o conselho. Entrou Dom Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foi grande, & o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrasou fazendas, & edificios; foi o dano maior do que a victoria. Cativou Dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se salvára em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia, determinou assaltalo, para que os fugitivos, & oppostos, igualasse o castigo. Foi amanhecer sobre o lugar, levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade a entregar os filhos, & parentes; & os que se

Que saquea, & abrasa.

imaginavão no abrigo do sertão seguros, virão primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, & estrangeiros, culpados, & innocentes pagárão com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheo. Das pessoas passou á religião a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstições he culpa inexpiavel. Degollou os gados do contorno, salpicando as mesquitas com o sangue das vacas, animal, que como deposito das almas, venerão com culto abominavel.

Embarcase, & periga.

33 Embarcado Dom Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sem tormenta, porque o fluxo, & refluxo das ondas he tão impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da Cidade de Gandar, povoada de mercadores Gentios, rica polo commercio, & fraca polos habitadores. Esta foi na primeira envestida rendida, & abrasada, sendo, que entregavão os naturaes as fazendas como preço das vidas, que não podérão salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados, antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, & ruinas muitos annos as memorias do estrago; & os naturaes, que sobrevivèrão ás miserias dos outros, se recolhèrão ao interior do Reyno, onde com segura pobreza entretinhão as vidas.

Destroe Gandar.

Recolhese a Dio.

34 Deu Dom Manoel volta a Dio, onde achou ao Governador entre os materiaes da nova fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Desejava dei-

xar a fortaleza em defensa, porque o chamavão a Goa differentes negocios. Porèm Dom João Mascarenhas, ou cansado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixação da praça, sem acabar o tempo, querendo aquelle anno vir ao Reyno lograr tão merecida fama. Quizera o Governador dissuadilo, temendo, que ninguem lhe aceitasse a fortaleza, porque com a victoria, & alteração do commercio, faltavão os estimulos da honra, & do proveito, que são os maiores incentivos, de que os homens se vencem. Porèm Dom João Mascarenhas resoluto a passar ao Reyno nas naos de Lourenço Pirez de Tavora, obrigou ao Governador a que buscasse Capitão para a praça, que ja alguns fidalgos lhe havião engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiçá polo perigo, que tem succeder a varões excellentes; porèm Dom Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça.

Deixa D. João Mascarenhas a praça.

Dom Manoel de Lima se offerece a ficar nella.

35 Entretanto o Governador se aprestava para passar a Goa, mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios a esperar as naos de Cambaya, que por intelligencias secretas sabia, que havião de visitar a costa de Pór, & Mangalor, as quaes elle encontrou, rendeo, & trouxe a Dio, cujas fazendas ajudárão a reparar as despesas do Estado. ElRey de Cambaya com o sentimento de tantas perdas, rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficárão cativos, vingandose de tão grandes injurias em sombras tão pequenas.

Toma Antonio Moniz algumas naos.

Vingança barbara d'elRey de Cambaya.

36 Concluidos os negocios de Dio, começou

a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o Governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crescido poder tinhão lançado de Baçorá a Mahamet As-Enam fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Viãose não de longe os perigos, & as consequencias, que resultavão de tão roim vezinho, com quem apenas podiamos caber no Mundo, quanto mais no Estado. Ponderavase a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas maiores; de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoação de quatro mil vezinhos, situada na Arabia felix, em altura de vinte & quatro graos para a banda do Norte; apartase do rio Eufrates em pequena distancia. Distará da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pola parte da Persia, por ter melhores surgidouros, & aguadas. A Ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos, & ceremonias do Persa; a quem dá a beber o demonio as abominações de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificárão os Turcos, & começárão a ganhar os Arabios vezinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorá novo Principe, que como descendente de seus antigos Reys, seria aos Arabios grato, & aos Turcos fiel: liberalidade, com que mostravão entrar com semblante de amigos, escondendo a ambição de senhores. A justiça d'este, que os Turcos saudárão por Rey, escrevem outros em dilatadas

Avisos de Ormuz.

Descripção de Baçorá.

Os Turcos se fortificão nella.

letras, cuja relação deixo, por ser ao gosto importuna, & alhea da Historia.

Vai Dom Manoel de Lima para Ormuz.

37 Resolveo o Governador despachar a Dom Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pola morte de Dom Manoel da Sylveira lhe cabia, tomando a obrigação da guerra com os Turcos, como pensão da praça, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificavão; porque não havia fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificação, havendo Dom João Mascarenhas levado as honras do perigo. Não sei se as cousas da India correm hoje por esta opinião. O Governador se molestava, de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por Dom João Mascarenhas, se lhe offereceo para ficar aquelle inverno na praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendolhe, que em quanto a fortaleza estava imperfeita, a fama de seu nome serviria de muro. E porque se veja quão facil era este grande varão em authorisar honras alheas, referirei a carta que escreveo a seu filho Dom Alvaro, quando entendeo que Dom João Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reyno.

E D. João Mascarenhas torna a ficar em Dio.

O que delle escreve o Governador a seu filho Dom Alvaro.

La vai o senhor Dom João Mascarenhas, tal qual os Mouros, & Gentios confessão; & eu, que sou bom Christão, faço a mesma confissão de seu esforço, porque em todas as batalhas o achei sempre a meu lado. Vaise embarcar para o Reyno, rogovos muito, que lhe façais o mesmo tratamento, que a minha pessoa, & não consintais, que tome outra pousada, senão a vossa; porque alem de elle o merecer, espero em Deos, que tornará muito cedo a estas partes, a emendar meus descuidos.

Tambem escreveo a elRey largamente sobre os merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrandose agradecido aos serviços de todos, & só aos seus ingrato.

E a elRey de todos.

38 Concluidas as cousas de Dio, deixou o Governador a Dom Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do verão na enseada de Cambaya; & mandou lançar pregão em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros, & Gentios podessem tornar a povoar a Ilha, porque debaixo de sua justiça estarião as pessoas, & commercios seguros, gozando da paz, & liberdade antigua; & como a verdade recebe credito do valor, tornárão os Gentios a buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leys, vindo copia de mercadores, & vezinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites da guerra.

Deixa naquella costa a Dom Jorge.

39 Embarcouse o Governador para Goa, aonde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias, onde viérão a visitalo ao mar o Bispo, Capitão mór, & Regentes, pedindolhe se detivesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque não reputasse o Mundo aquelle povo por barbaro, ou ingrato; que triumpho tão merecido não era ambição da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavão os Reys o fruto, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

Embarcase para Goa.

Chega, & he visitado no mar.

40 Deixouse o Governador vencer d'este agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudárão a merecer; nem pòr limite ás alegrias po-

Decretaselhe triumpho.

pulares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstrações festivas tinhão na fortuna disculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta & sete se destinou o dia do triumpho, primeiro, & ultimo, que virão nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a Cidade no Bazar de Sancta Catherina hum espacoço caes, cujo material cobrião varias alcatifas. Rasgouse a porta da Cidade até o alto do muro, como que se mostravão as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia sobir a mais; o gosto não se contentava com menos. Em partes era o adorno de diversos velludos; para que o ouro servisse á magestade, as cores ao deleite. Na portada se vião dous leões dourados, sustentando em huma, & outra tarja as Ruélas dos Castros, sempre illustres, agora triumphantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sem occultar o dia. Viase o mar coberto de naos, & galeões, de fustas, & almadias, que das Ilhas vezinhas concorrèrão, todas embandeiradas, & alegres. Estava no terreiro do Paço huma fortaleza, desenhada pola planta de Dio, & dentro algumas bombardas carregadas sem bala, & outros instrumentos de fogo, com que figuravão huma representação alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se escondião curiosas danças, que com acordadas vozes cantavão ao Governador louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na armonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as telas de lavores, por usuaes, se

Fabrica della.

olhavão com desprezo. As galas dos moradores, taes, & tantas, qne parecia, que triumphava o Povo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os corações se vírão, pois erão demonstrações voluntarias de naturaes affectos.

41 Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comsigo os fidalgos velhos, que o acompanhárão na jornada, igualmente parciaes na gloria, & no perigo. Hião diante os galeões da armada, a quem seguião as embarcações de remo com as velas içadas nos palancos, & todos navegando assombrados com o verdor de differentes ramos, parecião da terra hum bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que avistárão a fortaleza, lhe dérão huma tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contraposta lhe respondeo a artelharia de terra, com tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triumpho. Para dar passo á galeota do Governador, se abrio a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo não menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Francesa de setim carmesim com troçaes de ouro, que lhe tomavão os golpes, & como quem não queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachões de prata, gorra com plumas, mostravão ouro as guarnições da espada. No caes o esperavão os Cabos da milicia, Nobreza, & Regimento da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta, onde hum Vereador na lingoa Latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos

Entra o Governador.

Hum Vereador lhe faz pratica.

humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruinas serião de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas servião tanto á Fé, como ao imperio, obrando, que em tão remotas partes se ouvissem os brados do Evangelho; que agora os Mouros, & Gentios crerião, que não podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrarião com o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradição o estrago de Cambaya de nação a nação, de Reyno a Reyno; que os pays o contarião aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que ja nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderião descansar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de seu governo discorreo largamente, parecendo ao Povo, que antes abreviava, que encarecia suas virtudes, maiores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oração na suavidade de musicos instrumentos, differentes, & acordes. Logo se disparárão algumas peças, cujas balas erão doces diversos, que caindo em pequena distancia, forão á gentalha do povo convite, inda que arrebatado, alegre. Os Vereadores da Cidade recebèrão ao Governador com paleo, & logo hum cidadão de authoridade, inclinado, & reverente, lhe tirou a gorra da cabeça, pondolhe nella huma coroa triumphal, & na mão huma palma. Diante caminhava o Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que levou na batalha, & o braço desencravado, & pendente; (sinal com que ja de tão longe aquella Magestade

Recebèno com paleo.

Ordem do triumpho.

divina, nesta, & naquella idade nos assegura os Reynos, & as victorias.) Seguiase a bandeira Real de nossas Quinas, olhadas com admiração nova de Mouros, & Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados á vista de Juzarcão, & outros Capitães maniatados, que representavão a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Viãose seiscentos prisioneiros arrastando cadeas; tras elles as peças de campanha, com varias, & numerosas armas. As damas das janellas banhavão ao triumphador em agoas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratavão o ouro, ou preciosas drogas, lhe vinhão a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos outra cousa maior, que o triumpho. Os Templos adornados, & abertos, se mostravão benevolos, & gratos; nesta fórma chegou a visitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o Bispo, & Clero o recebèrão com o hymno *Te Deum laudamus.* Entrado na Sé, reconheceo com piedosas offertas ao Author das victorias, & por ser ja tarde com abreviadas ceremonias se recolheo aos Paços, não cabendo a magestade do triumpho nas horas de hum só dia.

Vai á Sé.

Reconhece a Deos por Author de suas victorias.

VIDA
DE
DOM JOÃO DE CASTRO,
QUARTO VISO-REY DA INDIA,

LIVRO QUARTO.

Poucos forão os Reynos do Oriente, que no Governo de Dom João de Castro não alterassem aquelle Estado com diversos movimentos de guerra; ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendoo muitas o Oriente, em serviço da Religião, cingir a espada.

Religiosos Franciscos passão a Ceilão.

1 Havia elRey Dom João enviado alguns Religiosos Franciscos á Ilha de Ceilão, exemplares na vida, & na doutrina, para que com o sangue, & com a palavra testimunhassem a verdade Evangelica, sendo este o maior cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio

tremolar a Asia em obsequio da Religião, que do Imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, forão recebidos d'elRey da Cotta com benigna hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella Gentilidade a voz do Ceo, & ao beneficio da terra inculta respondia o fruto, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

Prégão a Fé em Cãdea, & elRey se inclina a ella.

2 Passárão estes embaixadores do Evangelho a dar novas da luz a elRey de Candea, no coração da Ilha, o qual achárão grato no tratamento das pessoas, & facil na obediencia da doutrina; foi instruido nos mysterios de nossa crença, para que com fé mais robusta se lavasse nas agoas do Baptismo. Deu aos Religiosos terra, materiaes, & despesas para a fabrica de hum Templo, sendo esta a primeira fortaleza, que levantou a conquista do Evangelho naquella Ilha contra os erros da idolatria; porque das vozes do Apostolo S. Thomé (se alli chegárão) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

Mostra incõstancia.

3 Mostravase este Principe aos preceitos de nossa Religião obediente; mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da ley, lhe fazia, por não perder o que amava, deixar o que entendia; porque como planta ainda sem raizes, o inclinavão a huma, & outra parte contradições humanas. Tentárão os Religiosos desviarlhe estes tropeços do caminho da vida, affirmandolhe, que debaixo do amparo de nossa Religião, & nossas armas, assegurava huma, & outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o Estado aquelle Dom João de Castro, que pola Fé sabia derramar o sangue, polos amigos arriscar o Estado.

Os Religiosos o animão.

Sua resolução.

4 Ouvio bem o Rey esta proposta, dizendo, que se o Governador lhe mandasse soccorro, não só professaria a Fé, porèm que a prégaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso a Goa, & certificado o Governador da causa de sua vinda, zelou a conversão d'aquelle Principe, como o maior negocio do Oriente; não menos prompto a dar á Igreja filhos, que ao Estado victorias. Despachou logo com sete fustas a Antonio Moniz Barreto, & ordem, que encontrandose com navios nossos, os levasse comsigo; escrevendo áquelle Principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vai navegando, fallaremos na tomada de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

O Governador zela esta conversão, & manda a isso Antonio Moniz.

5 Tinha o Governador despedido de Dio a Dom Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao Soltão, que com os estragos passados nossas armas não embotárão os fios. Tomou Dom Jorge algumas embarcações de mantimentos, que passavão a bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles, que perdoára a espada. Deu huma tarde vista á Cidade de Baroche, cujos edificios lhe representárão na magestade a policia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais servião ao adorno, que á defensa. Comtudo se deixavão ver diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevação do sitio se descobrião portadas de cantaria lavrada, onde a correspondencia de torres, & ja-

Sitio, & fortificação de Baroche.

nellas mostravão de seus habitadores o poder, & artificio. Era o trato da terra, de finissimas sedas, droga, que d'aquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuia Madre Maluco esta Cidade, tributada das aldeas vezinhas, que na fertilidade, & na grandeza lhe compunhão hum mediano estado.

Trato dos moradores.

Madre Maluco a senhorea.

6 Acaso tomárão os nossos huma almadia de pescadores naturaes da terra; que perguntados, dissérão da Cidade o que temos referido. E querendo saber Dom Jorge, que presidios havia na Cidade, dissérão, que toda a milicia levára Madre Maluco a Amadabá, Corte do Soltão, & que só ficavão ao presente alguns mecanicos, & outra gente de trato. Dom Jorge parecendolhe opportuna a occasião de assaltar a Cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande, como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, & por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, & saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella alguma, forão ferindo os nossos naquella gente desarmada, & fraca, onde a noite, a confusão, & o sono, os trazia a encontrar o perigo, de que andavão fugindo; errando miseravelmente, se desviavão tanto dos seus, como dos inimigos, fugindo dos que tambem fugião. Os gemidos dos filhos não movião os pays á piedade, & menos á vingança; porque o temor subito obrava com os peores affectos da natureza.

D. Jorge a entra de noite.

Os lamentos, & gritos das mulheres, esses as descobrião, sendo seus ays seu maior perigo. E os que escondidos em suas casas escapárão ao ferro, nellas mesmas os abrasou o incendio, não ficando aos miseraveis para a morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invasão, & o saco. Foi o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo, como em Cidade entregue. Alcançou emfim Dom Jorge nesta empresa fama sem risco, victoria sem inimigo. Porèm não duvidamos, que se achára opposições maiores, podéra conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a Cidade ao fogo, aonde em breves horas os nobres, & plebeos, as plantas, & edificios se convertèrão em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcouse alguma artelharia miuda, & rebentouse a grossa, sendo esta facção tão celebre entre os nossos, que fizérão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como ja as ruinas de Cartago dérão a Scipião o nome de Africano.

Poemlhe fogo.

Toma delle o appellido.

7 Acodio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo á lastima, tarde ao remedio; & vendo que o ferro, & fogo não deixára cousa alguma com semelhança do que havia sido, voltou impaciente a elRey de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representoulhe o estrago da Cidade, aggravo, que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o Soltão este novo accidente, jurando acommetter outra vez Dio, que era á pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho imperio. Em tanto pois, que os odios de Cambaya respirão na imaginada vingança, discorreremos no

Acode o Maluco tarde.

espiritual de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou a lograr fruto.

O Rey de Cotta dissuade ao de Candea da cõversão.

8 Entendia o Madune Rey da Cotta, como o de Candea buscava com a mudança de Religião a protecção do Estado, & como estes Gentios são observantes zeladores de seus erros, buscou meios para lhe persuadir, que era a idolatria necessaria á Coroa: affirmandolhe, que com a nova crença faria aos vassallos desobedientes, aos Reys inimigos, ingrato a seus antigos Idolos, que havião prosperado o cetro de Candea tantos annos em Reaes ascendentes; que o Governador da India devia ser o mais insolente homem da terra, pois não sofria, que o Mundo tivesse outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle servia, & adorava; que não negava ser a Religião dos Portugueses, ou melhor, ou mais felice, pois cultivão o Deos das victorias; porèm que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em que nascèra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna, que os que lhe precedèrão. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro? que não recebesse na Ilha homens tão valerosos, que em nenhuma parte sabião ja estar, senão como senhores; que se os Frangues lhe promettião trazer a casa melhor Ley, & augmentarlhe o estado, quem com inteiro juizo havia de dar credito a tão nova bondade de homens, que nunca vira; & mais quando estes não erão tão desprezadores do humano, que não viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? que se queria exemplos, mais Reynos acharia por elles destroidos, que doutrinados; que era verdade, que os seus Jogues (que elles chamão

Sacerdotes) erão faceis em derramar o sangue pola Ley, que ensinavão, mas que estes o farião, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se ja não era, que no Occidente havia mais loucos, que nas outras Regiões, & davão todos naquella perigosa teima de doutrinar ao Mundo; que ultimamente lhe aconselhava, como Rey, & amigo, que devia degollar o soccorro dos Frangues, que esperava, para dar satisfação a seus antigos deoses, justamente indignados de os querer desemparar por divindade estranha; que pola soberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pola ambição de lhe usurpar o Reyno merecião este castigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas, & soldados, fazendo commum a causa, pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

O de Candea consente nisto.

9 O miseravel Principe, não podendo levantarse de todo com o peso de seus antigos erros, se deixou persuadir das razões do barbaro, & fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatria, não podião sofrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; & logo ou incauto, ou violentado conspirou na traição do Madune, como enfermo frenetico, contra os instrumentos da saude indignado; esperárão emfim os hospedes, resolutos em executar a maldade, que tinhão concebido.

Viage de Antonio Moniz.

10 Entretanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes portos alguns navios nossos, que conforme á instrucção que levava, aggregou á sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, & passados os baixos de Manar, foi demandar Baticalou, para d'ahi entrar em Candea,

caminhando por terra. Levava doze fustas de remo, de que tirou cento & vinte soldados escolhidos, & com elles foi caminhando com a segurança de quem hia buscar hum Principe amigo, & obrigado, & sobre tudo, senão fiel ainda, ao menos grato ja, & benevolo ás verdades da Ley, que lhe prégavamos. Chegado a Candea, como tudo fervia em armas, não pòde ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, & pola simulação com que tentárão dividirlhe os soldados para os poder matar mais a seu salvo. De mais, que o Rey lhes não quiz ver o rosto, quiçá por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa, & culpada. Antonio Moniz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimentos, & bagages, que trazia, ficando assi mais livre para a defensa, & para a retirada, & juntando os soldados lhe disse.

Chega a Candea, acha tudo trocado.

11 *Companheiros, & amigos, todos sabeis a traição, que nos tem ordenado este Rey infiel, a quem viemos soccorrer, & servir; entendo, que nos cometterãõ com força descoberta, pois tem agora huma razão, ou causa mais para nos offender, que he, havermos conhecido seus enganos. Nenhum de nós terá mais vida, que em quanto a souber defender. Póde salvarnos o valor, & a conformidade; soccorros não esperamos de fóra, pois estão em nós mesmos; & estes barbaros não se empenharãõ na traição, se virem que he custosa; & que muito, façamos nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a fazer por elles, que he derramar o sangue? Os caminhos, que guião a Batecalou, onde está a nossa armada, devem estar occupados do inimigo, polo que nos parece, que vamos demandar o Rey de Ceitavaca, fiel amigo do Estado, on-*

Trata voltarse.

de acharemos hospedagem, & abrigo seguro para d'ahi irmos a buscar nossa armada.

He cometido dos inimigos. 12 Logo que Antonio Moniz começou a marchar, se descobrírão os inimigos em tropas, acommettendonos com settas, dardos, & pedras, & outras armas d'este genero, com que nos ferírão alguma gente, determinando com este importuno modo de peleija acabarnos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamão Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometter, & retirar, superiores aos nossos no numero, & na agilidade, & sem duvida hum & hum nos forão derribando a todos, se os não fizera afastar a nossa espingardaria, de que recebèrão dano, & temor grande, vendo cair alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguião mais timidos, & cautos; assi nos forão picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, & outras cobardes, & com este sequito desigual, & importuno, hião dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

Trabalhos que passa. 13 Sobreveo a noite, de que os nossos recebèrão mais segurança, que repouso, porque sempre os forão inquietando com tiros vagos, & perdidos, sem que os pobres soldados podessem ainda sobre as armas receber algum breve descanso; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, & as mãos nas armas. Assi passárão até o seguinte dia, que descobrírão os barbaros mais soltos, & atrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhe fazião os instrumentos do fogo. Chegárão emfim a ferirnos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, & fazer algumas vol-

tas, em que lhe degollamos gente, & cativamos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, & nas armas, parecia o Regente de todos; o que mostrou ser assi no risco, & ouzadia, com que intentárão livralo, fazendo muitas arremetidas, de que saírão cortados, porèm sempre constantes naquella invasão porfiada, que ja os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

14 Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, & se livrassem peleijando, ou acabassem vingados; porèm Antonio Moniz lhes disse, que a melhor parte do esforço era o sofrimento; & que só este os podia salvar; que tinhão a maior parte do caminho vencido; que marchando vigiados, & unidos, não poderião receber grande dano; que por grande, que o perigo fosse, seria depois maior o gosto, quando o recontassem gloriosos, & seguros. Assi lhes foi o Capitão criando espiritos novos, & enfreando a desesperação de tão prolixa resistencia, até os visitar a noite, como alivio dos trabalhos do dia; na qual os barbaros tambem quebrados deixárão em alguma maneira respirar os nossos. Porèm tanto que amanheceo, tornárão a seguir a presa mais furiosos, parece que corridos de achar opposição tão valerosa em poder tão pequeno. Aqui se desenvolvèrão mais soltos contra os nossos, que ja se defendião, ainda que com os mesmos animos, com forças mais remissas.

Prudencia com q̃ modera os seus.

15 Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, & lançalo na estrada, a quem os seus, deixando a peleija, acodírão logo detidos do amor, ou da piedade do maioral, ou companheiro que vião em tão miseravel estado; ficárão os nossos hum espaço

largo, como sem inimigo; porèm subitamente movidos de hum espirito de lastima, ou vingança, acommettèrão impetuosamente os nossos em hum passo estreito, que hia fechar em huma ponte, fundada sobre hum grande rio, que se não vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto aos inimigos em quanto seus soldados passavão; & como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte, industria, com que tolheo aos barbaros a passagem, & sequito. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defensa, porèm entre os poucos, que soubérão fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada applausos de huma grande victoria. Chegárão emfim ao Rey de Ceitavaca, onde achárão benigna, & fiel acolhida, reparandose da fome, feridas, & trabalho, com liberalidade piedosa, & grata, offerecendolhes suas forças para a vingança de tão justo aggravo.

Esforço com q̃ peleija.

Retirase.

16 O pobre Rey de Candea arrependido da maldade comettida por inducção do Regulo vezinho, aborrecendo a traição, como cousa criada em peito alheo, enviou a Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevendolhe, que o sentimento era seu, & os erros alheos; que pois o fòra buscar infiel, não o desamparasse Christão; que o Deos, em que começava a crer, por isso era tão grande, porque perdoava offensas; que aquellas tenras flores, que começavão a abrir no jardim da Igreja, não as quizesse deixar desabrigadas ás injurias do ardor da idolatria; que pois viérão com armas limpar aquelle mato de superstições gentilicas, não se espantasse de sair lastimado

Arrependese el-Rey de Candea.

Mãdalhe hum mensageiro.

das espinhas, & cardos da infidelidade; que sendo tão benigno o Deos, que lhe prégavão, com justiça sem misericordia não salvaria os homens; que a quem não desprezava o Ceo, não desprezasse a terra; que lhe pedia o soccorresse, porque estava prompto a offerecer polo amparo a fazenda, & pola Fé o sangue.

17 Com esta carta esteve Antonio Moniz resoluto em se tornar a Candea, representandoselhe maiores os interesses da Religião, que os perigos da vida. Porèm os soldados, como abraçados com a taboa, em que havião escapado, não quizérão sahir do abrigo do Principe amigo, dizendo, que o primeiro engano fòra do traidor fementido, o segundo seria do Capitão crédulo, & incauto; que se não querião tornar a fiar da vibora, que huma vez os mordèra; porque se os quizera matar quando obrigado de hum grato soccorro, que faria, quando offendido na injuria de seu exercito afrontado? Que querião agradecer a Deos hum milagre, antes que pedir outro; que o Governador os não mandava como Apostolos, senão como soldados; que se hião a derramar o proprio sangue pola Fé, fossem sem armas, mas que a sua vocação era defender a Ley com a espada, & não prégala. Vendo Antonio Moniz, que os soldados estavão frios no zelo, & duros na obediencia, entendendo, que se Deos quizesse salvar aquelles póvos, abriria os caminhos, resolveo buscar sua armada; & em quanto elle navega, tornaremos ás cousas do Hidalcão, que temos retardadas.

Quer Antonio Moniz tornar.

Os seus o encõtrão.

Recolhese á armada.

18 Sobresaltado o Hidalcão com a presença do Meale em Goa, tentou com o remedio das armas purgar estes receos; & porque as guerras

O Hidalcão mãda sobre as terras firmes.

de Dio tinhão hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo a Cidade de Goa o tinha ausente, acommetteo as terras de Bardez, & Salsete, que asseguradas na paz estavão sem defensa. Despedio quatro mil soldados, que sem golpe de espada as senhoreárão, fazendo, que os agricultores lhe acodissem com os frutos, & foros annuaes, que pagavão ao Estado. Chegou a Goa o aviso d'esta entrada, que deu grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolvèrão esperar a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcão o orgulho, presidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar ás incursões do inimigo este pequeno freo.

19 Logo que o Governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanso, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a Dom Diogo de Almeida Freire, com novecentos homens, para que desalojasse o inimigo, que estava com quatro mil soldados nas aldeas vezinhas. E tanto que os Mouros tivérão aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolhèrão ao sertão; o que a todos pareceo respeito ás victorias de Dio, cuja fama tinha cheo de temor, & reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha á nossa obediencia, logrando com os receos da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixoso, & vezinho. O Hidalcão, dandose na fugida dos seus por afrontado, acodio pola opinião das armas, como

Retirãose de temor dos nossos.

segunda causa para mover a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestava poder maior, intentando (como elle dizia) onde aventurava o Reyno, arriscar a pessoa. Porèm em quanto o estrondo d'estas armas se não ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, & Maluco, por serem dispostas com a providencia do Governador, & acabadas com sua fortuna.

Mãda outra gente, & quer elle vir.

20 Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, Ilhas, que como tão distantes do coração do Estado, recebião mais tibia obediencia, assi na sujeição dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, que obravão voluntarios, & independentes. Tinha Jordão de Freitas enviado a Goa a elRey Aeyro, ligado com prisões, indignas da Coroa, & criminado com processos alheos da verdade. Os quaes Dom João de Castro mandou verificar por tela de juizo, & absoluto o pobre Rey dos delictos impostos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras, & favores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar a posse do Reyno com maior reverencia, que de nossos Governadores costumavão receber seus passados, para que conhecessem aquelles póvos a clemencia, & justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, & amigos.

ElRey Aeyro preso em Goa.

He absoluto polo Governador.

21 Chegou Bernardim de Sousa á Ilha de Ternate, & saltando em terra, se foi meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambição d'aquelles povos costuma receber a seus Governadores. Jordão de Freitas, que na subita vinda do successor, & na consciencia culpada, estava

Levado a Ternate.

lendo o processo de suas demasias, ficou sobremaneira alterado, conhecendo da inteireza de Dom João de Castro, que não permittia aos Capitães móres, que aos Reys amigos fizessem, nem sofressem injurias, & que se não podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Comtudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem logo acudírão os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que a esperalo: tão tímidos são os juizos dos homens nas cousas que desejão. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da nao tão honrado, que pareceria, que mais fôra representar serviços, que responder a culpas. Os filhos ainda incredulos no gosto da insperada nova, forão correndo á praia, seguidos de multidão de povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirandose da igualdade de nossas leys, indifferentes a naturaes, & estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe dérão a victoria de nós mesmos; & que das excellencias do Governador da India fallaria sempre com o dedo na boca. Levantados em as mãos levava os grilhões, com que d'alli partíra preso, servindose da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousárão as cousas de Maluco, em grata obediencia, muitos annos.

E restituido aos seus.

Conjurão varios Reys contra Malaca.

22 Gozava neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizades, & commercio dos Principes vezinhos; & porèm elRey de Viantana achandose com forças para intentar qualquer empresa grande; o poder, & o ocio lhe trouxérão á memoria muitos aggravos esquecidos, que dos Reys de Patane havia aquella casa recebidos; & como era bem correspondido dos

Principes de Quedá, Pam, & outros confinantes, teve meios para os colligar, fazendoos parciaes na vingança de alheas injurias. Pozérão sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, & elles ficarião com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem o sangue na satisfação dos aggravos de outro.

Que faz o Capitão della.

23 Era nesta occasião Simão de Mello Capitão de Malaca, & sabendo das discordias d'estes Principes, escreveo a Diogo Soarez de Mello, que estava no porto de Patane, que se viesse áquella fortaleza, porque como todos aquelles Reys erão amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças; de mais, que era razão politica, deixar que a guerra os quebrantasse, para que desangrados vivessem na paz, & obediencia de nossas armas mais sujeitos, considerando, que o tempo lhes podia dar occasião, & as forças ouzadia, porque para o odio, bastava sermos nós dominantes; & para a guerra, o poder não busca outras causas.

24 Diogo Soarez não engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a China, & elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tempo o Achem ás presas com vinte velas grossas, fazendo com forças de senhor o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, & fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna cresceo o atrevimento, chegando a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que chegára a pisar terra de nossa obediencia, & logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

Sae em terra o Achem, & recolhese logo.

25 Tocouse na Cidade a rebate, onde o temor, & a noite fez maior o perigo, fugindo muitos de suas mesmas sombras. Chegárão á fortaleza as vozes dos que só temião, porque vião temer, assombrados do medo sem perigo. Mandou o Capitão mór a Dom Francisco d'Eça com alguns soldados, que entrados na povoação dos Chelins, vírão na confusão, & temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava ja embarcado, sem levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavão as paredes daquella fortaleza, que parecia insolencia comettelas, avistalas delicto. Mandou logo por hum Bantim ligeiro, espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caravelões, & seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasião Diogo Soarez de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar á victoria. Nomeou a Dom Francisco d'Eça por Cabo d'esta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção, que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto, porque não hia bastecido para mais largo tempo.

Sae a buscalo a armada.

26 Navegárão oito dias sem encontrar a armada, & chegados a huma Ilha, tivérão novas, que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou Dom Francisco passar avante, porèm os soldados se amotinárão, dizendo, que era de Capitão bisonho seguir a quem fugia; que os bastimentos estavão ja aca-

Tem novas delle o Capitão, & quer seguilo.

Os soldados se amotinão.

bados; que elles não hião a peleijar com a fome; & que se o regimento do Capitão mór se estreitava a dez dias, melhor era a obediencia, que a victoria. Porèm Diogo Soarez de Mello, inda que inferior no posto, maior na authoridade, disse, que todo o Capitão que se voltasse, havia de peleijar com elle primeiro, porque maior serviço faria a elRey em meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Applacado nesta forma hum temor com outro, navegárão a Quedá, onde soubérão, que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo Dom Francisco seguilo, visto estar tão vezinho. Aqui foi a murmuração dos soldados maior, mas não o atrevimento, porque vírão que a injuria era mais do temor que do perigo; assi forão seguindo a Capitaina com maiores demonstrações de gosto, do que nunca tivérão, ou fosse por dourar os receos passados, ou que os corações presagos da victoria criárão mais honrados affectos.

Diogo Soarez os applaca.

27 Avistárão naquella mesma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto estava o inimigo surto em huma enseada, que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitão mór sondar o rio, & abalisar com ramas o canal para fugir dos bancos, & sabendo pola sonda, que tinhão as caravelas fundo, cometteo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galès, & outros navios buscar a nossa armada, porque polas espias entendeo, que erão navios mercantes, em razão de haverem vista da terra dos caravelões sómente, por estarem as fustas, & galeotas cubertas com a sombra de huma ponta torcida em voltas, que alli faz o rio. Trazia o inimigo

Avistão, & comettem o inimigo.

duas galés diante, que davão escolta a outra muita fustalha; as quaes como achárão soldados, aos que imaginavão mercadores, quizérão voltar, mas como o rio era muito estreito, & ellas vinhão arrazadas em popa, o não podérão fazer, sem que primeiro lhes chegassem os nossos. Atracados em breve espaço, tingírão as armas, & ainda o rio em sangue. Diogo Soarez entrou a galé Capitaina com cincoenta soldados, & achou nos Mouros tão porfiada resistencia, que todos forão mortos, porèm nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijárão os outros. Conheceose a victoria polos vasos, mas não polos cativos. Parece, que com obstinação honrada nenhum quiz sobreviver á sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos, pois não só peleijárão com valentes, mas com desesperados.

Rende Diogo Soares a Capitaina.

Embaixada dos cõjurados.

28 Entretanto elRey de Viantana, & os mais confederados recebèrão tantas satisfações do de Patane, que assentárão com maiores vinculos a paz; estes sabendo, que a nossa armada era saída, ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante, viérão tentar, se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado vezinho; & como o odio os fazia atrevidos, & o temor covardes, quizérão com o semblante da paz disfarçarnos a guerra. Enviárão hum Capitão pratico a Simão de Mello, significarlhe o sentimento, que tinhão de haver o Achem desbaratado a nossa armada; & que sabião, que com o gosto da victoria, juntava poder maior para vir sobre a fortaleza, que como tinha tão poucos defensores, era forçoso, que o valor cedesse á multidão, pois o numero, & a occasião

dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pedião licença para desembarcar naquelle porto, & remirem com seu sangue a fortaleza de tão certa ruina, & faria o Mundo juizo, que erão melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Alem d'esta mensagem cautelosa, vinha o enviado instruido, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, & do semblante do Capitão conjecturasse o valor, ou receo com que ouvia o destroço da armada; por ser o coração nos affectos mais fiel, que a lingua.

Reposta do Capitão de Malaca.

29 Porèm Simão de Mello entendendo, que a offerta era traição, & o mensageiro espia, determinou ferilos polos seus mesmos fios, servindose de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a tão opportunos soccorros, como lhe offerecião, & que em retorno de tão grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, que os seus navios alcançárão do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; & que na fortaleza tinha gente, & munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem saíra d'aquelle porto fugindo; que os Portuguezes tivérão no alcance difficuldade; na victoria, nenhuma. Estas palavras recebèrão credito da segurança com que se dissérão, ficando o Mouro crédulo, & descontente no esforço do Capitão, na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitão mór, ou entendèra o ardil, ou desprezára o medo.

Faltão novas da armada.

30 Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusandose de leve, & temerario, por haver empenhado as forças d'aquella praça contra hum inimigo, de cuja

paz não tiravamos fruto, nem gloria da ruina; porque humilde prova de valor seria destroçalo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assi discorria o Capitão, como se não pudéra haver desgraça sem culpa. Hião na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, & filhos com lagrimas anticipadas ao successo, choravão a victoria, que ignoravão, queixandose do Capitão, que quizera comprar fama com o sangue alheo; sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E ja o tumulto popular tocára em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier (que então a India respeitava penitente, & agora o Mundo venera Santo) não enfreára o povo, lembrandolhe a paciencia nas adversidades, não só como virtude, senão como remedio; descobrindolhe cauto, mas tambem compassivo, huns longes de mais alegres novas, que mais parecião alivios de proximo, que annuncios de Propheta. Quando no mesmo dia, em que se deu a batalha, estando á vista de numeroso povo, ensinando os caminhos da vida, se arrebatou subitamente em hum extasis profundo, como bebendo em suave silencio os segredos divinos; até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que postrados ante os altares, déssemos graças ao Author das victorias, porque naquella hora desbaratára Deos com nossos braços a armada do inimigo. O povo reverente no presagio do Interprete divino, com gratas, & piedosas lagrimas louvava a Deos no Santo, começando dos estremos do pesar, mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma Er-

Queixase o vulgo.

O P. Xavier o socega.

Pronostica a victoria.

mida vezinha, referio os casos da batalha com tão particulares accidentes, como quem sabia o successo, de quem deu a victoria; & d'esta felicidade cremos, foi o glorioso Santo intercessor, & oraculo, o qual com muitas outras illustrações divinas antevio os segredos escondidos com espirito presago do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porèm o Governador em Goa, ainda com as armas quentes no sangue de huma batalha, o chamavão a outra.

E annuncia o modo della.

31 Entre o Hidalcão, & o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que temos referido, de que Dom João de Castro lhe não podia dar satisfação, sem afronta; nem negarlha, sem guerra. Com a retirada dos Mouros estavão á nossa obediencia as terras de Bardez, & Salsete, nascendo os frutos da agricultura, quasi debaixo das armas com que os defendiamos. O Hidalcão, como via com seus olhos as terras, & tambem os aggravos continuados na retenção que avaliava injusta, cada dia nos acordava com as armas seu direito, sobresaltado juntamente com a presença do Meale em Goa, que era veneno, que acommettia o coração do Reyno; & entendendo, que com as entradas dos seus subitas, & furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado; & que com a negação dos mantimentos, empobrecia os vassallos, & engrossava os vezinhos, de cujos pórtos os recebiamos. Entrou em consideração de nos fazer a guerra com poder descoberto, em que aventurasse o Reyno, & a pessoa, deixando na fortuna de huma batalha, a justiça de humas, & outras armas; & como a paz, & a tyrannia o tinhão feito rico, erão-

Cuidados do Hidalcão.

lhe faceis as despesas da guerra, que havia de mover, quasi dentro em sua mesma casa. Despachou logo oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto se dispunhão forças maiores para sustentar o que aquellas ganhassem.

Mãda gẽte á terra firme.

32 O Governador com o primeiro aviso d'esta entrada, ordenou, que Dom Diogo de Almeida Freire com novecentos Portuguezes, & alguns Canarins de soldo, & huma companhia de cavallos fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoalmente; fama, que os Mouros derramavão, & nos querião persuadir, ou se persuadião. Dom Diogo de Almeida partio com esta gente, & fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo, que não quiz empenhar o poder, nem aceitar a batalha, que lhe offereciamos, quiçá conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta pola falta de provizões, & incommodidades do terreno alagadiço, & retalhado em esteiros, onde não podiamos ter alojamento enxuto, nem servirnos de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pola humidade nos tolhião a passagem, outros pola aspereza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, & estavão feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade, & soltura. Demais, que erão bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois Dom Diogo, que o inimigo tinha a escolha de peleijar, ou retirarse, & que os mantimentos lhe

D. Diogo de Almeida lhe sae.

faltavão, consultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto resolvia o que se devia obrar.

O Governador o faz recolher.

33 Voltou o Governador de Pangim a Goa, onde poz em conselho o estado das cousas, & desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pesada para evitar as molestias de tão repetidas entradas, ficando de huma vez com as mãos livres para acodir a negocios differentes, o que não poderia ser, deixando armado, & sem castigo tão importuno vezinho. Porèm a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do verão seguinte, em que os nossos podião campear ja no terreno enxuto, & com forças maiores, engrossadas com os soldados reynoes, que nas naos de viagem se esperavão; que o fim das empresas não era a brevidade, era a victoria.

E põe esta guerra em conselho.

34 O Governador ainda que bellicoso, & mal sofrido, houve de sojeitar a vontade ao entendimento, esperando monção, em que podesse pedir ao Hidalcão mais rigorosa conta de seus atrevimentos. O que assentado ordenou a Dom Diogo de Almeida Freire, que retirasse a gente, deixando a fortaleza de Rachol com sufficiente presidio, pondo ás correrias do inimigo este pequeno freo. E como o Governador era no exercicio das armas incansavel, em quanto não tinha real a guerra, parece que se deleitava com a imagem d'ella. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos soldados tirar á barra, jogar as armas, formar esquadrões, incitando a huns com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulação, & exercicio, crescer estas virtudes, trocando huma Cidade pacifica, & politica, em

Dilatase para outro tempo.

Exercita a guerra na paz.

escola de armas, que estes erão os seraos, & comedias, onde com util, & bellicosa diversão se recreava o povo, tendo com a frequencia d'estes ensayos os soldados tão bem disciplinados, que nas occasiões da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de novo. Passando pola rua de Nossa Senhora da Luz, vio em huma casa terrea quantidade de armas em hum cabide, tratadas com tal lustro, & asseo, que se pagou da limpeza, & concerto, com que estavão dispostas, & tendo a redea ao cavallo, perguntou, quem na casa vivia? Acodio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalvez soldado de fortuna. O Governador depois de o louvar de curioso, & bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu governo tivérão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

Favorece os soldados.

Tem avisos de Dio.

35 Era ja entrado o mez de Agosto, & o Governador, como antevendo as occasiões futuras, não perdia momento em municionar, & bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes Capitão de hum catur, com cartas de Dom João Mascarenhas, em que o avisava, que o Soltão de Cambaya juntava todas as forças de seus Reynos com voz de pòr segundo sitio áquella fortaleza; que convinha mostrarlhe este verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alhea; mórmente, que impedindolhe nossas armadas a liberdade da navegação, & os uteis do commercio, abriria os olhos para ver, que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

Communicaos ao

36 O Governador mandou juntar o governo da Cidade, a quem deu copia da carta de Dom

João Mascarenhas, pedindolhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; & ainda que esta exacção os tomava sobre tão fresco empenho, foi a proposta do Governador tão grata a todos, que lhe offerecèrão as vidas, & as fazendas, como se fòra o serviço do Estado, alimento, & herança dos filhos, que criavão. Esta felicidade de tempos não alcançou a India em todos os governos. Dom João de Castro lhes pedio dez mil pardaos, com que o Povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns Cidadãos ricos lhe mandárão quantidade de joyas, com huma carta chea de honradas queixas polas não haver aceitado, nem despendido na primeira offerta; mostrandose as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta maiores. Porèm o Governador escasso no uso, & dispendio de tão fieis donativos, lhos tornou a remetter agradecido, & pagandolhes nas honras dos maridos, & filhos, tão liberal, & opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim, & Chaul das noticias do Capitão de Dio, & despesas da armada, & necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe respondèrão tão faceis ao serviço Real, que parecia recebião as novas occasiões de perigo, & despesa, como premio do que tinhão servido.

Senado, & pedelhe ajuda.

Offerecẽlhe quanto tem.

E as mulheres suas joyas.

Avisa Chaul, & Baçaim.

37 Andava o Governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova, que na barra de Goa havião lançado ferro duas naos do Reyno, que se apartárão da conserva de outras. Tinhão aquelle anno partido do Reyno seis, sem Capitão mór; das que chegárão erão Capitães Balthasar Lobo de Sousa, & Francisco de Gouvea; das quatro que faltavão,

Chegão naos do Reyno.

Dom Francisco de Lima em S. Philippe, & vinha provido na Capitanía de Goa; Francisco da Cunha no Zambuco; & estas duas partírão tarde, & viérão tomar a barra em vinte & tres de Setembro. De outra nao, que era a Burgaleza, vinha por Capitão Bernardo Nazer, invernou em Socotorá, & aportou em Goa nos ultimos de Mayo. Era Capitão da outra Dom Pedro da Sylva da Gama filho do Conde Almirante, despachado para Malaca, & por roim navegação do seu Piloto, se perdeo nas Ilhas de Angoxa, salvouse porèm a gente, que passou a Moçambique, & d'ahi repartida por outras embarcações, chegou á India.

Ordens q̃ trazem. Nestas naos veo ordem ao Governador, que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, & convinha assegurar os moradores, & o porto como escala principal de nossas naos, tolhendo ao inimigo o impedimento, que nos podia fazer no commercio de Çofala, & Cuama.

Resolve a guerra do Hidalcão. 38 Achavase o Governador com tres mil soldados Portuguezes, & alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que juntou na India, & considerando, que o Hidalcão com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscalo no interior do Sertão, necessitandoo a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa, taixado o poder, & o tempo. Communicou esta resolução com os Regentes da Cidade, & aos Cabos da milicia, & a todos pareceo a occasião opportuna. E como o Governador era nas execuções sobre maneira presto, & tinha a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segun-

do a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho Dom Alvaro, Dom Bernardo, & Dom Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rey Dom Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, & Vasco da Cunha. Hia tambem Dom Diogo de Almeida Freire com duzentos cavallos, & os casados de Goa, a quem se aggregárão os peões da terra, em numero de mil & quinhentos. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados Portugueses, & alguma infanteria dos naturaes, ao qual avisou o Governador, que se apresentasse para se ajuntar com elle na Villa de Margão.

Ordena sua gente.

39 Neste tempo chegárão a Goa Embaixadores do Rey do Canará, que pretendião a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão seu confinante. Foi este Reyno entre os Orientaes, pola grandeza do imperio, o mais illustre; polos principios da origem, o mais desvanecido, fabulando mil tradições apocrifas, com que á veneração Real servio a lisonja. Ouvio o Governador a embaixada com ceremonias decentes á ambição do Rey, & grandeza do Estado; & logo capitulárão amizades com condições honestas a huma, & outra Coroa. Tanto que o Hidalcão entendeo a resolução do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazão, querendo cansar o Estado com aquella forma de guerra repentina, & furtiva, aos nossos intoleravel, a elle facil.

Vemlhe Embaixadores do Canará.

Ouvcos, & despedeos.

Retira o Hidalcão a gente.

40 Soube o Governador, que os Mouros erão recolhidos a Pondá, onde estavão abrigados com a artelharia do seu forte; alguns Capitães forão

de parecer, que o Governador não seguisse o inimigo, que fugia, opinião envelhecida dos maiores soldados; porèm Dom João de Castro, não querendo vestir de balde as armas, mandou passar avante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata aos soldados, crendo, que levavão na fortuna do General grão parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, & ja sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

O Governador os segue.

41 Dom Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, & peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente; porèm sem impedir, ou retardar aos outros, que passavão. Os demais Capitães cortárão o rio por differentes partes, & quando chegárão, achárão a Dom Alvaro baralhado com os Mouros, & já tão apertados, que hião deixando o campo, porque como não era seu intento peleijarem no raso, tanto que vencemos o rio, cessárão da opposição, que nos fazião, retirandose ordenados á sua fortaleza de Pondà. O Governador mandou seguilos, o que se fez aquelle dia por sima de alguns estrépes, que encravárão a muitos; & chegando a Pondá vio a todos os Capitães do Hidalcão ordenados em forma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha, que levava, mandou acomettelos; os Mouros na resolução parece que conhecèrão a pessoa de Dom João de Castro, & como se dérão lugar á fama de seu nome, lhe deixárão o cam-

D. Alvaro peleija na vanguarda.

Os Mouros fogem.

Manda o Governador seguilos.

po, onde só com o respeito alcançou a victoria. Retirouse ao sertão o inimigo, onde pola aspereza da terra não podia ser seguido. Entrou Dom Alvaro na fortaleza, que achou desemparada; forão muitos de parecer, que se desmantellasse; o Governador porèm, com mais altivo acordo, mandou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo; era desprezo, & pareceo piedade.

Retirãose ao sertão.

42 Ficárão outra vez as terras á nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcão tinha forças para nos tolher os frutos, mas não para logralos; & peleijava ja mais pola reputação, que polos interesses da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para o descanso, que o mar, ou a batalha; & como o tempo chamava as vélas, & os successos trazião aos soldados contentes, não foi necessario para se embarcarem, bando, ou diligencia.

Volta a Goa.

43 Achouse o Governador no mar com cento & sessenta fustas, de que erão os Capitães Dom Alvaro de Castro, Dom Roque Tello, Dom Pedro da Sylva da Gama, Dom João de Abranchez, Dom Jorge d'Eça, Dom Bernardo da Sylva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylva de Menezes, Dom Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodriguez de Tavora, Dom João de Attayde, Dom João Lobo, Gaspar de Miranda, Dom Bras de Almeida, Jorge da Sylva, Dom Pedro de Almeida, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopez Lobato, Antonio

Torna a Dio.

de Sá, Alvaro Serrão, Dom Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Telles, Antonio Henriquez, Aleixo de Abreu, Antonio Diaz, Balthasar Dias, Balthasar Lopez da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodriguez Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandez, Nuno Fernandez, Francisco Marquez, Duarte Diaz, Diogo Gonçalvez, Francisco Alvarez, Francisco Varella, Luis de Almeida, Francisco de Brito, Gonçalo Gomez, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pirez, João Fernandez de Vasconcellos, Fernand'Alvarez, João Soarez, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunez Homem, João Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Affonso, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalvez de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pirez, Pero Affonso, Pero Preto, Luis Lobato, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardez, Thomé Branco Patrão mór da ribeira, Coge Percoli lingua; & os navios que viérão de Cochim, de que os Cabos erão nossos. Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por benevolencia do Governador servírão graciosamente o Estado.

Chega a Baçaim.

44 Com toda esta frota foi o Governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias a Cambaya, para reconhecer as forças, & desenhos do inimigo, de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor, & espanto; & os Guzarates crédulos, ou soberbos dizião, que o Sol-

tão poria d'esta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o Governador aviso, que Caracem genro de Coge Cofar estava na fortaleza de Surrate, com pequeno presidio na confiança do exercito vezinho. Dom João de Castro desejando cometter alguma das praças, que cobria a sombra do inimigo, mandou a seu filho Dom Alvaro com sessenta velas, para que sobindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza, ou tomando lingua da terra soubesse, com que munições, & presidio Caracem se achava, & parecendo, que se podia tomar a fortaleza por escala, lhe désse logo o assalto, porque polas mesmas pisadas, que deixasse, iria a soccorrelo.

Mãda D. Alvaro a Surrate.

45 Chegou Dom Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, & logo despachou a Dom Jorge de Menezes Baroche, com seis fustas, para reconhecer a fortaleza. Sobio Dom Jorge polo rio, remando á voga surda, até que sendo visto da fortaleza, lhe tirárão algumas bombardadas. Os das fustas voltárão logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bradou Dom Jorge, que esperassem. Aqui foi o perigo maior, donde se não temia, porque de huma povoação de Abexins, que estava sobre o rio, tirárão muitas peças; o que visto por Dom Jorge, saltou em terra, & entrando a povoação ganhou a artelharia dos reductos com valor, & animo tão quieto, que a baldeou nas fustas, sem que lhe fizesse estorvo a gente que acodia de terra. Esta segurança fez parecer o poder maior, quiçá medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

Despede D. Alvaro a D. Jorge.

46 Logo que Dom Alvaro despedio a Dom

E outros Capitães. Jorge com as fustas, mandou tras elle outras duas, de que erão Capitães Francisco da Sylva de Menezes, & João Fernandez de Vasconcellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgírão em hum poço antes da povoação dos Abexins, donde mandárão os marinheiros, que fizessem aguada; que saltando em terra caminhárão quasi hum tiro de espera. Caracem, tanto que ouvio as bombardadas, que se tirárão da povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes achárão as estancias perdidas, & a artelharia embarcada; & passando mais avante forão vistos dos marinheiros, que fazião aguada; que bradárão a Francisco da Sylva, dizendo, que no campo havia inimigos; & Francisco da Sylva encaminhou logo a soccorrelos, acompanhado de João Fernandez de Vasconcellos, & fazendo hum esquadrão cerrado, envestírão com os Turcos, & os rompèrão, ficando alguns caídos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes dérão. Dom Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, & que os nossos peleijavão em terra, poz nella a proa, & acodio a tempo, que pòde carregar ao inimigo, o qual se recolheo fugindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custounos a victoria hum soldado. *Que lhes succede.*

Voltão a Dom Alvaro. 47 Embarcárãose os nossos, & forão na companhia de Dom Jorge a demandar a armada. O qual referindo a Dom Alvaro o successo, & a observação que fizéra, pareceo aos Cabos, que não tinha lugar a facção, visto estar a armada descoberta, & a terra appellidada. Só Dom Jorge sustentou tenazmente, que se devia cometter a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a

maior razão, com que o persuadia; porèm erão as contradições tão vivas, que não podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

Que fez o Governador em Baçaim.

48 Em quanto Dom Alvaro esteve no rio de Surrate, o Governador surto deu expediente a diversos negocios, & como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde á vista dos Turcos, que o asseguravão, o havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de tão grandes victorias, huns aos outros a referião os Mouros temerosos, ou crédulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galantaria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descansar dos negocios mais graves, se deleitava em diversões briosas. Costumavão os soldados d'aquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que servião de cortar as driças, & enxarceas dos navios de presa, & tambem de arrombar caixões, & fardos; este era o uso, o outro era coberta. Desgostavase o Governador de armas, que tinhão tão humilde serviço, & vendo acaso passar Fausto Serrão de Calvos, soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homens de conta, só a espada cingião airosamente. Senhor, (lhe respondeo o soldado) sem esta machadinha não servem os espetos de V. Senhoria, porque não poderemos assar inteiro a elRey de Cambaya.

Ajuntase com seu filho.

49 Foi o Governador ajuntarse com Dom Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou d'ahi com toda a armada junta a avistar Baroche; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira Capitão dos

Naires de Cochim, para sondar o rio, & ver o que se podia obrar, informandose do estado da fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio polo rio até haver vista do exercito do Soltão derramado por huma dilatada campina. Era fama, que trazia duzentos mil soldados; o certo he, que era a multidão tão grande, que cobria os campos vezinhos, & distantes. Referio ao Governador o que vira, o qual altivo de se ver tão temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada, & foi sobindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder secava os rios. E desembarcando em terra, formou campo, & apresentou batalha ao Soltão; acção tão valerosa, que entre as memoraveis do Mundo não deve esta ser segunda. O Soltão nem aceitou, nem recusou o conflicto; esperou ser comettido, assi como buscado. Vio ao Governador, não lhe quiz ver a espada. Porèm Dom João de Castro, como buscando nova gloria, em facções não vulgares, chamou a si os Cabos, & fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

Avista o Soltão.

Apresentalhe batalha.

Falla aos seus.

50 *Temos á vista o maior Rey da Asia, & o maior exercito; anda buscando occasiões a fortuna de nos fazer famosos, para que sobre esta victoria, na obediencia do Oriente, descansemos as armas. Confessovos a desigualdade tão grande entre hum poder, & outro; porèm nossas esquadras não se contão polo numero, senão pola virtude. Aquelles são os mesmos, que ha poucos dias destroçamos em Dio, não he necessario a estes fazer novas feridas, rasguemos mais as que inda trazem*

abertas. Seu mesmo numero os faz mais temerosos, vendo embaraçados os caminhos para poder salvarse; se hontem nos deixárão o campo, tendonos sitiados, como nos hão de resistir agora victoriosos? Mal sustentaráõ a honra de seu Rey, os que perderão a sua. Maior poder he o nosso, que o do inimigo; peleijão de nossa parte a fama, & a victoria. Não creo, que haverá quem engeite a grande parte que lhe cabe na gloria d'este dia.

51 Os fidalgos, & soldados dissuadírão o Governador de tão perigoso acomettimento; porque em forças tão desproporcionadas, ainda era digna de reprehensão a victoria; que os homens grandes fiavão mais da razão, que da fortuna; que olhasse pola conservação, pois ja lhe sobejava fama; que assaz era haver desembarcado, & offerecer ao Soltão batalha, pisando sua mesma terra. O Governador se deixou vencer d'estas razões, temendo mais a culpa, que o perigo. Dom Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sorte no inimigo; porèm Dom João de Castro, como lhe desviárão o golpe da batalha, parece, que não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Esperou tres horas na Campanha, sem que o inimigo se movesse, & logo mandou embarcar os soldados, que o fizérão tão desassombrados, & seguros, como em porto do Estado; facção a mais gloriosa que tivemos sem sangue.

Reposta dos fidalgos, & Cabos.

Está no Cãpo tres horas, & embarcase.

52 De Baroche foi o Governador atravessando a Dio, & despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talárão as hortas, & palmares planta-

Danos que faz.

dos para a recreação, & alimento de seus habitadores, abrasárão grão copia de navios, derribárão soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, & a memoria nas prostradas ruinas.

Chega a Dio.

53 Aportou o Governador em Dio, onde o Capitão mór o veo receber á praia, & os naturaes da Ilha lhe fizérão festas, como soberbos na sojeição de tão valeroso inimigo. Dom João Mascarenhas lhe lembrou a licença que ja tinha para passar ao Reyno, a qual o Governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns fidalgos lhe havião engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occasiões, que seus antecessores. Quando chegou áquelle porto Luis Falcão, que vinha de governar Ormuz, & primeiro que elle havião chegado ao Governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, & justiça de seu governo. O Governador o chamou, & lhe disse os cargos de que o sindicárão, os quaes desejava esquecer, como amigo, & não podia como superior, que com novos serviços podia pòr silencio em defeitos passados, ficando naquella fortaleza, em que S. Alteza, & o Mundo tinhão póstos os olhos. Luis Falcão a aceitou, rendendo ao Governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despender na praça a fazenda, que adquirira em Ormuz, & a que no Reyno tinha. Este brio lhe louvou, & accendeo Dom João de Castro com favores publicos.

D. João Mascarenhas faz deixação da praça.

O Governador a entrega a Luis Falcão.

54 Concluidas as cousas de Dio, se embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista á costa de Pór, & Mangalor, aonde abrasou as Cidades de Pate, & de Patane. Os mo-

Embarca-se, & danos que faz.

radores fugindo ao açoute, salvárão no sertão as vidas, & parte das fazendas, faltandolhes valor, & acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento, & oitenta embarcações, que estavão em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouviãose de longe as vozes, & os gemidos, desprezados da ira, & da victoria. Alguns velhos, & mininos, que não pudérão salvarse, mandou o Governador livrar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata á humanidade. Os despojos se entregárão ao fogo, sendo menor a presa, que o destroço. Muitos outros lugares d'aquella costa, sem nome, forão arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pola vingança, do que pola victoria.

Compaixão do Governador.

55 D'aqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do verão na guerra de Cambaya, donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo, dos quaes soube, que na Corte de Amadabá não havia casa sem lagrimas, & que o Soltão mandára com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, & batalha de Dio, como se tivérão as leys imperio na dor, ou na memoria. D'estes mesmos enviados entendeo o Governador, que as fortalezas de Surrate, & Baroche, se despejárão á vista da armada de Dom Alvaro, que pudéra tomalas por escala, se não fôra encontrado dos Cabos, que lho dissuadirão; de que Dom João de Castro mostrou tão vivo sentimento, como se acertar as occasiões fôra necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavão os Capitães da armada de tibios, & remissos.

Passa a Baçaim.

Sente não se tomar Surrate.

56 Neste breve ocio, que o Governador teve em Baçaim, começou a escrever para o Reyno, fazendo tão honradas lembranças a elRey dos homens que servírão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas; & os soldados se avantajavão no valor, assegurados, que não lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

Lembra a elRey os que servírão.

57 O Hidalcão entendendo, que as forças do Estado estarião, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, á ordem de Cala Batecão, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas, & disciplina de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazendo recolher á fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisárão a Goa do poder do inimigo.

Torna o Hidalcão com guerra.

58 Recebido este aviso, Dom Diogo de Almeida com conselho do Bispo, que governava, & de alguns fidalgos, & soldados, resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, & crescendo em atrevimento, & forças, chegassem a avistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o havia de acompanhar, & estando para marchar ja prompto, viérão os Vereadores, & governo da Cidade com requerimentos, & protestos, que não passasse avante, nem arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estado; que o Governador estava em Baçaim com armada chea de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome, & sua fortuna.

O Capitão de Goa lhe quer sair.

A Cidade o encontra.

59 Durou entre cidadãos, & soldados a con-

troversia de maneira, que por pouco chegára a sedição, & discordia; zelando huns a conservação da Cidade, outros a reputação das armas. Emfim partírão, & composérão a differença com que se désse aviso ao Governador, pois estava vezinho; o qual logo que entendeo, que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo asperamente sua animosidade; & a Dom Diogo de Almeida agradeceo, & confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenandolhe, que o esperasse em Pangim, com a gente, onde seria em breves dias.

Avisa ao Governador.

60 Não bem tinha Dom João de Castro soltado da mão a penna, com que escreveo ao Reyno, quando tomou a espada. Aquelle dia, que recebeo o aviso, mandou tirar peça de leva, & ao seguinte desamarrou a armada, & indo costeando, avistou a Cidade de Dabul, ja famosa polo castigo que lhe dérão nossas armas, & agora dos pórtos do Hidalcão a principal escala. Deixavãose ver de longe muitos jardins, pomares, & edificios polidos, que mostravão a delicia, & grandeza de seus habitadores; seria a Cidade de quatro mil vezinhos, com dous fortes, & alguns reductos, que defendião a entrada do porto; & dado, que a facção era para mui discursada, resolveo o Governador entreprendela.

Embarcase logo.

Avista Dabul.

61 Aquella tarde andou a armada pairando á vista da Cidade, notando os surgidouros, & defensas; & ao seguinte dia no quarto d'Alva, mandou o Governador passar aos bateis a seu filho Dom Alvaro com dous mil homens para saltar em terra, sendo elle dos primeiros, que a pisárão por meio de muitas bombardadas. Aqui fizérão os inimigos rosto, impedindo, ou retardando a passa-

Sae D. Alvaro em terra.

gem dos nossos; esteve a batalha igual hum largo espaço; fazendoos ouzados na peleija, o lugar, & a causa; as vozes das mulheres, & filhos que ouvião, lhes fazia receber as feridas sem dor, & sem receo; os mortos que cahião, não lhes fazião exemplo ao temor, senão á vingança. De ambas as partes se derramava sangue, & a constancia de huns, & outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o Governador com o resto do poder, & carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foi largando o campo, até que com declarada fugida nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de envolta na Cidade, onde perecèrão muitos á vista das mulheres, que não soubérão deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça; o despojo igualou á victoria; apenas se pòde recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terrivel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pola memoria de hum, & outro estrago. Perdemos nesta facção cinco soldados, o inimigo duzentos; maior numero seria o dos feridos.

O Governador o segue, & toma a Cidade.

62. O Governador deixando a Cidade abrasada, se tornou a embarcar, & foi demandar Agaçaim, onde o esperava Dom Diogo de Almeida com cento & cincoenta cavallos, & a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Detevese o Governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos, & forças do inimigo; & logo no seguinte, que era vespera do Apostolo S. Thomé, se resolveo cometter os Mouros, & invocar o nome do Santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India

Chega a Agaçaim.

comprada com a doutrina, & sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

63 Estava o inimigo alojado na Villa de Morgão, que de Agaçaim ficava em pequena distancia; o que sabido polo Governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deu a seu filho Dom Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias; com quem forão os Naires de Cochim, & os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os fidalgos, & soldados da armada; aos quaes a cavallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

Enveste os inimigos.

64 Os Mouros estavão derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que não temia inimigo, ou o não esperava; porèm tanto que alguns soldados, que andavão polo campo, vírão nossas bandeiras, & por vista, ou aviso, entendèrão, que o Governador os buscava, forão dar conta a Cala Batecão sobresaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a distancia fazia mais crescido. O Turco assombrado de ter ja sobre si tão victoriosas armas, não teve mais acordo, que para fazer com a fugida aos seus exemplo. Deixárão nos quarteis as tendas, bastimentos, & bagages, & ainda as viandas da cea, ja quasi cozinhadas, que forão para o trabalho da marcha, necessario, & suave despojo. Nesta fugida começou a tomar o Governador posse das terras, & da victoria.

Fogem.

65 Passárãose os Mouros á outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados á maneira de ponte. Estes cortou o inimigo, por impedir o sequito dos nos-

D. Alvaro os segue.

sos, porèm com tanta pressa, que ainda a terra movedissa deixava passo aberto, & ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou Dom Alvaro a passagem do rio, começando poucos, & poucos a vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

Voltão. 66 Não estava tão alheo de si o inimigo, que perdesse a occasião de peleijar com tão conhecida vantagem. Voltou cos seus ao rio, mostrandonos, que fòra ardil o temor cauteloso. Carregárão os Mouros sobre os que hião passando trémulos, poucos, & desordenados. O Governador os animava a que passassem com a voz, com o imperio, com a presença, mas o temor venceo a obediencia; voltárão os primeiros, não sem derramar sangue, & com peores sinaes, que os das feridas. Ja a este tempo a impaciencia do Governador fez cometter o rio por differentes partes. Dom Diogo de Almeida o vadeou com hum troço da cavallaria, achando por aquella parte melhor vao, & melhor fortuna; porque se topou com o General dos Mouros, que a cavallo andava ordenando, & animando os seus, ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veo o Turco a terra caído, mas não desacordado, porque levantandose, meteo mão ao alfanje, & buscou a Dom Diogo, que inda que não perdeo a sella, ficou desarmado com a força do golpe, por hum pequeno espaço; mas tornando a cobrarse, cometteo segunda vez o Turco, soccorrido de dous soldados, & o deixou com muitas feridas estendido no campo.

Mata D. Diogo o General.

Peleija o Governador. 67 Os outros Capitães, ainda que com difficuldade, atravessárão o rio, estimulados do exemplo do Governador, que vião andar com os inimigos envolto, mais envejado, que obedecido de

seus mesmos soldados, que derramados, & sem ordem, se lançavão ao rio, huns tardos, outros precipitados; porèm depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo sofrer o peso da batalha, foi desemparando o campo. O Governador, que não perdoava accidente á sua fortuna, foi apertando os Mouros, ja timidos, & desordenados, de sorte que em breve espaço rematou a victoria. Morrèrão poucos dos nossos, forão muitos feridos; nos Mouros foi o estrago grande, & no alcance maior que no conflicto; porque como os nossos não tomavão cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, & rendidos. D. Alvaro de Castro mandando, & peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pay, que neste dia. Os outros fidalgos, & Cavalleiros se houvérão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé, & em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu favor aos Catholicos Orientaes hum testimunho illustre. Foi esta rota memoravel, & ainda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singeleza de versos faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

Alcançou a victoria.

Em dia de S. Thomé, & com seu nome.

68 Despedio o Governador a gente, & foise descansar a Pangim, escusandose de ter a festa em Goa, desprezando as palmas, & triumphos Marciaes justamente; pois era ja seu nome na voz do Mundo, maior que todo applauso. Aqui esteve despachando as naos de carga, que havião de voltar ao Reyno, em que foi embarcado Dom João Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Foi recebido d'elRey, & da Nobreza com honras não vulgares. Os premios não respondèrão com

Despacha as naos do Reyno.

Elogio de Dom João Mascarenhas. igualdade aos serviços. Foi Conselheiro d'elRey Dom Sebastião no Estado, depois hum dos Governadores do Reyno. Casou com Dona Elena filha de Dom João de Castellobranco, de que deixou illustre, & fidelissima posteridade.

Continua o Governador a guerra. 69 Não pareceo a Dom João de Castro, que estava o Hidalcão ainda bem cortado de nossas armas; resolveo quebrantalo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a Dom Diogo de Almeida com cento & vinte cavallos, & mil peões da terra; & nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das aldeas vezinhas; cujos lavradores desemparavão as terras, vendo o dominio d'ellas incerto, & contingente pola instabilidade dos successos da guerra. *Danos q̃ faz.* Entendendo pois o Governador, que seria facil de prostrar hum Reyno declinado, foi continuando com o Hidalcão a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, & nos trabalhos pay; & dando á vela, foi navegando por aquella costa do Hidalcão, a qual destruio com tão igual açoute, que não deixou lugar, que pudesse consolar as miserias de outro; não se livrou nenhum pola resistencia, alguns pola distancia.

Assola Dabul o de sima. 70 Outro Dabul, que chamavão de sima, que por espaço de duas legoas se apartava da praia, estava por forte, & por distante rico com os depositos, & fazendas de muitos; mas nem assi lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foi demandar o Governador, dando a seu filho Dom Alvaro o primeiro

perigo, a que chamão os soldados vanguarda (que estes erão os favores d'aquelle pay, & os d'aquelle tempo) porèm quando chegou, os Mouros tinhão assegurado no interior do sertão pessoas, & fazendas. Não achárão os nossos cousa, que servisse á victoria, ao estrago si; porque os edificios, que não pudérão servir ao despojo, pagárão com a ruina. Viérão as Mesquitas, & Pagodes a terra, deixando os Idolos desfeitos, & prostrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizesse differença, chorando aquelles Mouros, & Gentios com humas mesmas lagrimas as miserias de seus deoses, & as suas. Passou a indignação de nossas armas a talar a campanha, destruindo os gados, & palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada de que os não podia livrar a fuga, ou resistencia. Ficou emfim tão assolado tudo, que das povoações á campina se não fazia differença pola vista, senão pola memoria.

Tala a cãpanha.

71 Recolheose o Governador a Baçaim, donde voltou as armas á guerra de Cambaya, despedindo alguns Capitães para que danassem todo aquelle maritimo, fazendo presas nas naos de Meca, que vinhão ancorar nos portos da enseada; o que Dom Antonio de Noronha, & Dom Jorge Baroche fizérão com felices armas, crescendo com presas, & victorias, reputação, & forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, & temidas nos dias de Dom João de Castro, de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vezinhos, & distantes com voluntaria obediencia tributavão ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reynos. D'esta verdade nos darão

Vai a Baçaim.

Faz danos a Cãbaya.

os Reys de Campar, & Caxem não leves argumentos.

72 Escrevem nossas Chronicas, & com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebèrão na India, ou a primeira, ou a maior afronta. Foi General da empresa Rax Solimão, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas naos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar fugindo, & deixando em terra bagages, & feridos. Este vendo, que não pudéra conseguir a facção promettida a seu Senhor, o qual soberbo, & imperioso não costumava aceitar satisfação de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde o Rey o mandou visitar com mimos, & refrescos da terra, cauto porèm, & vigilante em guardar a Cidade, porque a fé, & o poder fazião ao Baxá sospeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descoberta, quizera por escala cometter a Cidade, porèm temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; & assi recorreo a outro ardil mais vil, & mais seguro; qual foi mandarse desculpar com o Rey de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Grão Senhor, em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey, facil, & crédulo em prosperar o estado, se foi logo ver ao mar com o Baxá, assegurado da consciencia innocente; mas o tyranno esquecido da fé, & humanidade, o mandou descabeçar na galé entre baldões, & mofas, deleitandose cruel em traição tão fea. Morto o Rey, foi facil

Rax Solimão quẽ foi.

Chega a Adem.

Degolla o Rey.

ao Baxá occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe, temerosa, & confusa. E porque pola vezinhança dos Turcos custou cuidado, & sangue ao Estado, daremos d'ella huma breve relação.

73 Jaz situada na costa da Arabia felix em altura do Polo Artico de doze graos, & hum quarto, abrigada de huma pequena serra, que com alguns castellos lhe defende a entrada da terra. Está assentada na boca do Estreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte; ainda que descoberto aos Ponentes, que são os ventos, que alli cursão nas monções do Estio. A arte, & a natureza a fizérão defensavel por terra assegurandose da ambição dos Regulos vezinhos, & incursões dos Alarves Arabios, que com importunas correrías molestão a campanha. Está no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamão Cirá, defronte fica outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde costumão dar fundo naos, que navegão a Meca. Não tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, & tambem as aguas do Ceo lhe faltão por dous, & por tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo secreto; assi a conduzem em cafilas de camelos de partes mui remotas. A droga principal da terra he Ruyva, mas o que mais lhe importa he ancoragem das naos, que navegão o Estreito. A gente he bellicosa, & cruel; segue com promptidão a guerra, polos despojos mais, que pola victoria.

Sitio de Adem.

74 Occupada polo Baxá a Cidade, vendose, inda que intruso, obedecido, começou a quebrantar o povo com diversos gravames, tirandolhe as forças para melhor os dominar, timidos, &

Solimão a occupa.

sojeitos. Aos poderosos mandava degollar, & confiscar sem causa, sendo a vida culpa, a riqueza delicto. O sofrimento dos miseraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno. No dominio da Cidade lhe succedeo Marzão, & tambem nos insultos, tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendose a podelo soffrer como inimigo, mas não como senhor. Tivérão meios para offerecer a elRey de Campar a Cidade, & a obediencia, dizendo, que com qualquer soccorro acommetterião os Turcos descuidados com o dominio pacifico, & quasi hereditario, & muito mais com o desprezo de homens, que tinhão, ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, & sua injuria.

Quem lhe succede.

Os moradores a offerecem a elRey de Campar.

75 O Rey vezinho com palavras de lastima, & agrado, lhes aceitou a offerta, ou fosse ambição, ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo Rey companheiro, & Capitão de todos. Partírão no silencio da noite, & chegando á Cidade, lhe dérão os conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendose senhores do castello com leve resistencia. Marzão com quinhentos Turcos se fez forte nos paços, mais certo do perigo, que das causas, & authores d'elle. Com a primeira luz do dia appareceo elRey capitaneando os seus, & logo enviou a Marzão hum trombeta, dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, & agora por eleição dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusão do Baxá tivérão a voz, & a liberdade atadas para não pronunciarem o nome de seu na-

Aceitaa o Rey, & que faz.

tural Principe; que elle os vinha amparar como a afflígidos, & mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos, permittindolhes levar as armas, & roupa que tivessem; & quando não, a justiça, & a victoria o farião duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

Que fazẽ os Turcos.

76 O Turco, entendida a conspiração dos Arabios, & que para se defender lhe faltavão forças, & bastimentos, obedeceo ao tempo, saindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou com os soccorros de Baçorá reduzir a Cidade á servidão primeira. Começou assaltando aos de Adem as cafilas, que basteciāo a Cidade, a qual, como recebe do sertão agua, & mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades; porque se alguns bastimentos lhe entravão, erão poucos, custosos, & furtivos. Com lagrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome, & tyrannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tyranno seu partido com soccorros continuos, a que não podia o Rey fazer opposição com forças iguaes, & discorrendo com as cabeças do povo sobre os meios de salvar a Cidade, lhe trouxérão á memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, & a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resolvèrão mandar huma Terrada ao Capitão de Ormuz, que então era Dom Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, & os rendimentos da alfandega, dandonos juntamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

São soccorridos.

Mensageiro dos moradores a Ormuz.

77 Era fama, que o Marzão esperava de Ba-

çorá em breve importantes soccorros; & que se o deixassem engrossar o poder, cometteria a Cidade com força descoberta; polo que elRey de Campar, mostrandose no discurso, & no valor soldado, não querendo que este tronco prendesse com maiores raizes, determinou com tres mil homens escolhidos cercar a fortaleza; o que emprendeo com maior resolução, que fortuna, porque nos primeiros assaltos o matárão. Os Arabios cortados do temor, com a morte do Rey, deixado o sitio, viérão a sepultar o corpo, sendo na occasião a vingança mais opportuna, que a piedade.

Topa D. Payo de Noronha. 78 A Terrada que navegava a Ormuz, entrando o cabo de Rosalgate, se encontrou com Dom Payo de Noronha, que com doze navios de remo guardava aquelle Estreito, & entendida a pretenção do Arabio, parecendolhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao Capitão de Ormuz, que se não houvesse de tomar esta honra para si, lha não negasse a elle. Dom Manoel lhe mandou mais dous navios, & alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; & ao Embaixador d'elRey de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou, que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que não negaria amparo aos amigos do Estado, mórmente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossos armas.

Chega a Adem. 79 Chegou Dom Payo a Adem, onde foi recebido com a benevolencia, & grandeza, que pudérão a seu proprio Principe, entregandolhe a Cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvorárão huma bandeira nossa, pola qual

se apostárão a morrer todos, sangrandose nos peitos com demonstrações, & ceremonias barbaras, mas fieis, protestando, que defendião aquella Cidade, como membro do Estado, de quem ja erão por obediencia vassallos, & filhos por amor. Porèm Dom Payo se portou de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente, & nós troncaremos os accidentes d'esta Historia em beneficio de tão grande appellido; dado que andão de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

E não se ha bem.

80 Desemparados os de Adem por Dom Payo, nem assi perdèrão a devoção do Estado, defendendo a Cidade com a voz de Portugal na boca; & porque ou não tinhão, ou não quizérão outro abrigo, que o de nossas armas, resolvèrão enviar huma pessoa Real ao Governador, que lhe significasse o estado em que se achavão; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, não desprezando a gloria de amparar affligidos; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leys, & a Coroa, a quem se faria feudatario com hum grato, & honesto tributo.

Os moradores envião a Goa.

81 Dom João de Castro se alegrou de ver soar seu nome, & suas victorias nos ouvidos dos Principes remotos, fazendoos não só reverentes, mas sojeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do Gonernador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal havião chegado por noticia, as suas chegavão por imperio.

Alegrase o Governador.

82 Deu o Governador esta empresa a seu filho Dom Alvaro, tão benemerito de todas, que não pareceo a eleição de pay, mas de ministro.

Manda seu filho.

Oo

Quizérãose embarcar com elle muitos fidalgos velhos, que o Governador desviou com hum modesto decreto, ordenando, que se ficassem em Goa, porque necessitava d'elles para cousas maiores; era porèm tão grande o gosto da jornada, que recebèrão o decreto como aggravo de todos; parece que era o vicio d'aquelles tempos a ambição dos perigos. O Governador os satisfez alegre de ver aquelles espiritos criados debaixo de sua disciplina. Mandou logo cifar, & bastecer trinta navios de remo, de que fez Capitães a Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey Dom Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provido na fortaleza, que se havia de fazer em Adem, Dom Pedro d'Eça, Dom Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, Dom João de Attayde, Alvaro Paez de Sottomaior, Fernão Perez de Andrade, Pero Lopez de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho, irmão de Diogo Botelho, de casa do Infante Dom Luis, Alvaro Serrão, Luis Homem, Melchior Botelho Veador da fazenda, Gomez da Sylva, Antonio da Veiga, Luis Alvarez de Sousa, João Rodriguez Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, & outros.

Com que armada.

83 Poucos dias antes que çarpasse a armada, chegou a Goa hum Embaixador d'elRey de Caxem, a quem os Fartaques vezinhos havião usurpado grande parte do Reyno. Este, como reynava na outra contracosta da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, ajuizando, que com a mesma armada o podiamos restaurar, escreveo ao Governador, que não seria menos grato ao Mundo restituir a Caxem,

Outra Embaixada de Caxem.

que defender a Adem. Representava quam fiel hospedagem achárão nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que alli havião ancorado em tempos differentes, a cuja causa se fizera aos Turcos suspeitoso; offerecia alèm da fidelidade moderado tributo. O Governador entendendo, que estes soccorros reputavão nossas forças, & criavão amigos ao Estado, assentou, que com a mesma armada se désse favor ao de Caxem, visto ser huma mesma a viagem, & a despesa, com que se podia obrar huma, & outra empresa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, & cabedal, despachou logo a Dom João de Attayde com quatro navios para que entrasse em Adem, & entretivesse o cerco até chegar Dom Alvaro. Dom João de Attayde deu á vela, & por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos navios, que arribou destroçado, os mais forão seguindo sua viagem.

Reposta do Governador.

84 Entretanto peleijavão em Adem obstinadamente cercadores, & cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o peso d'esta guerra sobre alguns Portugueses da armada de Dom Payo, que mostrárão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defendèrão sua patria no principado alheo. Estes bastárão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, & como erão soldados de fortuna, nossas Chronicas com ingrato silencio lhes callárão os nomes, como se a virtude necessitára de heroicos ascendentes, & fossem menos honrados estes por suas obras pro-

O que passou em Adem.

prias, que os outros polas alheas. Creo, que com injuria da natureza criárão novas leys os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

Chegão Turcos.

85 Estando as cousas de Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés Reaes, & algumas galeotas, as quaes dérão vista á Cidade, & surgindo fóra da enseada, saírão em terra, armárão tendas, & fortificárão alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que vírão sobre si forças tão grandes, acodião remissos á defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendolhes insuperavel o valor, & o poder dos inimigos, & ja em privadas juntas accusavão em seu Rey a ambição de dilatar a Coroa com o sangue do innocente povo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus antecessores. Porèm os Portugueses, que com elles estavão, vendo, que dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçárão os Arabios, mostrandolhes a resistencia necessaria, & possivel; offèrecendose de novo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criarlhes outros espiritos novos, com que se apostárão a morrer na defensa; menos pola obrigação, que polo exemplo.

Poemlhe cerco.

86 Sitiárão a Cidade os Turcos, pondolhe duas batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamavão Quartaos, jogavão bala de quatro palmos de roda, fizérão nos muros mais ruinas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, & travezes por dentro, com que entretinhão, & rebatião os assaltos, & fa-

zião aos Turcos duvidosa, & custosa a victoria. Porèm Dom Payo de Noronha (arrastado de algum fatal destino) privou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguescs se viessem a elle, desemparando a defensa do Principe feudatario, & amigo, faltando ás obrigações do cargo, & ás do sangue. Os mais dos Portugueses obedecèrão, só Manoel Pereira, & Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, dissérão, que aquella Cidade era d'elRey de Portugal, & que na defensa d'ella havião de perder as vidas: parece que na milicia d'aquelles tempos primeiro se perguntava polo valor, que pola disciplina. Estes sustentárão a Cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruina, que os Turcos na victoria.

D. Payo manda recolher os nossos.

87 Logo que os Arabios entendèrão, que erão os Portugueses recolhidos, perdida a esperança da defensa, tratárão de partidos; mandou porèm o Principe cessar a pratica, dizendo, que antes sairia da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira d'elRey de Portugal não havia deixar ganhala aos Turcos sem nodoas de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo ja nos moradores divisão, & fraqueza, com que tornou a tomar calor a pratica da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, & ao Estado. Porèm o perigo, a fome, & a desconfiança dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, peleijando com espirito Real, mas infelice. Manoel Pereira, & Francisco Vieira sal-

Que fazē os Arabios.

várão a hum Infante, que levárão a Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

Successo de D. João de Attayde.

88 Dom João de Attayde, que deixamos no mar com tres navios, foi fazendo viagem, & porque tinha ventos de servir, em poucos dias vio a costa da Arabia, & foi demandar a Cidade de Adem, & entrando a remo na bahia, deo de rosto com as galés que estavão surtas; & porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a sair para o pégo. Os Turcos logo que vírão os navios, levárão as ancoras, & os forão seguindo tão apressadamente com a vantagem do remo, que os navios de Gomez da Sylva, & Antonio da Veiga, lhes ficavão ja quasi debaixo dos esporões das galés, & vendo, que lhes não era possivel a fugida, menos a resistencia, varárão os navios na terra, que lhes ficava perto, onde salvárão as vidas. Dom João de Attayde, como levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pòde, vendose muitas vezes perdido, até que sobreveo a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no Ilheo de Mete, que faz frente ás Cidades de Barbara, & Zeila. Os que se salvárão em terra, forão buscar o abrigo d'elRey de Campar, onde achárão Manoel Pereira, & Francisco Vieira, de quem soubérão os successos, que temos referido; forão hospedados, & providos de tudo com amor, & abundancia.

Viagẽ de Dom Alvaro.

89 Dom Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes em popa, fez a viagem breve, & tanto avante, como os Ilheos de Canecanim, lhe sahio Dom João de Attayde, do qual soube a perda de Adem, &

como lhe corrèrão os Turcos, de cujas galés se livrára com o favor da noite. Dom Alvaro, & os fidalgos, & soldados da armada, mostrárão justo sentimento d'esta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opinião entre naturaes, & estranhos, dura sempre a memoria. O Embaixador, & cunhado d'elRey de Campar, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado, & sobrinho, consolandose porèm muito com saber, que nada ficárão devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando nestas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dor alhea. Dom Alvaro com os Cabos da armada poz em conselho o que se devia obrar; & pareceo a todos, que visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do Rey de Caxem, como trazia por instrucção a armada, a quem os Fartaques vezinhos tinhão tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empresa mais util, que difficil.

Faz cõselho, & que assenta.

90 Mandou Dom Alvaro governar a Xael, & surgindo á vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebèrão como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que bastavão para o guarnecer trinta & cinco soldados, que o presidiavão. Estes, tanto que vírão a armada, lançárão fóra huma mulher, que entendia, & fallava a nossa lingua, a qual perguntando polo Capitão mór, lhe disse, que os Fartaques erão amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largarião logo. A muitos

Vai a Xael.

pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos tão poucos, & sem nome, não esperavamos gloria, nem despojo; os mais votárão, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render á discrição. Entendida pola mulher esta resolução, disse, que os Fartaques saberião defender as vidas, & o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tirárão logo huma bandeira branca, & arvorárão outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizérão dano. Dom Alvaro rodeou com todos os seus a fortaleza, que mandou cometter por escala por differentes partes, assegurando os que subião com a espingardaria debaixo; & porque era a carga continua, não ouzavão apparecer os Mouros. Fernão Perez foi o primeiro, que começou a sobir por huma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, & sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo sobio Pero Botelho com o mesmo risco, & fortuna que o primeiro. Estes franqueárão aos mais a sobida.

Intenta a escala.

91 Antonio Moniz Barreto, Dom Antonio de Noronha, Dom João de Attayde, & outros, forão demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, & não pudérão entrar, sem que os nossos viessem por dentro, & a desentulhassem. Os Fartaques se retirárão a dous cubellos, donde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas, que Dom Alvaro lhes offerecia, que parece querião perder para vingança, ou para desculpa da força, que não pudérão defender; que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijárão emfim os Mouros até acabar todos, não mere-

Peleijão os Arabios até morrer todos.

cendo nome de esforço a obstinação barbara, donde não podião esperar victoria, nem vingança. Dos nossos morrèrão cinco, & passárão de quarenta os feridos.

Ganhase a praça.

92 Ganhada a fortaleza (facção mais importante ao Regulo, que grande a nossas armas) a entregou Dom Alvaro ao Embaixador d'elRey de Caxem, que mostrou a gratidão do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o Estado fiel correspondencia; & porque se hia gastando a monção, se foi Dom Alvaro invernar a Goa, onde foi recebido com applauso maior, que a victoria; festas que o Governador fomentou como pay, & Dom Alvaro estimou como soldado.

Chega Lourenço Pirez a Lisboa.

93 Tomou Lourenço Pirez de Tavora a barra de Lisboa com as cinco naos de sua conserva; as quaes tivérão não só breve, mas facil, & prospera viagem. Dissemos como nellas vinha Dom João Mascarenhas, cheo de fama, & de merecimentos. As novas de Dio se derramárão logo polo povo, ajuizando cada hum, como entendia, a paciencia do cerco, a resolução da batalha. O vulgo não sabia pòr taixa nos louvores de Dom João de Castro, como gente sem enveja das pessoas, & fortunas maiores. Os fidalgos, & grandes ajudavão, ou consentião a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder sofrer de seus iguaes a fama; & não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Festejase a nova de Dio.

94 Vestírão galas os Reys, & a Corte, & determinárão dia para dar graças na Capella com offertas pias, & Reaes. Houve hum douto Sermão, em que se disserão do Governador enco-

mios, & virtudes. ElRey deu conta da victoria ao Summo Pontifice, & aos maiores Principes da Europa, que todos lhe congratulárão, como a mais illustre facção do Oriente. Na carta que escreveo a elRey, Dom João de Castro, pedia licença para se vir ao Reyno, mostrando que não buscava póstos, quem deixava os maiores; & porque não parecesse ambição nova o desprezo de tudo, pedia a elRey duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Sintra, & rematão em hum pequeno cabeço, que inda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras. Parece, que nas honras teve elRey consideração a seus serviços, & o premio á sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

Carta d'elRey Dom João Terceiro.

Que mercès lhe faz elRey.

95 *Viso-Rey amigo. Eu elRey vos envio muito saudar. A victoria, que Nosso Senhor vos deu contra os Capitães de elRey de Cambaya, foi de tão grande contentamento para mim, como era razão, que eu tivesse por tal, & tamanho vencimento, & por quão grandes mercès, & ajudas nisso recebestes de Nosso Senhor, polas quaes elle seja muito louvado; & muito se deve á vossa prudencia, & grande animo, que naquelle dia mostrastes; & assi no que fizestes no grande, & apressado soccorro, que mandastes á fortaleza de Dio em tão desvairado tempo, offerecendo ao mar vossos filhos, em que se vio quanto mais pode comvosco o que importa a meu serviço, que o affecto natural de pay; o que eu assi estimo, como he razão, vendo, que não sómente desbaratastes tão grande poder de inimigos, mas ainda déstes muita segurança a*

toda a India, no grande receo, que aos inimigos d'ella fica com esta tamanha victoria; cujo serviço assi he razão, que eu tenha na conta que elle merece, como que tenha d'elle o contentamento, que se requere. E do fallecimento de vosso filho Dom Fernando recebi mui grande desprazer, assi por ser elle vosso filho, como porque hia bem mostrando naquella idade, quem houvera de ser em toda a outra; & pois acabou tão honradamente, & em tão grande serviço de Nosso Senhor, & meu, deveis de sentir menos sua perda, & dar graças a Nosso Senhor por como foi servido, que acabasse; o que sei, que vós fizestes, mostrando ainda no esquecimento da morte do filho, a lembrança do que cumpria a meu serviço; das quaes cousas assi serei sempre lembrado, que não sómente volas conhecerei com grande contentamento d'ellas, mas ainda com muita mercè; a que agora quiz dar principio nas que faço a vós, & a vosso filho Dom Alvaro, guardando o remate d'ellas para o cabo de vosso serviço, que eu confio, & tenho por mui certo, que será tal, como forão os que atégora me tendes feitos; & com esta confiança, & com a experiencia, que eu d'isso tenho, desejando muito neste tempo vos fazer mercè em tudo, considerando porèm quanto isto cumpria a meu serviço, & vendo por vossas obras, quanta mais conta tinheis com elle, que com todas vossas cousas, houve por bem de vos não dar licença para vos virdes, como me pedieis. Polo que vos encommendo muito, & mando, que o hajais assi por bem, & que nesse carrego me queirais ainda servir outros tres annos, no fim dos quaes vos mandarei licença para vos virdes embora. E eu espero em Nosso Senhor, que vos dè mui boa disposição para o fazerdes. Porèm se

por sima do que tanto cumpre a meu serviço, como he ficardesme ainda servindo nessas partes por este tempo, vos a vós parecer, que tendes todavia necessidade de vos virdes, folgarei de mo escreverdes, & entretanto esperareis minha reposta. Pero de Alcaçova Carneiro a fez em Lisboa a vinte de Outubro de mil quinhentos quarenta & sete.

REY.

Creo, que nos pede attenção maior a carta da Rainha Dona Catherina, onde não he só Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acções da victoria com madureza de varão, & brios de soldado.

Carta da Rainha Dona Catherina.

96 *Viso-Rey. Eu a Rainha vos envio muito saudar. Vi a carta, que me escrevestes, na qual particularmente me dais conta do que tendes feito, & provido em todas as cousas, que vos pareceo, que cumprião ao serviço d'elRey meu senhor, & á defensão, & segurança d'essas partes; & de tudo ser tão conforme a quem vós sois, & á grande confiança que S. Alteza de vós tem, recebo tanto contentamento, como he razão, assi por ver, que S. Alteza he de vós tão bem servido, como pola muita honra, que nisso tendes ganhada. E quanto ao cuidado, & grande diligencia, com que logo entendestes no corregimento, & provimento da armada, foi grande principio, & mui necessario para remedio de tamanhas cousas, como depois se offerecèrão; & por certo tenho, que por mui grande, que fosse o trabalho, que nisso levastes, seria maior o contentamento, que terieis de ser tão bem empre-*

gado. E a guerra, que fizestes ao Hidalcão, foi cousa mui bem acertada, pois tão claro se vio nella o contrario da opinião, que dizeis se tinha, que da guerra dos Portugueses lhe não podia vir dano; o que seria causa de a mover tantas vezes, nem de sua paz se lhe seguia proveito, polo que não estimaria quebrala. E se elle soubera quem vós sois, & quanto mais vos lembra a honra, que o proveito, nem curára de vos fazer o offerecimento, que vos fez acerca de Meale; mas a pouca impressão, que fez em vós, & vosso claro desengano, lho daria a conhecer. E quanto ao negocio do cerco, & guerra da fortaleza de Dio, foi mui grande mercè de Nosso Senhor a victoria, que vos alli deu contra tamanho poder, & numero de inimigos de sua sancta Fé Catholica, que de tão diversas partes alli erão juntos, & mui claro sinal de elle ter de sua mão o Estado de essas partes, & lhe dou por tudo tantos louvores, como he razão, & lhe devo. E muito acrescenta no grande contentamento, que elRey meu senhor, & eu temos de tamanho vencimento, ver com quanta prudencia, & discrição provestes em todas as cousas, que para se poder alcançar, erão necessarias, & quão animosamente vos houvestes no dia da batalha, & com quanta presteza soccorrestes aquella fortaleza, offerecendo a isso vossos filhos em tão fortes tempos; o conhecimento, que S. Alteza, & eu temos de todas estas obras, & do grande fruto, que d'ellas se seguio, he mui conforme á qualidade, & grandeza d'ellas; & assi confio, que o S. Alteza mostre, na honra, & mercè que vos fará, & porque tudo se vos deve; & bem o deu a entender no gosto, & contentamento, com que logo quiz dar a isso principio, nas que agora fez a vós, & a vosso filho

Dom Alvaro, segundo vereis por sua carta. E do fallecimento de Dom Fernando vosso filho, recebi mui grande desprazer, assi por quanto sei, que o havieis de sentir, como pola perda de sua pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle feito, se póde bem ver, que foi grande; mas eu tenho tal conhecimento de vós, & de vossa muita prudencia, & virtude, que sei certo, que em todo tempo, em que Nosso Senhor o levára para si, vos conformáreis vós com sua vontade, & tomáreis de sua mão; quanto mais sendo naquelle, em que por defensão de sua Fé, & em tamanho serviço de S. Alteza, tão honradamente acabou, & cumprio com a obrigação de quem era, que são razões mui grandes para vós muito o deverdes fazer assi, & muito menos sentirdes sua morte. E quanto ao que me pedis acerca de vossa vinda, em que Dona Leonor vossa mulher (que eu muito folguei de ver polo merecimento de sua pessoa, & virtudes, & pola muito boa vontade que lhe tenho) me fallou de vossa parte, como em cousa que tanto deseja; estimára eu muito de com gosto, & contentamento de elRey meu senhor, poder nisso satisfazer a vós, & a ella; mas polo muito, que S. Alteza tem de vosso tão bom serviço, & pola grande falta, que lá poderia fazer em tal tempo vossa pessoa, houve por bem de se servir ainda lá de vós, outros tres annos, segundo por sua carta vereis. E tenho por muito certo, que por todas estas razões o havereis assi por bem, & vos rogo muito, que assi seja, & espero em Nosso Senhor, que vos dará saude, & forças para o poderdes fazer, & vos ajudará, & esforçará em todos vossos trabalhos, pois d'elles se segue tanto seu serviço; & pois sabe, que o principal respeito, porque S. Alteza o ha assi por bem, he saber, que

será elle lá de vós inteiramente servido. E na lembrança, que entre tamanhos trabalhos, & tão importantes negocios, tivestes d'aquellas cousas minhas, que levastes a cargo, se vè bem, quanto desejo tendes de nisso, & em tudo me servir, o qual eu estimo, como he razão. E quanto o que toca a Diogo Vaz, por outra carta vos escrevo o que nisso folgarei, que se faça. Com o benjoim de boninas, & com todas as mais cousas, que me enviastes por Lourenço Pirez de Tavora, recebi muito prazer, por ser tudo tão bom, que bem parece ser enviado com tão boa vontade, a qual eu ainda mais estimo, & tudo vos agradeço muito. E dos criados meus, & pessoas, que me escreveis, que lá tem bem servido, & assi das cousas, em que vos parece necessario prover, farei lembrança a elRey meu senhor, como pedis, que faça. O que S. Alteza houver de prover, assi nas mercès, que houver de fazer a todos os que lá o servem, ha de ter tanto respeito ao que vós em tudo lhe escreverdes, & pedirdes, como he razão, que seja; & muito vos agradeço a boa informação, que a S. Alteza dais dos meus criados, que naquelle feito de Dio se achárão, & assi o muito favor, & boas obras, que sei, que a todos lá fazeis por meu respeito. Pero Fernandez a fez em Lisboa a trinta dias de Outubro de mil quinhentos quarenta & sete.

A RAINHA.

Não he de menor estimação a carta, que lhe escreveo o Infante Dom Luis, como de Principe emfim, que tão grande juizo soube fazer de merecimentos, & virtudes.

Carta do Infante Dom Luis.

97 *Honrado Viso-Rey. Recebi vossa carta, que veo nesta armada de Lourenço Pirez de Tavora, em que me dizeis, que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos mandei; & agradeçovos muito dizerdesme, que vos parecèrão bem as lembranças, que vos fazia, & muito mais o pordelas em obra; & bastava para o eu crer, que seria assi, ainda que vos eu não conhecèra, ouvir o que lá fazeis, & ver, que com a boca chea me escreveis vossos trabalhos, pobreza, & abstinencia, cousas com que se vence o Diabo, o Mundo, & a Carne, que nessas partes da India tem tanto poder; o que he maior victoria, que a d'elRey de Cambaya, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em quanto viverdes não deveis de temer cousa alguma, mas antes esperai em Nosso Senhor, que vos ajudará, como agora fez na defensão, & batalha de Dio, em cuja victoria vós tendes muito que lhe louvar, pois vos fez instrumento de tanto serviço seu, & d'elRey meu senhor, & de tanta honra vossa, & de todos os Portugueses, assi dos que se achárão com vosco, como dos que estivérão ausentes. E certo, que vós tendes feito nesta jornada, desdo primeiro dia, que tivestes novas do cerco de Dio, até o de vossa, & nossa victoria, tudo o que entendo, que hum valeroso, & astuto Capitão podia fazer, assi na presteza dos soccorros, como em pordes vossos filhos por balisas da fortuna, & perigos do inverno, & mares da India, para que os outros os tivessem em menos; no que se mostra bem claro, quanta mais parte tem em vós o serviço d'elRey meu senhor, & a obrigação de vosso cargo, que os effeitos naturaes*

de pay, que são os que mais forção a natureza. E no sofrimento, que mostrastes na morte de Dom Fernando de Castro vosso filho, se confirma bem esta opinião; & certo, que eu o senti por mim, & por vós, & houve por mui grande perda, por quão certos sinaes nelle via de seu grande esforço, & creo, que nisso lho quiz Deos pagar com o tirar de vida tão trabalhosa por meios tão honrados, & de tanta gloria sua, que deve ser grande causa de vossa consolação. Dom Alvaro de Castro vosso filho não empregou mal sua jornada, pois com tantos trabalhos, & perigos soccorreo a fortaleza de Dio, a tempo, que sua chegada foi por então o remedio d'ella; & de como se nisto houve, & no dar nas estancias dos imigos, & em tudo o mais lhe lanço muitas benções por vossa parte, & minha. E tornando a vossa determinação de aventurardes vossa pessoa, & o Estado da India, por soccorrerdes Dio, foi mui boa, pois de o não fazerdes estava tanto mais aventurado; & o chegardes a Dio, & ordenardes vossa embarcação, & mandardes, que os navios comettessem a terra a tempo que havieis de dar a batalha, & o modo de cometter, que nisso tivestes, tudo me pareceo digno de agora, & sempre darmos muitas graças a Deos Nosso Senhor, & de S. Alteza vos fazer muitas mercès, a que agora dá principio, como vereis acerca de vós, & de vosso filho; & assi o deve fazer, & fará aos fidalgos, & Cavalleiros que nessa jornada com vosco o servírão, em especial a Dom João Mascarenhas, que se houve no peso d'esse cerco, como honrado Capitão, & esforçado Cavalleiro. Folguei muito de ver o modo, que tivestes no escrever a S. Alteza sobre os serviços, que os fidalgos, & Cavalleiros, que nessas partes andão, lhe fizérão no negocio de Dio, no

que se vio, que tinheis com seus trabalhos conta. Isto fazei sempre por amor de mim; & folgai de louvar os homens, porque ja que está certo, não faltar quem diga d'elles os males (que haveis de castigar os que nelles sentirdes) razão he tambem, que os bons os levanteis, para que os que lá não poderdes galardoar, S. Alteza por vossa informação o faça. Eu fallei sobre vossa vinda, como me escrevestes, que me elle não concedeo, & me deu para isso duas razões, que a meu parecer, ainda que vós tenhais muitas para vos desejardes de vir, S. Alteza tem muitas mais para vos mandar rogar, que o sirvais nesse governo outros tres annos, o que haveis de folgar de fazer por servirdes a Nosso Senhor pola grande mercè, que vos tem feito, & a S. Alteza pola confiança, que de vós tem, & contentamento de vosso serviço. E confiai em Deos, que vos dará forças para poderdes com os grandes trabalhos, & desordens da India, & eu espero nelle, que fazendoo vós assi, venhais encher estes picos da serra de Sintra de Ermidas, & de vossas victorias, & que as visiteis, & logreis com muito descanso vosso. Nas cousas particulares vos não fallo, porque elRey meu senhor vos escreve o que ha por seu serviço em reposta da carta geral, que lhe escrevestes, que vinha em muito bom estylo, & em muito boa ordem. Escrita em Lisboa a vinte & dous de Outubro de mil quinhentos quarenta & sete.

O Infante Dom Luis.

98 Deixase bem ver d'estas cartas, quão gratos erão aos Reys os serviços de D. João de Castro. Negoulhe elRey Dom João a licença que pedia para vir descansar ao Reyno, como em beneficio da patria, & do Oriente; prorogoulhe ou-

tros tres annos do governo com nome de Viso-Rey; não teve vida para lograr este acrescentamento; para o merecer, si; fezlhe mercè de dez mil cruzados de ajuda de custo, & patente de Capitão mór do mar da India a seu filho Dom Alvaro, cargo, que ja exercitava com menos annos, que victorias.

99 Tinha entendido elRey Dom João polos avisos do Viso-Rey, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado; & que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavão odio nos Principes vezinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Com estas, & outras considerações, despachou este anno para a India seis naos, que partírão em monções differentes. Das primeiras tres, que partírão em Novembro, era Capitão mór Martim Correa da Sylva, que levava a fortaleza de Dio. Os outros Capitães erão Antonio Pereira, & Christovão de Sá; & porque na costa da India teve a Capitaina os ventos ponteiros, esgarrou, & não podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva; donde mandou aviso ao Viso-Rey para o prover do necessario, visto serlhe forçado invernar em aquelle porto. O Piloto de Christovão de Sá soubese marear melhor, porque tanto que avistou a costa da India, foi metendo de ló para se pòr a barlavento de Goa, & houve vista da terra por Carapatão, donde foi demandar a barra.

Mãda elRey seis naos á India

100 Logo que o Viso-Rey soube, que entrára nao do Reyno, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar, & prover. E certo, que entre as excellencias d'este bom Viso-Rey, podemos dar o primeiro lugar á cha-

Chega huma a Goa.

ridade, porque não costuma ser virtude de soldado, & menos de ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, & mercês, que havemos dito, estimando estas para desempenho; aquellas para premio; de que os fidalgos a si proprios se davão parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio governando, como quem entendia, que tinhão nelle os soldados pay, & o Estado homem.

Adoece o Viso-Rey.

101 Achavase Dom João de Castro, gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veo a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, & descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle conhecendo pola molestia de repetidos accidentes, se aliviou da carga do governo. Chamou o Bispo Dom João de Albuquerque, Dom Diogo de Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano Chanceller mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobatto seu Ouvidor Geral, & a Rodrigo Gonçalvez Caminha Veedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vezinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da Cidade, ao Vigario Geral da India, ao Guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, & aos officiaes da Fazenda d'elRey, a quem fez esta falla:

Deixa o governo.

Falla aos do Conselho.

102 *Não terei, senhores, pejo de vos dizer, que ao Viso-Rey da India faltão nesta doença as commodidades, que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, & empenhei os cabellos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias,*

nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro, com que se me comprasse huma gallinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comião os soldados os salarios do Governador, que os soldos de seu Rey; & não he de espantar, que esteja pobre hum pay de tantos filhos. Peçovos, que em quanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda Real huma honesta despesa, & pessoa por vós determinada, que com modesta taixa me alimente.

E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até a hora presente, não era devedor á fazenda Real de hum só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de Christão, Judeo, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfayas, que as que de Portugal trouxera; & que ainda a prata, que no Reyno fizera, havia ja gastado, nem tivera ja mais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama vião; só a seu filho Dom Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao Reyno. Que disto lhes pedia mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, elRey, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da Cidade, a qual se pudéra ler, como instrucção, aos que lhe succedèrão; nos quaes, creo, ficou a memoria mais viva, que o exemplo.

Juramento q̄ toma.

103 Logo que o Viso-Rey entendeo, que era chamado a mais dura batalha, fugindo á importuna diversão de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem tão seguro piloto; o

Recolhese com o P. Xavier.

qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, & mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispor de novo, não fez outro testamento, que o que deixou no Reyno, quando passou a governar a India, em mãos do Bispo de Angra Dom Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta & oito, aos quarenta & oito de sua idade, & quasi tres de governo d'aquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, forão suas heroicas obras, que neste papel viráõ a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achárão tres tangas larins, & humas diciplinas, com sinaes de usar muito d'ellas, & a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em S. Francisco de Goa depositar seu corpo, para que d'alli se trasladassem os ossos á sua Capella de Sintra. Tratouse logo do funeral, não menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres, & plebéas.

Sua morte.

Enterro, & sẽtimẽto.

104 Depois de alguns annos viérão seus ossos ao Reyno, que forão recebidos com reverente, & piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas ha recebido a patria, & trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizérão sumptuosas exequias. D'aqui forão segunda vez trasladados ao Convento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em Capella alhea) estivérão alguns annos com tumulo decente, até que o Bispo Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro seu neto, lhes fez capella, & sepultura propria; na traça, na materia, & na es-

Vem seus ossos ao Reyno.

Depositãose em S. Domingos de Lisboa.

Trasladãose a Bemfica.

cultura, depois das Reaes, a nenhuma segunda; cuja relação não desagradará, em beneficio da memoria do avò, & piedade do neto.

105 Dista o Convento de S. Domingos de Bemfica, dous mil passos da Cidade de Lisboa. Hum lugar vezinho lhe dá aquelle nome. Foi o sitio d'elle em propriedade dos Senhores Reys de Portugal; no qual, por sua frescura, tinhão huma casa de campo, que frequentavão, ja para diversão dos negocios, ja para o exercicio da caça. ElRey Dom João o primeiro vendose devedor a Deos de tantas victorias, entre outras acções de graças, fez d'estes paços doação á Ordem de São Domingos, com terras, hortas, & pomares vezinhos, em vinte & dous de Maio de mil trezentos noventa & nove, para se fundar este Convento, que não só teve os alicesses Reaes, senão os augmentos. Obrigouse o fundador (por provisão, que nos archivos do Convento se guarda) a amparar, & defender as cousas, & Religiosos d'elle; solicito na causa de Deos, valeroso na sua. ElRey Dom João o segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje possue a casa, sem lhe impor obrigação, que podesse fazer menos grata, ou liberal a esmola. ElRey Dom Manoel, ainda que repartido em cuidados, & fabricas maiores, deixou nos sacrificios d'este Templo, religiosa memoria, ordenando, que se dissessem cada semana aos Anjos duas Missas cantadas a favor dos navegantes; que este era o Astrolabio de seus descobrimentos, & as forças das victorias Orientaes d'aquella idade. A Rainha Dona Catherina tratou esta casa como Capella sua, offerecendolhe de seu Oratorio Reliquias de reverencia, & preço;

Onde estão hoje.

entre outras, em huma grande Cruz de prata, hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes, calificão a certeza de tão superior donativo; accumulando os senhores Reys nesta casa, a beneficios temporaes, os sagrados. ElRey Dom Philippe o segundo lhe acrescentou os proprios com huma honesta esmola. Foi sempre dos mais observantes da Religião este Convento, que com nome de Recoleta, não permitte declinação, ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle, como em escola de virtudes, se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; huns a fugir, outros a descansar das Prelasias, para vagar a Deos em ocio santo, & reformar o espirito.

106 Nesta casa, por fundação, & disciplina illustre, descansão as cinzas victoriosas de Dom João de Castro, em huma Capella, & sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituição de Corpus Christi, tem a porta principal no claustro do Convento, & sobre ella pendente hum escudo relevado das Armas do fundador; abraça o largo d'ella quarenta palmos; tem mais de setenta o comprimento; proporção a que os Architectos chamão Dupla; & á obra, Dorica. He de huma só nave de pedraria brunida; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, & proporcionado pedestal, sobre que se funda a armonia da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos, sobre bases; capiteis, & simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito a architectura. Tem hum retabolo, & sacrario (em que sempre está o Santissimo Sacramento alumiado com duas alampa-

das de prata) de obra de talha com florões, tudo dourado; & no alto hum painel da Cea do Senhor. Detras do altar, & retabolo ha Coro dos Noviços, para cuja criação, & melhor serviço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, & mais officinas, que formão o corpo de hum Convento. O tecto da Capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artezões, & molduras. Dos seis arcos, que a compõem, ficão os dous primeiros nos Presbyterios; no da parte do Evangelho, está huma porta, que dá serventia para a tribuna, & aposentos do fundador; & no da parte da Epistola, outra para o serviço da Sanchristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas formão pedras de cores lustradas, que descansão ás costas de elefantes de pedras negras.

107 No primeiro arco, que fica junto ao do Presbyterio da parte do Evangelho, está a sepultura de Dom João de Castro, onde, antes de se fechar, forão recolhidos seus ossos, com o seguinte epitaphio:

D. Ioannes de Castro XX. pro Religione in vtraque Mauritania stipendiis factis, navata strenue opera Thunetano bello; Mari Rubro felicibus armis penetrato; debellatis inter Euphratem, & Indum nationibus: Gedrosico Rege, Persis, Turcis vno prælio fusis; servato Dio, imo Reipub. reddito, dormit in magnum diem, non sibi, sed Deo triumphator; publicis lachrymis compositus, publico sumptu præ paupertate funeratus. Obiit octavo id. Iunii. Anno M.D.XLVIII. ætatis XLVIII.

Estão em o seguinte arco junto a este, os ossos de Dona Leonor Coutinho sua mulher.

108 Da parte da Epistola, em o arco que responde ao da sepultura de Dom João de Castro, está a de Dom Alvaro seu filho, em que do mesmo modo forão postos seus ossos; tem o epitaphio, que se segue:

D. Alvarus de Castro, magni Ioannis Primogenitus, cui pene ab infantia discriminum Socius, pugnarum Præcursor, triumphorum Consors, Æmulus fortitudinis, Hæres virtutum, non opum: Regum prostrator, & restitutor: in Sinai vertice Eques feliciter inauguratus: a Rege Sebastiano summis Regni auctus honoribus; bis Romæ, semel Castellæ, Galliæ, Sabaudiæ legatione perfunctus. Obiit IV. kalend. Septemb. anno M.D.LXXV. ætatis suæ L.

E logo no outro arco junto a este, está Dona Anna de Attayde sua mulher. No vão d'esta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quaes ha altar para se dizer Missa; & os mais tem repartimentos para os ossos, & corpos dos defuntos.

109 Dotou o Bispo Inquisidor Geral, fundador d'esta Capella, ao Convento de Bemfica, para sustento dos Religiosos, que hão de assistir ás obrigações d'ella, duzentos & quarenta mil réis de juro em cada anno, situados nas rendas da Camera d'esta Cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento & vinte mil réis por tres Missas quotidianas. Cincoenta (anticipada esmola) polos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica, & provi-

mento da Capella. Trinta para se poder acodir ás necessidades dos Religiosos, que naquelle Noviciado residem, para a custodia, & limpeza da Capella. Alem do que a ornou de muitas peças ricas, & devotas: & a Sanchristia d'ella de todo o necessario ao culto divino; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios; roupa branca, castiçaes, tocheiras, lampadas, ceriaes, & mais cousas semelhantes; tudo com abundancia, & perfeição.

Ascendēcia de D. João de Castro.

110 Dom João de Castro tão claro polo sangue, como polas virtudes, nasceo em Lisboa a vinte & sete de Fevereiro de mil & quinhentos: foi filho segundo de Dom Alvaro de Castro Governador da Casa do Civel, & de Dona Leonor de Noronha, filha de Dom João de Almeida, segundo Conde de Abrantes, neto de Dom Garcia de Castro, que foi irmão de Dom Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto, filhos de Dom Fernando de Castro, netos de Dom Pedro de Castro, & bisnetos de Dom Alvaro Pirez de Castro Conde de Arrayolos, & primeiro Condestable de Portugal, irmão da Rainha Dona Ines de Castro, que foi mulher d'elRey Dom Pedro o Cruel. Era este Condestable, filho de Dom Pedro Fernandez de Castro, a quem chamárão em Castella, o da Guerra, que vindo a este Reyno, principiou nelle a illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservado. O qual Dom Pedro era por baronia descendente do Infante Dom Fernando, filho d'elRey Dom Garcia de Navarra, casado com Dona Maria Alvarez de Castro, filha unica do Conde Alvaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quem diriva sua origem esta familia. Sen-

do moço casou D. João de Castro com Dona Leonor Coutinho sua prima segunda, maior na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada, fugio com anticipada velhice ás ambições da Corte. Passou a servir a Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas não vulgares provas, bem que d'estas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou á Corte, chamado por elRey Dom João o terceiro, & como ja seus brios não cabião no Reyno, passou á India com Dom Garcia de Noronha. Acompanhou a Dom Estevão da Gama na jornada do Estreito do mar roxo, & fez d'esta viagem hum roteiro, obra util, & grata aos navegantes. Tornando a Portugal, se retirou á sua quinta de Sintra, descansando na lição dos livros, sempre exemplar, no ocio, & na occupação. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde a seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empresa, se recolheo a Sintra, escondendose á sua propria fama; soube fugir dos cargos, não pòde livrarse. ElRey Dom João o chamou para General das armadas da costa, serviço, em que a seu valor respondèrão os successos. Passou ultimamente a governar a India, onde, com as victorias, que havemos referido, assegurou, & reputou o Estado. Nas horas, que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descreveo em copioso tratado toda a costa, que jaz entre Goa, & Dio, sinalando os baixos, & recifes; a altura da elevação do Polo, em que estão as Cidades, restingas, angras, & enseadas, que formão os portos; as monções dos ventos, & condições dos mares; a força das correntes, o impeto dos rios; arrumando as linhas

em taboas differentes; tudo com tão miuda, & acertada Geographia, que o pudéra esta só obra fazer conhecido, se ja o não fòra tanto polo valor militar. Com igual semblante o vírão as incommodidades da patria, & as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, & de não pedir nada. Fazia razão, & justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado, que mais se podião queixar da ley, que do ministro. Era com os soldados liberal, & com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava com grande respeito as acções de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartava. Sem estragar a cortesia, conservou o respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pay; vivia de maneira, que emendava as culpas com o exemplo, mais que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios deixava sem castigo, melhorando assi muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos, que recebia dos Principes da Asia, mandava carregar na fazenda Real, virtude, que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavão nelle lastima, & remedio; a todos obrigava, & parecia devedor de todos. Evitou (como ruina do Estado) chatinar aos soldados; nenhuma facção emprendeo, que não conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos ministros da Igreja, compassivo, & libe-

ral com os pobres: devotissimo da Cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem differença de lugar, ou tempo. E tão religiosamente ardia no culto deste sinal sanctissimo, que quiz mais lavrar templo a sua memoria, que fundar casa a sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho Dom Alvaro, que se na graça, ou justiça dos Reys achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Sintra hum convento de Recoletos Franciscanos, advertindo, que com a invocação da Cruz se titulasse a Casa. Dom Alvaro de Castro, que das virtudes de tão piedoso pay, foi legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do Convento, menos grande pola magestade do edificio, que pola sanctidade dos varões penitentes, que o habitão. Sendo a primeira vez mandado polo Senhor Rey Dom Sebastião com embaixada ao Papa Pio IV., impetrou delle privilegiar o Altar do dito Convento para todas as Missas, & para o dia da Invenção da Cruz, indulgencia plenaria a todos os que rogassem polas necessidades maiores da Igreja; & advertidamente pola alma de Dom João de Castro: graça tão singular, & nova, que a não vimos concedida a Principes soberanos. Parece que andava em Italia tão viva a fama de suas victorias, como de suas virtudes, qualificadas com tão illustre testimunho do Vigairo de Christo. Por estas, & outras virtudes, cremos, terá alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos, como benção do pay, seguírão os perigos da guerra. Dom Miguel o mais moço, que nos dias d'elRey Dom Sebastião passou á India, & falleceo Capitão de Malaca. Dom Fer-

Que filhos teve.

nando, que falleceo abrasado na mina do baluarte de Dio. Dom Alvaro, com quem parece, que partio as palmas, & as victorias, filho, & companheiro de sua fama; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra, casou com Dona Anna de Attayde filha de Dom Luis de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi d'elRey Dom Sebastião particular aceito, fiandolhe os maiores negocios, & lugares do Reyno; fez diversas embaixadas, a França, Castella, Roma, & Saboya. Foi do Conselho do Estado, & unico Veador da fazenda; & entre cargos tão grandes, acabando valído, morreo pobre.

Elogio de D. Alvaro de Castro.

F I M.

INDEX

DAS PRINCIPAES COUSAS D'ESTA HISTORIA.

A

A

A

A

B

B

B

C

C

C

C

D

D

E

F

F

H

I

J

J

J

J

J

J

J

J

I

L

L

M

M

M

N

N

P

R

R

R

S

S

T

V

X

NOTAS.

PREFAÇÃO.

No mez de Março do corrente anno de 1827, em que começámos esta breve escriptura, tivemos a inesperada fortuna de adquirir duas preciosas collecções de documentos originaes: huma, que contêm oitenta e tantas cartas de elRei D. João III., da Rainha senhora D. Catarina, do infante D. Luiz, e do cardeal infante D. Henrique, escriptas, a maior parte a D. João de Castro, e algumas a seu filho D. Alvaro de Castro, desde o anno de 1527 até o de 1549. E outra, muito mais volumosa, tambem de cartas originaes, dirigidas aos mesmos pai e filho por alguns principes, e senhores do Oriente, pelos capitães das fortalezas dos estados portuguezes da Asia, pelas camaras, veadores da fazenda, fidalgos, e outras pessoas, que ali servião a elRei no tempo do governo de D. João de Castro.

Logo que em nosso poder tivemos estas collecções, passámos hum per hum todos os seus numerosos documentos; e comparando os factos, que delles authenticamente constão, com os que refere Jacinto Freire de Andrade na Vida de

Castro, observámos, que era facil verificar huns, accrescentar outros, rectificar aquelles, em que o escriptor parece ter sido menos bem informado, e determinar as datas, de que elle muito se descuidou.

Reflectindo pois, quam grato seria ás pessoas amantes da virtude, e do verdadeiro heroismo tudo o que illustrasse a vida de tão excellente varão; e quam util, assim para a historia, como para a litteratura, a publicação de muitos dos referidos documentos, pareceo-nos satisfazer a hum e outro empenho, escrevendo as breves notas, que se contêm neste opusculo, e auctorizando-as com as copias fieis dos documentos, que tivemos por de maior interesse, principalmente com relação ao particular objecto, que queriamos tratar.

O fructo deste trabalho he o que agora apresentamos á Academia; tendo por muito certo, que se as notas não merecerem a sua approvação, ou não parecerem dignas da luz publica; nem por isso perderáõ valor os preciosos documentos, até agora ineditos, que lhe ajuntamos, e que, sem duvida, hão de ser devidamente avaliados por todas as pessoas judiciosas e eruditas.

NOTA I.

Freire, Liv. I. §. 1. — 4.

Supposta a natureza dos documentos, que derão occasião a este opusculo, e o tempo, em que forão escriptos, facilmente ajuizará o leitor, que nos não he possivel illustrar com factos novos o pouco, que Jacinto Freire escreveo, sobre os primeiros annos da vida de D. João de Castro; e sómente diremos, quando for tempo, alguma cousa de seus estudos, e applicações filosoficas. Cabe porém aqui notar, que a primeira carta de elRei, que temos na nossa collecção, he datada de Coimbra, aonde então estava a côrte, a 25 de Outubro de 1527, (docum. n.° 1.°) e nella lhe diz elRei, que querendo servir-se delle em cousa que muito cumpria, lhe encommendava e mandava, que viesse á sua presença, o mais em breve que podesse, *e de ho assy fazerdes, como de vós confio* (conclue a carta) *receberey prazer*, e *vo-lo-aguardecerey.*

Reflectindo na data desta carta, e notando que D. João de Castro nasceo em 1500 (1); embarcou para Tanger aos dezoito annos de sua idade; e servio alli nove annos (2); facil he de concluir, que no mesmo anno, em que elle voltou de Tanger, o mandou elRei chamar á côrte, para o empregar em cousas de seu serviço, estando ja, sem duvida, informado do nobre esforço, e severa disciplina, de que o illustre mancebo havia dado provas e exemplo n'aquella praça, e guerra de Africa.

(1) Freire Liv. IV. §. 110.
(2) Id. Liv. I. §. 4.

NOTA II.

Jornada de Tunez.

Freire, *Livr.* I. §. 9. — 14.

Não nos consta em que serviço fosse empregado D. João de Castro n'aquelle anno de 1527, e ainda nos seguintes até o de 1535, data da segunda carta de elRei, que temos na collecção (docum. n.° 2.°).

Neste porêm de 1535 lhe escreveo elRei de Evora, a 8 de Março, dizendo-lhe que pelo conde da Castanheira tinha sabido, como elle D. João de Castro *era chegado a Lisboa*, e vinha com desejos de ir servir na armada de Antonio de Saldanha, que então se preparava, em auxilio do Imperador Carlos V., para a facção de Tunez, o que elRei lhe agradecia, e mandava dizer ao conde, que lhe désse huma caravella. E acrescenta elRei: *bem certo som, que nom he necesario emcomendaruos da maneyra, que me nesta vyagem aveis de seruir, por quam bem vysto tenho como o fazeis em todallas outras*: palavras, que parece referirem-se a serviços immediata e precedentemente feitos, e que por ventura encherião o vazio dos oito annos, que decorrêrão desde 1527 até 1535 (1).

Tres dias depois desta carta tornou elRei a mandar escrever a D. João de Castro, recommendando-lhe a brevidade, que da sua parte devia pôr em aprestar-se,

(1) Não sendo crivel, á vista do que deixamos dito, que D. João de Castro estivesse ocioso nestes oito annos; conjecturamos que elRei o mandaria por capitão de algum dos navios das armadas, que, por aquelles tempos, andavão guardando, quasi de continuo, as costas do reino, infestadas de corsarios, e de que elle mesmo foi depois capitão-mór; ou que tambem seria empregado na armada que em 1534 foi mandada em soccorro de Çafim, sob o commando de D. Garcia de Noronha. (Andrad. Chron. de D. João III. Part. 2. cap. 90.)

sem detença alguma, para aquella viagem, visto que o Imperador era ja partido para Barcelona, e ao conde da Castanheira se expedia ordem para *fazer prestes, e partir a armada, com a moor breuidade e présa.*

A armada sahio com effeito da barra de Lisboa pelo meado de Março do dito anno de 1535, e parece haver-se recolhido em Outubro, segundo se collige da Chronica de Azinheiro (1).

NOTA III.

Primeira passagem á India.

Freire, Liv. I. §. 15. e seg.

Na armada do vice-Rei D. Garcia de Noronha, que sahio de Lisboa no fim de Março de 1538, passou D. João de Castro, a primeira vez, á India, hindo por capitão da náo *grifo* (2), e levando em sua companhia seu filho D. Alvaro, ainda muito moço.

Ja então foi D. João de Castro nomeado por elRei em terceira successão para governar a India no caso do fallecimento do governador e vice-Rei D. Garcia, e dos outros indicados nas primeiras successões, como consta da provisão original, que copiámos do R. Arquivo da Torre do Tombo, e se acha no *Corpo Chronol.* P. I. maço 61, docum. 28: (entre os nossos documentos n.° 2.° A.): nomeação, que muito honra a D. João de Castro, e de que nos não lembra ter encontrado noticia nos escritores que delle escrevêrão.

Durante esta viagem, escreveo de Moçambique ao seu illustre amigo o infante D. Luiz, a 5 de Agosto do dito anno de 1538, e pela resposta do infante (que vai copiada n.° 3.°) se vê, que D. João de Castro se havia occupado no mar em escrever observações e reflexões,

(1) *Ined. da R. Academ. das Scienc. de Lisboa*, tomo V. pag. 362.
(2) *Andrad. Chron. de D. João III.* part. 3. cap. 57.

que o douto infante julgava serião mui *proveitosas* e *necessarias* áquella navegação, e que até então não tinhão sido *consideradas*, *nem comprehendidas*, &c.

Chegado á India a 11 de Setembro de 1538 (1), acompanhou o vice-Rei na expedição de Dio, em Novembro do mesmo anno (2), não como *soldado de fortuna* (segundo a frase de *Freire*, liv. I. §. 17.) mas sim hindo por capitão de huma galé, como expressamente refere *Diogo do Couto*, decad. 5. liv. 5. cap. 6.

Por aquelle tempo escreveo D. João de Castro a elRei, como vemos pelas duas respostas, que temos na collecção, datadas de Lisboa, huma em 22 de Maio de 1539, e outra em 10 de Março de 1540, as quaes ambas copiámos, e vão entre os documentos com os numer. 4.° e 5.° Por ellas se collige o zelo, intelligencia, e avisado conselho, com que D. João de Castro olhava as cousas do Oriente, e escrevia sobre ellas a elRei; e se mostra ao mesmo tempo o conceito, que elRei tinha deste illustre varão, e quam mal fundado he o que em contrario pretende insinuar *Couto*, decad. 6. liv. 1. cap. 1., e o proprio *Jacinto Freire*, neste liv. 1. §. 26, e em outros lugares.

Depois que o vice-Rei D. Garcia de Noronha voltou de Dio a Goa, que foi meado ja o mez de Março de 1539 (3); mandou seu filho D. Alvaro de Noronha a Panane, para ahi concertar, assignar, e jurar as pazes com o çamorim de Calecut, e lhe deo *por coadjutores dom João de Castro, e Fernão Rodrigues de Castellobranco veador da fazenda e secretario* (4).

Foi com effeito D. João de Castro nesta jornada por capitão de hum galeão; e ajustadas as capitulações, *se concruhio antre todos o assento das pazes, que foy escrito pollo secretario, em que assinárão dom Alvaro, o veador da fazenda*, dom João de castro, *e os capitaẽs de Cochim*

(1) *Andrad. Chron. de D. João III.* part. 3. cap. 57.
(2) *Id.* part. 3. cap. 67.
(3) *Id.* part. 3. cap. 70.
(4) *Cout.* dec. 5. liv. 6. cap. 7. *Andrad.* part. 3. cap. 71.

e Chale, &c. (1) nova prova do respeito, que ja então se tinha aos distinctos talentos, probidade, e prudencia do illustre Castro, e da particular consideração, que se dava á sua pessoa, e ao seu grande juizo e intelligencia nos negocios publicos.

Sobre o que acrescentaremos ainda aqui o grande testemunho de D. Christovão da Gama, que escrevendo de Goa a elRei em 18 de Novembro de 1540, lhe dizia ácerca de D. João de Castro as seguintes notaveis palavras:

„ Sem duvyda que deve Vossa Alteza de fazer
„ gramde comta de dom João de Crasto, porque até
„ aguora não vy omem que mays necesaryo fose pera
„ a Imdia, que ele; porque certefyquo a Vossa Alteza
„ que mays merecem estes dous anos que ho qua ser-
„ vyo, que déz doutrem muyto bem servydos: porque
„ alem de ho servyr com o seu na yda dos Rumes, ele
„ foy causa de se despachar armada ao tempo que se
„ acabou; porque segumdo a comdysão forte de dom
„ Garcya, se não ouvera quem lhe soportára tudo, lhe
„ lembrára per muytas vezes ho que comprya a voso
„ servyso, muy mal se pudera aquabar nada: e depois
„ de nosa vymda, estamdo ho VysoRey entrevado
„ por ver a total destruição em sua armada, e em to-
„ das as outras cousas, ele se pòs a todo o rysquo a
„ lhe fazer lembrança do que comprya a servyço de
„ Vossa Alteza, e não foy pouquo acometer ysto, por
„ quamto arreceavam todos as repostas do vysoRey
„ por quam perygosas eram pera os que querem ser
„ omrados nesta terra, a qual lembransa a ele lhe
„ custou qaro, e crea Vossa Alteza que a maneyra de
„ seu vyver he tam necesarya qua, quomo as prégа-
„ sons: e certo eu tenho pera mym que se algum omem
„ pode merecer muyto em pouquo tempo, que he ele:
„ em outra cousa ho não vejo trabalhar senão nas de
„ seu servyso, e ele o vay servyr nesta vyagem tam
„ onrada, que dom Estevam faz, num galeão, em que

(1) *Andrad. Chron.* part. 3. cap. 71.

" á de gastar ho que per vemtura não tem, e leva hu-
" ma fusta em que á dyr de Yuda a Suês " (1).

Depois do fallecimento do vice-Rei, ficando por governador da India D. Estevão da Gama, e resolvendo emprehender a expedição do Estreito, tantas vezes recommendada por elRei, o acompanhou D. João de Castro, indo por capitão do galeão *coulão-novo* (2).

A armada se fez á véla da barra de Goa a 31 de Dezembro de 1540; entrou o estreito nos ultimos dias de Janeiro de 1541, e navegando até junto de Suês, ahi foi D. João de Castro incumbido do difficil, e arriscado empenho de reconhecer a armada turca, que estava n'aquella paragem, o que executou no dia 27 de Abril de 1541 (3). Nesta jornada escreveo D. João de Castro o *Roteiro*, de que falla Jacinto Freire neste lugar, e cujo nome he tão conhecido dos eruditos, quanto desejada a sua publicação (4).

(1) R. Arquiv. Corpo Chronol. P. 1. maço 73. docum. 20. original.

(2) *Andrad.* Chron. part. 3. cap. 76.

(3) *Id. ibid.* cap. 79., *Couto* dec. 5. livr. 7. cap. 9.

(4) A'cerca deste *Roteiro*, esperamos que o leitor nos releve o copiarmos aqui as palavras de *Fr. João dos Santos*, na sua *Ethiop. Orient.* liv. V. cap. XX., aonde tratando incidentemente dos diversos modos, porque se tem pretendido dar a razão deste nome de *mar vermelho*, diz assim: ,, Este mar nunca teue nem tem as agoas ver-
,, melhas; mas comtudo algumas vezes aparecem ruyuas em muitas
,, partes delle, por causa do muito coral vermelho, que tem nacido
,, pollo fundo daquellas mesmas partes; e por essa rezam não appare-
,, ce todo da mesma côr, senão sómente naquelles lugares, onde ha
,, este coral, que faz parecer a mesma agoa vermelha, ou roxa, com
,, a reuerberação do sol, quando as agoas estão claras. Esta experien-
,, cia fez *dom João de Castro*, quando veio a este mar, em huma gros-
,, sa armada da India, da qual elle depois foy gouernador. Este pru-
,, dente capitão correo de proposito quasi todo este mar roxo, como
,, elle conta nos seus *commentarios geograficos*, que fez de todas
,, estas terras; e nos lugares, onde via estas manchas vermelhas,
,, mandaua mergulhar alguns homens, grandes mergulhadores, que
,, ja leuaua pera este effeito, os quaes indo abaixo, ao fundo do
,, mar, pera fazerem experiencia daquella vermelhidão, trouxerão

A armada voltou á costa da India em Agosto de 1541, e em Janeiro de 1542 embarcou D. João de Castro, com outros fidalgos, para o reino, na náo *São Thomé*, que chegou a salvamento na entrada de Julho (1), e logo a 25 de Setembro do mesmo anno, estando elle *na sua quinta junto a Cintra*, o mandou elRei chamar a Lisboa para objecto de seu serviço, como se vê pela carta Regia, que temos na collecção, escrita por *Pero d'Alcaçova Carneiro*, com a referida data, e assinada por elRei.

NOTA IV.

He nomeado capitão-mór da armada da guarda-costa.

Freir. livr. 1. §. 21. e 22.

A ordem, que D. João de Castro recebeo para vir á côrte, e de que acabamos de fallar na precedente nota, teve sem duvida por objecto querer elRei encarregalo de capitanear a armada, que se mandava fazer prestes para guardar a costa destes reinos; por quanto logo no 1.° de Dezembro do mesmo anno de 1542 o achamos nomeado capitão-mór della, por alvará de elRei, no qual se contêm, além da nomeação, o regimento que havia de seguir no desempenho daquelle cargo. Deste regimento nos pareceo conveniente offerecer aos nossos leitores a integra, e vai entre os documentos n.° 6.°

Parece que D. João de Castro sahio logo ao mar no proprio mez de Dezembro de 1542; visto que por outras cartas de elRei consta ser chamado á sua presença em 14 de Abril do seguinte anno de 1543, e dar-

„ muytos pedaços de coral vermelho, que arrancarão do fundo, e „ affirmarão que toda a mais vermelhidão, que aparecía, era coral „ vermelho. „

Este Roteiro sahio finalmente á luz publica em Paris no anno passado de 1833, como diremos adiante, Not. XIV.

(1) *Cout.* dec. 5. livr. 8. cap. 2.

se-lhe em 10 de Maio nova ordem para hir esperar as náos da India n'aquella paragem, aonde parecesse que ellas devião vir ter; cumprindo *em tudo o mais* (diz a carta) *o regimento, que lleuastes, quoando fostes por capitão mór da outra armada da costa, o anno pasado*; as quaes ultimas palavras se não podem commodamente entender, senão do mez de Dezembro precedente, de cujo principio data a nomeação e regimento.

Nesta segunda sahida ao mar tomou D. João de Castro huma náo franceza, com a qual entrou em Cascaes, por ordem que elRei para isso lhe mandou em carta de 16 de Junho do referido anno de 1543 (docum. n.º 7.º), voltando logo ao mar, aonde successivamente lhe forão dirigidas differentes providencias de elRei, em cartas de 20, e 23 de Junho, de 30 de Julho, e de 5, e 7 de Agosto do mesmo anno, na ultima das quaes lhe manda que agradeça a seu filho D. Alvaro, e a outros capitães, o que tinhão feito para salvar a náo *S. Felipe*, que tocára no cachôpo, e lhe falla já da jornada de Ceuta, para que o tinha destinado, e que elRei desejava se fizesse com a mór brevidade.

NOTA V.

Jornada de Ceuta.

Freir. livr. I. §. 23. — 31.

Por alvará de 9 de Agosto de 1543 foi D. João de Castro encarregado de hir á cidade de Ceuta, levando em sua conserva os navios da gente, artilharia, munições, e mais cousas, que n'aquella praça havião de ficar; e se lhe deo o regimento, que devia seguir em sua hida e estada.

Por hum dos artigos deste regimento lhe encommenda elRei o exame das fortificações de Ceuta, Alcacer, Tanger, e Arzilla; dos reparos, ou obras, que nellas se devião fazer; do estado dos armazens, gente, armas, etc.; e ao mesmo tempo lhe ordena, que haven-

do nova da armada dos turcos (1), elle D. João se fique em Ceuta, *assy como* (diz) *me mandastes lembrar que o queryeis fazer;* e que nesse caso escolha, para vir por capitão do seu galeão, e conduzir a armada a Lisboa, huma pessoa, que para esse mister seja idonea, por quanto (acrescenta elRei) *ainda que pera me seruirdes nesa armada seja tenpo, e aja necesydade diso; pola confiança que de vós tenho, e pola grande inportancia da cousa, sendo caso que os turcos viesem, me quero servir de vós nyso.*

No seguinte dia 10 de Agosto mandou elRei chamar D. João de Castro, e tendo praticado com elle, lhe fez expedir novas e particulares ordens sobre o que devia fazer em Alcacer, as quaes constão de outro regimento de 13 do mesmo mez e anno. Ambos os regimentos vão copiados, e são os num. 8.º e 9.º dos documentos.

Depois d'aquelle dia 13 de Agosto (e não a 12, como diz *Freire* no §. 28.) sahio D. João de Castro com a armada para Ceuta, sem se deter no caminho, nem poder (ao que parece) ter então cabimento a facção do estreito de Gibraltar, de que falla o mesmo Jacinto Freire nos §§. 28 — 30; não só porque as suas instrucções, e os regimentos, que levava, não davão lugar a isso; mas tambem porque em 22, e 27 do dito mez ja elRei o suppõe em Ceuta, pois lhe escreve para a dita cidade (docum. n. 10 e 11): e por outra carta regia de 28 se manifesta haver D. João effectivamente la chegado, e ter ja feito a desembarcação das munições, e começado a cumprir as outras cousas, que elRei lhe ordenára nos citados regimentos (docum. n. 12).

A 24 de Dezembro estava D. João de Castro no Tejo, de volta da expedição de Africa, e nesta volta he que parece haver succedido o encontro da armada com sete náos de corsarios, segundo consta da carta

(1) Parece que se temia então alguma interpreza do celebre *Barbaroxa*, que andava infestando as costas da Italia. Os nossos escriptores, que podemos consultar, não fazem menção destas prevenções de elRei, nem indicão os seus motivos.

Regia de 27 d'aquelle mez, da qual damos tambem copia (docum. n.º 13); não só porque ella mostra bem a conta, em que elRei tinha este grande homem, a quem jamais escrevia sem expressões de grande louvor e confiança; mas tambem porque este, e os mais documentos, que deixamos allegados na presente e antecedente nota, podem servir para rectificar o que diz Jacinto Freire nos lugares respectivamente apontados, e para desvanecer alguma confusão, com que elle parece ter descripto esta época da vida do seu heroe.

Dissemos, que D. João de Castro estava no Tejo a 24 de Dezembro de 1543: não tardou porêm muitos dias, que tornasse a sahir ao mar, com o mesmo cargo de capitão-mór da armada, e com grandes poderes e alçada, que elRei lhe concedeo por seu alvará de 28 do dito mez e anno (docum. n.º 14), da qual expedição se recolheo em Fevereiro de 1544, hindo então descançar de tantos, tão continuos, e tão importantes trabalhos, até o principio de 1545, em que foi nomeado governador da India.

E para que se não entenda que estes mesmos poucos mezes de descanço forão obra do seu genio izento (como algumas vezes parece querer inculcar Jacinto Freire) ou de menos consideração, que elRei tivesse a seus eminentes serviços, damos debaixo do n.º 15 a propria carta de elRei, que o manda descançar, e que por extremo honra o monarca e o vassallo; e ainda acrescentamos, que por outra de 11 de Julho do mesmo anno de 1544 (docum. n.º 16) lhe pedio elRei parecer e conselho sobre a organisação da nova armada, que queria mandar ao mar para guarda das costas do reino.

NOTA VI.

Vai por governador da India.

Freir. liv. I. §. 32, e seg.

A 5 de Janeiro de 1545 já D. João de Castro estava nomeado para governador da India; porque nessa data se lhe expedio o regimento, pelo qual havia de dirigir-se no aparelhar, e prover de gente e mantimentos os navios da armada (1).

Debaixo dos n.os 17 — 24 damos este regimento, e mais algumas das trinta e tantas cartas, que elRei, e a Rainha lhe escrevêrão sobre varias particularidades da armada, em quanto esta não desaferrou do porto de Lisboa.

Por estes documentos se confirma o que diz *Jacinto Freire* (§. 34) a respeito da inteira confiança, que elRei tinha na intelligencia, zelo, e mais virtudes deste insigne varão; e como entregou ao seu cuidado, e até, em parte, ao seu arbitrio, a primeira e principal parte das disposições necessarias ao meneio, e prompta expedição d'aquella viagem.

Em quanto ao dia, em que a armada sahio do porto de Lisboa, e que *Jacinto Freire* (§. 37) diz ter sido a 17 de Março, parece-nos haver nisto alguma equivocação; visto que em 22 do dito mez ainda elRei escreveo a D. João de Castro, ordenando, que Martim Affonso de Sousa, *que ora está* (diz) *por meu capitão móor, e gouernador nas partes da India, venha na naao Sam Thomé, em que ora vós his, se ele for mais contente de vir nela, que na naao São Pedro, que he minha*, etc.

(1) A carta patente, que D. João de Castro levou, para por ella se lhe entregar a India, he datada de Evora, a 28 de Fevereiro de 1545; e por huma nota, posta no reverso, se vê que foi registada no livro do registo da casa dos contos, e fazenda da India, a fol. 96, por Antonio Gonsalves, escrivão da meza da mesma fazenda, em Goa, a 26 de Agosto de 1547.

NOTA VII.

Chega a Moçambique.

Freir. liv. I. §. 38.

De Moçambique escreveo D. João de Castro a elRei, como se vê da resposta, que elRei lhe deo em huma extensa carta de 8 de Março de 1546, a qual copiamos por inteiro, entre os documentos (n.º 25) por nos parecer de alguma importancia para a Historia. Pelo conteudo desta carta verá o leitor

1.º que a viagem de D. João de Castro até Moçambique tinha sido boa e feliz; e que se deve ter, pelo menos, por duvidoso o que diz Freire (§. 37) do grave perigo, e quasi milagrosa salvação da sua náo, na Costa de Guiné; devendo, por ventura, referir-se este acontecimento a outro lugar, e occasião, que adiante notaremos (1).

2.º que não menos se deve ter por duvidoso o que Jacinto Freire affirma no §. 38 sobre a reforma, ou nova edificação da fortaleza de Moçambique, mandada fazer pelo governador: porquanto da carta de elRei sómente se infere que D. João de Castro lhe mandára na verdade o *debuxo* d'aquella fortaleza, e alguns avisos sobre os seus defeitos, e possiveis melhoramentos; mas que nada emprehendêra sem esperar, como devia, a resposta, e approvação de elRei (2).

(1) Veja-se a Nota VIII. no principio.

(2) O proprio Jacinto Freire, esquecido (ao que parece) do que tinha escrito neste lugar; quando no livr. IV. §. 37 falla das náos, que chegárão á India em Setembro de 1546, e Maio de 1547, diz que nestas náos fóra ordem ao governador, *que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique*, o que seria inutil, se a obra já estivesse feita, como elle suppõe. O certo he, que nem Dom João de Castro reformou a fortaleza de Moçambique, quando alli passou; nem o pôde fazer depois que para isso recebeo as ordens de elRei, por

3.° que a época do descobrimento dos rios de Lourenço Marquez se deve referir ao tempo (pouco mais ou menos) em que D. João de Castro escrevia de Moçambique; e que elRei, tendo então a primeira noticia desta empreza, julgou conveniente ordenar o seu proseguimento.

4.° que elRei, informado das novas e repetidas tentativas dos castelhanos sobre Maluco, tinha feito tratar este negocio pelo seu embaixador na côrte do Imperador Carlos V., e dava, em consequencia disso, as suas ordens ao governador da India para obstar aos progressos d'aquella usurpação.

5.° que por aquelles tempos se negociava em Constantinopla a paz com o Turco, sendo agente da negociação por parte de elRei, ao principio Duarte Catanho (1); e depois Gaspar Palha; e que, sem embargo disso, elRei se não descuidava de prevenir os casos possiveis da guerra, maiormente no que tocava á conservação do poder portuguez na India.

Achão-se finalmente na mesma carta outras providencias de elRei, e entre ellas algumas, que dizem particular respeito aos progressos da christandade no Oriente, as quaes não julgamos necessario especificar aqui,

lho impedirem os trabalhos da guerra, e logo a morte. *Fr. João dos Santos*, na sua *Ethiop. Orient.* liv. 3. cap. 4. fallando da fortaleza nova de Moçambique, diz assim: " Esta fortaleza he huma das mais ,, fortes que ha na India: foi traçada assi ella, como a de Damão, ,, por hum architecto, que foy sobrinho do Arcebispo santo de Bra- ,, ga D. Fr. Bertholameu dos Martyres, da ordem dos Prégadores, o ,, qual architecto, sendo mancebo, se foy a Flandres, donde tor- ,, nou grande official de architectura; e depois disso foy mandado á ,, India pola Rainha dona Catherina, quando governava este reyno, ,, pera fazer estas fortalezas, o que foy no anno do senhor de 1558, ,, quando dom Constantino foy por vice-Rey da India: e tornando ,, este architecto da India, foyse pera Castella, onde tomou o habi- ,, to da ordem de S. Hieronymo, e foy muy aceito a elRey Philip- ,, pe II., e por sua traça se fizerão muitas obras no Escurial. ,,

(1) Sobre a naturalidade e caracter de Duarte Catanho, veja-se *Andrade*, *Chron.* part. 3. cap. 50.

porque mais adiante se nos offerecerá opportuna occasião de tornarmos a fallar dellas.

Alem desta carta, e poucos dias depois da sua data, escreveo elRei outras duas a D. João de Castro, huma em 13 de Março sobre os negocios da Ethiopia (1); e outra em 14, sobre as terras firmes de Gòa, e sua pretendida venda ao Hidalcão. Ambas nos parecêrão dignas de se publicarem, e são os n.os 26, e 27 dos documentos.

Ultimamente damos debaixo dos numeros 28 e 29 as respostas da Rainha senhora D. Catarina, e do cardeal infante D. Henrique ás cartas, que D. João de Castro lhes escreveo tambem de Moçambique; porque ainda que ellas não importem tanto aos conhecimentos historicos, mostrão comtudo a estimação, que D. João de Castro merecia, e gozava; e nos dão, por outra parte, huma boa prova da attenção benevola, com que os principes portuguezes tratavão, n'aquelles tempos, os sujeitos, que por seus serviços e relevantes qualidades se fazião benemeritos dessa distincção.

NOTA VIII.

Sahe de Moçambique, e chega a Goa.

Freire, Liv. I. §. 39 — 41.

Na sahida de Moçambique, e a través da ilha do Comaro, he que a náo de D. João de Castro correo o

(1) Com esta carta se achão, por copia, outras duas, escritas por elRei ao Imperador da Ethiopia, e aos portuguezes, que lá existião des de o tempo de D. Christovão da Gama. Por ellas verá o leitor, 1.º que elRei ainda conservava o desejo, e a esperança de descubrir alguma communicação entre aquelle imperio e a costa oriental, e occidental de Africa: 2.º o conceito, que se deve fazer da pessoa e qualidades de D. João Bermudes, que os nossos escritores chamão *patriarcha da Ethiopia*, e sobre o qual se deve ler o que diz *Tellez*, *Histor. da Ethiop.* liv. 2. cap. 6. e 20.

grande perigo, de que fallamos na precedente nota, e que Jacinto Freire, equivocadamente, refere á costa de Guiné na Africa occidental. Consta das duas cartas da Rainha, e do infante D. Luiz, escritas a D. João de Castro, em resposta ás que elle lhes escreveo depois de ter chegado á India.

D'ahi em diante continuou a armada sua navegação com prospera viagem até aferrar a barra de Goa, aonde chegou a 10 de Setembro excepto sómente a náo *santo-espirito*, de que era capitão Diogo Rebello, a qual por má navegação, invernou esse anno em Melinde, e passou á India no seguinte de 1546. (1)

Da India escreveo D. João de Castro a elRei, nas primeiras náos, que de lá vierão para o reino; mas não temos na collecção a resposta: temos sim as duas da Rainha e do infante D. Luiz, acima indicadas, as quaes julgamos conveniente dar por copia, não só por serem de taes pessoas, e comprovarem o que no começo desta nota deixamos dito; mas tambem porque a do infante, em especial, merece ser lida com toda a reflexão, por quam propria he para mostrar os elevados sentimentos d'aquelle principe; o alto conceito que elle fazia do seu illustre amigo; os sabios e prudentes conselhos que lhe dava; e até o sizudo, grave, e apurado estilo, com que lhe escrevia. Estas duas cartas são os numeros 30, e 31 dos documentos (2).

(1) Gaspar Correa diz que D. João de Castro chegou a Goa no 1.º de Setembro com Garcia de Sousa, e D. Jeronymo, e que aos 10 chegou D. Manoel da Silveira.

(2) A carta do infante, de que aqui fallamos, vem copiada em *Freir.* liv. III. §. 4. sem alteração na substancia do texto: ha comtudo, na copia, falta de algumas palavras, mudança de collocação em outras, e erro notavel na data, que deve ser de 16, e não de 26 de Março: por isso não julgamos inutil pedduzila de novo entre os documentos.

NOTA IX.

Sobre o §. 69 do Liv. I. de Jacinto Freire.

Neste §. 69. traz Jacinto Freire copiada huma carta de elRei para D. João de Castro, a qual pelo seu conteudo, estilo, e formulario nos pareceo sempre mui notavel, e talvez suspeita: não nos atreveremos comtudo a negar a sua authenticidade, porque pareceria isso, em nós, sobeja ousadia; e nos limitaremos tamsómente a notar aqui os fundamentos da nossa desconfiança.

Primeiramente, reflectindo no que he, ou se pode chamar, mero formulario, observamos, que de setenta e mais cartas originaes, que temos á vista, mandadas escrever por elRei a D. João de Castro, e por elRei assignadas; nem huma só começa como esta « *Governador amigo* » senão todas pelo nome do sujeito a quem se dirigem « *D. João* » ou « *D. João de Castro* » ou, (depois que teve carta de conselho) « *D. João de Castro, amigo* » e acrescentando sempre a formula « *eu elRei vos envio muito saudar* » e sómente huma destas cartas que elRei lhe escreveo, depois de o ter nomeado vice-Rei, começa nomeando-o pela dignidade « *Viso-Rei, amigo* » e acrescentando sempre « *eu elRei vos envio muito saudar* »

Em segundo lugar: nenhuma das mesmas cartas traz a formula da data com o *anno do nascimento* por extenso, como nesta de *Jacinto Freire* « *dada em Almeirim a* 8 *de Março, anno do nascimento de nosso Senhor Jesu-Christo de* 1546 » formula que sómente tinha lugar nas cartas patentes, e em outros titulos, ou diplomas de maior importancia. Pelo contrario, nas simples cartas regias, taes como são todas as que temos na collecção, se diz tamsomente, v. gr. « *escrita em Cintra a* 13 *dias de Agosto de* 1543 » ou « *escrita em Almeirim a* 8 *de Março, N.... a fez, anno de* 1546 » ou « *N.... a fez em Evora, a* 8 *de Março de* 1546 » etc.

Em terceiro lugar: não achamos em nenhuma das

mesmas cartas, nem em outros diplomas, que elRei falle jamais de si no numero plural, dizendo v. gr., (como a cada passo diz nesta carta de *Jacinto Freire*) — *nossa cidade de Goa — partes da India a nós sujeitas — he nossa vontade — havemos sido informados — vos mandamos — de tudo isto nos pareceo dar-vos conta* — etc. etc. E este argumento he tanto mais forçoso, e decisivo, quanto he certo, que elRei D. João III. ordenou por huma sua provisão de 16 de Junho de 1524, que d'ali em diante, em quaesquer alvarás, provisões, cartas, ou escrituras suas, se dissesse « *eu elRei* » e não « *nós elRei* » e que aonde se dizia « *fazemos saber* » se dissesse « *faço saber* » ou « *mando* » ou « *ey por bem* » etc. (1)

Deixando porêm os formularios, e voltando ora as nossas reflexões para o conteudo da dita carta; notamos nella ordens tão positivas, e ao mesmo tempo tão violentas, e de tão difficil, e até perigosa execução, ácerca da extincção da idolatria, e dos ritos e festas gentilicas, nos lugares do Oriente sujeitos aos portuguezes, e habitados, em grande parte, de gentios, e mahumetanos, que nos parece não concordarem de maneira alguma com a grande prudencia de elRei, e com a circunspecção, que elle sempre recommendava, ainda em objectos muito menos importantes, e de muito menor interesse para a conservação, e paz daquelles estados.

Demais: o P. *João de Lucena*, na *Vida do santo Xavier*, livr. 2. cap. 22., fallando desta mesma carta, sem dar a sua integra, e sómente substanciando os seus differentes artigos; aponta alguns, que se não achão na copia de *Freire*; omitte outros, que nella se lêem; e refere outros, que em *Freire* vem com differença, e talvez dizem o contrario; como poderiamos mostrar pelo parallelo de ambos os escritores, e facilmente verificará quem tiver a curiosidade de os comparar.

O mesmo *Lucena*, no fim do seu resumo diz assim: » *No que tocava a Manár, erão estas as palavras da car-*

(1) *Andrad. Chron. de elRei D. João III.*, *part.* 1. *cap.* 48.

ta » e traz hum artigo, como copiado della em termos formaes: comtudo este artigo não so se não acha, em taes termos, na copia de *Jacinto Freire;* mas parece, alêm disso, ser tirado da carta, que nós damos copiada a n.° 25, no §. que começa « *No negocio do rey de Jafanapatam* » e não em *termos formaes*, mas com muita diversidade em materia, frases, e palavras.

Finalmente parece pouco verosimil, que escrevendo elRei a D. João de Castro a extensa carta que acabamos de citar, e he entre os documentos o n.° 25, e havendo nella dous artigos sobre objectos relativos á christandade d'aquelle Oriente, e aos meios de a promover, em nenhum delles se refira elRei a esta outra carta extraordinaria de *Freire*, e *Lucena*, que (como se suppõe) foi escrita no mesmo dia 8 de Março de 1546.

Acresce ainda a estas razões, que nem *Francisco de Andrade*, na *Chron. de D. João III.*, nem *Diogo do Couto*, nas suas *Decadas*, fazem menção alguma de semelhante carta, nem das extraordinarias ordens, que nella se suppõem dadas. E posto que este argumento seja (segundo a frase dos criticos) meramente negativo; nem porisso deixa de ter grande força, supposta a importancia do objecto, a diligente exacção d'aquelles escritores, e a impressão, que taes ordens devião ter produzido nos estados da India, aonde *Couto* escreveo as suas *Decadas*, e aonde não só recolheo as tradições ainda recentes, mas teve á mão os mais importantes documentos, que em seu tempo se conservavão.

Seja-nos permittido, por ultimo, e com o respeito devido a hum escritor tão benemerito, como *Lucena*, notar aqui huma contradicção mui palpavel, em que elle cahio; a qual tendo intima relação com o objecto de que tratamos, augmentou fortemente a nossa suspeita, e quasi nos induzio a suppôr alguma particular e occulta intenção, que todavia nos não he possivel adivinhar.

No liv. 2. cap. 5. *da Vida do santo Xavier*, louvando *Lucena* o zelo, alias notorio, que o vigario geral da India Miguel Vaz tinha mostrado na conversão

dos infieis, diz que « *elle mandou derrubar os pagodes das ilhas de Goa; fez desaparecer os publicas idolatrias, festas, e superstições gentilicas; desterrou com autoridade real os Bramenes, que mais impediam a dilataçam da fe; alcançou se dessem aos christãos, nouamente feytos, os cargos e officios, que dantes seruiam os gentios com grande prejuizo da conuersam; e só a buscar estes e outros semelhantes despachos, veyo da India a este reyno, e tornou á India* » etc. Ao mesmo passo, que pouco adiante, no cap. 22 do dito livro, aonde traz o resumo da carta de que tratamos, esquecido (ao que parece) do que acima tinha dito, e queixando-se do pouco effeito, que tiverão as suppostas ordens de elRei, diz assim: « *mas o que resultou de todas estas diligencias do P. M. Francisco* (o santo Xavier) *e do vigario geral, foi, que a carta de elRei, segundo acho per hũa cota do secretario, que então era do estado, foy lida no conselho da India, e nelle se respondeo a cada hum dos capitulos de Sua Alteza, sem se executarem senam muy poucos, e os de menos importancia* » etc.

E advirta-se, que não só estes dous lugares de *Lucena* são entre si incoherentes; mas que seria quasi impossivel verificar-se o que elle affirma no primeiro: por quanto o vigario geral Miguel Vaz, vindo a Portugal com cartas do santo Xavier, em 1545, para sollicitar algumas providencias a bem d'aquella nascente christandade, foi despachado em Março de 1546, e voltando logo á India, chegou a Cochim por Setembro do mesmo anno; d'ahi partio para Goa, aonde estava em Dezembro; e no Janeiro immediato de 1547 falleceo; sem ter visto D. João de Castro (que ainda estava em Dio) para lhe communicar quaesquer ordens, que levasse de elRei; e sem poder elle mesmo executalas (caso o devesse fazer independente do Governador) no breve espaço de dous ou tres mezes, e em materias tão arduas, e tão arriscadas, quaes são as que *Lucena* aponta, e lhe attribue. As datas, que aqui suppomos, constão de algumas cartas, que temos na collecção, e cujos artigos copiamos no docum. n.° 32.

A' vista de tudo o que deixamos ponderado, julgará o leitor prudente o conceito que se deve fazer, tanto da carta substanciada por *Lucena*, e copiada por *Freire*, como dos factos, que a ella se referem. Pela nossa parte, o que sabemos de certo, e nos mostrão os documentos, he que Miguel Vaz veio a este reino com o intuito que já indicámos; e que elRei deferio ao seu zelo e instancias com as providencias geraes, que constão da carta, por nós copiada, e já tantas vezes citada, n.° 25, aonde expressamente se refere ás informações que tivera *por Miguel Vaz, e pelas cartas de Mestre Francisco* (o santo Xavier).

Sómente acrescentaremos (para não omittir cousa alguma, que possa illustrar o leitor) que na carta da camara de Goa, escrita a D. João de Castro em 27 de Dezembro de 1546, sobre o emprestimo que elle lhe pedira, (1) se lêem estas notaveis palavras: « Faz a ci» dade lembrança a V. S., que os gemtios moradores, » mercadores, e gancares fezeram parte deste empres» timo, como lhe já dizemos; *e nam averemos por mui» to aver ahy homens vertuosos, que faram crer a Sua Al» teza, que nam seruem de nada* (os gentios) *e que he » bem, que os lancem fóra desta terra* » etc. das quaes palavras parece colligir-se, que ou em Goa se receava então alguma ordem de elRei para a expulsão dos gentios, ou pelo menos havia quem lembrava, propunha, ou talvez publicava essa medida, como conveniente aos interesses da christandade n'aquellas terras.

(1) Desta carta da camara fazemos adiante larga menção, e a damos por integra entre os documentos n. 35.

NOTA X.

Cerco de Dio: soccorros que lhe manda o governador.

Freire, Liv. II.

Quasi todo o livro II. de Jacinto Freire se emprega em descrever as causas, que motivárão esta guerra de Cambaia, e segundo cerco de Dio, sendo governador da fortaleza D. João Mascarenhas; os varios successos do mesmo cerco; os frequentes soccorros que D. João de Castro mandou em defensão da fortaleza, etc. Sobre estes objectos pouco achamos de novo nos nossos documentos, que mereça especial menção. Como porêm Jacinto Freire se descuidou de determinar as datas de alguns acontecimentos, e nem he exacto nas que refere, sendo este hum dos grandes e indispensaveis meios de dar ordem e clareza á historia, e de fazer proveitosa a sua leitura; pareceo-nos conveniente supprir aqui este defeito, valendo-nos das cartas e documentos da nossa collecção, e da Chronica de *Andrade*; porque tambem deste modo se fica melhor conhecendo o grande trabalho, incrivel actividade, e consummada prudencia, com que D. João de Castro a tudo attendia, e tudo providenciava, vencendo innumeraveis difficuldades, e até contrastando a furia dos tempos, e dos mares.

He pois esta a ordem dos successos desta guerra e cerco, na parte que diz respeito ao nosso principal intento.

1546 — 15 *de Abril.*

Chega a Goa o primeiro aviso de D. João Mascarenhas sobre a effectiva declaração da guerra de Cambaia. (*Freir. liv. II.* §. 9. *Andrad. part.* 4. *cap.* 2.)

O governador da India manda logo seu filho D. Fernando com soccorro; e despacha D. Francisco de Menezes para Baçaim, aonde devia aprestar outra armada.

18 *de Maio.*

Entra D. Fernando em Dio com o soccorro. (*Freir. liv. II.* §. 40. *Andrad. part.* 4. *cap.* 6.) *Diogo do Cout. dec.* 6. *liv.* 1. *cap.* 9. refere esta entrada *ao fim de Maio.*

29 *de Junho.*

Está D. Francisco de Menezes em Baçaim, aonde se fez prestes a armada, com que depois foi em soccorro de Dio. (Veja-se a carta que damos entre os docum. n.° 33, e corrija-se por ella o que diz *Freire liv. II.* §. 87. e *Couto*, *dec.* 6. *liv.* 2. *cap.* 7. e *liv.* 3. *cap.* 1.)

24 *de Julho.*

He desta data o regimento, que temos original na collecção, dado por D. João de Castro a seu filho D. Alvaro de Castro, capitão-mór do mar, para hir soccorrer a fortaleza. Vai copiado, e he entre os docum. o n.° 34. Por elle se deve corrigir o que diz *Freire, liv. II.* §. 122 e 158. e *Couto*, *dec.* 6. *liv.* 2. *cap.* 7. No proprio dia 24 de Julho sahio D. Alvaro de Pangim, segundo refere *Andrad. part.* 4. *cap.* 9.

Agosto.

Em differentes dias deste mez entrão successivamente em Dio 1.° Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora. 2.° Luiz de Mello. 3.° D. Jorge de Menezes, e D. Duarte de Lima (1). 4.° D. João de Taide, e Francisco de Ilher (2). 5.° Ruy Fernandes, feitor de Chaul (3). (*Andrad.* part. 4. cap. 13.)

(1) *Couto*, *dec.* 6. *liv.* 3. *cap.* 3. e *Freire liv. II.* §. 139. e 140 nomeão estes dous fidalgos *D. Jorge*, e *D. Duarte de Menezes.*

(2) *Couto* no mesmo lugar, e *Freire* no §. 143. em lugar de *D. João de Taide*, e *Francisco de Ilher*, dizem *D. Antonio de Ataide* e *Francisco Guilherme. Ilher* he hum lugar ou bairro ao sul de Malaca, donde provavelmente tomou o appellido *Francisco de Ilher.*

(3) A este *Ruy Fernandes* dá *Couto*, *dec.* 6. *liv.* 3. cap. 5. e

29 *de Agosto.*

Chegão a Dio D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes, cada hum com a sua armada. (*Andrad.* part. 4. cap. 13. *Freire*, liv. II. §. 158.)

4 *de Setembro.*

Chega 'a Goa a noticia de haver D. Alvaro entrado em Dio. (*Andrad.* part. 4. cap. 14. Vej. *Freire* liv. II. §. 175.)

Fins de Setembro.

Chega a Dio Vasco da Cunha. (*Andrad.* part. 4. cap. 14. *Freir.* liv. II. §. 178.)

Nestes fins de Setembro sahio D. João de Castro ao mar para hir em soccorro de Dio. (*Andrad.* part. 4. cap. 14. *Lucen.* liv. 6. cap. 1.) *Freire* liv. III. §. 1., e *Cout.* dec. 6. liv. 3. cap. 9. dizem que elle sahira de Goa a 17 de Outubro; mas enganárão-se; porque a 16 deste mez escrevêrão os mesteres de Goa huma carta a D. João de Castro, ja ausente, e della mesma se vê que tinha sahido antes do dia 13.

26 *de Outubro.*

A 26 de Outubro parte de Baçaim para Dio, levando sessenta fustas, e doze náos e galeões, em que podião hir 400 soldados. Toma a ilha dos mortos para fazer agoada, e recolher os navios, e manda entretanto D. Manoel de Lima com vinte fustas guerrear a costa de Cambaya. (Consta da carta escrita por D. João de Castro aos vereadores, juizes, e povo de Goa, em data de 15 de Novembro de 1546, dando-lhe parte da

Freire liv. II. §. 157. o nome de *Ruy Freire*; mas he manifesta equivocação; porque este bom portuguez he o mesmo que escreveo a carta n.° 33, aonde está clara a sua assignatura.

batalha e victoria de Dio, a qual carta vem copiada na Chronica ms. da India de Gaspar Corrêa, tom. 4. pag. 391.)

6 *de Novembro.*

Surge D. João de Castro diante de Dio. (*Andrad.* part. 4. cap. 15. *Freire*, liv. III. §. 8, etc.)

11 *de Novembro.*

Dá a famosa batalha, e fica senhor da cidade. (*Andrad.* part. 4. cap. 17. *Freir.* liv. III. §. 13. etc.)

15 *de Novembro.*

A 15 de Novembro escreve aos vereadores, juizes, e povo de Goa, dando-lhes parte da victoria. Esta carta he levada a Goa por D. Alvaro de Castro, que chega áquella cidade a 19.

NOTA XI.

Freire, liv. III. §. 4.

Ha neste §. huma notavel equivocação de *Jacinto Freire*, que nos pareceo conveniente corrigir. Falla da chegada de Lourenço Pirez de Tavora a Cochim com as náos do reino, e da sua immediata partida para Goa, e logo para Dio em soccorro da fortaleza, e dizendo que nestas náos tivera D. João de Castro cartas do infante D. Luiz; dá ahi mesmo, por copia, a que o infante lhe escreveo em 26 de Março de 1547.

He sabido que o cerco de Dio foi no anno de 1546, e que no Outubro desse anno he que Lourenço Pirez chegou a Cochim. Fica pois claro, que huma carta escrita em Almeirim a 26 (alias 16) de Março de 1547, não podia hir em náos, que chegárão á India em Outubro do anno precedente.

Esta carta do infante, bem como as outras que D.

João de Castro recebeo de elRei, e da Rainha, escritas em Março de 1547, forão levadas á India na armada que nesse mesmo mez e anno partio do reino, e que lá chegou, parte em Setembro, e parte no Maio do anno seguinte. (*Couto*, *dec.* 6. livr. 5. cap. 3.)

As que D. João de Castro recebeo pela armada de Lourenço Pirez devião ser escritas no reino, o mais tardar, em Março de 1546.

Da carta do infante, que aqui traz copiada *Jacinto Freire*, ja fallámos na Nota VIII.

NOTA XII.

Sobre o emprestimo.

Freire, liv. III. §. 30.

Neste §. 30 do liv. III. traz *Jacinto Freire* copiada a resposta, que a camara de Goa deo a D. João de Castro, a respeito do emprestimo de vinte mil pardáos, que elle lhe pedíra para reparo da fortaleza de Dio, e despezas de sua fortificação. Acha-se porêm esta carta tão mutilada em Jacinto Freire, que nos pareceo indispensavel copiala de novo, por integra, e he entre os documentos o n.° 35.

O leitor, que comparar a nossa copia, tirada exacta e fielmente do original, com a de *Jacinto Freire*, facilmente adivinhará os motivos, porque este escritor commetteo huma especie de infidelidade, tão alheia da sinceridade historica.

Primeiramente: a Camara de Goa faz nesta sua carta pezadas queixas da pouca conta que elRei com ella tivera, e do esquecimento, em que parecia estar de seus serviços, não lhe escrevendo n'aquelle anno: e ao mesmo passo que mostra a mais perfeita lealdade, obediencia, e submissão ao seu Rei; não deixa por isso de expôr a semrazão, com que (a seu juizo) era delle aggravada; e isto com aquella nobre, e energica, posto que respeitosa, liberdade, que cumpre a hum povo

honrado; mas que ja ou não agradava, ou por ventura se não tolerava no tempo de *Jacinto Freire:* por onde nos parece, que elle julgou mais conveniente faltar á obrigação de historiador, do que parecer aspero aos ouvidos cortezãos, ainda repetindo palavras alheias, e de tempos menos melindrosos.

Em segundo lugar, supprime *Jacinto Freire* muitos periodos, que a seu parecer fazião menos generoso o procedimento da camara e povo de Goa neste emprestimo, por pedirem a restituição delle (1) quando fosse possivel; e por indicarem para esta restituição hum methodo, que não fosse em prejuizo, e oppressão do povo, como outras vezes, e determinadamente no tempo do vice-Rei (D. Garcia de Noronha) tinha acontecido.

Acaso julgou *Jacinto Freire*, que isto causava algum deslustre á gloria de D. João de Castro, a qual elle não poucas vezes parece que pretende exalçar por meio de semelhantes reticencias: mas enganou-se o benemerito escritor. As nobres e sobreexcellentes virtudes e qualidades do illustre Castro não dependem dos factos alheios, e ainda menos da occultação da verdade, para merecerem o nosso louvor, e o da imparcial posteridade. Por outra parte o respeito, o amor, e a adoração que lhe tributavão a camara, os mesteres, e o povo de Goa, e a plena confiança que nelle tinhão, he mui visivel nesta, e em outras cartas, que damos copiadas entre os documentos. Nós, pelo menos, somos de parecer, que esta carta da camara, ainda que não tenha aquella polidez de expressões, e perfeição de estilo, que hoje se desejaria em tal genero de escritura; honra comtudo a camara que a escreveo, o governador, a quem foi dirigida, e até (se nos he permittido dizer o nosso pensamento todo) honra o proprio monarca; pois que a camara, queixando-se delle em termos res-

(1) *Andrad. Chron.* part. 4. cap. 18. diz que a camara de Goa *fizera serviço* ao governador dos vinte mil pardáos do emprestimo, *sem querer pagamento delles*; mas o avisado escritor foi, nesta parte, muito mal informado.

peitosos, mas sentidos, não receou offender a sua alta soberania, nem desmerecer a continuação da real benevolencia, que parecia ser o objecto da sua nobre ambição.

Finalmente: omittio *Jacinto Freire* ainda outro notavel artigo da carta, cuja publicação lhe pareceo, por ventura, arriscada no seu tempo. Tinha a camara dito no corpo da carta, que os *gentios* todos de Goa havião concorrido para o emprestimo com nove mil, duzentos e tantos pardáos, que era quasi ametade do total: e no fim da carta acrescentou estas palavras: *Faz a cidade lembrança a V. S. que os gentios moradores, mercadores, e gamcares fizeram parte deste emprestimo, como lhe ja dizemos: e nam averemos por muito aver ahy homens virtuosos, que faram crer a S. A., que nam seruem de nada, e que he bem, que os lancem fora desta terra: avemos por escusado muitas pallavras ácerqua deste negocio, porque V. S. o semte muy bem.*

Neste mui notavel periodo alludia, sem duvida, a camara (como ja acima notamos) ao projecto, ou intento, que então parece haver-se proposto, ou insinuado, ou talvez publicado, de expulsar de Goa, e ainda dos outros estabelecimentos portuguezes da Asia, os gentios que nelles habitavão, e de extinguir por meios violentos a idolatria, e os ritos, festas, e superstições gentilicas. As palavras da camara quasi apontão os autores desta lembrança; *homens virtuosos* na verdade, mas destituidos da prudencia politica, e religiosa, que se requer em resoluções de tanto melindre, e de tão arriscadas consequencias. As mesmas palavras da camara indicão tambem o que D. João de Castro sentia a respeito de taes projectos, sem embargo do amor que tinha á religião, e á verdadeira virtude, e do zelo, com que promovia os interesses de ambas. Pode ser que este modo de sentir do illustre Castro désse occasião ao que escreveo *Lucena* a respeito delle na *Vida* do santo *Xavier*, liv. 2. cap. 22, e mais largamente no liv. 6. cap. 1. perto do fim.

A esta carta da camara de Goa ajuntamos outras do

Bispo, dos mesteres, e de algumas pessoas publicas e particulares, que dirigírão a D. João de Castro os emboras da grande e mui assignalada victoria, que tinha alcançado de elRei de Cambaia, as quaes escolhemos de entre muitas outras, que temos na collecção, e que todas conspirão em mostrar a grandeza e importancia d'aquelle feito; o respeito e admiração, que com elle grangeou o governador; e as publicas demonstrações religiosas e civis que, por esse motivo e occasião, tiverão lugar. Correm estes documentos des de o n.° 36 até o n.° 42.

Nota XIII.

Segunda guerra de Cambaia, e ultimas acções de D. João de Castro.

Freire, liv. IV.

Em Abril de 1547, depois de reparada e ampliada a fortaleza de Dio, e compostas as cousas do seu governo e fortificação, voltou D. João de Castro a Goa (1),

(1) Não nos he possivel determinar precisamente os dias, em que D João de Castro chegou á barra de Goa, e entrou na cidade em triunfo. *Andrade*, na *Chron.* part. 4. cap. 19, diz que o governador chegára a 19 de Abril, e que d'ahi a tres dias entrára na cidade. *Lucena*, *Vida de Xav.* liv. 6. cap. 1., parece seguir a mesma opinião, quando diz que o governador entrara em Goa a 22 de Abril. Diogo do Couto porém, na *dec* 6. liv. 4. cap. 6., põe a chegada de D. João de Castro a Goa a 11 de Abril, *em huma quarta feira*, e diz, que ao domingo seguinte, que forão 15, fizera a sua entrada solemne, e isto mesmo segue *Jacinto Freire*, liv. III. §. 40, dizendo que *para os 15 de Abril se destinára o dia do triunfo.* As datas de *Couto* e *Freire* são manifestamente erradas: por quanto de huma carta, que temos na collecção, escrita de Goa a D. João de Castro em 12 de Abril, se vê que elle não tinha chegado a 11. Mas esta mesma carta não nos permitte, por outra parte, fixar as verdadeiras datas da chegada, e triunfo. Começa ella assim: " *Temos qua cada dia nouas tão quemtes de sua partida ser de dio á primeira oy•*

aonde o amor e agradecimento dos portuguezes o esperavão com a solemnidade do triunfo, e com as insolitas demonstrações de alegria e applauso, que referem os nossos escriptores que disto fallarão com mais ou menos extensão (1), demonstrações nunca d'antes, ou depois praticadas com outro algum capitão portuguez.

Sobre a guerra que se fez ao Hidalcão (2) nesses mezes do inverno, que D. João de Castro passou em Goa, e sobre os mais negocios do estado, que então occorrerão; não achamos em nossos documentos cousa notavel, que mereça aqui especial menção: e somente nos pareceo dar copia de duas cartas do Bispo de Goa, que illustrão o que diz Freire (§§ 1 — 4, 8, e 9) sobre a conversão e christandade de elrey de Candea (n.[os] 43, e 44.)

Logo porêm que pela cessação do inverno se abrirão os mares, voltou D. João de Castro ao norte, aonde novas tentativas de elRei de Cambaia demandavão a sua presença, o seu valor, e o valor dos portuguezes.

Dos grandes feitos desta segunda guerra de Cambaia chegou noticia a Goa em meio de Novembro de 1547 (3), como se vê de algumas cartas que temos na

tava, que hey por escusado dar meuda conta a V. S. . . .,, &c. Facil seria determinar a quantos do mez cahio naquelle anno a primeira oitava da pascoa; mas como não sabemos se as novas, que corrião em Goa erão verdadeiras; se o governador partio com effeito de Dio na primeira oitava; e se gastou muito ou pouco tempo na viagem, forcosamente havemos de deixar este ponto na incerteza, em que o achamos; inclinando-nos porêm mais a adoptar as datas do chronista *Andrade*, tanto porque se não oppõem á nossa carta, como pelo maior conceito de exactidão, que nos merece este escritor.

(1) *Andrad. chron. art.* 4. *cap.* 19; *Cout. decad.* 6. *liv.* 4. *cap* 6.; *Freir. liv. III.* §. 40. 41; *Lucen. Vid. de Xav. liv* 6. *cap.* 1. etc.

(2) Alias *Adel-Kan. Barros*, *dec.* 4 *liv* 7. *cap.* 3.

(3) Por aqui se vê que D. João de Castro não partio de Goa para o norte, a fazer esta segunda guerra, *nos fins de Novembro*, como se lê na *chron. de Andrad. part* 4, *cap.* 21, edição de Coimbra de 1796; mas sim muito antes: por quanto de huma carta escrita de

collecção, entre as quaes damos copia d'aquellas, que a alguns respeitos nos parecerão dignas de curiosidade. Vão des de n.° 45 até n.° 50.

Tendo então cessado, em grande parte, os receios de hum novo cerco, e insistindo D. João Mascarenhas em deixar o governo da fortaleza, sahio de Dio para passar ao reino, e chegou a Goa em 25 de Novembro, como consta da carta n.° 53 escripta nesse mesmo dia ao governador, ficando em lugar delle por capitão de Dio Luiz Falcão, que o tinha sido de Ormuz.

Deste capitão temos varias cartas escritas a D. João de Castro des de 15 de Janeiro de 1548, pelas quaes, e por outras, se mostra ter havido nesse tempo algumas negociações para a paz com elRei de Cambaia, a qual comtudo sómente se ajustou e concluio, depois do fallecimento de D. João de Castro, e em tempo do governador Garcia de Sa. (1) Pode fazer-se alguma idêa destas negociações pelas cartas, que damos copiadas des de n.° 54 até n.° 59, entre as quaes julgamos notavel a do n.° 56, aonde Luiz Falcão faz algumas judiciosas, posto que breves, reflexões a D. João de Castro sobre a conveniencia e opportunidade da paz, e lhe annuncia os trabalhos, que havião de acrescer ao estado pela recente acquisição de Adem, como effectivamente aconteceo.

Em quanto D. João de Castro esteve no norte, fazendo guerra a Cambaia, como deixamos dito, succedeo o novo commettimento do Hidalcão contra as terras firmes de Goa, de que faz menção *Jacint. Freir.* nos §§. 57 e 59 do liv. IV. Sobre o que, por esta occasião, occorreo em Goa, devem ler-se as cartas n.^os^ 50 até 53, porque ellas confirmão, e rectificão algumas das particularidades referidas pelo dito escriptor.

Goa ao governador em 19 de Outubro se vê que ja então era partido para Cambaia, e o mesmo se collige do proprio Andrade, combinando o dito cap. 21 com o 22: pelo que suspeitamos erro typografico nas citadas palavras.

(1) *Couto*, dec. 6. *liv.* 7. *cap.* 7.

NOTA XIV.

Reflexões geraes.

Tem-se notado por muitas vezes, que *Jacinto Freire*, escrevendo a *Vida de D. João de Castro*, seguio antes as leis de panegyrista, que as de historiador, e na verdade, que parece este pensamento autorizado, não só pelo estilo com que escreve, mas tambem pela liberdade que ás vezes toma a respeito do modo de referir os feitos e acções do seu heróe.

Já dissemos, que o grande valor de D. João de Castro, o seu perfeito desinteresse, a sua incontrastavel fidelidade, exacção, obediencia, e pontualidade no serviço do Rei e da patria, finalmente as suas virtudes publicas, e particulares, são tão manifestas e patentes em todas as acções da sua vida, que não necessitão, por certo, dos artificios oratorios, para excitarem a nossa admiração, e saudade, e para merecerem a perpetua veneração de todos os homens, que amão o bem e a virtude. Por onde nos tem sempre parecido pouco proprios do caracter do illustre Castro, e não menos da sinceridade e severidade da historia, alguns dos meios que se empregárão para exalçar o seu merecimento, ja alterando a pura verdade dos factos; ja deprimindo talvez os generosos sentimentos do monarca, em cujo tempo elle viveo e servio; ja finalmente creando, em seu favor, na opinião dos leitores, huma especie de affeição compassiva, que singularmente contrasta com a nobreza de suas acções, e com a superioridade de seus merecimentos.

Lançando os olhos logo aos primeiros paragrafos da *Vida* deste insigne varão, ao mesmo passo que o escriptor nos diz, que elle estudára as mathematicas com o famoso geometra portuguez Pedro Nunez, e que *nesta sciencia se fizera tão singular, como se a ouvera de ensinar*; acrescenta, que *D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino*, e que *desprezára, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guer-*

ra, *em si inclinação*, *em seus avós exemplo.* Expressões, e clausulas, que parecendo envolver huma especie de contradicção, mostrão quanto o escritor, alias benemerito, sacrificava a exactidão do discurso ao ingrato gosto das antitheses, que não poucas vezes desfigurão a belleza de tão elegante, e polida composição.

Nada hoje podemos dizer com certeza sobre as inclinações naturaes de D. João de Castro para os estudos, ou para a guerra: mas se he verdade, que elle preferio, por escolha sua, o serviço militar, que alias era no seu tempo o ordinario emprego dos fidalgos portuguezes; não he menos certo, que se distinguio entre muitos no amor e applicação aos estudos; que longe de os desprezar, os continuou constantemente em toda a sua vida; e que no meio dos multiplicados e assiduos trabalhos, a que o chamavão seus empregos, ja como capitão, ja como governador, não deixou nunca de fazer uso dos conhecimentos filosoficos e mathematicos, que havia adquirido, nem de procurar adquirir outros de novo, que servissem de ornamento ao seu espirito, e lhe causassem util diversão e alivio.

Ja acima notamos, e consta do documento num. 3.°, que hindo D. João de Castro a primeira vez á India, não perdeo a occasião de fazer uteis *observações* sobre aquella navegação, e fenomenos naturaes, que nella se lhe offerecerão, dando conta deste seu trabalho ao infante D. Luiz, logo que chegou a Moçambique, e merecendo deste benemerito principe o louvor que se vê da sua carta.

Hindo depois ao estreito do mar roxo com o governador D. Estevão da Gama, escreveo não só o *Roteiro* da viagem, e a descripção das costas, bahias, e portos daquelle mar, mas tambem muitas doutas observações, de que faz menção o proprio *Jacinto Freire*, liv. 1. §. 19, aonde quasi esquecido do que pouco antes dissera, conta agora como *parte menor* da grandeza de Castro *o que os romanos, com tão soberba eloquencia, escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada!* elogio exagerado; mas que ainda sendo

reduzido a termos rasoaveis, não competiria a hum homem, que sómente *por obediencia* amasse as letras, e que *despresasse, por pequena*, a gloria das escolas (1).

Em outro lugar (Liv. IV. §. 110) nos diz o mesmo *Freire*, que D. João de Castro, estando governador da India, *nas horas, que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descrevera em copioso tratado toda a costa que jaz entre Goa e Dio, sinalando os baixos e recifes, a altura da elevação do polo, em que estão as cidades, restingas, angras, e enseadas, que formão os portos; as monções dos ventos, e condições dos mares*, &c. *tudo com tão miuda e acertada geographia, que o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar.* Pode ser (e nós o presumimos) que désse occasião a esta obra a recommendação, que elRei lhe fizera na sua carta de 8 de Março de 1546, (docum. n.° 25 perto do fim) pedindo-lhe *o debuxo das principaes fortalezas* da India, e asy a cidade ou lugar em que cada huma dellas estivesse, e o seu sitio, *tudo feito per petipé, em cartaz, ou em alguma madeira leve*, &c.

Quando elRei mandou D. João de Castro a Africa, (Nota V.) vê-se pelos regimentos que lhe deo, e por outras cartas, que depois lhe dirigio a Ceuta, a confiança que tinha em seus conhecimentos relativos á fortificação das praças, e portos maritimos; e outro tanto se collige da já citada carta n.° 25 pelo que D. João de Castro informou a elRei sobre a fortaleza de Moçambique, como advertimos na Nota VII.

Finalmente dos extractos que damos, debaixo do n.° 60, de algumas cartas, que existem na nossa collecção, podemos ainda deduzir a curiosidade litteraria

(1) Agora mesmo, sendo passados alguns annos, depois que escrevemos estas notas, chegou á nossa mão o *Roteiro de D. João de Castro, tirado á luz do ms. original, e acrescentado com o Itinerarium maris rubri*, tudo impresso por cuidado e diligencia do douto portuguez, nosso amigo, o *Doutor Antonio Nunes de Carvalho, da cidade de Viseu, Professor de Filosofia Racional e Moral, e de Jurisprudencia Civil na Universidade de Coimbra.* Paris 1833. 8.°

deste grande homem, que no meio de tantos trabalhos procurava a *Historia de Alexandre* magno, escrita em lingua parsea; e julgavão os seus subditos e amigos, que lhe fazião hum donativo de muito preço e estimação, offerecendo-lhe outros livros na mesma linguagem.

Do que tudo se collige, que se D. João de Castro *amava as letras por obediencia*, não as amava e cultivava menos por inclinação, e gosto, nem jámais podia caber no seu grande juizo *desprezar por pequena a gloria das escolas*, que parece ter sido sempre hum dos alimentos do seu espirito, e até hum dos objectos da sua nobre e virtuosa ambição.

O segundo ponto geral, em que *Jacinto Freire* parece desviar-se hum pouco da rigorosa verdade historica, he o conhecido empenho, que manifesta em toda a sua obra, de exaltar a independencia, e o desinteresse de D. João de Castro, suppondo, que logo que se recolhia de qualquer expedição, ou serviço publico, se retirava a Cintra, ou Almada, quasi affectando huma excessiva altivez e isenção, *fugindo ás ambições da côrte; fazendo brio de merecer tudo, e de não pedir nada; de não pedir, nem engeitar o serviço da patria*, &c. (1). E vai tanto avante a exageração do escritor, que não duvida dizer em hum lugar: « *Sabemos, que elRei D. João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo, de sorte, que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra* » (2).

Mereceriamos nós grave censura, atrevendo-nos a negar, ou impugnar qualquer destas proposições de *Jacinto Freire*, se não tivessemos á mão tantos documentos originaes, que plenamente o refutão, e convencem; e se elle mesmo se não refutasse a si proprio, em outros lugares de sua obra.

Não duvidamos da nobre altivez, isenção, e desinteresse de D. João de Castro. Assás nos informão des-

(1) Liv I. §. 26. e liv. IV. §. 110.
(2) Liv. I. §. 26.

tas grandes virtudes todos os procedimentos da sua vida; nem elle mereceria hum lugar tão distincto entre os mais illustres portuguezes da sua, e ainda das precedentes, e seguintes idades, se as não possuisse em alto gráo. Negamos porêm, que ellas passassem os justos limites da prudencia civil, religiosa, e cortezãa, e muito mais, que fossem causa da desaffeição de hum soberano, que sabia avaliar e estimar o verdadeiro merecimento.

E primeiramente: he falso que D. João de Castro *fizesse brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria.* Já vimos na Nota II. que para a jornada de Tunez foi elle mesmo o que se offereceo, *mostrando desejos de hir servir na armada de Antonio de Saldanha*, como lhe diz elRei na carta de 8 de Março de 1535. (documento n.° 2.°)

Vimos mais na Nota V. que foi tambem elle proprio o que se offereceo, quando elRei o mandou a Ceuta, para *ficar naquella praça, caso ouvesse nova da vinda dos turcos*, como consta do regimento, que elRei então lhe deo, e he o n.° 8.° dos documentos.

E vimos finalmente pela outra carta de elRei de 8 de Fevereiro de 1544 (n.° 15) que D. João de Castro se lhe havia offerecido para o tornar a servir no que cumprisse e fosse necessario; e que elRei lhe *agradece muito* esta vontade, e offerecimento.

Em segundo lugar: he menos exacto dizer, ou suppôr que D. João de Castro procurava, com excessiva isenção o retiro de Cintra ou Almada *para fugir ás ambições da côrte*, e se mostrar alheio a pertenções e empregos.

D. João de Castro, vindo em 1527 de Tangere, foi immediatamente chamado á côrte, que então estava em Coimbra, para ser de novo empregado em cousas do serviço publico: e ainda que ignoramos, por falta de documentos, o objecto deste serviço, ou de outros, até o anno de 1535, já com tudo advertimos na Nota II. os motivos, que tinhamos, para crer que elle não estivera ocioso em todos esses oito annos. D'ahi em diante po-

rêm até o anno de 1548, em que falleceo, que são quatorze annos; mui poucos mezes podemos contar, á vista dos nossos documentos, em que elle estivesse sem effectivo emprego, e trabalho, para poder descançar no seio da sua familia: não sendo consequentemente de admirar, que nesses poucos mezes, vindo ordinariamente de sofrer os aturados, e mui fastidiosos trabalhos do mar, e de longas, e talvez arriscadas viagens, preferisse a tudo a tranquillidade da sua casa e familia, aonde o esperavão o amor de sua mulher, a educação de seus filhos, e o cuidado dos negocios domesticos; e aonde o chamavão o seu genio, o seu caracter, e as suas virtudes; sem que d'ahi se possa de maneira alguma arguir hum retiro affectado, ou digno de reparo, e muito menos que por isso merecesse a desaffeição de elRei.

Ultimamente: esta supposta desaffeição he solemnemente desmentida por huma serie não interrompida de cartas, que elRei lhe escreveo, que temos originaes na nossa collecção, e de que damos por copia fiel as mais importantes. Em todas ellas achará o leitor, repetidas, e sempre uniformes expressões da grande confiança de elRei, da sua perfeita approvação a tudo quanto D. João de Castro obrava em seu serviço, do seu benevolo, e real agradecimento, e das solemnes promessas, que lhe fazia de ter em lembrança seus relevantes serviços, para os premiar, como era de razão.

A estas cartas se ajuntão as outras, não menos expressivas, da Rainha D. Catarina, do illustre infante D. Luiz, e do cardeal infante D. Henrique, depois Rei de Portugal: bem como as que estes senhores, e o mesmo Rei D. João III. escrevêrão por vezes a D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, nas quaes se observão constantes testemunhos do merecimento do filho, ligados sempre á lembrança, ao louvor, e á gloria do pai; e se inculca ao primeiro a imitação do segundo, como meio de merecer a real benevolencia, e de conservar na posteridade a honra do seu nome, e da sua casa, e familia.

He bem de crer que no estado de declinação, em que já então se achavão os costumes portuguezes, não faltassem cortezãos, que censurassem a severa austeridade de D. João de Castro, e por ventura taxassem de orgulhosa a sua nobre e modesta independencia. Hum homem d'aquelle toque he ordinariamente malvisto nas côrtes, aonde não corre ouro tão puro, e de tantos quilates. Mas nós não achamos motivo algum de presumir, que elRei D. João III. se deixasse levar dessa opinião (se a havia) e temos muitos testemunhos positivos, que nos provão o contrario.

Lamenta *Jacinto Freire* algumas vezes (1) que D. João de Castro não tivesse premios, nem mercês, nem fosse empregado em serviço algum do paço: e d'aqui parece querer inferir, ou que o leitor infira, a supposta desaffeição de elRei.

Muito folgariamos nós de podermos, nesta parte, fazer huma apologia completa dos nossos monarchas, e não encontrar na historia portugueza tantos homens grandes, justamente queixosos da inveja, e da ingratidão da côrte. Mas, se os Camões, os Albuquerques, os Pachecos, os Galvões, os Cunhas, e outros muitos nos não permittem esta satisfação, nem por isso devemos fazer applicação geral e indefinida de huma tão triste e tão experimentada verdade.

D. João de Castro era fidalgo da casa de elRei; e parece mui verosimil que, como tal, e segundo os costumes d'aquelle tempo, cursaria o paço em seus primeiros annos, e d'ahi viria o ser condiscipulo do illustre infante D. Luiz, debaixo do magisterio do insigne Pedro Nunes, de quem ambos aprendêrão as mathematicas.

Teve depois a commenda de Salvaterra, que o proprio *Jacinto Freire* confessa ter-lhe sido conferida, logo que veio de Tanger, isto he, em idade de 27 annos: e he notavel que o mesmo Freire diga neste lugar, que *D. João se veo á côrte, onde foi tão envejado*

(1) Liv. I. §. 21. 26.

pelas feridas, como pelos favores, e que elRei lhe fizera mercê da commenda, acordando aos homens de novo seu merecimento a *estimação, com que os tratava* (1).

Quando aos 38 annos de idade passou a primeira vez á India, diz o mesmo Freire, que elRei lhe mandou dar mil cruzados cada anno, o tempo que na India servisse, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle não aceitou (2). E nós já acima dissemos, que então mesmo o nomeou elRei em terceira successão para governar a India, que era grande prova de confiança. (Nota III.)

Aos 45 annos de sua idade foi nomeado governador da India, e antes de findarem os tres annos deste governo, lhe deo elRei o titulo de vice-Rei, e lhe mandou dar dés mil cruzados (3), como gratificação, reconhecendo os poucos recursos, que tinha da sua casa, como filho segundo; o honradissimo desinteresse, com que servia na India; e o empenho, em que vivia, por acudir aos soldados, e a outros objectos do serviço de elRei, á custa dos seus proprios ordenados, e até das pratas da sua casa.

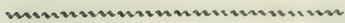
A morte immatura sobresalteou este grande homem no melhor e mais alto ponto da sua carreira; e devemos crer, que se voltasse a Portugal, acharia por certo, na real benevolencia e justiça, o cumprimento das solemnes, e bem merecidas promessas, que lhe havião sido feitas, e a verificação dos prognosticos, que na India lhe fazia o amor singello, e o virtuoso e desinteressado reconhecimento dos portuguezes.

O que diz *Diogo do Couto* na dec. 6. liv. 1. cap. I. já acima fica, em parte, refutado (Nota VI.); e não podemos deixar de sentir que o douto e prudente escritor lançasse hum periodo tão inconsiderado, que verdadeiramente não sabemos se offende mais a memoria de D. João de Castro, se a de elRei D. João III.

(1) *Freir.* liv. I. §. 6.
(2) Id. liv. I. §. 16.
(3) Id. liv. IV. §. 98.

Diz *Couto*, que entre outras cousas, que elRei D. João proveo para a India, e deo por regimento ao governador, foi que provesse tres veadores da fazenda em Goa, *que hião nomeados*, hum para a ribeira das armadas de Goa, outro para os contos, e outro para a carga das náos do reino em Cochim. E acrescenta logo estas palavras: « *E posto que algũs digão, que lhe pareceo a elRei ser assi necessario, pello grande crescimento, em que yão as cousas da India; o que se tem por mais certo he, que o fez por não ter tanta confiança de D. João de Castro, nem o auer por homem de muito negocio.* »

Não repetiremos aqui as provas da inteira confiança, que elRei tinha de D. João de Castro; pois ficão apontadas nas differentes notas deste opusculo, e mais que sobejamente comprovadas com todos os documentos, que damos por copia. Mas seria por certo bem estranho que não tendo elRei *tanta confiança* do illustre Castro, nem o *havendo por homem de muito negocio*, o empregasse constantemente em cousas do seu serviço, e por ultimo pozesse em suas mãos o governo, e (digamos ouzadamente) o destino da India nas mais criticas e apuradas circunstancias d'aquelle imperio, e quando os mais poderosos principes do Oriente, fortemente auxiliados da Casa Ottomana, havião formado huma liga quasi geral para o destruir.

O certo he que o cargo de veador da fazenda não era novo na India, e havia sido criado muito antes de D. João de Castro ser governador. Os homens que o hião servir erão nomeados no reino por elRei, e escolhidos d'entre as pessoas de conhecida intelligencia, fidelidade e confiança, levando sempre grandes poderes, tanto nos negocios da fazenda, como em outros. Não houve pois nada de novo, nesta parte, em tempo de D. João de Castro, senão serem tres, em lugar de hum; cousa que naturalmente demandava e aconselhava o consideravel augmento, em que se achava o poder portuguez na India, o grande numero de armadas, que cada anno se lançavão ao mar, a extensão e crescimento das rendas publicas, etc. etc.

Por onde nos parece que muito indiscretamente attribuio Diogo do Couto hum facto tão simples, e tão natural, a huma causa não só falsa, mas gravemente injuriosa ao Rei, e ao vassallo.

D. João de Castro opprimido de trabalhos, e por ventura de alguns desgostos, começou a sentir-se doente logo nos principios de 1548, e não podendo resistir á violencia da enfermidade, falleceo com mostras do seu grande caracter, e christandade, aos 6 de Junho do mesmo anno, deixando aos portuguezes perpetua saudade, e o mais perfeito modelo do verdadeiro heroismo.

N. B. No fim dos documentos damos as cartas, que temos na collecção, escritas por elRei, e pelo infante D. Luiz a D. Alvaro de Castro, tanto para memoria deste digno filho de D. João de Castro, como para demonstração do que ha pouco dissemos, nesta ultima Nota. Vão estas cartas debaixo dos n.os 61 — 65.

DOCUMENTOS.

N. 1.°

Dom Joam : eu elrey vos emuio muyto saudar. Porque eu me queria seruir de uós em cousa que muyto compre a meu seruiço, vos encomendo e mamdo, que tamto que esta virdes, venhaees a mim, e sejaees nesta corte o mais em breue que poderdes : e de ho asy fazerdes, como de vós comfio, receberey prazer, e vo lo aguardecerey. Escrita em coimbra, aos XXV dias de outnbro, pero damdrade a fez, de mill e quinhentos e vinte e sete « Rey »

(No fundo da pagina) Pera dom Joam de crasto vir a v. a.

(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joam de crasto, fidalgo de minha casa, filho do gouernador — em lixboa, ou almada. —

N. 2.°

Dom Joham de crasto. eu ellrey vos enuyo muito saudar. O conde da castanheira me enuiou dizer, como ereis chegado a esa cidade de llixboa, e que vynheis com desejo de me ir seruir nesta armada com amtonio de salldanha, de que receby muyto prazer, e vos agardeço a vontade, comque sey que follgaes de me seruir. Eu escreuo ao conde, que vos mande dar hũa

caravella. Bem certo som, que nom he necesario emcomendarnos da maneira que me nesta vyajem aveis de seruir; por quam bem vysto tenho como o fazeis em todallas outras. Fernam daluares a fez em evora, aos VIII dias de março de 1535 « Rey »
(No fundo da pagina) Para dom Jo. de crasto.
(Sobrescrito) Por elrey. A dom Joham de castro, fydalguo de sua casa. —

N. 2.° A.

Eu ElRey faço saber a todos meus capitãaes das fortalezas da India, capitãaes de nãaos e nauios das armadas, que nas ditas partes andam, alcaides moores das ditas fortalezas, feitores, escriuãaes das feitorias, capitãaes das naaos e nauios que vam pera vir com a carregua pera estes regnos, fidalguos cavaleiros, e gente darmas que nas ditas partes tenho, e a todas e quaesquer pesoas e oficiaes, a que este aluara for mostrado: que pela muita comfiança que tenho de Dom Joham de Crasto, fidalgo de minha caza, que nas cousas de que o encarreguar me saberá muy bem seruir, e me dará de sy toda a boa comta e recado, quero e me praz que semdo caso que faleça dom Garcia de Noronha, do meu conselho, que ora emvio por viso Rey e capitam moor e gouernador desas partes, que noso senhor nam mande; o dito Dom Joham de Crasto sobceda e emtre na dita Capitania moor e gouernança da India, pera nela me seruir com aquele poder, jurdiçam, e alçada que tinha dada ao dito D. Garcia. Porêm vo lo notefiquo assy, e vos mando a todos em geral, e a cada hũu de vos em espicial, que vimdo o dito caso, o recebaes por meu capitão moor, e gouernador desas partes, e lhe obedeçaes e cumpraes seus mandados, asy como ao dito Dom Garcia o fazieis, e como a meu capitão moor soes obriguados o fazer, e em todo o leixees husar do poder, jurdição, e allçada, que ao dito dom Garcia tinha dado sem duuida, nem embarguo algum a ello poerdes porque

asy he minha merce. E de o fazerdes asy bem como de vos o espero, farees o que deveis e soys obriguados, e volo terey muito em seruiço. E nam sendo o dito dom Joham de Crasto presemte, por ser fora em allguma armada, ou em outra parte, ey por bem que gouerne o capitam moor do mar, e o veedor da fazenda, e o capitam de Guoa, todos jumtamente, e nam se podendo loguo ajumtar por nom estarem em partes donde loguo possam ser chamados, gouernará o dito veedor da fazenda per si soo com qualquer deles, com que se acertar, atee se ajuntarem todos. E sendo caso que o veedor da fazenda estee em parte donde loguo nom posa ser chamado, gouernará o capitam moor do mar na propria forma e maneira acima declarada. E nom estando em parte donde loguo posa ser chamado, gouernará o capitam de Guoa na sobredita maneira, de tal modo que podemdo ser todos tres, ou dous deles jumtos, gouernem juntamente, e nom podendo ser gouerne hum, segumdo estaa declarado. Os quaes seram loguo mamdados chamar pera gouernarem, e gouernaram atee vijr o dito dom Joham de Crasto, que logo yso mesmo será chamado. E estando o dito veedor da fazenda soo na dita gouernança ou com algũu dos sobreditos, ou todos, lha emtregaram loguo tamto que vier pera gouernar segumdo forma desta provisam. E este mando que se cumpra e guarde, como nele se contêm, posto que nom seja pasado pela chancelaria sem embargo da Ordenaçam em contrairo. Pero Fernandes o fez em Lixboa a XXVIII dias de Março de 1538. E sendo caso que esta socesam se abra sendo vivo Nuno da Cunha, como mando pela Carta que escreuo ao veador da Fazenda, mando ao dito Nuno da Cunha que entregue a gouernança da India ao dito dom Joham de Crasto no proprio modo e maneira em que a ouuera de entregar a dom Garcia ou a Marty Afonso de Sousa, ou a dom Esteuam da Gama, se ao tal tempo cada hũu deles fora vivo « Rey »

No sobreescrito »

Esta terceira sobcesam se abrirá sendo caso que

se abra a segunda, e que seja falecida a pesoa nela nomeada, ou vinda pera estes Reinos: e asy se abrirá em qualquer tempo que falecer a dita pesoa nomeada na segunda. Em Lixboa a 28 dias de Março de 1538 « Rey »
Fechado com tres Sinetes.

N. 3.º

Dom Joham de castro, amigo. O ifante dom luis vos emvio muito saudar. Hũa vossa carta receby do porto de moçambique, feita a cinco dagosto do anno pasado, comque ouue gramde prazer pelas bõas nouas, que nela vejo de vossa pessoa, e asy do visorey, e bõa viagem, que nosso senhor lhe deu a toda sua frota, a quall espero que com seu bõo gouerno, e deceplina fará todo bõo efeito de seruiço de deus, e delrey meu senhor. O que me dizêes que tendes escrito, que uos a esperiencia nesta viagem mostrou, estou eu mui contente, e espero com grande aluoroço pera ver o fruyto de nosos instrumentos, e mais principalmente de vosso bõo engenho, e segumdo vossa carta promete, he muy gramde; porque de vossas premisas se emferem cousas mui proueitosas, e necesarias a esta nauegação, e até agora hũas nom comprendidas, e outras nom comsideradas, e todas o seram muyto de mi, quando vir vossa escritura pera vos ajudar, em parte, a leuar o peso de tam grande, e delicada filosofia, em que deue aver mui altos misterios. E pois a natural asy se vos oferece, e se poem em vossas mãos, pera com ella dardes caminhos e regra aos que por esses mares nauegão a seus proueitos; nom menos deuêes tratar e comversar a moral, comque segundo o que de vós conheço, sey que darêes exemplo, por omde os que nesas terras amdão, poderam alcançar honrra e gloria: e o que deestes nesta viagem foy asás dino de louuar, segumdo os bõos costumes e doutrina, que em vossa companhia se praticou, como acho pela emformação, que de tudo quis tomar, de que elrey meu

senhor se ouue por muito seruido. Eu espero em noso senhor que o seja sempre de todas vosas cousas: e taes nouas, como estas, me traram de vós, em quanto lá amdardes: e screuême as que poderdes, porque com ellas, e com vosas cartas receberey muito comtemtamento. De Lixboa, a XIX de março de 1539. « Infante Dom Luis »
(Sobrescrito) A dom Joham de castro, fidalgo da casa delrey meu senhor.

N. 4.°

Dom Joam de crasto: eu elrey vos emvio muito saudar. Vi hũa carta muito comprida, que me escreuestes; porque aindaque as palauras fosem pouquas, ninguem me escreueo mais meudamente, nem me deu mais declarada informação, e follguey de ver que as pallauras se conformam com a temçam do seruir, porque esta confiança tenho de vós: prazerá a noso senhor, que me terá feita grande mercêe em todas esas cousas, que eu tamto desejo pera acrecentamento de sua samta fee e o visorey vos dirá o que ácerqua de tudo lhe escreuo, e o fundamemto de mamdar estes navios lloguo, e o que se fiqua pomdo em obra. Per elle soube como me seruieis, e o ajudaueis, e per muy certo tiue que asy avia de ser; e asy ey de ser sempre lembrado de vossos seruiços, pera por elles vos fazer as mercêes, que por eles merecês, e aveis de merecer. Bertollameu fernandez a fes em lixboa a XXII dias de mayo, 1539 « Rey »
(No fundo da pag.) Reposta a dom jo. de crasto.
(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de crasto, fidalgo de sua casa.

N. 5.°

Dom Joam de crasto: eu ellrey vos emuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes, e receby grande comtemtamento dos rumes serem hidos com tamanho descredito seu, como dizês, e de se irem, sem

quererem esperar o visorey ; porque, aindaque esperava em noso senhor, que nos daria a vitoria, por escusar o periguo de hũa só pesoa das que lá estaueis pera me seruir, lhe deuo de dar muitos louuores: prazerá a de que será esta a derradeira vez que há india tornarão, e se tornarem, que sempre nos dará o vemcimento. Tudo ho mais das cousas de laa, em que nesta vosa carta me falaes, folguey muito de uer, poloque em cada hũua delas, em tantas folhas de papel, me escreuestes; e todas as olhastes, como quem tanto cuydado tem de meu seruiço, e o tambem entende: e por muy certo tenho, que sempre o farês em tudo asy inteiramente, como ho de vós comfio: e emcomendouos que sempre me escrevaes, porque folguo de ver ho estilo, e a prolexidade, por ser vosso. Diogo neto a fez em lixboa, aos X dias de março de 1540 « Rey »
(No fundo) Reposta a dom Joam de crasto.
(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joam de crasto, fidalgo de sua casa.

N. 6.º

Eu elrey faço saber a vos Dom João de castro fidalgo de minha casa, que por confiar de vós que em todo, o de que vos encarregue, me seruireys bem e com todo o recado e deligencia, que a meu seruiço compre, ey por bem de vos emviar por capitão mor darmada, que ora mandey fazer pera guarda da costa destes reinos, no quoall cargo tereys a maneira seguinte.

Ireys dereytamente com toda a dita armada ao cabo de são vicente e ahy andareys afastado da terra, dandouos o tempo lugar pera iso, de maneira que ventando sul ou sudoeste vos não torve dobrardes o cabo pera cá, e como fordes no dito cabo, mandareys recado per terra aos juizes e vereadores dos lugares do algarue de como ahy estaes, pera saberem omde vos acharão quoaes quer recados seus, que vos mandarem; porquanto eu lhes tenho mandado que vos avysem das

novas, que teverem dos ditos cosarios; e vindouos recado deles, os ireys buscar e tereys com eles a maneira que adiante será decrarada, e sendo caso que os nem acheis, vos tornareys loguo ao cabo: e se em quanto nele esteuerdes vos parecer bem mandardes hũu navio na volta do maar, atee X ou XII legoas, a ver se parecem algũs cosarios, o fareys, e será com tal recado, que o dito navio se não perca darmada, nem receba daño dos ditos cosarios.

Se no dito cabo de são vicente nem achardes cosarios, e teuerdes recado dos lugares do algarue, que na paragem deles nom amdão algũns; sendo o tempo brando pera dardes hũa volta pera cá, o fareis, e vos vireis ao cabo despichel, e antre ele e são chete vos poreys em pairo, e enviareys per qualquer carauella, que pera cá vier, ou per hũu homem, que lançareys em terra, recado de como ahy andaes e as nouas que teuerdes pera vos ir reposta do que fareys; e se quando asy fezerdes a dita volta do dito cabo de são vicente pera cá, topardes alguũs cosarios, ireis no alcanço delles ate os tomardes, ou desaparecerem da dita costa: e se teuerdes por enformação que alguũs dos ditos navios, apôs que asy fordes, tem feito alguum roubo ou dano a portugueses, em tall caso os seguireys, e ireis apôs elles até os tomardes ou perderdes de vista, em tall maneira que vos pareça que os nom podereys achar.

E se em quanto asy andardes em pairo antre os ditos cabos ventar leeste e les noordeste, com que posaes dar huma vista aa berlengua, a ver se ha la alguũs cosarios, o fareis; e não os achando, vos tornareis loguo aa dita paragem dantre os ditos cabos de são chete e espichel, omde parareis, como dito he, ate vos ir recado do que fareis, e ventandouos vendaual, vos recolhereis com a dita armada a rastello, domde não dexareis sair gente alguũa até verdes meu recado.

Avemdo vista dalguũs nauios, de qualquer calidade que sejão, os ireis logo demandar, avisando os capitães das carauelas da dita armada, que nunca demandem navio alguũ de sootavento, senão da banda de

barlauento; e chegando aa fala do tal navio sabereis que navio he, e domde vem, e sendo destrangeiros, lhe direis como soes capitão desa minha armada, e que eu tenho paaz e amizade com todos os reis cristãos, e que vós andaes contra os ladrões armados, por fazerem na costa destes reinos muitos roubos e danos, e que por tanto, se elles nom são ladrões que com toda seguridade poodem chegar a vós a vos dar rezão de quem são, e pera omde navegão; e achando nelles tall enformação que vejaes que não são ladrões, os deixareys ir em paaz, nom lhes fazendo dano alguũ, e dizendolhe que vós andays contra os ditos armados, por andarem na minha coosta. E parecendouos navio de sospeita, farlheys lançar o batel fora, e virá a vós nele o mestre e piloto, pera por elles, com as maîs diligencias, que vos parecerem necesarias, saberdes que navio he, e parecendouos de maao trato, o tomareys, e fareys auto de como o tomastes, com toda a enformação, que achardes, de suas cullpas. (nom faça duuida onde diz » *andays contra* » e onde diz » *por andarem* »)

Sendo caso que o tall navio ou navios, que achardes, vos nom queirão sperar, e virdes que os nom podeis tanto alcançar que venhais aa fala, imdo a tiro de bombarda lhe tirareys e o fareis amaynar, e chegareys a elle; e achando que he de ladrões, o tomareys, e nom o sendo, lhe direys a causa porque lhe tirastes, e o deixareys ir em paaz.

Tereys cuydado, e asy o mandareys aos capitaës, que comvosco vão, que tomando alguũ nauyo, no entrar delle, se nom faça roubo alguũ, nem se escomda nada, e porêm isto seraa nos navios que se renderem, e se nom entrarem pelejando; porque nos que se entrarem pelejando, nom se poode ter esta guarda; e em todos, depois dentrados, mandareys fazer inventario de tudo o que se achar, e o fareys emtregar a pesoa de recado, que dello dee conta.

Porque nom ey por meu seruiço, antes me desaprazeria muyto cometerdes cousa, que não fose muyto igoall e arrezoada pera cometer, vos encomendo e man-

do que nysto tenhaes a tenperamça e conselho que de vós confio.

Os navios que asy tomardes trareys em vosa companhia, e pera virem seguros, tirareys delles toda a gente que trouuerem, e a rrepartireys pelos navios da dita armada; e dos ditos navios darmada fareys pasar aos dos cosarios a gente que vos bem parecer: os quais nauios, e gente, e todo o mais que nelles se achar, se entreguará nesta cidade a quem eu mamdar, e os ditos cosarios virão presos e a bõo recado pera serem entregues a minhas justiças com os autos de suas cullpas, e quando asy tomardes alguũ navio, vos vireis com elle aa paragem dantre os ditos cabos despichel e são chete, pera dahy o mandardes ao porto desta cidade e de cá vos ir recado pera virem os ditos presos: e porêm, se ao tempo que tomardes o tal navio, teuerdes noua que amdão outros cosarios na dita paragem, vos deixareys asy nella andar, até ser tempo de trazerdes os ditos presos.

Mandareys aos capitães dos nauios da dita armada, que se ajuntem comvosco todolos dias pela menhã hũa vez, e aa noite outra, e que sempre andem aa vista huũs dos outros, e de noite fareys forol, pera os ditos navios se nam perderem de vós.

Aos ditos navios fareys estes synaes pera vos seguirem, e saberem o que amde fazer: scilicet: por vos seguirem fareys voso forol.

E por tirar moneta dous foguos.

E por virar tres foguos.

E por amaynar quatro foguos.

E por desaparelhar muitos foguos e tiros de bombarda.

E se amaynardes e tornardes a guindar fareys quatro foguos, e esperareys que vos respondão todos: em quanto o nom fizerem nom caminhareys.

Cada dia aa noyte dareys a todolos navios da dita armada, e de quaesquer outros que andarem em vosa companhia, o nome do santo, que aquele dia tomaes, pera que nom acodindo alguũ por aquele nome, se saiba que nom he da companhia, e que qualquer que

achar alguũ navio estranho, tire tres tiros, pera os outros navios saberem, que ha antre elles veela estranha.

Mandareys aos capitaẽs e pilotos dos ditos nauios, que cada dia pela menhã vos saluem, e de dia lançareys diante de vós todolos nauios, e ficareys atrás, e de noite ireys vós diante; e tereys tal temperança nas veelas, que todos os nauios vos posão seguir, e nenhuũ nom pasará diante do forol.

Na despesa dos mantimentos mandareys ter muito boõ recado, pera que se gastem como devem, e posão bem abastar pera todo o tempo, pera que forom dados.

Se algũa pesoa adoecer na dita armada, mandalaeis curar o milhor que poder ser, e asy o encomendareys aos capitaẽs, pera que o fação em seus navios.

Se algũa pesoa falecer, mandareys fazer inventario polo escripuão darmada do que lhe for achado, e entregarseha a pesoa que o tenha em goarda pera se dar a seus erdeiros, e o dito escripuão fará decraração em seu liuro do dia mes e anno, em que a tal pesoa faleceo, pera se saber o tempo que seruio, e a mesma decraração se fará se alguũ fogir da dita armada.

Eu mandey os dias pasados, que se embarcasem algũas cousas, que avião dir pera ceyta no galeão trindade, em que vós his, com fundamento de o mandar com elas aa dita cidade: e porque ouue por mais meu seruiço que o dito galeão fose na dita armada, e as ditas cousas se não puderão descarregar delle, pera se leuarem aa dita cidade, depois de a dita armada tornar; vos mando que se por alguũ caso fordes ter ao estreyto, façaes descarregar as ditas cousas na dita cidade de ceyta, as quoaes vão decraradas em huũ rol que leuaes assynado por pero afonso daguiar.

Encomendouos e mandouos, que este regimento cumpraes e goardeys muito inteiramente asy como nelle se contem: manuel de moura o fez em lixboa, ao primeyro de dezembro de mil quinhentos e quarenta e dois. »

Porque depoisde ser feito este regimento fuy em-

formado, que nas berlenguas amdauão algums nauios de cosairos, que tomarão quoatro navios no porto da vila da atouguia, vos mando, que amtes de irdes ao cabo de são vicente, vaades aa parajem das ditas berlenguas a buscar os ditos cosairos, e depois de deixardes a dita paragem limpa delles, vos ireis ao dito cabo, e fareis o que neste regimento vay decrarado « Rey » *(No fundo da pagina)* » O Conde »
Regimento que leua dom Jo. de Castro que vay por capitão moor desta armada da costa.

N. 7.°

Dom Joham: eu elrey vos emvio muyto saudar. Vy a carta que me escrevestes, porque me fazeys saber a tormenta que pasastes, de que muyto me desaprouue, e dou muytos louuores a noso senhor por vos nam acontecer perigo alguũ: e quem tanto cuidado, e lenbrança tem dacodir em tal tempo a tudo, asy he rezam que seja. A náo franceza que tomastes, foy muyto bem feito, e me ey por bem servido de vós niso, e asy no modo que tivestes com os francezes dela, e todas vosas considerações niso foram de quem tanto desejo tem de me servyr: e porque me parece meu serviço fazer-se ácerqua da tomada da dita náo alguũas mais deligencias das conteudas nos autos, que me enviastes, vos encomendo muyto, que tanto que esta carta vos for dada, vos venhaes com toda a armada a cascaes, e trarẽs com vosquo a dita náo, e como hy fordes, me avisarẽs; e com os franceses dela terẽs a mesma maneira que me escreveys, que tinheys com eles. E fernam rodrigues pereira pasarês logo ao voso navio, e o nam deixarẽs mays hyr á dita náo, nem falar com pesoa alguũa dela. E de cascaes lhe mandarẽs de minha parte, que venha logo a my, e enviarẽs com ele huũa pesoa de recado. Pero dalcaçova carneiro a fez em Sintra a XVI dias de Junho de 1543 « Rey »
(No fundo da pagina) Reposta a dom Joam de Castro.

N. 8.º A.

Dom Johão : eu elrey vos enuyo muito saudar. Porque queria falar comvosquo alguũas cousas de meu seruiço, vos emcomendo muito que venhaes aquy ámenhãa a gentar, e muito vollo agradecerey. escripta em syntra a V. dias dagosto de 1543 « Rey »
(No fundo) Pera dom Johão de crasto vyr a vosa alteza.
(Sobrescrito) Por elrey — a dom Joham de castro fidalguo de sua casa e seu capitão mor darmada que anda na garda da costa.

N. 8.º B.

Eu elrey faço saber a vós dom Joam de castro capitão moor darmada, que ordeney que andasse em goarda da coosta, que eu ey por meu seruiço, que vaades aa cidade de ceyta, e leueis em vosa conpanhia os navios em que vay a gente, artelharia, monições, e todalas outras cousas, que ora mando aa dita cidade, pera nela ficarem, e a maneira, que tereys em vosa yda e estada lá, he a seguinte.

It. tanto que chegardes há dita cidade, fareys logo desembarcar toda a dita gente, artelharia, e monições, que asy nela ouuerem de ficar, e sayreys em terra, e vereys com dom afonso, e com francisco de sousa, e symão guedez, e miguel da arruda o que mando que se faça, e se contêm na carta que escrepuo ao dito dom afonso, asy pera se a dita cidade fortificar agora, como todo o mais que parecer que se deve de fazer sobre o que está traçado na obra noua, que mando fazer; e nysto se dará toda diligencia, pera que vós posaes vyr o mais cedo que poder ser: porque ey por meu seruiço, que todos pratiqueys e asenteys o que nas ditas obras logo agora se deve de fazer, e depois pratiqueys sobre a traça que miguel da arruda leua da obra que ao diante se ha de fazer, se ha algũa cousa que

se deva de emmendar, pera mo fazerem saber, segundo na carta de dom afonso se contêm.

It. Se teuerdes noua que a armada dos turcos vem, em tal caso ey por meu seruiço que vos fiqueis na dita cidade, asy como me mandastes lenbrar que o queryeis fazer; e mandareys emtão tirar dos navios darmada toda a gente, artelharia, e monições, que se neles poderem escusar, de maneira que fique sómente neles a gente, e o mais que vos parecer necesario pera os trazerem a lixboa: e vós escolhereys pera vyr por capitam no galeão, em que amdays, algũa criado meu, que vos parecer auto pera yso; ao qual direis de minha parte, que se emcarregue da dita capitanya, e aos capitães dos outros navios, que lhe obedeção, e darlheis o terlado deste capitulo, per que lhes mando que asy o cumprão, e se venhão com os navios da dita armada a lixboa, sem no caminho cometerem, nem fazerem cousa algũa mais que virem direytamente aa dita cidade. E ainda que pera me seruirdes nesa armada seja tenpo, e aja necesydade diso; pola confiamça que de vós tenho, e pola grande inportancia da cousa, sendo caso que os turcos viesem, me quero seruir de vós nyso.

It. não avendo nouas que os turcos vem, como parece que não virão, vós vos partireys da dita cidade de ceyta o mais breuemente que poderdes e ireys a alcacer, e dareys ao capitão da dita vila hũa carta minha que lhe leuais, e lhe direys o que comvosco pratiquey, que na dita vila fizeseys, e loguo com deligencia o poereys em obra, e emtão ireys a tangere e a arzila, dandovos o tempo lugar pera o bem poderdes fazer, e dareys aos capitães dos ditos lugares as cartas, que lhes escrepuo, e vereys em cada huũ delles os muros, e o daneficamento que tem, e o corregimento, que cumpre que se nelles faça, e asy de que maneira estão providos os almazèys, e o que lhes he necesario, e a gente que nos ditos lugares ha, e as armas que tem, o que tudo vos emcomemdo muito, que façaes, como comvosco o pratiquey, e o eu de vos

confyo que o sabereys fazer, e tanto que ysto teuerdes feyto, vos vireys com a dita armada ao lugar omde vos eu mandar que venhaes, como vereys per outra provisão.

It. sabereys de fernam daluarez as cousas, que em vosa conpanhia vam pera tangere e aarzila, e como chegardes a ceyta as mandareys aos ditos lugares a bõo recado, ou as leuareys em vosa companhia, quando a elles fordes, se não ouuer noua em ceyta de virem turcos.

It. eu mando a mazagão antonio de loureiro pera de lá trazer a ceyta os soldados, que escrepuo a luis de loureiro que emvie aa dita cidade. Se ele vier, estando vós aimda nella, vir se ha com vosco; e nom vindo em quanto nela esteuerdes, deixarlheys ahy recado per escripto do que ha de fazer, porque eu lhe mando que o faça asy. Manuel de moura o fez em Sintra a IX dias dagosto de 543.

It. eu escrepuo a dom afonso, como me pareceo meu seruiço, no que toca a vós, asy neste tenpo que lá aveys destar, e no que vos mando que façaes, como se acontecese de os turcos virem, e vós lá ficardes.

It. eu escrepuo a francisco botelho meu feytor em amdaluzia, que emvie a ceyta dez mill cruzados pera serem emtregues a gaspar landj̄, que mando aa dita cidade, pera ter carguo de pagar dos soldos, e que quando os asy quiser mandar, vo lo faça saber, pera vós mandardes hũu navio, ou dous, darmada, segundo vos parecer que convêm pera segurança do dito dinheiro: emcomemdouos que tanto que vyrdes recado do dito francisco botelho, lhe mandeis loguo o dito navio ou navios, em que emvie o dito dinheiro por algũa pesoa de recado, que pera iso mandareys, que receba do dito francisco botelho o dito dinheiro, e lhe deixe seu conhecimento raso per que se obrigue a lhe dar outro em fórma do dito guaspar landj̄. « Rey »

(No fundo) Regimento que leua dom Joam de castro, que vay a ceyta.

N. 9.°

Dom Joham de crasto. Postoque comvosquo praticase este neguocio dalcacere, como vistes, todavia pareceo-me meu serũiço daruos delle estas lembranças, que sam as seguintes, alem das quaaes tenho por certo que vos lenbrarão outras, com aquelle bõo cuidado, que senpre tendes do que a meu seruiço compre.

Item. vereis o porto da dita villa, e a largura e altura delle, o qual vós sondareis per vós, e com aquelas pesoas de vossa armada, que vos parecer que o bem entendem.

It. vereis os nauios, que nelle podem caber, e que callydade e grandura de nauios; e se podem estar no dito porto em todo tempo, ou em que tempos sómente podem estar nelle, e o danno, que daly podem fazer.

It. vereis se da dita villa se pode defender a estes nauios, que não entrem, nem estêm no dito porto.

It. quando da dita villa nam poder ser, o luguar, donde se lhe pode defender, e se se ha de fazer pera iso fortaleza.

It. se se pode este porto ceguar com pedra, ou com outra cousa, e de que maneira. Scrita em Sintra a XIII dias dagosto, 1513 — Rey.

N. 10.°

Dom Joham: eu ellrey vos emuio muito saudar. Polla breuidade comque mamdo que este correo parta vos não escreuo mais largamente, e me remeto aa carta de dom afonso, que avereis per vosa. Follgarey de saber quamdo chegastes, com todas as mais cousas que virdes que a meu seruiço cumprem aallêm do que vay per meus regimentos, e do que cá lembra pera se apontar; e prazermya que com toda breuidade viseis allcacere, e que per este me escreuaes o que vos delle parecer, porque tamgere e arzilla são mais lomge, e ey por milhor que os não vejaes, senam quamdo embora

vos ouuerdes de viir; e entretamto fareis em tudo o que de vós comfyo, fazemdo comta que a armada se não ha de vir sem vós, quando se nam mudase esta noua que cá tenho, e lá ouuese outra, porque emtão seguireis vosso regimento; e nam na avendo, nam bulireis comvosquo atee verdes meu recado, o qual vos eu nam mamdarey, senam depois de ter visto a emformação desa obra, que se ha de fazer, segundo verês polla dita carta. E por tamto comvêm muito a breuidade da reposta, vemdo porêm tudo muito bem, como cumpre que seja. E quamdo vos parecese que serya gramde dilaçam irdes a alcacere, e praticardes todas estas cousas pera me vyr recado, deixareis amtes a ida dalcacere pera depois, e este recado da obra viraa em toda diligemcya, porque comvêm que em toda a pratica dela sejaes sempre presemtes, e se o tempo vos tem dado lugar, o que parece que nam poderia ser, pera terdes visto alcacere, vimdo tudo jumto, muito me prazerya: e nam podemdo ser, como o teuerdes visto, me mamdareis recado, em deligemcia, per hũu pyão, ou segumdo o tempo fose que allgũu navyo acertase pera caa de vyr, emtão seraa bem que venha per duas vyas. A tudo o que escreuo a dom afonso averey por meu seruiço que me respondaes, porque com mais larga emformaçam mande em tudo prouer. E pela maneira que sey que aveis de ter com a gemte de vosa armada pera o ajudar a esta obra, escuso emcomemdaruolo mais. Johão de seixas a fez em llixboa a XXII dias dagosto de 1543. Manuel da costa a fez escrever « Rey »
(No fundo da pagina) Pera dom Johão de castro — dom Afonso —
(Sobrescrito) Por ellrey — A dom Johão de castro, capitão Moor da armada, que mandou aa cidade de ceyta —

N. 11.º

Dom Joham. Eu elrey vos emuio muito saudar. Eu escreuo a dom Joham de menezes capitam de tam-

gere, e a diogo lopez de calheiros, que per meu mandado estaa na dita cidade compramdo o trigo dos m.[res], que delle mandem logo a essa cidade trezemtos moyos, e que não avemdo em tamgere nauios, que leuem o dito trigo, avisem diso a dom afomso, capitam desa cidade pera lhos dy mandar. E porque he necesaryo pera mais seguramça dos ditos naujos, que vaa em guarda e comserua delles hũu nauyo armado, vos emcomemdo e mando, que lhe mandeis da vossa armada hũu navio, qual vos pera iso milhor parecer, pera fazer companhia aos ditos naujos, por que asy o ey por meu seruiço. Joham de seixas o fez em lixboa a XXVII dias dagosto de mil e quinhentos e quarenta e tres. Manuel da costa a fez escrever « Rey »

(N. B. *O mais como na antecedente.*)

N. 12.º

Dom Joham: eu elrey vos emvio muito saudar. Folguey de ver vosa carta, e de saber a boa viagem que teuestes, e as mais cousas que me escreveis, e vos agradeço muito o trabalho, e delligemcia que posestes na desembarcaçam das munições, e em tudo o que mais fezestes. E porque a dom afonso escreuo o que agora ey por meu seruiço ácerqua das obras e cousas desa cidade, e lhe tenho mandado que tudo se veja comvosquo; me remeto ás suas cartas, que vos elle mostraraa, e nesta nom ha mais que dizer, senam que a lembrança, que me fazeis, do cegar dos portos e calhetas d'allmina, vos agradeço muito, e por ser cousa de tamta inportameya, vos encomendo que me escrevaes declaradamente o que nisso teuerdes feito, e vos parecer que se poderaa fazer, e o modo que se nisso poode ter, com todallas rezões, e particularydades disso, porque follgarey de o saber, e vollo terey muito em seruiço. Joam de seixas a fez em Lixboa a XXVIII dias d'agosto de mil e quinhentos e quarenta e tres. Manuel da costa a fez escreuer « Rey »

(No fundo da pagina) Reposta a dom Johão de castro — Dom A.º—
(Sobrescrito) Por ellrey — A dom Johão de castro capitão-Moor da armada, que mandou a ceyta. —

N. 13.º

Dom Joam de castro. Eu elrey vos emuio muito saudar. Per hũa carta vosa feyta a XVI deste mez de dezembro soube o que atè emtão com esa armada tinheis pasado, e receby muito comtemtamemto de uer o bom modo, que em tudo tiuestes, e em espicial no que pasastes com as sete naaos de cosairos, que estauão ao cabo de são vicemte. E quamto a voos não haa por agora que dizer sobre o que neste caso he feyto, senão que vosos seruiços são muy comformes com a comfiamça, que eu em vós tenho. Aos fidalguos e outros criados meus, de que me escreuestes que fostes bem ajudado, dirês de minha parte que lhes agardeço a vomtade, com que folgão de me seruir, e que eu terey sempre lembramça dela, e de seus seruiços. Per outra carta vosa, feyta a XXIIII deste mes, soube como estaueis em restelo, e a causa porque vos metereis demtro nese porto: houue por meu seruiço fazerdelo asy; porque em quamto não poderdes nauegar, por o tempo não ser pera yso, nele estareis melhor, que em outro allgũu. E porque eu queria que esa armada tornase a sayr ao maar, como o tempo estiuer pera o poderdes fazer; vos emcomemdo, e mamdo, que pratiquês com pero afonso daguiar, a que escreuo que va ahy ter comvosco, a maneira que se terá pera terdes certa esa jemte, cadavez que o tempo fôr pera poderdes partir; e se será milhor têla toda nos nauios; se tomar aos que quizerem yr a terra outra fiamça de nouo, pela quall os comstramjão a vyr, cadavez que comprir: e o que ambos sobre ysto asemtardes, yso ey por bem que se faça. E como o tempo for corregido, de maneira que vos pareça que está seguro, sayrês ao maar com toda a armada, porque a

yrdes sómente com as carauelas, aahy algũs ymconuinientes, e hum deles hee deuerdes vós de yr milhor agasalhado, do que em hũa delas podieis yr. E a pero afonso mamdo, que vos dê a carauela pescaresa, que vos parece necesaria, e que a esa armada proueja de mantimentos de mais hum mes, e de tudo o mais, de que a vós e a ele parecer que deue de ser prouida. Bertolameu froez a fez em almeiry a XXVII de dezembro de 1543 „ Rey " &c.

N. 14.°

Eu elrey faço saber a vós capitaẽs, fidallgos, caualeiros, escudeiros, e a quaesquer outros criados meus, mestres, pillotos, marinheiros, e companha dos nauios da armada, de que mamdo por capitão mor dom Joam de castro, fidallguo de minha casa, que eu ey por bem e me praaz que vós ajaes ao dito dom Joam por capitão mór da dita armada, e como a capitão mór della lhe obedeçaes no allto e no baixo, fazemdo em tudo o que vos o dito dom joam de minha parte mamdar, porque de o fazerdes asy o receberey de vós em seruiço, e o comtrairo vos estranharey muyto. E por este meu alluará lhe dou poder pera que posa degradar pera os meus lugares daallêm até dous annos: e asy poderá mandar açoutar aquelas pesoas, que taes malleficios cometerem, que per bem de minhas ordenações mereção ser na dita pena comdenados, semdo as taes pesoas de callidade que a tall pena daçoutes caiba nelles. E quero que nestes dous casos se dêm suas semtemças a eixecução sem mais apelação, nem agrauo, porque comfio delle que guardará ymteiramemte justiça. E sendo caso que allgũas pesoas cometão casos per que mereção mayores penas que as acima ditas, ey por bem que o dito dom joam os mamde premder, e trazer presos a bem recado, e faça fazer autos de suas cullpas, os quaes trará pera os eu mamdar ver, e despachar como for justiça: e nos casos em que por meu seruiço lhe parecer necesario, lhe dou

poder pera que posa poer pena de até vinte cruzados, e mamdar por elles fazer eixecução nos cullpados, sem mais apelaçao, nem agrauo. Noteficoo asy a todos em jerall, e a cada hũu em especyall: e mamdo ao dito dom joam, que ymteiramemte vse do poder e allçada que lhe per este meu alluará dou, o quall se comprirá ymteiramemte como se nelle comtem, sem embarguo de nao pasar pela chamcellaria, e da ordenação em contrario. Bartollameu froez o fez em allmeyry a XXVIII dias de dezembro de mil quinhentos coremta e tres annos « Rey »
(*No fundo da pagina*) Poder e allçada a dom joam de castro.

N. 15.°

Dom Joam de castro. Eu elrey vos emuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes, per que me daes comta da viagem que fizestes com esa armada, e dos trabalhos e periguos que pasastes: receby muito prazer de como me niso seruistes, e de serdes tornado a salluamento ao porto desa cidade. E porque dizeis que não achastes em toda esa costa atee o estreito nouas darmados, e tãobem me escreveo pero afonso daguiar, que os nauios, que vem da cidade do porto, dizem que os não ha da parte de ponemte; ey por bem que esa armada se desarme, e escreuo a pero afonso que loguo a mamde desarmar; e vós mamdareis desembarcar a gemte, e ireis descamsar de vosos trabalhos. Muito vos agradeço todo o mais que me escreueis de quamto follgareis de me tornar a seruir no que ao diamte comprir e for necesario. Dias ha, que tenho visto e sabido a vomtade, com que follgaes de o fazer, de que eu terey sempre lembramça, pera follgar de vos fazer mercê, como he rezão. Manuel de pomte a fez em allmeiry aos VIII dias de feuereiro de mil quinhentos e quarenta e quatro. Fernam daluerez a fez escreuer « Rey »
(*No fundo*) Reposta a dom Joam de castro.

N. 16.°

Dom Joam de Castro: eu elrey vos emuio muito saudar. Eu tenho nouas, que de algũus portos de framça são saidas muitas naaos de aarmados pera estas partes, e porêm, segumdo tenho sabido, atee as naaos que agora vierão da ymdia partirem das ylhas, não era laa vista mais que hũa soo naao deles; e no caminho acharão as ditas naaos outra que lhes fogyo: E postoque segumdo são emformado, na costa não aaja agora noua deles; porque de hũa ora pera a outra podem vyr, mamdo que amtonio pirez do camto, que ora com as ditas naaos da jndia veyo por capitão de hũu galeão, se torne loguo nele, e lleue comsiguo quatro caravelas, e amde na paragem das berlemgas, até virem as mais naaos que se esperão da ymdia. E por que com as ditas naaos, ou por vemtura primeiro, ha de vir a armada que amdava na costa, de que ruy louremço de tauora foy por capitão moor, a qual mamdey que as fose buscar; e eu queria que dela e destoutra aarmada ficasem em guarda da dita costa os nauios que parecesem necesareos, sem se fazer despesa algũa no que se podese escusar: e porque voos amdastes daarmada nela, e destas cousas temdes muita experiemcia, vos emcomemdo muito, que segumdo a desposyção do tempo me escreuaes a armada, que vos parece que aa dita costa deuo de emuiar, e quamto tempo laa deue de amdar. Bertolameu froiz a fez em evora a XI de Julho de 1544 « Rey »
(No fundo da pag.) O Conde.
Pera dom Jo. de castro.
(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de castro, fidalguo de sua casa.

N. 17.°

Dom Joham. Como a principal cousa das que tocam á armada da India, em que aueis de ir, he par-

tir cedo, conuêm que no aparelhar e carreguar das naaos da dita armada se ponha muyta deligencia, fazemdo-se porêm tudo de maneira, que vam todas aparelhadas, como pera sua viagem he necesario, e se carreguem sem aver emlleyo nos offeciaes: e pera se isto milhor poder fazer tereis cuidado, como fordes em lixboa, de hirdes todollos dias pelas menhãs ao allmazem de guinee e imdias, onde se ajumtarão comvosco pero afonso daguiar, e os offeciaes do dito allmazem, e praticareis com elles em tudo o que ouuer pera fazer no aparelhar, e aperceber das ditas naaos. E as tardes dos mesmos dias ireis todas aa casa da imdia e mina, e com o feitor e offeciaes della fallareis no que cumprir pera despacho da dita armada, que a seus carguos tocar; porque ey por bem que asy na dita casa, como nos allmazês se faça e dee a eixecução todallas cousas ordinarias, que vós com os offeciaes de cada hũua das ditas casas, que niso emtenderem, fizerdes, e ordenardes: e tambem quero que se dêm a eixecução as outras cousas, em que com elles asentardes que ordinarias não forem, fazemdo-se dellas primeiro asemto, e da determinação, que niso tomardes, asynado per vós, e pelo dito feitor e offeciaes da casa da imdia, que se acharem presemtes, sendo na dita casa; e se fôr no allmazem, seraa o tal asemto asynado per vós, e pelo dito pero afonso daguiar com os offeciaes delle, que se hy acharem, pelo mesmo modo, em que mando que se faça na casa da imdia.

It. tereis lembrança que a jemte, que ouuer de ir na dita armada da imdia, se comece a asemtar na dita casa ao primeiro dia do mes de feuereiro, que ora vem; e vós sereis sempre presemte ao asemtar della, porque se não posa asemtar pesoa sem voso comsentimento, e a primeiro verdes, e se se ha niso a ordem que se teve nestas armadas pasadas. E ho em que ouuer duuida no asemtar da dita gemte, se faraa, como vos melhor, e mais meu seruiço parecer, e procurareis porque se tudo faça com a mais prouisão que pode ser.

It. tanto que chegardes aá dita cidade, sabereis se estão prouidas todallas naaos, que na dita armada am de ir, de mestres, e se sam taaes como conuém, e são necesarios pera tall viagem, e se fallecerem allgũus, proueIloseis loguo com o proueedor e offeciaes do allmazem, como vos bem parecer, ouuindo primeiro os que tiuerem minhas prouisões, se allguñs per ellas forem prouidos dos mestrados das ditas naaos, pera lhes ser feito justiça.

It. porque ha allgũus pillotos, a que tenho pasado minhas prouisões de pillotajẽs de naaos de carreira pera a imdia, ey por meu seruiço, que aos conhecidos no dito allmazem se mande dele noteficar, que aprezentem as prouisões que tiuerem, as quaes vós vereis com o dito proueedor, e offeciaes do allmazem, e sabereis dos mais pilotos que ouuer, autos, e sufficiemtes pera a viagem, e ordenareis, que siruão nesta armada os que vos parecer meu seruiço, guardando rezão e justiça aos que a tiuerem: e se os armadores das naaos pera a imdia, ou algũus delles por sua parte alleguarem contra iso allgũua cousa, serão ouuidos, e guardar se lhes ha justiça, cumprindo-se niso as prouisões, que tenho pasadas, sobre o modo que quero que se tenha no prouer das ditas pillotagẽs.

Ey por bem, que vós ordeneis dos guardas da casa da imdia e mina os que deuem destar nas ditas naaos, com parecer de Joam de Barros feitor della, e asy de vasco fernamdes cesar guarda moor: e com elles ambos escolhereis dos criados meus, que ha na dita cidade, os que forem necesarios pera estarem nas ditas naaos por guardas com os da casa, e serão dos que mais autos e comuinientes vos pera iso parecerem: e a huũs e outros mandareis notefficar de como na india, tamto que as naaos com a ajuda de noso senhor laa chegarem, aueis de mandar tirar devasa, pelas pesoas que nellas forem, das mercadorias, que sem minha licemça se caa embarcarão, não sendo dos tratadores, e das que suas forem, sendo defesas: da qual deuasa aueis de mandar nas mesmas naaes o tre-

lado, per vyas, á minha fazemda, onde se am de ver, pera se mandar fazer muy inteiramente eixecução nos que se acharem cullpados; e pera o milhor saberem, e terem vigya no modo de como me am de seruir de guardas nas ditas naaos, lhes declarareis o que dito he per escriptos, que mandareis fazer, asynados per vós, de que se poraa huũ delles em cada naao ao pee do masto.

Mandareis saber aos fornos de valldezeuro, do prouedor e offeciaes delles, quanto biscouto ha, e triguo, pera se aver de laurar, e a que tempo poderaa ser feito todo o biscouto necesario pera a dita armada.

As mais cousas, que pera prouimento da armada ha pera fazer, se não declarão aquy, porque ainda estas, pera vós, se podéram escusar, visto cambem sabeis o que comuêm pera bom auiamento da armada, e quanto aueis de follguar de neste negocio, e em todos, me seruir. E por iso abasta o cuidado que sey, que vós aueis de ter, e de caa vos irão as lembranças de quallquer cousa, que se oferecer de nouo, de que deuaes de ser auisado, e vós as fareis tanbem de laa, per cartas vosas, do que vos parecer que cumpre. Pero amrriques o fez em euora, aos cinco dias de Janeiro de mil quinhentos e quarenta e cinco. « Rey »
(No fundo da pagina) O Conde — Pera dom Joam de castro.

N. 18.°

Dom Joam de castro amiguo: eu elrey vos emuio muito saudar. O comde da castanheira me deu comta do que lhe voos e pero afonso daguiar escreuestes; e ao dito pero afonso mamdo, que se faça ácerca dos mestres e pillotos da armada da ymdia, e das cousas que nella hão de yr, o que vos pareceo, que se deuia de fazer. E porque tudo se ha de fazer comvosco, como tenho mandado, e compre tamto o aviamento desa armada, vos emcomemdo, que precureis porque todos dêm tall présa a yso, como sey que a voos aueis de

daar ao que vos tocar. Bertollameu froez a fez em evora a XVII de janeiro de 545 « Rey »
(No fundo) O conde — Pera dom Joam de castro.
(Sobrescrito) Por elRey — A Dom Joam de castro, do seu conselho, que ora emuia por gouernador da ymdia.

N. 19.°

Dom Joham, eu a Rainha vos enuio muito saudar. Elrey meu senhor me fez mercê que eu podesse mandar nesta armada, que nosso senhor leue e traga a saluamento, oyto pipas de vinho, forras, pera se venderem na India, e o dinheiro, que se nelas fizer, se empregar la em mercadorias, que nam sejam defesas, as quaes mercadorias outro sy nam pagem direitos; por que o proueito que se nisso fizer he pera ajuda das obras do moesteiro de nossa senhora da asumpção da minha cidade de faram. E mando francisco mendez da costa meu moço da camara que compre as ditas oyto pipas de vinho, e as meta na vossa naao; porque por a cousa ser da calidade que he, e eu saber com quanto gosto e contentamento vós fazeis as semelhantes; alêm do desejo, que sey que tendes, pera em tudo me comprazer e seruir, não quis nisto encarregar a outrem, senão a vós: e vos encomendo muito, que por seruiço de nossa senhora, em cuja casa se ha de gastar o proueito, que nisso se fizer, e por meu respeito, queirais tomar o carrego de leuar esta mercadoria, e mandar fazer a venda, e emprego dela; e espero em nosso senhor que tambem vos caberá parte do ganho, que será leuaruos a saluamento, e com saude, como eu desejo. E não ey por necesario encarregaruos mais este negocio; sómente vos encomendo que o emprego, que sey certo, que será muy bem feito, e nas milhores e mais proueitosas mercadorias que ouuer, venha entrege e encarregado per vós a tal pessoa, que o traga a todo bõo recado, e dee disso boa conta. Pero fernandes a fez em euora a XXIII dias de Janeiro de 1545 « Raynha »

Pera dom Joham de castro.
(Sobrescrito) Por a Rainha — A dom Joham de castro fidalgo da casa delrey seu senhor. &c.

N. 20.°

Dom Jo. de crasto, amiguo: eu elrey vos emvyo muito saudar. Pela carta que me escreuestes de XXIIII deste mes de Janeiro e pelo que ja tinha sabido pelo comde da castanheira, vejo com quanto cuydado e delligemcia me seruis na cargua e apercebimento desa armada, que he muy comforme á comfiamça que em vós tenho; he pera como os dias pasados foram fortes, hé nyso feito tudo ho que se podia e deuya fazer: e espero em deos que, segumdo a boa ordem, e aviamento que lhe temdes dado, e daes, damdo ho tempo lugar, seja prestes pera poder partir até dez de março, como em vosa carta dezês.

Hos aluarás meus, que dizês que vos laa apresemtam pera nesa armada se dar embarcaçaão a cristaõs novos, pasalos-ya por me darem emformações imcertas; porque mynha temçaão nam he yrem elles ha ymdia; pello que ey por bem, que nam cumpraes nenhũu dos ditos aluaras, asi os que vos ja tiuerem apresemtados, como os que daquy em diamte apresemtarem; porque por muitas rezões ey por muy gramde ymcomvinyente yrem os ditos cristaõs novos á india.

Quamto aos guardas que la prouestes pera estarem nesas naãos ey por certo, que pois os vós pera yso escolhestes, seram taes como compre a meu seruyço. Da ordem que lembraes que se deue ter cos mestres e pilotos que amdam na carreira da imdia se terá lembramça pera ao diamte; he o mais que escreuês que fezestes ey por muy bem feito. Amdre soares a fez em euora a XXXI de janeiro de 545. « Rey »
(No fundo) Reposta a dom Jo. de crasto.
(No sobrescrito) Por ellrey — a dom Jo. de crasto do seu comselho.

N. 21.°

Dom Joam de castro amigo: eu elrey vos emvio muito saudar. Eu tinha ordenado que se asentasem mill homẽs pera ir aa india nesta armada: e ora ey por meu seruiço que se não asentem mais que oito centos porque são emformado que senpre em todas as armadas vão mais homẽs dos que se asentão; por omde parece que com os que nesta armada ouuerem dir aalem dos asemtados se perfará o numero dos ditos myll, que tinha ordenado que fosem, ou pouquo menos. Por tamto vos emcomendo e mando que não façaes asentar em solldo mais que os ditos oitocentos homẽs. Manuel de moura a fez em evora a cinco dias de feuereiro de 545 « Rey »

(No fundo da pagina) Conde —

Pera dom Jo. de castro.

(Sobrescrito) Por elrey — A dom Jo. de castro do seu conselho, que ora vay por capitão mor e gouernador aas partes da india.

N. 22.°

Dom Joham: eu elrey vos enuio muito saudar. Mestre pero fernandez meu capelam e prégador, que vos esta dará, vay por meu mandado aa india prouido do dayado da see aa cidade de goa, onde espero, que com suas letras, pregações, e bõo exemplo nosso senhor seja dele bem seruido, e o pouo edificado: e porque he mal desposto, e pera sua saude conuem que va bem agasalhado, vos encomendo muito, que na vossa naao lhe façais dar gasalhado conueniente, e apartado, em que bem possa hir e leuar seus liuros, e nisso e em tudo seja de vós fauorecido e bem tractado como he rezam, e elle por sua virtude merece, avendo por certo que me fareis nisso prazer e volo agradecerey muito. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de feuereiro de 1545 « Rey »

(No fundo) Pera dom Joham de castro.

(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de crasto, fidalguo de sua casa.

N. 23.º

Dom Joham amiguo: eu elrey vos enuio muito saudar. Porque como sabeis rex xaraffo antes que se parta de guoa ha de mandar a estes reynos seu filho mais velho, e me pedio que vos encomendasse sua embarcação e gasalhado, vos encomendo muito que pera o dito seu filho e pera seus criados e pessoas, que consiguo trouxer, mandeis dar a embarcação e gasalhado necesario, e em tudo receba de vós todo ffavor e bõo tratamento, porque me prazerá disso muito e volo agradecerey. Pero fernandez a fez em evora a XII dias de março de 1545 « Rey »
(No fundo) Pera dom Joham de castro.
(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de castro, do seu conselho, e seu capitão-moor, e gouernador nas partes da india.

N. 24.º

Dom Jo. amigo: eu elrey vos enuio muito saudar. Elrey dormuz me enuiou pedir por seus apontamentos que quizese prouer nestas cousas abaixo contiudas, nas quaes vos encomendo que prouejais, e façais o que ao pee de cada hũ dos capitulos desta carta he declarado.

It. primeiramente que mandasse a rex mamude guazil de barem, e a rex badardim guazil de julfar, e aos outros guazis, que lhe desem conta, por aver ja muito tempo, que lha não dauão. Encomendouos que mandeis loguo aos ditos guazis que lhe dem conta de todo o tempo, que tem seruido, e lha não tem dada.

E que mandasse ao capitão do mar dormuz, que não escandalizasse, nem agrauasse as naaos dos mercadores, nem a jente da costa da arabia, nem fizesse costumes nouos: e que não inuernasem pela dita costa ne-

nhũs portugueses, pelo muito dano, que fazião na terra. Encomendouos muito que vos enformeis dos agrauos que pelos ditos capitãis se fazem aas ditas naaos e mercadores e na dita costa, e asy pelos que na dita costa inuernão, e achando que nisso se faz o que não deue, o prouejaes, como vos parecer que cumpre a meu serviço.

E que o alcaide do mar não fizesse asimesmo costumes nouos, como ora fazia, nem leuasse de seu officio mais que o que lhe era ordenado per seu regimento. Tomay disto enformação, e manday que asy se faça, e a quem o contrario fizer ou tiuer feito, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que meus capitãis não podesem degradar seus criados, escrauos, e seruidores pera fora da dita cidade dormuz, como ora o faziam pelo avexar, e que quando os ditos seus criados, escrauos, e seruidores fizesem o que não deuesem, lho fizesem saber a ele, e ele os castigaria segundo o merecesem. Nisto manday que se cumpra e guarde inteiramente o que pelo asento e contrataçam das pases for asentado.

E que os ditos meus capitãis e ouuidores dormuz nom determinasem as demandas, que os mouros, judeus, e jentios tiuesem hũus com os outros, saluo com sua licença, e comissam: e que o meirinho não fizesse nouidades. Nisto das demandas manday que se faça e cumpra o que pela dita contrataçam for asentado: e o meirinho, qne fizer o que não deue, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que os ditos capitãis, nem outros algũs officiais xpãos, nem mouros, que tiuerem mando e jurdiçam na cidade, nom lançasem pedido, nem pedissem emprestimo aos mercadores, nem moradores mouros, judeus, nem jentios, asy naturaes como estrangeiros, nem lhes podesem mandar tomar ninhũs mantimentos, nem mercadorias contra suas vontades, como ora se fazia, nem defendesem que não vendesem suas mercadorias a quem quizesem. Isto ey per bem, e vos mando que logo defendais, e mandeis que se nom faça.

E que os ditos capitãis dormus não tiuesem feitores em baçora, nem em julfar, nem em outro algũu lugar do dito reyno dormuz, nem outro algũu meu official, porque se segiam disso muitos inconuenientes. Disto vos encomendo que tomeis informação, e o prouejais, como vos parecer meu seruiço. E de tudo o que em cada hũa destas cousas achardes e prouerdes, me escreuereis compridamente. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de março de 1545 « Rey »
(No fundo) Pera dom Joham de castro.
(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de castro, do seu conselho, e seu capitão moor e gouernador das partes da india.

N. 25.

Dom Joam de castro Amiguo. Eu elrrey vos emuio muito saudar. Per bernaldo nacere capitão da naao de garcia de saa que chegou aquy no mes de feuereiro pasado receby a carta que me escreuestes de moçambique: e dou muytas graaças a noso senhor da boa viagem que leuastes, de que folguey de me dardes comta tão particularmente: e por muy certo tenho que apos nosso senhor ser seruido de vola asy daar foy muyta parte de asy ser o bom cuidado e vegya, que terieis em todo o caminho, do que comprise a boa nauegação dele, espero em noso senhor que jaa agora esteis na ymdia a saluamento, como desejo, com todas as naaos de vosa companhia: e desaprouueme muyto de dioguo rabelo não passar.

Folguey muyto de ver o debuxo que me emuiastes da fortaleza de moçambique, e vinha muy bem declarado como era necesareo pera se poder emtemder: e do sytio ter tão boa desposição pera se fortificar recebo comtemtamento; e porque he cousa tão ymportante deueis loguo de ordenar como se faça pela maneira do debuxo que vos aquy emuyo, que caa mamdey fazer a mygel da arruda, por ser tão pratico nestas cou-

sas como sabeis: e quamto mais breuemente esta cobra for feita, tamto mais meu seruiço será; porque estamdo asy estaa a muy gramde perigo e não se pode descamsar niso.

Quamto ao topir daquele canal que no debuxo vem apontado, podemdo-se fazer aueloya por cousa de muyto meu seruiço: e postoque a deficuldade de aver aly pouca pedra pera se fazer seja gramde, todauya não poode ser a mimgoa dela tamanha, que falte a que for necesaria pera se fazer: pelo que vos imcomemdo muyto que ordeneis loguo como se faça e o moodo que niso se tenha, e escreueloeis de minha parte ao capitão, e sobre isto vos escrevo por outra carta da qual vsareys.

Do descobrimento daqueles rios que fez Louremço marques folgey de saber, e parece que será cousa muy ymportante e necesaria acabarse bem de saber, pelo que vos emcomemdo muyto que ordeneis loguo mamdar da ymdia pera yso hũu nauyo ou fusta, qual vos parecer maes comueniemte: e pela emformaçam e pratica que jaa disto tem lourenço marquez me parece meu serviço emcarregardelo desta viagem, ao qual dareis regimemto muy particular de tudo o que faça e precure de saber. E parecemdouos bem leuar ele no dito nauyo algũas mercadorias, como parece que será necesareo, será bem mamdardeslhas, com as quaes ele poderá milhor resgatar as da terra, e saber verdadeiramente as que haa nela. E do que se nisto fizer me avisarês. E posto que vos diga que mandeys a isto Lourenço marquez, não o encaregareys diso, senam parecendo vos que he tam soficiente pera iso que podereys escusar de mamdar a iso outra pesoa.

Do falecimemto do doutor francisco de maarys me desaprouue muito, e este anno quisera loguo de caa mamdar outra pesoa que seruise o carreguo que leuaua, e por ser muyto tarde não ouue tempo pera iso, pera o ano, deos queremdo, a emuiarey, e emtretamto deueis descolher laa algũa pesoa que sirua atee eu de caa prouer, a qual deue de ser a que conuém pe-

ra tal carrego. Sua molher e filhos vos emcomemdo muito, e eu terey dela e deles lembramça pera o ano que vem.

O homem que destes a bernaldo nacere pera vir com ele pela pratica que tinha desta costa, e ser necesario pelo tempo em que a vinha demamdar, foy muy bem feyto, e o ouue por meu seruiço.

Pelas naaos do anno pasado de que veyo por capitão fernão perez que caa chegarão todas a saluamemto, louuores a noso senhor, soube as nouas da uimda da armada dos castelhanos a maluuco e o que com eles dom Jorge de crasto pasou, de que creo que terês avido larga emformação. E posto que loguo emtão me parecese que martim afomso proueria niso como comprise a meu seruiço e que seria jaa feito, todauya ouue por bem pelo negocio ser da calidade que hee e ser necesario prouerse nele comforme ao que compria a meu seruiço, de vos avisar do que niso fizeseis. E mamdey fazer prestes hũu nauyo pera vos leuar este recado com tamta breuidade como compria e asy se fez e partio em dezembro, e pelo tempo lhe ser comtrario tornou a arribar e tomou o porto de lixboa e por ser jaa muyto tarde pera tornar a partir e parecer aas pesoas praticas nas cousas do maar que era o tempo passado de sua nauegação e que partimdo emtão jaa não poderia ser mais cedo na ymdia que quamdo as naaos chegasem, o mamdey desarmar, e pareceo-me por esta razão que seria milhor esereueruos pelas naaos. E postoque este caso de maluco e dos castelhanos laa yrem comtra forma do comtrato que amtre mỹ e o emperador meu yrmão he feito sobre yso, e o moodo que eles niso tiuerão fose tudo pera eu diso receber tão gramde descomtentamento como o tenho, e fosem dinos de gramde castiguo, todauya pelo gramde amor que amtre o emperador e mỹ haa, e por outras razões muy gramdes pareceo-me bem fazer-lho saber, e mamdarlhe, posto que pelo dito comtrato eu não fose obrigado a o fazer, pedir que os mamdase loguo vir: e ele me mamdou respomder por meu embaixador, quam-

to semtia o que seus vasallos fizeram, e que com todo o castiguo, que lhes eu mamdase daar receberia elle gramde comtemtamento, e outras palauras comformes aas razões e obrigações que amtre noos haa: e mandoume a prouisão que com esta vos emuyo, pela qual lhe mamda que loguo se sayam e se venhão. E porque pera se lhe ysto requerer como comvêm e o moodo em que se lhe apresemtaria o contrato e a prouisão do emperador compria saberse a hordem que niso se deuya de guardar, mamdey fazer diso a ymstrução que vos com esta emuyo a quall aueis de mamdar com o dito comtrato que asy mesmo vos mamdo e com a prouisão do emperador ao capitão que ao tall tempo estiuer na dita fortaleza e asy a carta que lhe escreuo. E lhe emcomemdareis e mamdareis de minha parte que em tudo cumpra e guarde a dita ymstrução comforme ao que nela vay apomtado e declarado se faça a dita deligemcia: e na dita carta que lhe asy escreuo lhe mamdo que quando o dito capitão e gemte se não quiserem sayr das ditas terras e maares depois de feytos os requerimentos que na dita ymstrução vão declarados; que feytos os ditos requerimentos e respomdemdolhe que se não am de sayr, ou não se sayndo, e dillatamdo sua sayda mais do tempo que lhe per elle for asynado, faça diso com hũu escriuão ou escriuães termo e auto e lhe requeira que se dem aa prisão; e não se queremdo daar premda o dito capitão e toda sua gemte: e faça escreuer todas suas fazendas, naaos, nauyos, e artelharia e quaesquer cousas que lhe achar, e de tudo faça ymuemtairo e o socreste e ponha a recado pera ácerca diso se fazer o que for justiça: e defemdemdo se ou pondo se em fugida em maneira que se não queirão daar aa prisão, nem os ele poosa premder, vse em todo com eles da minha ordenação no 5.º liuro, no titulo dos que resistem ou desobedecem a qualquer ofeciall de minha justiça, no capitulo que começa « outro sy determynamos que quamdo allgũa pesoa » &c., cujo trelado vos emuyo asynado por pero dalcaçoua. E que tamto que os teuer presos volos em-

uye presos e a bom recado, como lhe parecer que hiraô mais seguros, com os trelados de todos os autos que diso forem feytos, os quaes voos ouuireis e farês niso o que for justiça, guardamdo em tudo a forma do dito comtrato. E semdo caso que allgũus deles ou por serem menores, ou por quaesquer outras razões nâo sejaô jullgados a pena que lhe daa o comtrato, tereis lembramça que a estes taaes nâo comsymtaes virem a estes reinos: e tereis gramde recado que nâo posão vir nas naaos escomdidos, porque seria gramde ymcomuenyemte a meu seruiço virem caa.

Semdo caso que o capitão e toda a jemte obedeça ao comtrato e aa prouisão do emperador, e se venhão como nela se declara, e requeresem que se queriaô vyr pela ymdia esereuereis e mamdarês de minha parte ao dito meu capitão que os deixe vyr em seus nauyos ateè à ymdia: e da hy pera caa lhes mamdareis daar nas naaos embarcação, porque será mais meu seruiço virem nelas que nos seus nauyos: e quamdo ymsistisem em virem neles e nâo quisesem vir nas naaos, e voos com todas as boas maneiras e com comsemtimemto seu nâo podeseis atalhar que nâo vyesem nos ditos seus nauyos, emtão os deixarês vir neles.

Porque este negocio hee de tamanha ymportamcia como vedes, e comvêm prouer nele com muyta breuidade averey por meu seruiço mandardes com ele hũa pesoa de muyto recado e comfiamça a qual posa ajudar ao dito capitão e emtemder no que comprise pera bem do negocio, e nâo avemdo allgũa embarcação em que loguo a podeses emuyar, deueis despachar hũu nauyo a ysto sómemte: e ao capitão aveis de mamdar a carta minha que lhe escreuo e o comtrato e a prouisão do emperador e asy a emformação do moodo que hade ter nos requerimemtos que haa de fazer aos ditos castelhanos.

Os dias pasados me escreueo o meu feitor em framdes como per cartas de alexamdria e costamtinopla que vierão a mercadores se afirmaua que o turquo armaua este anno pera a ymdia, e mamdaua a suez cimcoemta ou sasemta galés lauradas e acertadas pera reformar as

outras que laa tinha, e fazer mais groosa armada. Dy a algũus dias me escreueo tambem dom gylleanes da costa meu embaixador que resyde com o emperador meu yrmão, que o embaixador de veneza tinha aviso damdrinopoly que em costamtinopla se carregauão naaos de linhame, ferramenta, e artelharia pera alexamdria e se dizia que ordenauão sasemta galés e fustas pera a ymdia: E depois me tornou ele mesmo a escreuer que em todos os avisos que o emperador meu yrmão tinha do turquo, se não falaua em ele armar pera a ymdia, e que segumdo os ympidimemtos que tinha com os Jergianos, e sospeitas de seu filho o mayor, se podia esperar que não emtemderia niso. E porque o caso hee de tão gramde ymportamcia que nenhũa cousa se poode aver nele por certa, nem he razão que se descamse sobre yso, ouue por meu seruiço avisaruos de todas as nouas que tenho, asy como as tenho, cremdo que por laa terês voos tambem cuidado e gramde deligemcia de saber allgũa certeza delas: e postoque aas que eu caa podia daar mais credito fosem as do turquo não armar, porque estas atee agora se hão por mais verdadeiras, e porque amtre ele e mȳ se trata o negocio da paaz por esas partes, no quall emtemdia duarte catanho, e por covsas que socederão não ouue por meu seruiço que ele mais emtemdese nelas, e mamdey a yso gaspar palha do quall comfio que niso me seruirá muy ymteiramente, e espero com ajuda de noso senhor que averá nele boa concrusão, e que a paaz averá efecto comforme ao que comuêm a meu seruiço e ao bem dellas: todavya em tamanha cousa tudo hee razão que se olhe, e por yso e tambem pela emformação que tiue das pesoas que este anno vierão da pouca gemte que ficaua na ymdia me pareceo meu seruiço mamdar agora nestas naaos mill e seiscemtos homẽs, com os quaes ymdo a saluamento, como espero em noso senhor que seja, e com a gemte que laa estaa, pareceo ás mesmas pesoas com que o pratiquey que estaua bem prouido pera qualquer caso que sobrevyese da vimda dos rumes, o que noso senhor defemda.

Por miguel vaaz, e por cartas de mestre framcisco e por outras soube quamta gemte nesas partes he comuertida e se comuerte aa nosa samta fee catolica pelas quaes nouas dou muytas graaças a noso senhor e recebo com elas tamto comtemtamemto que de nenhũa outra cousa o poderei receber mayor: e espero em noso senhor que pois hee seruido de nesas partes tamto se estemder seu nome e acrecentar a sua fee que ele terá especiall cuidado da sostemtação e defemsão dellas. E porque a oobra he tam gramde e noso senhor vay mostramdo que cadavez será mayor, e avera mais que fazer vemdo que os que nela agora entemdem são muy poucos; por esta razão e tambem porque o bispo se hade vir como vos escreuo por outra carta, pareceo-me bem tornar a mamdar a esas partes miguel vaaz ao qual o bispo cometeo seu poder e jurdição, e com ele dez cleriguos da companhia de Jesu e seys frades da prouincia da piedade que me pareceo comueniemte numero pera emtemderem agora nestas cousas de muito seruiço de noso senhor: dos quaes se podem mamdar aos lugares em que ouuer mayor necesidade os que parecer que conuem e são necesarios, o que vós laa ordenareis com a pratica de mestre framcisco e de migel vaaz e do bispo se ao taall tempo aymda laa estiuer. E desejo eu que asy se gramgee esta oobra, e as cousas necesareas a ela, que em meus tempos possa eu aymda ver tão gramdes fruytos dela como hee razão que os espere vemdo estes primcipios. E porque comfio muyto em voos, que precurareis por vosa parte que eu receba de noso senhor esta tão gramde mercê, vos lembro que este he o mayor seruiço, e o mayor comtemtamento que de voos poso receber: e que no cuidado, deligemcia, fauor, e bom tratamemto dos que jaa são feytos xpãos e se ao diamte fizerem, e destes religiosos que agora vão, e dos que laa estão, e de todos os que nesta materia emtemderem, e em tudo o que for necesareo pera o efeyto disto que desejo, mostreis que este he o proueyto que eu desas partes quero tirar; pois de todos hee o mayor e o que mais pre-

temdo: e aymda que nas outras cousas tenhaes gramdes acupações, nestas que são de noso senhor, e sem cuja ajuda em todas as outras não poode ser nada feyto, trabalheis por vos desacupar pera emtemderdes nelas e numca por yso vos pareça que vos pode falecer tempo, pera emtemder nas outras, porque asy comvem que o façaes, por se não perder o que jaa hee feyto e ao diamte se poderaa fazer, quamdo voos asy o fizerdes.

No negocio do Rey de Jafanapatam e da morte que deu a aqueles martyres receby muy gramde descomtemtamemto e o semty tamto como era razão: e segumdo vy por cartas de mestre framcisquo, martim afomso ordenaua de lhe mamdar dar o castiguo comforme aa callidade do caso. Se asy se fez receberey eu diso gramde comtemtamemto, e se o não ouue emcomemdouos muyto que o ajaes asy como ele o merece, porque seria huũ maao emxempro nesas partes pasar semelhamte cousa sem o castiguo que he deuido a ella. Mestre framcisco me escreue que este rey tem hum yrmão o quall diz que lhe dise que se tornaria xpão, e o pouo todo, se eu lhe dese esta terra: e ysto seria muy bem por se ganharem estas almas e se fazerem xpãas: mas ha nisto outra cousa que oulhar que he pedirme o mesmo o primcipe de Ceylão, que se tornou xpão, e mamdarme dizer a raynha, sua may, por amdre de sousa que se eu dese esta terra a seu filho ela se tornaria xpãa com todos seus paremtes e criados. Tambem haa nisto outra cousa que ver postoque seja menos ymportamte que nenhũa destoutras, porque não me obriga mais que quamto eu quiser aceytar ou allargar o que compre a my, e he que diz elrrey de ceylão que lhe cumpra a prouisão que lhe tenho dado em que me apraaz de lhe restetuyr esta terra que diz que hee sua, e que me dará quatrocemtos quymtaes maes de canela, e me alargará a diuida que lhe deuo: a determinação de quall destas cousas será melhor não poso eu de caa tomar pela distamcia gramde, e por quamto tempo se pasa primeyro que ela laa posa chegar e tam-

bem porque não poso saber a tempo comueniemte o estado em que laa estão as cousas: e parece que pera voos nyso prouerdes abasta somemte saberdes que eu não pretemdo senão o seruiço de noso senhor e o acrecemtamemto de sua fee, e que aquillo averey por milhor que for mais a preposyto deste meu desejo. He verdade que pello que fez este primcepe, e porque todos vejão que não somemte fazem, em se tornarem xpãaos, o que compre a suas almas, mas aymda o que toca temporalmemte a suas cousas; folgarey de lhe ser feyto em tudo o que for mais sua homrra e acrecemtamemto de seu estado e mayor comtemtamemto pera a raynha sua may, pois tambem com yso se ganha fazer-se ela xpãa, e jumtamemte todos os ditos seus paremtes e criados quamdo teuerem por senhor o primcepe. E quamdo nesta parte asemtaseis e vos parecese mais seruiço de noso senhor e meu: porque damdré de sousa que com ele veyo de ceyllão tenho muyto boa emformação e foy o que trabalhou por ele se tornar xpão, e o defemdeo da morte, que lhe elrey queria daar, ey por bem que o mamdeis com ele e lhe deis o carreguo de seu capitão e guarda mor, do quall por estas razões ey por bem de lhe fazer merce. E quamto ao castigo do rey de Jafanapatam, lhe dareys, podendo-se bem fazer.

O negocio do mouro de que martim afomso ouue aquele dinheiro do acedaquam, bem creo que o tereis sabido. Foy taal seruiço o que me ele fez niso que he razão receber de mỹ merce e fauor. E porem parece meu seruiço ser de taal maneira que com yso se posa com ele ganhar mais; porque são ymformado que em seu poder ha aymda gramde soma de dinheiro, e por allgũas razões parece que asy deue de ser: ele me mamdou pedir que lhe fizese merce de hũa prouisão pera meus governadores e capitães lhe não poerem ympedimento a ele nem a seus filhos e criados seus e do acedaquam poderem yr viuer e estar em qualquer parte que quisesem e por eles lhe fose dado pera yso toda a ajuda e fauor: e que suas naaos e nauyos podesem li-

uremente nauegar, sendo porem buscadas por meus ofeciaes se leuauão cousas defesas: e eu ouue por bem de lhe fazer merce dele asy como mo pede. E pareceo-me meu seruiço mamdaruolo a voos pera que com ele negoceaseis laa como viseis que era mais meu seruiço segumdo o termo em que as cousas estenesem: e porque ele em hũa carta que me escreue que parece que foy feita per sua mão e vem em arabio se me aqueixa dos criados do gouernador e do moodo que com ele tiuerão no dinheiro que lhe lleuarão e tão comfusamemte que não poso emtemder o que pasou no dito negocio, como verês pello trelado dela, e me diz que lhe mamde tomar disto comta, lhe escreuo esa carta de que tambem vos emujo o trelado, na qual lhe escreuo que me mamde dizer mais decraradamemte o como este negocio pasou pera eu prouer em qualquer agrauo que lhe niso fose feyto, como eu folgarey de fazer, quamdo elle o tiuese recebido: e porque eu queria que esta carta lhe leuase pesoa que lhe não podese estoruar fallar elle verdade niso, amtes o ymcitase a dizela, me parece bem mamdardeslha ou por bras daraujo, ou pelo doutor francisco toscano, ou pelo doutor fernão martiỹ quall delles vos melhor parecer e estiuer mais desacupado pera o poder fazer: e por esta mesma razão, e elle não poder comunicar a carta com allgũu portugues, o que não poderia deixar de fazer pera lha declarar, lhe mamdo demtro nela o trelado dela mesma em arabio, emcomemdouos muyto que lha mamdeis llogo, e quamto ao seguro e ao mais que aveis de negociar hee escusado fazeruos algũa lembramça niso, porque voos terês todas as que forem necesareas e o farês como for mais meu seruiço e com todos os resguardos e cautelas que comprirem pera com ele poderdes bem negocear. E porem porque ele jaa merece receber de mỹ merce pelo que tem feito he bem que em tudo o fauoreçaes e trateis de tall maneira que veja elle que o seruiço que me fez lhe aproueytou muito pera yso: e aymda comprirá fazerdelo asy pera o que ao diamte me ouuer de fazer: e do que neste negocio

fyzerdes me avisarês, e muyto vos emcomemdo que do que he pasado nele precurês quamto vos for posyuel por saber a verdade; e pela obrigação, que me temdes vos emcomemdo e mamdo que não aaja nelle allgũua cousa, que me não dygaes, e tãô decraradamente como eu de voos comfyo.

Com esta vos mamdo hũa carta minha pera o ydallcão dagradecimemtos da boa vomtade que tem pera minhas cousas, e da com que me allargou aquellas terras firmes, e oferecemdolhe minha amizade, como verês pelo trellado dela que vos emujo: muyto vos encomemdo que lha emuyeis por hũa pesoa que vos bem parecer, e porque ele veja allgũu synal de minha boa vomtade e do comtemtamemto que tenho de com elle ter esta amizade me parece bem que lhe emuieis o arreo douro, e a sela, e asy os panos da tapeçaria douro, que haa dias que laa estão e que eu de caa emuiaua a elrey de cambaya por Job nunez que creo que estão nesa feitoria de goa: e aalem diso voos lhe escreuerês quamto vos tenho emcomemdado e agora emcomemdo suas cousas, e o conhecimemto em que sou das boas oobras que ele faz em todas as minhas, com todas as mais pallauras que vos bem parecer e de que virdes que elle receberá comtemtamemto. E folgarey de asy o gramjeardes sempre, que o posaes ter certo pera o que comprir a meu seruiço pella necesydade que delle e de suas terras tem minhas armadas. E comfio que não somemte o farês asy com este, mas com todos os outros que vos parecer que será meu seruiço terdes com elles este moodo.

Por via de costamtinopla e veneza fuy emformado que viera os annos pasados desas partes a allexandria muyta soma de pimemta e drogas, o que hee em tão gramde perjuizo de meu seruiço como vedes, e de que se seguem gramdes ymcomveniemtes; e não poso emtemder bem a causa por que tamta soma de pimemta e drogas ally veyo ter senão se fose pella costa ser tão mall guardada que se pasase por ella tamta pimemta: o que eu não deuo de crer pois vay niso tamto de meu

seruiço e se foy allgũa causa diso o comtrato que se faz em goa das drogas pera vrmuz, jaa quamdo fostes, temdo eu allgũa emformaçam disto vos mamdey que olhaseis bem nisto o que se deuya fazer; e que parecemdouos todauia que o comtrato se deuia fazer fose sómemte daquela camtidade das ditas drogas, que parecese que abastauão pera se gastarem na terra, e não pera sayr pera parte allgũa foora dela de que se podesem seguir estes ymcomueniemtes: acerca do comtrato, isto mesmo vos torno a llembrar: e quamto ha guarda da costa deueis de ordenar que se guarde e vygye de taall maneira, e per taaes pesoas que fação nyso verdade e não deixem pasar a dita pimemta e drogas, porque são ymformado que os mesmos que a amde guardar e vigiar são os que as pasão: a ymportamcia deste negocio he tão gramde como vedes, e por yso ey por certo que o prouereis de taall maneira que eu seja bem seruido. E para a comfiamça que eu em voos tenho ey por escusado dizeruos mais.

O lecemceado amtonio Rodrigues de gamboa que martim afomso mamdou a baçaym pera emtemder nos arremdamemtos e cousas dele me escreueo como tinha arremdadas as ditas remdas por nouemta e sete mil seis cemtos e cimqoemta pardaaos, e que seria muyto meu seruiço depois de pagas as despesas que a fortalleza fazia, scilicet, em pagamemtos dos ordenados, soldos e mamtimemtos da gemte della, e pagamemtos de capitaẽs naiques dos piaẽs da gemte da terra, prouimento do espritall, corregimemtos de todas as oobras e doutras meudezas em que se despemdião desoito mil e quinhemtos pardaaos; leuarem-se sasemta e noue mill cemto e cimcoemta, que sobejauão, omde estiuese o meu gouernador e não mamdarem-se aly fazer pagamemtos de diuidas que aalem do proueyto que seria ter o meu gouernador este dinheiro consyguo pera ele o mamdar despemder no que fosse mais necesareo e comprise a meu seruiço se ganhaua tambem outro, em este dinheiro yr ao gouernador, porque naquela terra vallião pouco as moedas e que da maneira que

as eu recebia se ganhaua em goa mil pardaaos em cada vimte mil: e que fazemdo-se doutra maneira, era dar ocasião aos feitores dizerem quamdo lhes mamdauão pedir dinheiro que o não tinhão, e que era despeso todo per mamdados. E porque ysto me parece muito meu seruiço vos emcomemdo e mamdo que ordeneis como se faça desta maneira daquy em diamte.

Eu folgaria de ver o debuxo das primcipaes fortalezas que tenho nesas partes, e porque quamto mais particullarmemte as podese ver mayor comtemtamemto receberia, vos emcomemdo muyto que se laa ouuer allgũa pesoa que o saiba bem fazer me emuyeis cada hũa dellas e asy a cidade ou llugar em que estiuer, e o sytio della, feita em cartaz, ou em allgũa madeira leue feito tudo per petipé, e de tall moodo, que se posa bem ver o que se delas quiser saber.

Eu escreuo a dom framcisco de menezes, e a João (J.º) de sepulueda, que me fiquem laa seruimdo aymda mais hũu ano, por me parecer que compria asy a meu seruiço: vós direis tambem de minha parte a cada huũ delles com todas as boas pallauras, que vos bem parecer, que o façam asy.

Por hũa carta que me escreueo simâo botelho, que estaa por capitão na minha fortaleza de malaca, soube como alomso amrriquez se quisera aleuamtar com ela, semdo o dito simâo botelho fóra da dita fortaleza a emterrar ruy vaaz pereira que aaquele tempo era fallecido e em cujo lugar elle socedera por prouisão de martim afomso. E como niso ouvera ajumtamemto, e outras cousas muy maall feytas: e porque o caso he de taall callidade que requere serlhe dado por yso o castigo que merece, vos emcomemdo muyto e mamdo, que estamdo ahy comvosco, ou tamto que vyer, semdo fóra, o mandeis lloguo premder, e mo emvieis preso em hũa das primeiras naaos que vyerem pera estes reinos, e virá emtregue ao capitão della pera o trazer a todo o bom recado. Bertolameu froez a fez em allmeyrim a oyto dias de março de 1546 « Rey » Pera dom Joam de castro.

(No sobrescrito) Por Elirey: A Dom Joham de castro, do seu conselho, capitão moor, e governador da India. »

N. 26.º

Dom Johão de Crasto Amiguo. Eu elRei vos emvio muito saudar. per via de Hierusalem recebi cartas do Preste Iohão, que dahi me trouxerão estes frades, e assi por Miguel de Castanhoso, em que me dá conta do falecimento delRei seu pai, e do estado de suas cousas e que nellas o aiude e fauoreça, e assi me pede que lhe faça saber o que sei de Iohão bermudez, que por elRei seu pai foi emviado a mȳ por embaixador por elle la husar de cousas mui contrarias á fee, e a seruiço de nosso senhor, e a tudo lhe respondo o que vereis pelo treslado da carta que vos emvio, e aos Portugueses, que ainda lá estão, mando que se não venhão, por mo elle assi mandar pedir, como assi mesmo vereis polla carta que lhe'escrevo; e porque aquella terra toda he de christaõs, como sabeis, os quaes postoque algũs erros tenhão na fee, estão tam dispostos e aparelhados a se tirarem delles, se ouver quem os doctrine, e emsine nas cousas dela, que devo eu de ajudar e procurar sempre polla defensão de sua terra; e porque o tempo não daa podello aguora fazer com mais que com lhe mostrar o deseio que eu disso tenho, e responderlhe a suas cartas e a seus trabalhos com tanta quentura, como convêm pera ele conhecer este meu deseio e minha boa vontade, folgarei avendo algũa bõa embarcaçâo, em que estes frades possão hir, de os emviardes loguo nella, dandolhe ho necessario pera sua viajem, e tratando hos em tudo mui bem, como hei por certo que o fareis, e nâo avendo, ou avendoa, e nam parecendo tam segura, que os possais mandar nella, avisareis loguo o dito preste Ioão, de como ali estão os ditos frades com minha repesta, e que esperais embarcação segura pera lhes emviardes nella, com todas as bõas palavras comformes a este meu pre-

posito, que acima vos diguo, e do que fizerdes me avisareis. escripta em almeirim a XIII de março. Lopo Rodrigues a fez. Anno de M. D. XXXX. VI. E porque poderá ser que pera virem demandar as costas, que vereys pelo trelado da carta que escrevo aos portuguezes, lhes será necesario alguũs instrumentos, e agulhas, e cartas de marear, e estrelabios; lhos emviarês e asy huũ regimento do modo que teram em descobrir e escrever as derrotas e alturas do que caminharem « Rey » A dom Johaõ de Crasto sobre a embarcação dos frades »

Copias, a que se refere a carta antecedente.

1.ª

Fidalguos e criados meus, e homẽs darmas, que estais nas terras do Preste Johaõ rei dos abexis, e que de maçua com Dom Cristovão da gama fostes emviados por dom estevão da gama seu irmão, meu capitão mór e governador pera ajudardes o dicto rei na defensão de seus Reinos e senhorios, contra seus imiguos: Eu elRei vos emvio muito saudar. Por cartas do dito Rei que me escreueo por via de Hierusalem, e depois por miguel de Castanhoso soube novas do que era passado nas ditas guerras, e da morte de Dom christovão e doutros Portugueses meus vassalos de vossa companhia, das quaes recebi o descontentamento que hera rezão, perdendo tantos e tão boõs vassallos; mas vendo como forão mortos em seruiço de nosso senhor, e na defensão daquellas terras, que de sua fee tem tanto conhecimento, e tão aparelhadas estão a virem no verdadeiro della; ouve suas vidas por bem empreguadas e dei muitas graças a nosso senhor por ser seruido que por meyo deles a terra se não perdesse, nem fosse ganhada de tam grandes imiguos seus, e spero nelle que sempre

a defenda pera nella ser seruido e conhecido como desejo: mas pois os passais por seruiço de n. senhor, e o dito Rei não está ainda tam pacifico como conuêm, e elle assi mo pede, receberei eu mui grande contentamento não vos virdes, e de o ajudardes e seruirdes naquellas cousas, em que lhe for necessarea v. ajuda e seruiço: e assi vos emcomemdo muito e mando que o façaes porque ho averei por muito meu seruiço: e eu lhe escreuo aguora que em vossas necessidades e em tudo o mais, que uos comprir, vos ajude pera o suprimento delas, como he obriguado ao fazer, o que tenho por mui certo que fará e pera ho anno que vem, aprazendo a n. senhor, espero de emviar hũa pesoa e por ella vos escreuerei mais larguamente. E porque são imformado que facilmente se poderia achar caminho que viesse ter ha costa de Melinde, ou a algũa outra parte daquela banda, por onde podesse hauer antre o dito Rei e mỹ mayor cõmunicação, e mais breuemente podesse saber de suas cousas, lhe escreuo que o mande buscar e descubrir; tereis cuidado de lhe fazer disso lembrança, e parecendolhe bem algũs de vos outros fazerdes o descubrimento deste caminho, averei por meu seruiço emtenderdes nisso, e espero que me seruireis nesse negocio como eu de vós confio. E porque pode ser que a terra do Abexi venha tanto pera oeste, e a de manicongo va tanto pera o leste, que não seja grande distancia de huma terra ha outra, e podendo-se fazer caminho da terra do abexi pera manicongo, ou pera qualquer outro Rio do Cabo da bõa esperança pera qua, seria muito meu seruiço; vos mando que procureis que se descubra lembrandoo a elRei pera que ho mande fazer, ou se a ele lhe parecer bem que algũs de vós outros o fação, o fareis; porque he cousa de que eu receberei muito contentamento, e me averei por muito seruido dos que ho fizerem, e lhe farei a merce que for rezão, e emtendendo-se neste descobrimento não se deixará de fazer o outro que acima he dito. Scripta em almeirim a XV de março. Lopo roiz. a fez ano de M. D. XXXX. VI. « Aos fidalguos

e seus criados e gente darmas que estão nas terras do Preste »

(Em lugar de sobrescrito) Trelado da carta que sua Alteza escreve aos portuguezes que estam com o preste João »

2.ª

Muito poderoso Rei. Eu Dom Johão per graça de deos Rei de Portugal vos emvio muito saudar. Vi a carta que me escreuestes em que me dais conta do çoscedimento de vossas cousas e do falicimento delRei v. pai, de que muito me desaprouve, e pois nosso senhor disso foi seruido deueis de comformar no que ele ordena vossa vontade com a sua, e dar lhe por isso tantas graças e louvores como se lhe deuem por todas suas obras, esperando nele que após tamanha perda e tam grandes trabalhos vos dará o descanso e contentamento que vós desejais e que elle sempre daa aqueles que tanto o desejaõ seruir. E quanto ao que me dizeis que vos aiude e favoreça contra vossos imiguos, eu estimo tanto vossas cousas, e tenho pera ellas tam bõa vontade, que nunqua minha ajuda e fauor vos pode ser necessaria, que a não acheis em mȳ e em meus capitaẽs mores, e muito me pesa de não aver caminho polo qual eu possa tantas vezes, como desejo, saber o estado de v. cousas, e o çoscedimento delas, e do socorro e ajuda que recebestes do meu capitão mór e meu governador da india, e do que meus vassalos fizerão em v. seruiço, do que tomei mais largua informação da que tinha por miguel do castanhoso, polo qual assi mesmo recebi outra carta v., tive eu mui grande contentamento, e posto que a perda deles seja tanto pera sentir, ei hos por bem empregados, pois acabaram em seruiço de n. s. e em defensão do v. estado que eu tenho na conta de proprio meu, e podeis ser mui certo que sempre de mȳ e de minhas gentes e capitaẽs sereis ajudado comforme a esta minha vontade, e amor que vos tenho, e quanto aos vossos naturaes, que dizeis

que estão cativos em poder dos portugueses, e que os vendem a mouros, eu mando ao meu capitão mor e governador que o não consinta fazer; e do que lá tem feito ioam bermudez, que elRei v. pai emviou a mi por seu embaixador, me desaprouve muito por que são cousas muito contrarias ao seruiço de n. s. pera as quaes sabido he que lhe não podia dar algum fauor nem ajuda, nem dele conheço mais que ser hum clériguo simpres, e dos poderes, que diz que o sancto Padre lhe concedeo, não sei nada, e polos breues de s. sanctidade sabereis milhor o que nisso he passado; e aindaque por isso mereça tam grande castiguo, não me parece que lho deueis de mandar dar, senão de tal maneira, que ficando com vida, fique com a pena devida a seus erros; porque sendo ella outra, e usando iá desta dignidade de Patriarcha, que ele sem lhe ninguem dar quis tomar, e de tais poderes postoque tão indiuidamente, seria grande descredito na christandade saberse que doutra maneira o mandavais castiguar, e porque eu desejo que todas vossas cousas sejaõ tambem acertadas que no efecto dellas se veia a tenção, com que as fazeis, e tambem porque dalguâs, que tocão á nossa sancta fee catholica se dê o remedio necessario e conveniente ao que compre ao verdadeiro conhecimento dela e á saluação das almas, detremino de mandar a vós, e a vosso reigno pera o ano que vem, deus querendo, hũa pesoa por Patriarcha, que seja tal e de tal zelo, e bom exemplo de vida, que nestas cousas todas possa e saiba seruir bem nosso senhor, e de que vós recebais muito contentamento, e com que possais praticar mais larguamente as cousas de ioaõ bermudez, e tomar acerqua dele a determinação que vos bem parecer, e pera que qua possa saber de vós e do estado de v. cousas mais breuemente deveis de mandar saber por lá dalgũ caminho ou naveguaçaõ que de v. terras e senhorios possa vir ter á costa de milinde, ou a qualquer outra parte daquella banda, donde com mais breuidade possa aver antre nós esta cõmunicação, que segundo informação que tenho parece que será mui facil

de achar, e eu mando aos portugueses meus vassallos que la ficaram que se não venhão e vos siruão em todas as cousas que tocarem a vosso estado, e folguem de assi o fazer como o fariaõ em meu seruiço; e porque he rezão que quando eles isto fizerem recebam de vós ajuda pera suprimento de suas necessidades, que teram tão grandes, como as deuem ter estando tam apartados de sua natureza vos roguo que os subtenteis e olheis por eles assi como o deueis a vassalos meus e que com suas vidas vos tem tambem seruido, e ajudado a defender v. reinos de v. imiguos. n. s. aja sempre v. pesoa e real estado em sua sancta guarda: escripta em almeirim. Lopo Roiz. a fez a XIII de março A. M. D. XXXX. VI. »
(Em o lugar do sobrescrito) « Trelado da carta que Sua Alteza escreue ao preste João. »

N. 27.º

Dom Joham: amigo. eu elrey vos emvio muyto saudar. A mŷ me foy qua apontado que seria muyto meu seruiço mandar vender ao Idalquão as terras firmes de goa, que me ele alargou, asy porque avendo as de soster, me custarião muyto, como por ser cousa dificil o poderense elas bem defender; e tambem, que nunqua em algũu tempo que delas quisese o peraque elas dizem que me são necesarias, deixarião aqueles, cujas elas fosem de dar causa por onde elas com rezam tornasem a ser mynhas; e que vendendo-as agora ao dito Idalquão, ou ao Inazamaluquo, ou a qualquer outro seu vezinho, tiraria diso hũa grande soma de dinheiro, que cada huũ deles me daria por elas. Estas rezões me pareceram todas de muyto meu seruiço; mas porque em todas as cousas ha sempre rezões por hũa parte e pela outra, e nas de tam longe nam se deve nada determinar, nem me parece bem fazelo, ouue por milhor avisarvos de tudo, e tomar niso primeiro voso parecer, crendo que mo dareys com aquele respeito e consideraçam em tudo, que em semelhan-

tes cousas se deve de ter. e porem porque poderia acontecer parecervos bem, e meu serviço venderem-se estas terras, pareceo-me necesario falarvos neste caso mais declarada e resolutamente asy como deve de ser em cousa que eu ey por tamanha como esta he.

A venda destas terras he muy importante, e pode ser de muy grande meu seruiço, e he cousa em que principalmente convem ter se muy grande segredo: e postoque a confiança, que eu em vós tenho seja a que vós mereceys, e que se requere que eu tenha em pesoa que nese carego e lugar me serve; todavia ainda este negocio he tam grande, que nam compria a meu seruiço cometelo a outrem: mas porque, como digo, no de tam longe poderia acontecer ocasiam em que eu podese ser bem servido, tendo vós comisam minha pera o fazerdes, o que nam poderia tambem ser quando a nam tiveseis, e ouueseis desperar por meu recado: como cousa que asy pode acontecer, e tendo em vos esta confiança, pareceo-me meu serviço dizervos o quanto averia por bem que as deseys, que he de sete centos mil cruzados pera cima quanto mais podeseys; porque daquy pera baixo nam averey por meu serviço venderense, visto a calidade delas, e quam importantes podem ser a quem as comprar: e ainda em serem vendidas mais a cada huũ dos outros que ao Idalquão, pode ser que se acrecente no preço, e que seja milhor pera tudo. Mas asy vos deveys vos aver niso que quem as ficar comprando ainda que vos dee por elas o que digo, ou mais, fique sempre cuidando que lhe fizestes na venda muyta amizade: e porem tanto por tanto vereys se averá mais rezões de ficarem antes com o Idalquão, cujas elas primeiro foram; aindaque tanbem deveys de ponderar muyto nisto, qual deles será menos perjudicial a meu serviço terdes nelas por vezinho. Neste negocio isto he o que averey por meu serviço que façaes. O como nele me aveis de servir tenho eu muyta confiança que seja como de vós espero. E parecendovos bem dardes disto conta a alguũa pesoa, faloeys como de cousa, que vós mesmo a moveys, e trabalha-

reys por se ter niso muy grande segredo até o dito negocio se acabar de concludir; porque asy compre muyto a meu serviço. Pero dalcaçoua carneiro a fez em almeirim a XIIII dias de março de 1547 « Rey »
(No fundo) Pera dom João de crasto sobre as terras firmes de goa.
(Sobrescrito) Por elrey — A dom João de crasto, do seu conselho, e seu capitam mor e gouernador da India.

N. 28.º

Dom João de castro: eu a Rainha vos emuio muyto saudar. Vy a carta que me escrepuestes de maçanbique polla naao de garcia de saa, e da boa viajem que noso senhor vos deu rreceby gramde comtemtamemto, e lhe dou por yso muytas graças e louuores, e espero nelle que vos ajude a seruilo, e a elrrey meu senhor em tudo, como ey por certo que lhe pedis e desejaees, e na lembramça, que aly tiuestes, de oulhar pello que compria a seu seruiço, e defemsão daquella terra, se vio bem: e maior a tereis das cousas, que mais primcipalmente tocarem a seu seruiço: e nesta materia de moçanbique vos responde S. A. o que vereis por sua carta. Nas cousas dos xpãos e da conuersão da jemte da terra vos espreve S. A. muy emcarregadamente, e como em cousa que tamto toqua a seruiço de noso senhor, e acrecemtamemto de sua fee: a qual por ser desta callidade, e de tão gramde obrigação pera S. A. em nenhũa outra o podeis seruir mais, nem lhe dar maior comtemtamemto: e eu vos quisera sobre ysso tambem espreuer, mas pera voos, ey-o por escusado, porque sey que este seraa o voso primcipal cuidado.

Do falecimento do Doutor francisco de maris, e do desemparo, em que fiqua sua molher e filhos, me desaprouue muito e tenho por muy certo que no que em voos for pera lhe dardes alguum remedio o farees e tereis della lembramça que deueis e sois obrigado,

e eu vos emcomendo muito que ho façaees asy, porque receberey diso muyto comtemtamento.

A lembramça que leuaes das cousas, que vos encomendey, que desas partes me emuiaseis vos agradeço muito, e folgarey de tomardes diso aquelle cuidado, que eu de voos confio, e quamto mais cedo mas poderdes emuiar, tamto maior prazer receberey, e a esta vosa carta nam haa necesidade de reposta, e por outra vos espreuerei mais larguo acerqua destas cousas que me aueis de mamdar e do mais que niso aveis de fazer. Esprita em almeirim em XV dias do mes de março de 1546 « Ralnha »

(No fundo da pagina) Para dom João de crasto.

(Sobrescrito) Por a Rainha — A dom João de castro, capitam mor e gouernador da India.

N. 29.°

Honrado gouernador. Depois de vosa partida receby duas cartas vosas, a que nam haa que responder, senam que uos nam pareça que me podem ellas ocupar tempo, antes podeis crer, que folgo muito com ellas; por yso nam leixeis de mescreuer tudo o que uos parecer necesareo.

E porque me pondes em muito grande obrigaçam com me agardecer o que eu nam tenho feito, mas desejo de fazer, e o aueis de ter por muy certo, quando de mym uos comprir, vos deuo de lembrar a obrigaçam, que tendes, de seruir a noso senhor nesse cargo, e a sua A., como se de vós espera, e eu comfio; e porque a principal parte he o que toca ao exalçamemto da fee e saluaçam das almas, vo la lembro mais principalmente e pera se niso fazer o que compre a seruiço de noso senhor, sua A. proueo o milhor que se pôde, como uereis poloque vos escreue, e uos diraa o vigairo miguel uãz: seraa ysto princypio pera se hyr fazendo cadauez milhor o que obriga tamanha dispesiçam, e dar noso senhor em noso tempo poder-se-lhe fazer tamanho seruiço, e uós deueis destimar muito co-

meçar-se isto a sentir mais, e fazerse em voso tempo, pollo que com muito cuidado, diligencia, e feruor deueis de enderençar o que elrey meu senhor ordena, e uos manda: e o que de quá nam pode prouer, ou em quanto nam poder prouer, de vosa parte deueis de fazer como se consiga este tamanho effeito, e que sua A. tanto deseja: e pera yso o que comprir sempre auisardesme vos encomendo que o façaes: e porque o mais sobristo uos diraa o vigayro, a elle me remeto. Jorge Coelho secretario a fez em Almeirim, XVI de março de 1546 « O Cardeal Iffante »

(Sobrescrito) Ao honrado dom Joam de crasto, gouernador da india, por elrey meu senhor, e do seu conselho.

N. 30.º

Dom Joham de castro: eu a Rainha vos enuio muito saudar. Vy as cartas que me escreuestes, e dou muitas graças e louuores a nosso senhor, pela merce, que vos fez em vos liurar de tamanho periguo, como foy o que dizeis que vos aconteceo na viagem; e espero nele que será pera nessas partes lhe fazerdes tantos seruiços, como sey que desejais. E de saber de vossa chegada a esas partes, e de como nelas fostes bem recebido, recebi muito contentamento, e das obras que começais a fazer, e tendes feitas no seruiço delrey meu senhor, o tem sua alteza muy grande, e eu asy mesmo pela muito boa vontade que vos tenho.

E quanto aas orfaãs que leuastes, por certo tenho, que sendo cousa de tanto seruiço de deos, e de que sua alteza e eu temos o gosto que vós sabeis, as agazalharieis tambem, e procurarieis tanto seus casamentos, como me escreueis; e aas pessoas que as tem em suas casas escreuo, e dou disso os agradecimentos, que dizeis que se lhe deuem, e vós tambem lhos day de minha parte, porque me prazerá disso.

E o cuidado que teuestes de mandar dioguo vaz ourivez a ceilam pera se loguo começarem a fazer as cousas, a que o mandey, istimo muito, e he muy

conforme aa confiança, que tenho, que asy folgareis sempre de o fazer em tudo, o que for de meu seruiço. E a bras daraujo escreuo, como soube per vossa carta o que me nela escreueis da boa vontade, comque trabalhou de aver os dous mil quinhentos xerafins, que pera isso mandastes buscar emprestados, e trabalha de aviar tudo o mais, que he necesario, e lho agradeço muito.

E de as pipas do moesteiro de faram, que leuastes a carreguo, serem de tam maao vinho, me pesou, pelo desgosto que disso terieis: mas comtudo ainda se nelas fez proueito, e bem creyo que seria pelo cuidado, que tomastes, de as aproueitar, e muito vo lo agradeço.

E com o beijoim de boninas, e com todas as mais cousas, que me enuiastes, folgey muito, e era tudo muy boõ, e o istimo como he rezam, e se deue aa muito boa vontade, comque sey que foy enuiado.

E de achardes a gente desas partes tam contraira ao seruiço delrey meu senhor, me pesa mais do que me espanto, porque lhe virá de longe esa desordem; mas espero em nosso senhor, e confio de vós que o ordenareis e fareis como sua alteza seja inteiramente seruido: e nam vos deue lembrar que podeis por isso ter algũus immigos, pois está tam certo que de immizades tam injustas se vos nam pode seguir nenhũu danno, e de fazerdes o que deueis, e nam consentirdes que ninguem faça o que nam deue se vos segue ante deos e ante sua alteza muito merecimento: e podeis estar descansado que quando comprisse terei a lembrança, que me pediis, de tudo o que tocar a vossa honrra e descanço.

E o cuidado que dizeis que tendes, que dos quinhentos quintaes de pimenta, de que me elrey meu senhor fez merce, pera mandar a bengala, se faça o mais proueito que poder ser, istimo muito, e folgey de pera a feitoria disso escolherdes manuel da gama, pela muito boa conta em que o tenho, e do fauor e boas obras, que sey que fazeis a elle, e a todos os outros

meus cryados tenho muito contentamento, e vos roguo, que aos que o merecerem e fizerem o que deuem, folgeis de o fazer asy sempre, porque me avercy nisso por muito seruida de vós.

E das nouas que me dais que elrey de tanor vos enuiou dizer, que se queria fazer xpãao, recebi muito contentamento: prazerá a nosso senhor que o traria a efeito, e se siguirá disso muy grande seu seruiço no acrescentamento de sua santa fee catholica, e que será causa de o seu santo nome em todas esas partes ser muito mais aleuantado. E sinaes sam eses muy claros que se ha ele por seruido disso, pelo que lhe dou muitas graças e louuores; e vós asy lhas deueis dar por isto ser em vosso tempo, e trabalhar quanto em vós for pera que de vossa parte nam fique nada por fazer nesta tam santa obra, como creyo que tereis feito, e fareis.

E do modo que martỹ afonso teue conuosquo pera vos nam deixar o dinheiro que vos ficou e prometeo de dar pera a carrega da pimenta, me desaprouue pelo descontentamento que sey que diso terieis, e pela falta, que vos poderia fazer no seruiço delrey meu senhor: mas eu confio de vós e de vossa prudencia e virtude, que a supririeis muy bem, e que nosso senhor vos ajudaria nisso e o primitiria asy pera que mais claro se mostre a vontade, e o desejo que tendes de seruir a sua alteza, e pera muito mais vosso merecimento e louuor. Pero fernandez a fez em almeirỹ a XVIII dias de março de 1547 « Raynha »

(No fundo da pagina) Reposta a dom Joham de castro.
(Sobrescrito) Por a Rainha. — A dom Joham de crasto, do conselho delrey seu senhor e seu capitammor, e gouernador da India — 2.ª via.

N. 31.º

Honrado gouernador. Pellas cartas que escreuestes a ElRey meu senhor, e a mim, vi o discurso de uossa viagem despois da partida de Moçambique ate chegar

á India, e o que nella fizestês até a partida das naáos, e o estado em que achastes a terra, e a condição dos homeẽs, e devassidão dos tratos, e a fraqueza d'armada, e como vos ouuestes co Idalcão nas cousas de meale, e assi nas cousas d'urmuz, e com os fidalgos que tinhão licenças de Marti Afonso pera leuarem lá drogas, e tudo o mais que per uossas cartas dizeẽs: e porque ElRey meu senhor vos responde a todas estas cousas em particular, o nom farei eu senão em soma; e porem nom deixarei de dizer quanto me assombrou, ca em terra, o perigo que passastes atraués da ilha do Comaro, por que verdadeiramente foi acontecimento mui grande e temeroso; e porêm eu o tomo por boõa estreea, porque me parece que vos quis nosso senhor mostrar nisto, que vos ha de saluar dos perigos da terra da India pera que he necessario tanto milagre como vsou com vosco em uos saluar de tamanho perigo, pello que lhe eu dou muitas graças e folguei de saber que dom hieronimo de Noronha vos teue companhia neste perigo, pois nosso senhor tambem o saluou delle; e he cousa de homem tão honrado, como elle he, participar dos perigos e trabalhos de seu Capitão. Quanto as mais cousas, que mescreueẽs, porque ElRey meu senhor vos responde a todas em particular, e eu fui presente ás mesmas respostas, me parece escusado tornaruollas a referir; porque per suas cartas vereẽs o contentamento que tem de como nessas partes o começaes a seruir, e a boõa opinião, que a gente tem de vós, e o que particularmente vos manda que façaes em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer he que estou mui contente do modo que leuaes nas cousas dessa terra, e do que nella fazeẽs, e dizeẽs; porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas vos não mudou de quem ereẽs, e da conta em que uos eu sempre tiue, porque nom vos contentaes de mostrar isto assi per obras, mas alem disso vos iis sempre penhorando com palauras e demostrações a fazer o mesmo, o que eu tenho por mui certo, que vós sempre fareẽs inteiramente, quanto humanamente se pode fazer.

Do modo que escreuestes a sualteza nom estou menos contente, porque vierão uossas cartas mui bem ordenadas, e escritas, e nellas todallas cousas necessarias, e nehũas superfluas, e bem se vee nellas o mesmo que acima digo, e que entendeès as cousas dessa terra, e que tendes zelo e desejo de as fazer sem respeito temporal damor, nem interesse, o que muito folgo de uos ouuir, porque inda que eu tenho por certo que o fareès assi, parece hũa grande auondança de coração, e da uirtude que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer. Pello que eu espero em nosso senhor que uos ha de cumprir uossos boõs desejos, e que vos ha de trazer dessa terra com muito uosso contentamento, e honra, porque nom pode deixar de soceder isto a quem nhũa cousa procura senão o seruiço de deos, e de seu Rey. E aindaque vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembreuos que nelles está o merecimento das cousas, e que a Christo conueeo passalos pera entrar na sua gloria: e se uos parecerem as cousas dificiles, lembreuos que estas são as em que deos poem a mão, e o que ajuda a quem o serue nellas com a tenção, com que o vós fazeès, e os homeès nom podem poor mais de sua casa, que a vontade e a diligencia; e por isso são Paulo não atribuia a si mais que o plantar das cousas, porque deos ha de dar o incremento: e assi o dará elle em todas vossas cousas, como as plantardes com o zelo, que eu confio, que uós tendes em todas: e por isso não uos espantem as grandes, nem tenhaes em pouco as pequenas; fazee igual ponderação, e os fiis dellas remetteeos a nosso senhor; e posto que alguũs vos nom saiaõ como desejaes, nunca entre em uos desconfiança, em quanto fezerdes as cousas com justo zelo e limpa tenção, porque muitas vezes permite nosso senhor aos que o mais seruem que fação erros pera que mereção na paciencia, e na confiança delle, e se expertem mais nas cousas, e se acrecentem em mayor perfeição. Fazee justiça como a entenderdes, tomando sempre conselho e parecer nas cousas como fazeès. Conseruaiuos na limpeza de uossa pessoa, que vsaes acerca

dos combates dos gostos temporaes e interesses dessa terra: e com isto venha o que vier, porque tudo será pera bom fim.

Nas cousas, que tocão ao culto diuino, na conuersão dos infieis, vos esmerai muito, porque estas são as armas, que principalmente hão de defender a India: procurai de lançar dessa terra as despesas sobejas dos homees, e as branduras e delicadezas de que vsão, e os vestidos e paramentos de casas que tratão, desponendoos pera estas cousas branda e suauemente com o exemplo que lhe dares, e de uossos filhos, e com fazer fauor e merce aos que vsão do contrario: e se estas cousas logo nom poderees emmendar, nom uos espanteês disso, porque as que se danão com tempo, com tempo se hão de tornar a emmendar, e nom se podem remediar dimprouiso: por isso hi continuando em uosso boõ proposito, e fazendo as cousas segundo a disposição do tempo, e o sogeito das pessoas em que aueës d'obrar, que com isto espero em nosso senhor que encaminhe todas vossas cousas a seu seruiço, e a o delRey meu senhor, e a vossa honra, como desejaes.

Quanto ao que me dizeës que procure que vossa estada seja lá breue, bem vejo que tendes muita razão de o desejar assi; e me parece mui bem desejardelo; e porem desta materia me parece que se nom pode tratar até nom uer as uessas cartas que este ano embora virão, e por isso deixo a reposta deste ponto pera o anno, que emboora virá.

E acerca do que me escreuees de dom aluaro vosso filho, eu falei a sualteza naquelle negocio, e sualteza o conhece bem e estaa bem informado das calidades de sua pessoa, e deseja de lhe fazer honra e merce; e porêm por algũas razões que uos sualteza manda escreuer, e porque este ano escreue que nom manda la nhum despacho, ouue por bem deferir este pera responder a elle o anno que vem; e por entre tanto lhe manda fazer a merce que vereës per suas prouisoës. A mim me fica mui bõo cuidado de lembrar tudo o que a uossos filhos toca, e espero em nosso senhor que

se faça de maneira, que elles recebão honra e merce de sualteza, como vossos filhos, a quem deseja fazer o que lhe vós merecees; e podees ter por certo que sualteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com que o seruiis, e mui contente do modo de que o tendes feito ate qui.

Eu faley a Sualteza em Afonso de rojas, e por uosso respeito lhe fizera logo a merce, que lhe eu pedi; mas porque, como digo, manda dizer ás pessoas, que andão na India, que este anno nom manda la nhum despacho, diferio o d'afonso de rojas pera o anno que vem, e diz que pera então lhe fará merce: eu terey cuidado, se a deos aprouuer, de uos mandar a prouisão, e folgo eu muito das booas nouas que me daes d'afonso de Rojas, e de crer he, que sendo irmão de mestre olmedo, e estando em uossa companhia nom pode deixar de ser homem de bem. O que me mandastes nas naãos que vierão me foi dado, e com tudo folguey por ser cousa de uossa mão: agradeçouolo muito: escrita em Almeirim a XVI de março de 47. » Infante dom Luis »
(Sobrescrito) Ao honrado Dom Johão de Crasto, do conselho delRey meu senhor, Capitão moor e gouernador nas partes da India — 1.ª via. —

N. 32.º

Artigo extrahido da carta, que Ruy Gonsalves de Caminha escreveo de Goa a D. Jo. de Castro, em 15 de Dezembro de 1546.

» Ho vigairo jerall he aqui cheguado, e loguo
» quer ir pera onde estaa Vosa S.: parese-me que hi-
» raa na carauela, em que for o dinheiro »

Artigo extrahido de huma carta escrita pelo Bispo de Goa a D. Jo. de Castro, no primeiro de Fevereiro de 1547.

» De la muerte de migel vaz yo recebi gran des-
» consolacion, y perdi mucho descanso, por yo aver-
» le dado todo my poder, que no queria tener cargo
» destas cosas, segun mi condicion, y para el año yr-
» me. En esta determinacion estava: agora llevólo
» nuestro señor: el quomo, el quando, no lo se; solo
» dios es sabidor. Falsos testimonios aca se dizen mu-
» chos: desto le dare cuenta, quando nuestro señor lo
» troxere a esta tierra, o me mandare a my ir alla.

» Maestre dioguo es muerto: durò cinco dias con
» grandes febres; murio quinze dias despues del vi-
» caryo general, en quarta ferya, esta pasada: son
» misterios divinos. Estamos espantados yo en espe-
» cial de las cosas del mundo. Jesuxpo su tan ylustre
» persona por muchos años a su santo servicio prospe-
» re » &c.

Artigo extrahido de huma carta escrita por Mestre Pero Fernandes a D. Jo. de Castro, de Goa a 14 *de Fevereiro de* 1547.

» Mestre dioguo falleceo: dizem que como lhe de-
» ram noua da morte de miguel vaz em casa do adaiam,
» que loguo se saio com grandes vrros, e prantos, e
» se foi deitar em cama, onde lhe deu tam grande fe-
» bre que em quatro dias lhe tirou a vida. Cousa na-
» tural e muito conforme a rezam me parece sentirem
» hos homens a morte de seus amigos; mas sentiremna
» em tanto estremo que porisso perquam sua vida nam
» he de desoretos, nem de leterados, e muy asinha de-
» ria que nam he de bons cristaons, porque ho bom
» cristam he obrigado a conformarsse com a diuina

» vontade, e nam lançar logo mão de joizos temera-
» rios, e vulgares, fundados no ar. Ho padre mestre
» dioguo em sua vida foi sempre mui credulo, ho que
» tambem mostrou na morte, em crer cousas que nam
» tinham peis nem cabeça; e com esta erronea dizem
» que morreo. Noso senhor se queira lenbrar de sua
» alma. Quanto á grosa que pôs á minha ida a Dio,
» e ao requerimento, que fez ao bispo sobre se irem
» ambos pera o reino, e do requirimento que dous pa-
» dres fizeram ao capitam sobre a morte de migel vaz,
» fique tudo pera quando V. S. vier, porque antam
» verá, que se nam pode viuer nesta terra com certos
» religiosos. Ho bacharel colheo tam grande medo da
» morte destes dous homens, que se confessou, e com-
» mungou, e á des dias que tomou a extrema unçam,
» sem nunqua lhe vir febre, nem outro acidente pe-
» rigoso. Noso senhor me perdoe; porque cuido que
» ho fez por alvoraçar mais a terra, porque tambem
» era da quadrilha: e eu digo ao bispo que nimguem
» ho pode sarar senam S. S. fazendo hum pontifical. »

N. 33.°

Senhor. Vy a reposta . . . . que escrvy a v. m. na que escreve, que a mostrou ao senhor gouernador: cuydey que nam soubese tam cedo a verdade de mȳ, porque quem servio o pai sem licença dum viso rrey, bem podera acompanhar o filho sem licença do senhor governador, por nam perder o nome de allevamtado nas taes emprezas, e nam podéra ser, que ou tarde ou cedo não ouveramos hum perdam; e pois nam póde ser, asy he milhor.

Senhor: dyga v. m. ao senhor gouernador, que temos por nova estar elrey de cambaya na quymta do millyque, e que em baçaȳ dyzem que estam nove centos omëis, que arribou muita gemte: que escreva a dom framcisco, que trabalhe por sayr a tres até quatro dagosto, que he a lua chea; e que tudo será, se nam tiver tempo, tornar arribar: que se me derem licem-

ça, daqui o cometerey. V. m. venha, o mais sedo que poder, ter nesta terra, porque daqui llevará duzemtos omẽis. Escreva ho senhor gouernador ao capytam, que nam dê licemça a nynhũ navyo pera nenhũa parte, só para dio, per nenhũa vya. Mande trazer hum falcam pera mỹ por lastro, que nesta fortaleza nam nos ha; tenha quatro camaras, se poder ser. Por amor de deos, que cometa o caminho cedo, que muitas colheytas tem pello caminho: e vamos soccorrer a dom fernamdo com ajuda do senhor deos. Beyxo as mãos de v.m. até sua vymda. O cerquo, per que esperavamos, deos seja llouvado, que o desvyou, que elle vynha; tenho a bom synall, e espero que tudo á de vyr a bem. De chaull a XXIX de junho de 546. Nam fique em baçaym senam duzemtos omẽis — Servidor de V. m. — Ruy fernandez —
(Sobrescrito) Ao senhor dom aluaro de crasto, meu senhor. —

N. 34.º

Regimemto pera dom alluaro de castro capitão mor do mar.

Isto he o que vós dom alluaro de castro aveys de fazer nesta viaje omde vos ora mamdo por capitão mor do mar, a descerquar a fortaleza de dio, e fazer a guerra a cambaya.

It. tamto que sayrdes pola barra fora, com todo cuydado e delygemcia trabalharês por cheguardes a chaul, sem fazerdes nenhuũa detemça no camynho, senão aquela que justamemte se naõ puder escusar; por asy cumprir a seruyço delrey noso senhor.

It. se tomardes alguũ porto daquy ate chaul, vos mamdo que não sayaes em terra, asy por se escusarem bryguas e deferemças com a gemte da terra, e não vos fogirem os marynheyros, como per outros respeytos que pera iso ha.

It. tamto que embora chegardes a chaul, vos porês a paguar toda a gemte que vay comvosquo em vosa armada, com a mor breuydade que for posyuel: e em

cheguamdo, antes que a gemte saya dos navios, mamdarês fazer alardo da gemte que for em cada navio, pelo escriuão e feytor da feytorya, que farão rol, e per ele será a gemte pagua de huũ quoartel, o quoal pagamemto fará o feytor e escryuão peramte vós, e no cabo dele asynareys e decrarareys per asemto a quoamtas pesoas se fez o dito paguamemto, e quoamto se momtou nelle.

It. tamto que tiuerdes a gemte pagua, vos partirês loguo, rota abatida, camynho de dio, sem fazer nenhuũa demora no camynho, saluo aquela que vos o tempo causar; e leuarês todollos navios de vosa companhya jumtos, e muy bem apercebydos, fazemdo comta que avês dachar as fustas de cambaya, e de noyte leuarês voso forol aceso, pera que vos não posa perder nenhuũ: e chegamdo á barra de dio emtrarês com vosa armada demtro; e loguo desembarcarês com toda a gemte dela, e vos meterês demtro da fortaleza, omde por se escusarem bamdos, e deferemças e outras muytas payxões, que emtre a gemte da guerra soe aver; quoamdo as jurdições e allçadas, em huũ soo luguar, estão repartidas por mais de huũ soo capitão; ey por seruyço delrey noso senhor, e vos mamdo, que em quoamto estiuerdes demtro na fortaleza de dio, e o cerquo durar, não huseis dos poderes e allçada que por mynhas prouisoẽs leuaes de capitão mor do mar; mas estarês vos, e toda a vosa gemte há obediemcya e mamdados de dom Joham mascarenhas capitão da dita fortaleza, ao quoal vos mamdo e emcomemdo muyto, que obedeçaes e acompanhês, e estês á sua ordenamça, pera dardes exemplo que asy o fação todos.

It. semdo caso que ao tempo que cheguardes a dio seja o cerquo aleuamtado, ou se alleuamtar depoys de vosa cheguada, e não ouver nenhuũa necesydade de vosa estada, iruos ês amdar á pomta de dio a esperar as naos de cambaya, que vem do estreyto, ou em quoal quer outra parte omde vos parecer que será mais certo achalas; e tomarês todas, asy as que vos amostrarem cartazes, como as que os não trouxerem; por

quoamto per direyto se lhe não devem de guoardar, por elles serem os quebramtadores das pazes, e nos moverem guerra, e terem tomados nosos navios e purtugueses.

It. pera que a gemte que comvosquo vay, asy capitaẽs, como llascarȳs, e toda outra gente, com mylhor vomtade e anymo follguem de pelejar, e se fazer como deve esta guerra a cambaya, lhes comcedo em nome delrey noso senhor escalla framqua por mar e por terra, de tudo que tomarem na sua emseada e costa, soomemte nas naos que vyerem de fora da costa da Imdia se não emtemderá a dita escalla framqua; porque nas taes vos mamdo, que mamdeys pôr muyta guoarda e requado, pera se dellas fazer repartição comforme ao regymemto delrey noso senhor; e nellas porês pesoas por quoadrylheyros, que mais autas e fyeys vos parecerem, e as mamdareys a esta cydade de guoa, omde se emtreguarão ao veador da fazemda.

It. sem embarguo do que vos diguo nos dous capitollos acyma; porque os casos sâo mais que as leys, e eu de quá nâo poso prouer nas cousas que lá podem soceder, vos mamdo que tomeys comselho com dom Joâo mascarenhas, e com dom framcysquo de meneses, e se a todos tres vos parecer que deveys fazer outra cousa e irdes a outra parte, farês tudo aquyllo, que per todos tres for asemtado.

It. porque eu tenho mamdado dom framcysquo de meneses a dio por capitâo mor de hũa armada, que se avia de fazer em baçaym, e pode ser que vos emcomtrês com ele; sem embarguo de vós irdes por capitaõ mor do mar, ey por bem que ele e vós vades com vosas bamdeyras, e cada huũ ordene e mamde a sua armada. Feyto em guoa a 24 de Julho de 1546. Antonio cardoso secretario o fiz escreuer « Dom Joham de de castro »

N. 35.º

Ilustrysymo e excelemte capitão geral e gouernador da ymdia pelo muito Allto e muito poderoso e muito ecclemte primcipe Ellrey noso senhor.

Dioguo Rodriguez dazeuedo chegou a esta cidade segumda feira seis dias do mes de dezembro, e o dia seguymte deu em camara huũa carta de sua Ilustrysima senhoria, que foy lyda com muito prazer e gramde comtemtamento, por sabermos de sua saude. A quoal bõa nova sempre queryamos saber, e muito melhores lhe desejamos. E por ela a cidade e todo este pouo em jeral e em espicial damos muitas graças a nosso senhor, e temos esta esperamça em nossa senhora Virgem maria madre de deos nossa avogada, que temdo os pouos da ymdia V. S. ylustrysyma por seu duque e gouernador, que em nosas afromtas e trabalhos numca careceremos de ajudas diuinaes por o merecimento de seu çatoliquo e modesto viuer, em auto e obras de muitas e louvadas vertudes: e com esta esperamça vyvemos em nouo repouso por o que a presemte e gloryosa vitorya que per seu prudemte comselho e gramde esforço e cavalarya vemceo e descercou a fortalleza de dio, e desbaratar e destroir o poder delrey de cambaya com mais outros vimte mil homens mouros, turcos, rumes, coraçones, e crystaõs arrenegados da fee de noso senhor, alemães, venezianos, Jenuezes, framceses, e asy doutras muitas e diuersas nações, dos quoaes gram parte delles foram moortos a ferro de lamça e espada, de que a cidade tem certeza de pesoas de bem, que de vista foram presemtes os quoaes bõs socesos nos mostram craros synaes que ao diamte, prazemdo a nosso senhor, e o seu emparo, nam temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresemtam do proprio rey de cambaya com outro novo poder e outros reys e senhores, nosos comarcãos, e os de toda a ymdia que são de certo imigos nosos, de muitas ymisades, allem de serem ynfieis e ymigos de nosa samta

fee catoliqua, dos quoaes huũs e outros nam temos segura nem firme paaz, amtes temos synaes de fallsas e emganosas amizades.

E porque estes trabalhos em que V. S. estaa que muito custaram e cada dia se muito mais semtem foram de muitos dias de gramdes ymdustryas e deligemcias ao preposyto pemsadas per nosos ymigos, pera o mesmo cerquo da fortaleza de dio, pera outros senhores desta terra nosos imigos se leuamtarem a nos fazerem gerras, o que a esperyemcia do tempo nos mostra o avermos asy por certo, e nos avisar pera com a ajuda de Deos nos provermos: e por quoamto elrrey noso senhor em o reyno nom he destas novidades emformado da maneira que elas são, e o muito que ymportam a seu real estado, e ao bem comum de seus pouos da ymdia; a cidade com todo deuydo acatamento, que deuemos, os vereadores, e oficiaes, em nome do pouo, lhe pedimos por merce que o escreua a S. A. E estes nouos socesos, que nam sam bõs, mas amtes muy perjudiciaes, com o mais que se nos represemta, e as mudamças que estes reys e senhores nosos ymigos tem mostrado e o temos visto per obra este anno em que estamos, e vosa ylustrysyma senhoria com comselho e gramdes ymdustrias darte de gerra e gramde prudemcia e com adjutoryo e graça de Deos o talhou, e remediou, pella quoal causa lhe faaz a cidade estas lembramças, por que sabemos que ele com seu claro juizo tem compremdido em este caso tuudo o que pode soceder de bem e de milhor; por tamto, senhor, per especial lembramça lho escreuemos, e asy lho muito pidimos por merce.

E por quoamto S. A. não escreveo este anno há cidade, e aos mesteres escreveo per lembranças e apomtamentos, em que temos bem que dizer, e asy muito menos lembra a S. A., que os principaes moradores desta cidade o vão seruir em os gramdes peryguos e morrem em seu seruiço, e os filhos fiquam pobres em desemparo, e o anno traspasado foram com seu gouernador martim afonso de souza ao pagode perto de cem

cavaleiros, com cavallos e armas adereçados com gramdes e riquos arreos, e outros atauyos, e vestidos e armas riquas tuudo em gramde perfeição e com muito gasto de suas fazendas, e asy foram na dita armada muitos homens darmas moradores da cidade, e este cerquo de dio tem feito nesta cidade pasamte de cimquoenta viuvas, cavaleiros e escudeiros homrrados, e asy allguũs fidallguos de merecimento conhecidos; e nam escrever S. A. a esta cidade o muito symtimos, e com trysteza e paixão o comportamos, e temos que S. R. A. tem da cidade comtrayra e não boa emformação, da verdade, o que de rezão nam deuya de ser pelo muito que lhe merecem nosos seruyços e pelo amor e vomtade comque o seruymos honde cumpre, e o ymos seruir, e por seu seruiço morrer com as vidas, e com as fazemdas gastados, sem premios e deuidos gallardoẽs, e per cima disto asy ser como he notoryo, e V. Y. S. he diso boa testemunha, S. A. nam faz comta desta cidade, e dos bõs e leaes vasallos que em ela tem, e por este agrauo e desfauor, em que estamos, por S. A. nam escrever há cidade como de rezão deuia ser, e faz comta dos mesteres, sobre este caso tyvemos por acordo nam escrever a S. A. se o caso o não obrigara e as necesydades muitas do tempo nos costrangem a fazelo. E o fazemos a V. S. e pidimos de muita merce que este pomto que tamto ymporta há homra desta cidade e dos homrrados fidallguos e caualeiros, que nela viuem avemdo respeito ao muito amor que lhe tem e gramde desejo de o seruir, que tome deste caso per nossa parte aquelle semtimento que se pode tomar e o escreva a elrrey nosso senhor pera que se correga a esta cidade este gramde agrauo em que estamos, temdo nosos seruiços e boas leallдades merecimentos de gramdes merces e gallardoẽs, o que asy pidimos a V. S. que em esta parte nos ajude por especial merce.

E quoamto ao emprestimo que em nome delrrey noso senhor nos manda pedir: Respomde a cidade, que os moradores fazemos de prezemte, e sempre que cum-

prir seruirmos S. A. com as fazemdas e vidas e com as allmas, e a ysto asy ser de bem e milhor o nom estrovaraa causas nem rezoẽs de agrauos que tenhamos, e posamos ter, como vasallos afastados da presemça de seu rey e senhor quatro mil e tantas legoas: e posposto os agrauos a de parte, vsaremos e faremos o que sempre fizemos como suditos obrigados a toda seruydam, pera que V. S. sayba e seja certo, que esta cidade e os moradores homrrados della, em seruir e morrer por seu rey e senhor natural, am de fazer avamtajẽs a todas outras nações de xpãos, e desta fedelidade e lealldade daram testemunhos os muitos mortos a ferro e foguo neste cerquo de dio e em outros feitos notaueis destas partes, homde os moradores fidalgos e cavaleiros desta cidade foram e vão com liberaes vomtades há custa de suas fazemdas, e la morreram e morrem, tuudo por seruyr elrrey noso senhor, em o quoal estaa todo noso bem e o principal preposyto de noso fumdamento.

E porque a temção da cidade e de todos he seruir V. Y. S., avemdo respeito que o emprestimo cumpre muito ao serviço delrrey noso senhor, cuja a cidade he, e todos somos, com muita deligemcia e cuydado daquele dia que Dioguo rodrigues dazeuedo deo o recado atee o fazer desta, que sam vimtasete de dezembro se ajumtaram vimte mil cemto coremta e seis pardaos e huũa tamga, de cimquo tamgas o pardao: os quoaes emprestou esta cidade, scilicet, cidadaõs e o pouo, e asy os bramenes, mercadores, gamcares, e ouryvez, scilicet, emprestaram os gemtios todos noue mil e dozentos e tamtos pardaos, e todo o mais emprestou a cidade que faz tuudo a dita comtia dos ditos vimte mil cemto coremta e seis pardaos e huũa tamga, do quoall dinheiro fica na camara feito liuro e registo das pesoas que o emprestaram pera se lhes tornar quando V. S. ordenar e mandar os quoaes emprestaram o dito dinheiro huũs e outros foram chamados e sem costrangymento allguũ e de suas liberaes vomtades cada huum deu o que quiz e teue por bem e alguũs ouue que de-

ram duas vezes por seruir elrrey noso senhor e V. S.; e por homrra da cidade o que he muito pera estimar darse o dito emprestimo de graciosa vomtade sem apresam nem fadiga.

Escrevemos em certo a vosa senhoria que esta cidade e os homrrados moradores polo seruir temos obrigaçam de pòr a vida e as fazemdas com milhor vomtade do que o faremos por nosas propias homrras e ymtereses; e por tamto senhor lhe pidimos por merce e lhe fazemos espicial lembramça, que a esta cidade e a todos tenha em sua emcomemda, pera nos fazer merce em nome delrrey noso senhor nos goardar os preuylegios que de S. A. temos, e os vsos e custumes, em que estamos, de sempre que foy ganhada pellos moradores ateegora, e esto senhor avemdo respeito que os moradores ganharam a cidade com muitas mortes e samgue derramado e que pera o diamte como bõs e leaes vasallos avemos de morrer por noso rey e senhor.

E quoamto senhor aos penhores que nos manda, a cidade e moradores nos temos por agravados de V. S. ter tam pouca comfiamça em noos e em nosas lealldades que pera cousa, que tamto comprya ao seruiço delrrey noso senhor e a seu estado real nam hera necesaryo taõ homrrados e ylustres penhores, porque nosa lealdade nos obrigua ao seruiço delrrey e a presemte necesydade, e depois diso as obrigações em que somos, e a gramde afeyção e muito amor que V. S. tem a esta cidade e moradores, e por elo e tuudo o mais, que neste caso lhe semtimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a noso senhor que lhe dè perfeyta saude e o prospere de muita homrra e gramdes vitorias contra os ymigos de nossa santa fee. E todavia, senhor, Dioguo rodrigues dazeuedo lhe torna a leuar os seus penhores, e asy lhe leuam ele e bertolameu bispo precurador da cidade o dito dinheiro, que lhe a cidade e pouo deia emprestaram de sua boa e liure vomtade, e asy lhe leuam mais a provisam que qua mandou pera o tezoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por merce que tuudo aceyte como de leaes vasallos que somos a

elrrey noso senhor e a V. S. muito obrigados: e asy lhe pidimos que o pagamemto deste dinheiro mande fazer juntamente há cidade, pera a cidade o tornar e pagar aas propias pesoas que o emprestaram, sem se fazerem outras mais provisões nem porem verbas, em que as partes recebiam gramdes fadigas, e gastos, e apresões, em tal maneira que o emprestimo que a cidade fez ao visorrey, allguũs ficaram por pagar: por tamto, Senhor, V. S., goardando ordem e estillo de fazemda, mandaraa receitar o dito dinheiro, que a cidade empresta, tuudo jumto em soma sobre o ofecial que lhe bem parecer, que pera yso ordenar; e ha cidade pasaraa somemte hũa provisam, em que ha por bem de mandar pagar o dito dinheiro há cidade, asy como lho empresta jumtamente, em o tezouro, e no tempo que a V.S. bem parecer, em maneira que o pouo seja pago do seu. E a Dioguo rodrigues dazeuedo por nos trazer tam bõ recado da saude de V. S. lhe pedimos por merce que o aja por emcomendado pera lhe fazer bem e merce como ele per seus seruiços merece.

E quoamto, Senhor, a bertolameu bispo precurador que hora he da cidade, e ora laa vay com este emprestimo, he homem de vymte e oyto annos de seruiço em estas partes, que continuadamente com muitos trabalhos e despeza de sua fazenda amdou nas armadas delrrey noso senhor por capitão de fustas e galeotas, e avido sempre por muy bom cavaleiro e por taal he conhecido: tem ele requerymemto com V. S. ácerqua da tanadarya de bardês, que ja lhe pidio em a vagamte de Vasquo fernandes que deos perdoe: pede a cidade a V. S. que o dito carreguo faça delle merce a bertolameu bispo, porque he ele homem que ho bem merece por seus seruiços e a cidade lho teraa em asynada merce.

Faz a cidade lembramça a V. S. que os gemtios moradores mercadores e gamcares fezeram parte deste emprestimo, como lhe ja dizemos: e nam averemos por muito aver ahy homens vertuosos, que faram crer a S. A., que nam seruem de nada, e que he bem que

os lancem fora desta terra: avemos por escusado muitas pallavras ácerqua deste negocio porque V.S. o semte muy bem. Escripta em camara a 27 de dezembro de 547. (*) e eu Luis tremessão escryvão da camara o mandey escrever e sobescrevy por lycemça que pera elo tenho — Pero guodinho — Joam rodrigues paaez — Ruy gonsalves de caminha — Ruy Dias — Jorge Rybeiro — Bertolameu bispo.

N. 36.º

Senhor: a quem deos tem feito tamanhas merces, e tão estremadas vitorias, quaes numqua lemos, aimda que lemos dos rromãos e de outros muitos; e a quem elle tem dado tamanhas homras, tenho eu pera mȳ, que lhas tem elle majores, em ha gloria gardadas, pera as dar a V. S. que pois asy pasa, ha vosa alma parece que he aprazivel a noso senhor Jhũ Xp̃o: *soli deo honor et gloria;* nam vos poso contar, senhor, as festas, he prazeres, he presyçoẽs, e jugar canas, he correr de touros, que qua se fazem por vosa vytoria: sam os homẽs muito consolados e comtentes que casy as pedras das casas se querem alevamtar e fazer festa; nem tampouco vos poso, senhor, contar as comtinuas he muitas presiçoẽs, que se faziam em esta cidade amtes da vitoria, asy de dia, como de noyte, nam sómente em as igrejas, he relegião, he da misericordia, mas dos menynos das escollas, de noyte, com camdeias nas mãos, deceprinamdo se nas costas com toda sua imnocemcia, que em verdade falamdo com V. S., estas palauras, mal notadas, nam se podem dizer sem lagrymas: aguora acabei de crer o fio do amor, he afeiçam que toda esta cidade vos tem: fauoreça porque lhe deueis: he muito mais vos deue ella a vós.

(*) Por esta data se vê, que tambem em Goa se começava a contar o anno depois de passado o dia 25 de Dezembro; porque alias deveria dizer-se 1546, visto que foi em Novembro deste anno que D. João de Castro desbaratou o exercito delRei de Cambaya.

Ho homem que la mamdey me deu hũa carta de vosa senhoria: ha comsolaçam he homrra, que eu receby com ella, deus volla pague; minhas forças nam sâo pera seruir: e asemta meu coraçam em ho que nella me dizeis, he em tudo ho que me mamdar seguirey seu comselho porque me parece que seguirey ho de deus porque vejo as obras suas em as de V. S. nam me parece, senhor, quamdo vejo hũa regra vosa, senam que espiritos se me alevantão pera cyma: qua me contou este homem quamta merce lhe V. S. fez, e entre outras fazello V. S. cavaleiro demtro em sua fusta: de lá me escreverão que pellejou bem, pesoa de credito: as cousas, que falla quá, estamos com as boquas abertas, em especial da serenidade de V. S. em ordenar voso enxercito, e as manhas discretas com que vos ouvestes com esa samta vitoria. Jhũ xp̄o lhe dé muita vida a seu seruiço pois que ha perpetua memoria, he immortal, qua ha de ficar delle, e despois lhe dê a sua gloria amem. de guoa aos XVIII dias de novembro de 546 anos « orador de V. S. o bispo de goa »
(Sobrescrito) Ao senhor gouernador da Imdia &c. do bispo.

N. 37.°

Senhor. O nome de noso senhor Jhũu xp̄o seja pera sempre louvado, que tamanha merce nos fez a todos per vosa senhoria, na gloriosa vitoria, que lhe deu contra tamtos imfieis, e tam podrosos, como estavão, per suas muy eycelemtes virtudes, esforço e prudencia. De lá escrevem, e asy o comtaô os que de lá vem, que se não pode escrever, nem comtar, nem debuxar a maneira de como estavâo fortes pera ofemderem a vosa senhoria, e a todo seu exercito, e pera se defemderem dele. Os que qua ficarão, asy frades, como o senhor bispo, com sua cleresya, e apostolicos de são paulo, e irmãos da misericordia, e todo o povo em gerall, depois de V. S. partido, vemdo que com suas pesoas e armas ho nam podiam seruir, e acompanhar em tam samta romaria, comtinuamemte ho emcomem-

darâo ao senhor deos, fazemdo sempre muytas preciçőes, e se hos homẽs ese cuydado tiverão, certamente que as molheres não se esquecerão em suas casas, e da maneira, que emtendião que poderia aprazer ao senhor deos, pera as ouuir.

Esta cydade foy posta em tamanho allvoroço de prazer, quando os synos começarão ha pobricar as alegres novas a oras, que acabavam de correr o syno, como as taes novas merecião, louvamdo por iso muyto a noso senhor, e rogando lhe pola vida de V. S. Hos frades sayrâo loguo do seu moesteiro com a cruz, em preciçâo, camtamdo *te deum laudamos*, acompanhados de muyta gemte que acodio ao repicar dos synos: forão á casa da misericordia, domde tornarão na mesma ordenamça, começamdo *laudate domine omes gemtes;* e se tornarão ao moesteiro. Em amanhecendo, sayo da see o senhor bispo com ho cabydo de toda a cleresya, em ordenada preciçam com ho povo desta cidade: forão a nosa senhora da serra, bemdizemdo, e louvamdo o senhor por tamanha vytoria, dina de muita memoria: e dahy se tornarão na mesma hordenamça há see. E recolhendo-se o senhor bispo pera sua casa, forão a elle o procurador da cidade, e escripvão da camara dizerlhe, que hos vereadores detreminavam fazer o dya seguimte precisam solene, como dia de *corpos xp̄y*, e mamdar que se não trabalhase atee dia da bemavemturada samta catarina, fazemdo sempre muytas festas, que pediam a s. senhoria, que ho ouuese por bem, e elle o comcedeo, louvando muyto sua temção: e asy se fez o dia seguymte a procisão solene com ha bandeira da cidade e as dos officios dela, com folias, pélas, damças despadas, e outras emvemçőes :} e até os diabos, e diabretes tyverão sua parte de prazer. Tudo se pasa em escaramuças e carreyras na rua direita, as quaes o senhor capitão gramgêa gramdemente com muito comtemtamemto, o qual pera iso tynha jaa a rua direita toda cavada, e bem areada. Pois os canarys e gemte da terra, eu certifico a V. S. que não amostrão menos prazer com a gloriosa vytoria, fazemdo

muytas festas, e escaramuças, a sua gysa: e comtudo de quam alegres elles e nós andamos, tam tristes e quebrados dos corações amdão os mouros: prazerá a noso senhor, que com muyta vyda, e saude, e obras de V. S. os terão eles de todo muy cedo quebrados, com muito acrecemtamemto da nosa samta fee catolica.

E comtudo, senhor, por cima de todos estes prazeres, muytos dos que qua fycarão são muy descomtentes, por se não acharem com V. S. em tamanho feyto, e de tão dina memoria, e por melhor ouverão acabar nelle com tamta homrra e louvor de noso senhor que vyverem todos hos dias de suas vydas com este descomtemtamemto.

Eu crêo, senhor, que V. S. usamdo de suas muy eycelemtes virtudes, escrepverá a elrey noso senhor dos moradores desta cidade, que com elle forão, e com ho senhor dom alluaro e dom fernamdo, que samta gloria aja, tam bemavemturado no bom morrer, forão a este soccorro de dio: e não sey quanta rezam teria de ho fazer dos que qua ficarão; mas V. S. bem sabe, que desejey eu de hir com elle, e pera iso lhe pedy por mercê que me dese licemça, por ter mamdado apregoar que nenhũu morador desta cidade fose sem ella: e V. S. o nam ouue por bem, mamdando-me ficar pelas causas, e respeitos que elle sabe. Beyjarey as mãaos a V. S. escrepvelo asy a S. A., quando escrepver dos que ao dito socorro forão. Esta mercê lhe peço alem das muitas que me tem feytas e deseja de me fazer, porque me aproveytará muito pera medramça de meus filhos, primcipallmente pera a do que ho año pasado mamdey, que espero em noso senhor que pela carta de V. S. será jaa de S. A.

Bastião lopez lobato meu cunhado me mamdou esa carta que ha dése a V. S., e asy dous caixões gramdes de marmelos, hum pera V. S., e outro pera o senhor dom alluaro, com que eu não fuy pouco ledo, cuydando de lhos mamdar a tempo que V. S. fellgaria muito com elles: abry os caixões, e todos vynhão podres, de tall maneira que hũu soo se não achou que

ho não fose, como dirá jeronimo pardo a V. S. que hos vyo. Noso senhor dee muita vida e saude a V. S. pera acrecemtamemto de sua samta fee, e do estado dellrey noso senhor nestas partes, e da homrra dos portugeses, que certo, depois do senhor deos, a V. S. são atribuydas tamanhas maravilhas, como temos vistas, e cada vez mais per elle esperamos de ver. De goa a XIX de novembro de 1546. „ Amtonio fernandez „

N. 38.°

Muito ilustre e inuictissimo senhor.

Deus noso senhor clementissimo e piadoso, que segumdo ho apostolo nos emsina, primeiro e principalmente quer todolos homes serem saluos, e este cuidado tem e teue sempre das cousas humanas, e asy olha e sostenta ha vida de todos os mortaes, que de certo parese por causa delles formar ho mundo, e ho reger com marauilhosa prouidencia, mostramdo lhe sempre muitos indicios e sinaes de misericordia, non permitindo que de todo peresese, posto tantas vezes neste estremo, e ponto pello merecimento de suas culpas, e deuemdo ser asȳ per justiça, per sua infinita clemencia lhe acodio sempre com saudaues remedios, principalmente haquelles que de seu nome e fee guardaram algũu conhecimento, como no pouo de isrrael contam alguũas antiguas e sagradas estoreas, ho qual liurou da dura seruidam, e duro catiueiro de faraó, com morte de todos os primogenitos do egipto, e outras muytas praguas, que padeceo, e outros milagres que ho d. pouo ouue, as quaes em breues palauras se non podem relatar: e asȳ da mesma maneira este nouo isrrael, pouo xpão, amado e escolhido de deus, pasado a estas partes das indias non menos miraculosamente pera ser acrecentado com as estrellas do ceo, e soar em toda ha terra ha euamgelica verdade, e nos fins della as palauras daquelles, que o redemtor do mundo Jhuũ Xp̄o comfesam e préguam, posto ora em gramde cuidado e tromento, ameaçado doutro faraó non menos perfido e cruel, s. ho gram soltam mamude Rej de Cambaya,

ho qual com suas barbaras gemtes com gramde odio e inpito se comoueo e leuantou com gramde exercito contra xp̄o, e sua cruz, tam cheo da sede do sangue cristam, que parecia non se contentar ha menos de totalmente extimguir e apaguar esas reliquias que ha delle nestas partes, ho qual ho senhor deus olhamdo do alto, que non quer ha morte dos pecadores, senam que viuam e se comuertam, cuja mão non estaa abreuiada, e menos pera nos saluar, e que non guarda e escomde totalmente na ira sua misericordia, proueo com ho remedio tam necessario, como foy ha vinda de V. S. ha estas partes pera que non somente trinta mil homẽs, turquos, rumes, abixĩs, fartaquis, parcios, arabios, e outros de diuersas nações do mundo fosem desbaratados per V. S. da maneira que ho foram, com tanta honrra sua, abatimento do dito soltam mamude, mas nós, reformados nos custumes e vida, que a cristaõs comuem, e ha opiniam antigua de boõs portugueses, e estas gemtes todas trazidas ao conhecimento da verdadeira fee de xp̄o, e ao jugo e dominio delrey noso senhor, de maneira que do oriemte tee ho ponente seja isto asy conhecido, pollo que deue V. S. dar infinitas graças ao senhor, pois ho fez defensor do seu precioso nome, e noos todos (especialmente os que nesta terra jaa somos chamados della) pois nos mostrou terça feira dezaseis de dezembro desta era de 1546 tal alegria como vimos; no qual dia hos corações de todos receberam prazer sem comparaçam, e os proprios edeficios desta cidade de goa, se semtidos tiueram, deram sinaes de gramde comtemtamento por nelle ser dado ha esta terra, com tam notauel vitoria, honrra, gloria, e pacifica paz: dizemdo com ho Salmista: exalçarteemos e glorificarteemos sempre senhor porque non comsentiste deleitarem-se os imiguos sobre noos: comuerteste noso cuidado em gramde prazer e alegria: destenos capitam geral cuias calidades noos nom cantaremos, por nom sermos juizes em cousa propia: diguamnas os mesmos imiguos, que nunca diante V.S. se gloriaram do samgue cristam, os quaes podem dizer com ha Rainha Sa-

baa, que muyto maior he seu saber e obras, que o rumor e fama, que em toda ha parte haa. E por que de V. S. nunca se apremdeo senam poucas palauras e muyto obrar, como dos boõs lacedemones, razam seria averme por muy culpado em perder ha memoria de tam simgular exemplo, e querer nesta carta ser muyto comprido, posto que tamanha razam tenha pera me muyto larguar em meus razoados queixumes, pois de tam louuado trabalho non permitio V. S. ser eu participamte, ao menos pera como testimunha de vista poder guanhar, cronizamdo tam ilustre feito, em huũ estillo muy alto, algũa parte da gloria que ganharam os caualeiros, que com V. S. pelegaram. E quamdo por esta parte me acodem alguũs asidentes, como ha humano debil e fraco, nom leixo de me chamar satisfeito polla perda dos leitores curiosos, que por isto estam esperamdo; mas comtudo do que pude alcamçar, calamdo ser testimunha douuida, fiz hũa epistolla breue, que mamdo per muytas vias aos amiguos do reino. Trabalhei polla poer em tam subido e gracioso estillo, como ho feito foy em si gramde e marauilhoso: mouime ser necessario que os pouos da nosa europa afirmem aver escritores, homde taes feitos se fazem, mas depois de examinada, achei tam baixo o que quis, que nom vi mais que ha vomtade de seruiir V. S., a qual me nom faltará pera senpre roguar ha Dš que nestas partes comserue sua pessoa, e seu nome e poder manifeste ha toda ha gemte, e exalse sobre as estrellas. Escrita em goa aos XX de nouembro 1546 annos « Antonio Rodriguez de gamboa »
(Sobrescrito) Ao senhor guouernador da India, meu senhor.

N. 39.°

Carta de Rex-Xarafo.

Senhor. Amtre todos hos moradores desta cidade ouue muito prazer e aluoroço com a grão vitoria, que

v. s. ouue contra elrei de cambaia e seus capitaães: certefiquo a V. S. que nenhum seruidor seu me ganhou niso, porque eu e meu filho ouuemos tamanho prazer e comtemtamento com iso, quanto lhe nom sei dizer. Prazera a deos que sempre lhe dará vitoria contra seus inimigos, porque a quem ele da hũa tamanha como esta, que lhe ora deu, outras mores, se mores puderem ser, lhe dará. A que V. S. ouue he de maneira, que sempre hos reis de cambaia e todo seu reino terão em sua memoria tamanha destroição e perda, camanha lhe V. S. fez, em tam pouquo tempo; e por aquy verao ha que lhe fará ao diamte, se com eles nom ouuer misericordia; porque não tamsomente perderão tamta gemte de gera, e tam luzida, em seu reino, e capitães de tamanho nome amtre eles; mas perderão hũa tam populosa cidade, e que eles tamto tinhão por sua, e que por todo ho mumdo he nomeada, em a qual tinhão feito tamtos modos de fortalezas, e tamta artelaria asemtada, com espimgardaria e menoições de gera, ho que tudo noso Senhor quis guardar pera V. S. per força darmas, e com os seus, estremados amtre todas as jemtes do mumdo, portugueses ttomar, semdo eles tam grão numero de jemtes, e de tamtas nações, de tudo fez a V. S. senhor. Isto não dá deos senão a quem tem muitos merecimentos amte ele, como vós, senhor, temdes; porque o vosso nome de tão estremadas bomdades he mui gramde per todas estas partes, asy o será amte o senhor deos. E o trabalho contino, que V. S. leuou, deue aver por bem empregado, por com ele ganhar tamta homra, e fama pera ele, e pera os que dele desemderem: ho que tudo he praticado, e apregoado per christãos, mouros, jemtios, asy nesta cidade, como em todo ho dacam, e outras partes, e asy ha mui louuada gramdeza e misyricordia, que V. S. vsou com ese primeipal capitão que catiuou, comque a todos seus aversairos será notorio quão cruel he pera seus inimigos, e quão piadoso a seus suditos, e quão cheo de mercês e homras a seus amigos. E porque esta estremada vitoria que V. S. ouue numqua gouerna-

dor, que elrey noso senhor nestas partes tiuese, alcamçou, asy per força despada, nam tememdo artelharia, espimgardaria, nem outros muitos arteficios de fogo; mas amtes emtramdo fortes baluartes, e muros, que tudo logo meteo e sogigou debaixo de seu poder; e porque em cousa tamanha nom pode escrepver senão hum espritor mui gramde, e que tamanha cousa posa ornar com ho merecimento que requere, nom direi mais, senão que noso senhor tenha a pesoa de V. S. per muitos anos em sua guarda, como per ele he desejado, e lhe dee sempre vitoria comtra seus imigos.

Hũa de vosa senhoria me foy dada, e o negoceo sobre que me escrepueo tenho já respomdido per o caçemo que lá mamdei: por iso nom ho farei nesta. Ho senhor dom aluaro fiqua muito bem; porque eu tenho cudado de saber de sua saude, e lha desejo tamto, como a minha pesoa propia lhe dou esta noua. Beijo as mãos de V.S. De goa, a XXIX de novembro de 546. *(No fundo)* O que beija mãos de V. S. — (em lugar de assignatura por extenso, tem huma especie de sigla)
(Sobrescrito) O gouernador da India, meu senhor — de reixarafo. —

N. 40.°

Senhor — Eu não tenho ja cousa, de que me guabe, pois quis meu pecado que fose tão mofino, que me não achase na groriosa vitoria, que noso senhor deos deu a vosa senhoria, cousa muito pera eu sempre ser triste; e tenho rezão, por me não achar em feyto tão homroso, com o qual vosa senhoria escamdylysou hũs da lamça, e asombrou aos outros, nosos amiguos, e imiguos, segurou o estado delrey noso senhor, e asysegou a imdia toda, e pera muitos anos. Eu aimdaque não fose empesoalmemte no feyto, nem qua nas festas, foy por minha má desposyção, porque aimda estou mui doemte, mas com os prazeres e comtemtamemto crea vosa merce que nimguem me leuou avamtajem.

Noso senhor acresemte a vyda e estado a vosa senhoria por lomguos dias. De guoa a vymte e seis de novembro de 1546 anos « Luis Coutynho »
(Sobrescrito) Ao gouernador meu senhor — de luis coutynho.

N. 41.°

Senhor. Eu, porque ho senhor gouernador, e vosa merce tem feitas tamtas merces, como ao mumdo he notorio, quis amostrar per obras os desejos que tenho de seruir o senhor gouernador e vosa merce. Eu tirey aquy hũa esmola, aquy nesta fortaleza, pera fazer hũa igreja de sam martinho; e postoque ha esmola nam fosse tamta que habomdase pera a casa, eu há minha custa ha acabey, porque me parece muita mais rezam, que pois os casados desta terra fizeram samtiago em memoria da gerra, que haquy teue amtonio da silueira; de muito mayor calidade foy a que ho senhor gouernador fez, e vosa merce, e dina que nesta terra, honde o senhor deos fez tamta merce, fique memoria pera sempre: pola quoal rezam eu fiz esta casa, que hora fiqua feita, e he hũa das fresquas casas, que se fizeram nesta terra, e sobelaporta lhe mandey pôr hũa campam, e no meyo dela posta as armas do senhor gouernador, cercado com hum letereyro que diz « *esta casa se fez em louuor de noso senhor e do bemavemturado sam martinho, porque em seu dia desbaratou o gouernador dom Joam de crastro todo o poder delrrey de cambaya, que tinha cercada esta fortaleza, e no mesmo dia per força darmas lhe tomou a sua muy nobre cidade e ilha de dyo na era de* 1546 » E sobre esta pedra mandey pôr hũa cruz muito fermosa de páo, com dous padroẽs, cada hũ em sua bamda, em riba de cada hũ mandey pôr hum pelouro de bazalisquo dos mouros, o grande, que peza cemto e oito arrates cada hum, peraque saibam os que vierem a esta terra, que ha gente com que o senhor gouernador pelejou, que heram omẽs, que pelejauam com esta artelharia, e de hum dos pelouros

do quoartao mandey fazer hũa pia dagoa bemta, e ho mamdey pôr demtro na irmida em hum piar muito louçam, onde está: e porque nesta irmida eu cayo em escumunham, se aleuamtar altar, beijarei as mãos de uosa merce mandar hum recado ao padre, que ficou em lugar do bispo em guoa pera que dê licença pera se ay dizer misa, porque doutra maneira nam se fará senam com se niso gastar dinheiro, que será melhor pera algũs bornamentos da casa, quoando omẽ puder aver. E postoque vosa merce nesta terra tenha muitos seruidores, eu nam deixarey nunqua de fazer lembrança a uosa merce de como sou seu, peraque se desta terra mamdar algũ serviço, de me fazer tam asynalada merce de se querer pera yso alembrar de mym. O senhor deos acrecemte os dias de uyda ao senhor gouernador e a uosa merce per longos annos. de dio oje des dias do mez de Janeyro de 1548 annos « Amtonio gil »

(*No sobrescrito*) Ao senhor o senhor dom aluaro de crastro capitam mor do mar da Imdia, meu senhor » damtonio gill »

N. 42.°

Carta de elRey de Melinde.

Senhor. quá me derão hũa carta sua na quall me diz, que está prestes pera fazer tudo ho que lhe eu requerer, com a quall muito folguey, asy por por ela saber que ho tinha por amyguo, como foram todos os capitaẽs e governadores dellrey de portugall meu irmão e senhor, pelo quall lho agardeço muito, e tenho em grande amyzade quererme favoreser em me escrever e dar de sy conta.

Quá soube a gramde vytoria que V. S. houvera contra ho soltão do guzarate, a quall me fez mais alegre que todas as cousas; porque sam eu tam amygo delrey de portugall meu senhor e dos seus governadores, e capitaẽs, que houvera em boa ventura achar-

me nesa güera com a mynha jemte e pesoa, ou ao menos achar-me na batalha, que V. S. houve com os guzarates, em sua companhya, pera saber de mỹ os desejos que tenho, e sempre tyve pera o fazer; mas quyz deos que fose esa guera em parte, que eu nam podese compryr meus desejos, nem podese guabarme da honra que V. S. e os seus cavaleyros nela guanharão; somente o que me nỹgem tyra, que he ter parte oalegrya, que he de todos hos amygos, e mais hos como eu tam esperementados e de tantos anos, como V. S. sabe e todos sabemos.

La mamdo leque maquame meu paremte a vegytar V. S., pelo quall lhe peço que me mamde muitas novas de sy e de sua pesoa, porque com elas levarey muito comtentamento: e asy tambem peço a V. S. que lhe faça toda a homra e amyzade que lhe ele requerer, porque he pesoa que tem feyto muito servyço a elrrey de portugall meu irmão, e a mỹ, e he pesoa de muito merecymento.

Novas de mỹ he estar muito prove e desbaratado por causa dos cafres, a que paguo muitas pareas, como V. S. pode saber, e a mynha terra he tão pequena e pobre, que ja nam ha por honde tyrar; pelo quall peço a V. S. que aja por bem de me dar lycemsa a quatro ou cynquo naos de patane, que posão vyr ao meu porto, porque com hos dereitos delas poderey soster a mynha terra, e ysto áde ser quer ahy aja guera, quer pas: e nysto que V. S. fezer receberey merce e amyzade, ou tambem sejão daquy as naos de mynha terra, as quais hyrão a patane e V. S. mande dar quatro cartazes pera elas, pera poderem hyr e vyr, quer ahy aja paz, quer guera, e com todos hos baneanes guzarates que nelas quyserem hyr e vyr, porque com eles terey proveyto, e que nhum capytão seu asy do mar como das fortalezas de dyo e baçaim e chaull nam tenhão de ver com elas.

La mamdo Leque maquame pera que dele sayba as cousas de elrrey de bombaça, acerqua de pemba, as quaes eu nesta nam falo pelo nam emfadar, e asy

todas as que ele falar com V. S. tome-as dele; porque propyamente vay por mỹ e em meu nome como dygo. noso senhor lhe acresemte vyda e estado com muita homra como ele deseja. Deste melỹde a 30 dagosto de 1547 anos. *(Assignatura em arabe)*

N. 43.º

Luis de bragua me deu hũa carta de V. S. em ha qual me tocava ho trabalho e avexaçam que lhe dauam estas orfans, que vynham de portugal, acerqua de lhe achar gazalhados honde estem emparadas e homradas. Certamente eu asy ho symto que vos dão angustia he trabalho, do qual a mỹ me pesa, e asy V. S. me emcomendaua que fallase a algum homem honrado, cidadão desta cidade, que agasalhase aquella que tynha lois de bragua. Ese mesmo dia, que a carta me deram, mandei chamar hum cidadão, e lhe propus diamte tudo aquyllo que eu pude da parte de V. S., e da mynha; e elle se escusou com allgũas rezoẽs que deu: e mamdey chamar outro e lhe propus ho caso ho milhor que pude, e elle muy leuemente a recebeo como seruydor grande de V. S., e que nam sómemte iso, mas que sua fazenda, pesoa, e homra estauam a voso seruyço: chama-se este manuel de faria, que viue na carreira dos cavallos, muito homem de bem, e de muito boa condiçam, riquo, e sobre todo muito vertuoso. Nam aja V. S. doo della, porque está bem agasalhada, e farta: parece-me que lhe deue de mamdar allgũs agradecimentos, e outras pallauras comque elle será consolado.

Este padre que esta lhe dará he gardião dos outros padres, que vem aguora novamente do reyno, os quaes são mamdados por S. A. a esta samta comversão. Vem debayxo da cura e desposiçam do doutor mygell vaaz, vigario gerall destas partes: tâobem ho cardeall infamte, e elrey noso senhor mos emcomemda em as cartas suas, e muito mais perfeytamente será em as de V. S. São elles da provymcia donde me eu criey, que

se chama da piedade, e aos quatro delles lancey eu ho abyto, e ao gardião fiz pregador em a nosa provymcia. A criaçam, homde nos criamos, me obrigou a dar esta lembramça a V. S., tendo por certo que era escusado porque eu sey bem quanto gasalhado, fauores, e todo ho de mais .... que lhe áde fazer V. S.

De ceylão he chegado ho gardião dos frades que lá estam: ho desmancho que acomteceo em candia da parte dos portugueses com ho rey he que ho deixarão soo, e outras cousas mais, que V. S. la saberá. Este rey he ja bautizado: he notorio ja por toda terra, aindaque caladamente: diz este gardião estar lla a materia desposta pera averse de bautizar toda aquella gemte, e ja sabe V. S. quamto fervor he samtidade hay em portugall em esta parte, que nam se falla em all, e o de mais V. S. ho emtemde. E parecer seria, se pudese ser, este anno mamdar allgũs cymcoemta homẽs com hum capitam fiell pera amparo deste rey, e pasado ho inverno, prazendo a noso senhor, enviar ao senhor dom alluaro a fazer esta obra, ho qual seria pera gloria de deos, e muita homra em este mumdo. Se de algũa maneira destas detremyna V. S. de o fazer, peço-lhe muito por amor de Jhu xpo, que eu seja hum dos que ho vam a bautizar, nam como bispo, mas como hum parochyano; e eu buscarey esmolla pera hir a minha custa, excepto a embarcaçam, que quamtos mais forem ha bautizar, mais obra, e mais azynha se acabará, do qual leuarey em grão consollaçam, e lançarey atras velhice, e doemça, e tudo. Isto sam eu obrigado a requerello, e pedillo e fazello: as rezões V. S. as sabe. Isto tudo sob correiçam de V. S. e parecer; e se erro em algũa cousa destas, perdòe-me, porque ho desejo, que tenho, de o seruir, e que suas cousas, asy temporaes, como esprituaes, vam sobre o cume de todas, me deram ousadia pera asy fallar. Quamto ás cousas de mais, espero em noso senhor que me verey com V. S., e então lhas praticarey como seu seruo desenganado. Noso senhor Jhũ xpo alumye a V. S. pera em tudo fazer sua samta vontade por mui-

tos annos, e despois lhe dê a sua gloria. De goa aos vynte e oito dias de dezembro de 516 annos. — Orador de V. S. — o bispo de Goa. —
(Sobrescrito) Ao senhor governador da imdia &c. Do bispo.

N. 44.°

Senhor — Aos trimta de dezembro receby hũa carta de V. S., e com ella outro trellado de outra, do qual receby eu desconsolaçam, por ver e ler tão desarrezoadas cousas, e dizerem-se de relegiosos, que tamto vos deuem, e dizerem-se sem tom e sem som, sendo V. S. tão sem cullpa. Bem sabeis, senhor, que são bocados indianos, e que estaes posto por espelho, e bramquo pera sofrer e gostar. Day, senhor, graças a deos, porque podem ladrar, mas nam vos podem morder; porque vosas vertudes e seruiço nam ho comsintem. Paciencia por amor do criador. De são francisco, ho padre costodio he quem V. S. diz: elle foy a cochim, he ia mais allvoroçado pera tornada a verse com V.S., que nam pera ida a cochim: elle será aquy cedo, he emtam praticaremos ambos estas estorias, e serão reprendidos asy ho noso frade, como o seu.

Do padre frey amtonio piquyno, que está em ceilão, receby huma carta ácerqua da xp̃amdade delrey de candea, a qual veio despois que eu tinha esoutra escripta a V.S., e o trelado, letra por letra, he o que se sege.

Senhor.

Nam esprevy a V.S. atee aguora por tomar a certeza da cristamdade delrey de candea, porque a V. S. cumpre, com esprever, dizer a verdade. Provey e vy ser tudo fallsidade; como se vio fóra da nesecidade, por a qual se fez xpão, e de noyte; logo desymulou com a cristamdade, nem tem fee em deos, nem quer doutryna, nem ver a cruz, nem fazer ho synall della, nem quer que se faça xpão em sua terra, salluo os ca-

tivos, e se algum se faz escondido, vende-o logo. Certefiqueyme delle, porque nam conpria ho que prometera ao senhor governador por suas cartas e asynados. Dise peramte todos, que nam sabia de taes cartas, que nuno aluares as fazia como queria, e lhas fazia asynar, e asy he a verdade de todas quamtas la vão ter, porque eu ho vy asy fazer. Diz que lhe prometeo nuno aluares pobre soldado pratico, que o senhor governador iria pòr a coròa, e seria emperador da ilha; e todos lhe beijarião ho pee, e seriam seus vasallos e trebutarios, e o vyngaria de madune, e lhe tornaria ho dinheiro que lhe leuou per contrato de paz; e que nam vee nada disto, e que terras lhe tomaram os portugueses pera fazer sua terra xp̃am: que quamdo ho senhor governador comprir isto, e isto nam pode ser nem he rezam, nem justiça. Elle me deu licença que lhe viese a buscar trezemtos portugueses pera pelejar com madune, e pera tomarem algumas terras de seus vezinhos, pera o princepe, que he pobre, e que se fará xpão, nam por amor de deos, mas pera tomar o alheo. Elrey faz seus pagodes como damtes: nuno aluares e o frade que o bautizou o tem por tall, e o ciram se ousarem; nem aquy em columbo se faz xp̃amdade, e a que he feyta torna atrás, nem á quem os ajude. Tudo qá he cobiça de dinheiro: os portugueses, que herão comygo, a mostráram bem a elrey de candea, de que elle tomou máo escrupollo. Feita em columbo a XXV dias de novembro de 546.

Escrevo isto a V.S. como ha pryncepe, que ha de saber todo, nam pera esfriallo dos bons propositos; mas pera acendello; porque diz são paullo, que noso senhor avia de comer mell e manteiga, que quiz dizer reprovar ho mal, e emleger ho bem: as boas cousas nam se ham de deixar, que sempre foram contrariadas. Noso senhor alumyará a V. S. acerqua disto ho que deue de fazer, por a samta emtemçam que tem a todallas cousas. Jhu xp̃o seja em sua alma amem. De goa aos XXX dias de dezembro de 546 — Orador de V. S. — O bispo de goa.

(Sobrescrito) Ao senhor gouernador da Imdia &c. do bispo.

N. 45.º

Muito illostrycymo senhor capytam gerall e gouernador da yndya.

Hos mesteres e povo desta mui nobre e lliall cidade de goa damos llouvores a noso senhor que nos deu em tall tempo V. S. por gouernador, e assy lhe damos muitas graças pollas boas novas e sosedeo da sua ida, e nos escreueo: temos e cremos por verdade que o seu justo e honesto vyuer de muitas llouvadas vyrtudes tem tanta parte ante ho senhor deos, que por seus merytos será sempre vensedor de seus imigos da nosa santa ffé catollica, e asy vemos por esperyencya, que seu grande esforço e cavallarya, é ajudado dajudas deuynaes, e sempre será vensedor, e a indya he regánhada por vosa S., e llyure de tantas affrontas, como tynhamos todos hos pouos da indya, pello qall com rezom lhe ficará perpetua memorea, e nome propyo de defensor da indya, e nosos imigos costrangydos per força darmas e estarem pollas lleys da pas que nosa S. lhes dará: esperamos em deos que sempre seja de bem em milhor. E qanto, senhor, aos tam notavès feytos, que este ano V. S. fez, do uycymento dellrey de cambaya, e destroysom de grandes cidades de nosos imigos, nós o escreuemos a ellrey noso senhor, e á raynha, e ynfante dom llois nosos senhores, e afincadamente lhes pydymos que destes tam grandes e notavès feytos acomtecidos com tanta honra do seu reall estado deue com rezom mandar fazer em seu reyno festas dobradas, e no espyrytuall com sollenes prycisões, e outras festas de llouvor, porque os feytos som taes que pasom em grandeza a muitos dos pasados e tem myrycimento de muito llouvor. Em esta cidade se fizerom em llouvor de deos muitas pricições de dia e de noyte com sollenes sacrefycios pera allcansar de noso senhor as graças e vytoreas que lhe da e asy pera que ho garde de todo mall: e de presente lhe pydymos

por amor do senhor deos, e a nós fazer muita merce, que nam arysque sua pesoa em outros trabalhos porque ho que he feyto por elle som feytos de grande vantagem e de mui notavès cavallaryas e grande costancya, e autos vyrtuosos, cujos llouvores seram pera contar dos presentes he vyndouros, e memorea pera sempre. Praza o Senhor deos que prospere a uosa S. com grande estado e saude e do senhor dom alluaro seu filho. Dos mesteres da cidade de goa oje XV de novembro de mill quinhentos e corenta e sete anos. » martym gomes » diogo gonsalves » Joam martins » *(Sobrescrito)* Ao senhor gouernador — dos mesteres de goa.

N. 46.°

Muyto eycelente senhor.

Muyto craro he a todos por as obras que vemos de V. S. que o seu ponto he pôr o risco por cyma dos pasados, e qe estes sam seus fundamentos, avante pasalos, he precedelos, de que aos por vyr, que o quysesem ymytar, se segyra muito trabalho. Suas obras, he gramdes he belycosos feytos, depois qe he nesta terra, em qe vemos, qe aventura e arrisca sua eycelente pesoa, dam diso testemunho; por ho qal lhe dizemos qe esta cydade, por ho amor que lhe tem, por as onrras em qe a poem, e deseja acrecentar, estaua sospensa esperamdo novas de V. S., e em mentes as nom teue, hũs e os outros parnosticamdo em seu fauor bos acontecymentos, mas nam tamanhos, nem tam fauoraveys, como os tem de seu nacimento, e lhos o senhor deos deu, porque lhe damos muitos louvores: e que seja verdade do coraçam forte e jeneroso sayrem as obras fortes e jenerosas, todavya lenbramos a V. S., por os cargos que temos, e por seus servidores, que ao diante nom queyra mais pasar o lymyte da rezam, e se ysto nom abastar, da parte de deos, e delrrey noso senhor, e da sua, reqeremos que o queyra compryr.

Qarta feira pela manham dezaseys de novembro com as boas novas de V. S. nos fómos á see, onde foram juntas as cruzes das fregesyas: em percysam saymos dar louuores a deos na casa de nosa senhora da sera, he á mysericordia, e nos recolhemos por a rua direita, e todos ou os mais, depoys da obra de deos acabada, nos fomos á camara abryr e ler a carta de V. S. qe na sé nos foy dada, e depois douvida, em companhya do capitam qe presente era, se sayram os cydadaos festejar as novas de tamanha merce, como de deos por meo de vosa S., que as cava, recebemos: e nós ficamos na mesa ordenando outra precysam solene, qe ao outro dia pela menham fizemos, com muito contentamento de todos: as ruas alegres e vestidas: os baixos feytos ortas demxabregas: átarde touros e canas ao som dos estromentos que na terra ha: asy que os dias foram de contentamento he prazer.

Ja escreuemos a V. S. o que fizemos quando veo artelharya de baroche dia do bemaventurado sam martinho pela menham com hũa precysam lhe fomos pôr hum retavolo, qe mandamos fazer da sua invocaçam, no mesmo muro da vytorea num lugar que pera yso se fez: pero godinho, he antonio fernandes ho levaram nas mãos.

Sem embargo de nom consentirmos, ho que em nós foy, sair nenhum mantimento desta cydade, nos escaseou de maneira que estiuemos dias sem comer pam. Nos navios dormuz acodyo algum pouco trygo: valeo ho candil doze pardaos, e tres camdis desta terra fazem hum moyo do reyno, que por esta conta val tryntae seys pardaos, e por ha das padeiras muito mais, e trygo que funde tam mal, qe dum candil toma pouco mais de meo, he o pam de dous lς hũa noz. O arroz valeo; que vieram hũas champanas de charamandel carregadas dele, qe sopryram muito. Joam da costa, por ho cargo que teue, he qem hé, dará V. S. conta do que ca pasou. Leva ho trelado da doaçam dos mantimentos francos, que em parte se nom garda: muita merce fará V. S. a este povo, mandar que se

cumpra como se contêm, sem lhe darem tam prejudicyais entendimentos, tam contrayros ao seruiço de deos e bem desta cydade. Ãpõ noso senhor por muitos anos alonge a vida de V. S. e acrecente seu estado, e dê sempre vitorea dos reys desta terra amem: escryta na camara de goa aos dezoyto de novembro, e sobscrypta por mȳ luis tremesão escrivão dela, era de mil quinhentos quarenta e sete anos » . . . . . . » Jo. da costa » manoell . . . . . » antonio gonsalves » martim gomes » Jo. de figueiredo » Jo. martins »
(*Sobrescrito*) Ao senhor governador — da cydade de goa »

N. 47.°

Yllustre, e muito manifico senhor.

Despois desta confraria ter escrito a V. S. hũa, que ho padre custodeo leua em comprimento de o encomemdar ao provedor da casa, que lhe escreuese; chegou a esta cydade a noua da vitorea que lhe noso senhor deu delrrey de cambayya, de que todos demos muitas graças e llouuores a noso senhor polla presemte, e pasadas, e outras muytas, que esperamos nelle todo poderoso senhor, que lhe dará. E crea que allem da parte que nos a todos os que nestas partes viuemos cabe de suas vitoreas, pello que toca a sua manyfica pesoa lleuamos muito comtemtamento e desejamos todos em gerall, e cada hum em especiall, ver tudo feyto e acabado por sua manyfica pesoa, com muita avemtagem de seus amtepasados no cargo, e pois noso senhor atégora tem mostrado avello asy por bem em seu santo seruiço, prazerá a elle que todallas mais cousas que começar, irão de bem pera melhor, e as começadas averão ho fim por V. S. desejado.

Darlhe rezão do espritall, averá nelle coremta doemtes, dos quaes se tem aquelle cuydado que sempre teue, e agora com muita avemtagem, pella ajuda e fauor que de V. S. temos, que são os propeos allimentos,

que nos ão de esforçar, e vermos a vomtade que V.S. tem peraque este seruiço de noso senhor va de bem pera mylhor, ao quall pedimos que por muitos anos ho acrecemte em vida e estado, pera que sempre faça obras de seu samto seruiço e llouuor, pera que seja participamte da sua gllorea: feyta em cabido por mỹ pero gonsalues escriuão da casa: de goa oje XVI dias de nouembro de 547 " Rui dias " manoell fidallguo " pero gomes " pero garcia " amtonio lopez " amtonio fernandes " antonio rodrigues " simão fernandes " Jacome dias "
(*Sobrescrito*) Ao senhor governador " do provedor e irmãos da misericordia de goa "

N. 48.°

Senhor — Pella verdade que devo, e na que vyvo, quamto a crystão, certefyco a v. s. que a noyte de terça feira, que forão XV de novembro, amtre as nove e as dés da noyte, que os sinos desta see, e freguesyas e fortaleza notefycarão as boas novas, e chegada de saluador fernandez com as cartas de vosa senhorya; de sobejo prazer e comtemtamemto, com esta verdade sêqua damor e obrygação que a vosa senhorya tenho, e devo, fuy emvergonhado de mym mesmo, pellas lagrymas que com prazer e emtranhavel amor me vyerao aos olhos, per muitas rezões: scilicet — lembramdo-me ho bem gerall, que os moradores que nesta peregryna terra resedimos, recebemos pelo asoseguo presente, e muyto mayor ao futuro se espera, pelos bõs socesos e tamanhas mercês, que nos noso senhor faz, per braço, e vertude, e merycymentos de vosa senhorya; e o conhecymento dos imyguos, que vêm e confesão, que esta terra e povo tem defemsor vertuoso de nosas vydas, casas, e fazemdas. A outra rezão he a obra e zelo que vejo a vosa senhorya ter no servyço de deos, e delrey noso senhor com tão emteyro anymo, e lembramça de sua obrygação; pela quall temção noso senhor o ajuda em tudo. A outra he pe-

los esperytos ocupados, que todos tynhamos, esperamdo a boa ora com taes e melhoradas novas, todos promtos em sua vyagem, com ás vezes sermos comvydados desta vmana fraqueza e arrecêos, pelo imteresse que a todos toqua; não descomfyamdo nas merces, que nos noso senhor faz per vosa senhorya, porque nesta eramos muy certos, e comfyados; mas comtudo nâo se pode negar, ás vezes esperar arreceando nouydades, que ás vezes pelos pecados do povo se permytem; porque nos taes arrecêos vyve quem espera, imdo-lhe muyto: mas não que nos deserdase a comfyamça, que acyma dyguo. A outra rezâo, senhor, he a lembramça das mercês, que vosa senhorya de noso senhor recebe, pelas vytorias, e boa amdamça sua, pelo quall os imygos de corações vemcydos lhe nâo osão ver a magestade, com a esperiemcya de suas obras que eles mesmo vêm pelo olho. De que tudo, senhor, por me chamar feytura de vosa senhorya, são tão ledo, e comtemte, que ysto me faz tomar esta lycemça a escrever a vosa senhorya, sem mo ele mamdar, e da desobydyemcya peço a vosa senhorya perdão, e a culpa torne ao amor, e partecypação que de seus beês e comtemtamemtes, por ser seu, tenho. As novas que de mĩ dou a vosa senhorya são á feytura desta bautizar hũa filha que me noso senhor deu, e por ser molher, a não arreceey, porque ja lhe tenho o casamemto, que he o morgado e palmar, de que me vosa senhorya fez mercê em bardês; aimdaque faço queyxume a vosa senhorya de hum bramene morador em barcês, per nome luqu sycay, fylho de crysna, tanadar de pyrna, cujo o mesmo palmar da mercê he, me traz em demamda comtra a provysão de vosa senhorya, amte o juyz dos feytos delrey, com me citarem, e dyzer que ho palmar he seu, e nâo do paay, e yr comtra a ola dos gamcares, que me derão do mesmo tombo da gamcarya da aldea de nagoa, omde ho palmar está; e me traz neste trabalho, e dele tenho emformação per dadagy, que he hum demamdão, e que ao mesmo pay trazya em demamda sobre este palmar, e outra muita fazemda que

ho paay tem em bardês, de palmares, e marynhas e terras darrôz, que querya dele erdar em vyda: e porque ho pay, por estar ausente na terra do idalcão, mamdava por ele comprar algũas fazemdas, e se fazyão as escreturas e olas em nome do filho luqu synay trouxe ho paay em demamda, dyzemdo, que erão suas, poys os titolos estavão em seu nome. Asy que comto em queyxarme a vosa senhorya ho em que me traz este oramene comtra a mercê e carta de vosa senhorya, e ola dos gamcares. Vosa senhorya vyrá com vyda e saude, e lhe dará o castiguo, como merece a tall ousadya: e allgũa fazemda, que lhe mygell rodriguez capytão de bardêz deyxou, de palmares, e marynhas fará merce dela a quem seu servyço for. Noso senhor prospere a vyda, e estado de vosa senhorya, pera lomgos anos. Desta cydade de Goa aos XVI de novembro de 1547 » feytura de vosa senhorya, que suas mãos beyjo — Joam rodriguez paaz.
(Sobrescrito) Pera ho guovernador — meu senhor.

N. 49.°

Senhor — Pelas cartas, que V. S. espreueo a esta terra, soube das vitoreas dinas de prepetua memoria, que o senhor deus lhe deu contra elrei de cambaia, que nom pode ser mor cousa, que pelejar V. S. com ele em campo, com tão pouca jente, e o desbaratar de maneira, que nom se atreueo a resistir á furia, com que V. S. o cometeo, senão com as armas dos vencidos, que são fugir, e alargar o campo: e certo que tamanhas cousas e tão nouas nesta terra nom as dá o senhor deos, senão a quem por seu seruiço alarga toda cobiça e sensualidade, com que outros tanto se abraçarão: porêm os que isto quizerão leuarão dinheiro, com que no reino tinerão trabalhos; V. S. leuará homra e merecimentos pera deus, e sua A. lhe fazerem muita mercê, e quá deixará fama *cujus non erit finis.* E premitirá noso senhor que dará V. S. a se saber em toda a cristamdade que tres mil purtugueses, temdo

tal capitão, poderão emtrar por toda cambaia; que inda eu nom li nos feitos do magno alexamdre, que com tão pouca jente desbaratasse tamanho rei, e tão poderoso, como he elrei de cambaia: e bem mostra V. S. aos prigiçosos e amigos de luxurioso reposo, que inda agora ha cousas de que espreuer, se as eles quisesem buscar; porém cada hum acha o que busca, e V. S. acha vitoreas, comque deus e elrey sao seruidos; e outros, dinheiros, comque perdem o gosto da vida neste mumdo, e no outro alma pera sempre.

Nom deixo de sentir, que espreueo V. S. estas novas a homeens, que não são mais seus seruidores do que o eu sou e ei de ser em quanto viuer, e de mĩ nom se lembrou; porque este queixume nom ei eu de fazer a ninguem senão a ele, que sei que conhecerá minhas fraquezas, e as remedeará com sua clemencia, porque nunqua ouue animo forte pera soberbos enemigos, que nom fose afabel e brando pera os suditos. Noso senhor traga V. S. a esta terra com muita saude, que no mais nom ha que pôr taxa, pois nom sabemos ate omde V. S. quer pôr a bandeira real. De goa, o dia das tão boas nouas e desaseis de nouembro de 1547 » O lecemciado Jeronimo rũiz »
(Sobrescrito) Ao governador meu senhor.— Do lecemciado Jeronimo rũiz.

N. 50.º

Senhor. Muito mais folgára de pagar a V. S. quam boas novas nos manda cada dia com lhe mandar de qua algũas boas destes mouros do balagate, he nam requerimentos, huns em contrairo dos outros. Eu polo regimento, que me V. S. deixou, provi as tranqueiras de todo o necessario; he por me V. S. mamdar, que se os mouros entrasem nas terras de salsete, que então me fose á camara, he com hos veadores da fazenda, he vereadores, precuradores do povo, he cidadõis omrrados tomase aquordo, he com os seos pareceres fizese o que compria ao seruiço delrrey e ao regimento que

V. S. me deixou; ho qual eu fiz asi por ter por novas dalvaro de caminha he cartas suas, que laa mamdo a V. S., como os mouros estavão junto do pagode de margão, que he no meo das terras, as quais cartas he novas lhes mostrei he lhes dise que eles me desem seos pareceres, se devia dir botar estes mouros fora, que polas cartas sabião a jente que era; he pelos mais deles me foi dito, he asi pelo veador da fazenda, que era presente, que devia dir laa botalos fora, mas que era necesario tomar alguas espias he saber ha nova mais certa, e com ela sabida, que concordava hũa com outra, que então fosemos em nome de deos: ho qual eu puz logo per obra, que mandei per eses pasos, he pelo rrio catures, em que hia payo rodrigues, he cristovão douria, em outro: he do paso dagacim me vierão duas espias que os filhos do tanadar tomarão, que dizem ho mesmo que alvaro de caminha diz nas suas cartas, que laa mamdo a V. S. que hos catures não são inda vindos; he dizendo-lhes o que dizião as espias, he acabada a pricisão, lhes dise que me vinha pera casa pera me fazer prestes pera ir dormir a agacim, he logo mamdei lamçar pregão que todo o soldado viese tomar polvora he chumbo, he se viese pera dom pedro dalmeida que era capitão da yfantaria, ao qual pregão nam acodio nimgem, nem lasquarim, nem casado; he eu estava em minha casa dando cavalos a homẽs que os nam tinhão, hos quais tomava sobre minha fazenda: he estando nisto me entrou pela porta hos juizes, he precuradores da cidade, com hum requerimento dos vereadores, he todos os que nele mais sam asinados, he asi estava no presente o veador da fazenda, de que nam digo nada porque V. S. o saberá, he me fizerão hum rrequerimento da parte de deos, he delrrei, he de V. S., que nam pasase á terra firme como o dia dantes tinha asentado, he as rezõis que pera iso davão, V. S. as verá laa pelo requerimento, he se nam achar Johão da costa asinado, foi por lhe morrer hũa filha, mas está pera asinar logo, por que todos vierão á camara com pregão que a cidade mandou lançar com pena de cim-

quoenta pardaos, he nela ouve muitas deferenças, he pode V. S. crer que numqa se vio tam pouqa vontade em jente de gerra, como nesta que fiqou em goa, tiramdo algũs fidalgos he cavaleiros, hos quais herão tam pouqos que se nam podem nomear: asi que he o que qua pasa: quanto ás tranqueiras elas estão bem providas, he eu as proverei he visitarei cadadia: de laa devia V. S. de mamdar algũs quatures pera lhe fazerem a gerra per estes rrios, he se a V. S. parecer bem mandar o senhor dom alvaro com alguns quinhentos ou seis centos homẽs peraque entre pelo rrio do sal, he a mim mandarme pera entrar pelo paso dagacim; he crea V. S. que lhe daremos muito bom qoqe: nisto nam falo porque V. S. determinará ho que for mais seruiço delrrei, he seu: he eu estando tomando o primeiro acordo sobre ir a terra firme, como acima digo, me pedirão, he me requererão que lhes amostrase o rregimento que me V. S. deixara: eu o fiz porque fui mui apertado pera iso, porque doutra maneira não ho ouvera de fazer: asi que V. S. determine agora de laa o que quer que se faça porque eu estou mui prestes com minha pesoa he fazenda pera servir elrrei, he V. S. no que me mandar, he pesa-me porque vou sendo muito mofino com estas terras firmes, mas parece-me que tudo noso senhor goarda pera V. S., ao qual noso senhor goarde he acrecente vida he estado; de goa a XXV de novembro de 47. » Seruydor de Vosa S. dom diogo dalmeida »

(No sobrescrito) Aa o senhor governador meu senhor » de dom diogo dalmeida.

N. 51.º

Senhor — Estes negros de pondá não hestão satisfeitos com ho castigo que lhe vosa senhoria foi dar; e parece-me que armão cousas com que os castigue melhor. Tanto que se vosa senhoria partio, por se fazerem valemtes a quem hos mamdou, sempre estiverão reinamdo esta malicia, que hagora cometerão, e

averá tres dias que pasarão a salsete, e estão defronte do pagode de margão, com suas temdas asentadas, e não fazem mais mal na terra, e asy dizem que são pasados outros comtra as terras de bardês. O capitão mamdou chamar a camara, os honrados desta cidade, e outros, entre os quaes eu fui, e aly pareceo bem a todos que fosemos lá, e os deitasemos fora; e fazendose prestes ho capitão, e eu com ele, pera pasarmos, oje, dia de santa caterina, á tarde, na procisão foi ho murmurar tamto dalgũs, de lhe parecer mal nosa ida, que fezerão outra vez fazer camara, onde eu não fui, e os que lá forão asentarão de fazer hum requerimento ao capitão, que não fose sem recado de vosa senhoria. Asy que hos mouros fiquam nas terras, e nós em nosas casas, até vermos recado de vosa senhoria: e meu parecer he que vosa senhoria ordene de começar de castigar de lá, destroindo todos seus rios, e asy mandarnos que façamos nós de qua houtro tanto: e pois eu fui tam mofino, que me nom pude la achar com vosa senhoria, neses feitos, estou muy prestes pera fazer qua tudo o que me vosa senhoria mamdar por seruiço delrey e seu . . . . . mais a vosa senhoria, cuja vida e estado noso senhor acrecemte por muitos anos. Oje XXIIII de novembro » a seruiço de vosa senhoria — Jorge *cabrall?*

N. 52.º

Senhor — homtem bespora de sam*ta* caterina escreveo aluaro de caminha ao capitaão desta cidade, como herãao emtrados os negros em salsete, e que tinhãao asemtado no campo de margãao dezasete temdas, quimze bramcas, e hũa vermelha, e que elle com doze portugueses e alguũs piães da terra fora saber quamta gemte hera, e que por seu olho vira que serião duzemtos de cavallo, e obra de mill piães, e os vio de tall maneira que quiz trauar em huũa pomta delles escaramuça, e lhe matou dous ou tres de caual-

lo, e algũus de pée, e lhe trouxe toucas e lamças, e alguũas cousas outras de despojo, escreuendo ao capitão que prouese como lhe milhor paresese; pella quall rezãao o capitão nos mandou chamar a camara, aos vereadores, e os da gouernança, e ao viador da fazemda, e aly se praticou o que aluaro de caminha escreuia e se leo sua carta, e se tomou parecer de todos se pasaria o capitão llaa; e posteque ouuese pareceres diferemtes, e alguũs que não devia de hir, todavia foraão mais vozes que pasase loguo, e os fose deitar fora, com primeiro mandar espias, e se tornar afirmar da gemte que era, e feyto auto disto, em que todos asynamos, e pregões lamçados que se fizesem prestes, pera loguo pasarem, oje dia de samta caterina tornou a respomder aluaro de caminha que a gemte nãao era mais da que tinha escrito, e que niso se afirmaua, e que emtemdia nelles que estauão tação fracos, que nação avião desperar, como soubesem, que abalaua de quaa a nosa gemte. E o capitaão, estando prestes, com ter toda a gemte requerida, e buscado cauallos pera algũs que os nãao tinhão, com se obrigar a pagar os que llaa perigasem, ou matasem; tornou á camara com parecer do lecemceado manuell mergulhão, que se nãao deuia fazer nada té primeiro o fazerem saber a vossa senhoria, e fizerãao hum requerimemto ao capitão, que nãao fose, em que asynarãao esses que se acharãao acabado a precisaão: pelloque o capitão deixou de hir, e todos escreuem agora a V. S., e porque pode ser que de hũa parte ou doutra se estemdão na emformação em mais do que pasou, o escreuo a V. S. e lhe certefiquo que asy pasa isto pomtuallmente, e a mim me pesa de elles o remeterem a V. S. que bem lhe abasta seus trabalhos, e o negocio parece que estaua quaa de feyção com que os negros se poderãao bem deitar fora: mais o capitão sospemdese niso pello requerimento da camara, que a sua vomtade boa era de pasar. He agora necesario que V. S. proveja nisto, pois tudo lhe querem lamçar ás costas. Noso senhor acrecente a vida e estado de V. S., como deseja. De Goa dia de santa cate-

rina de quinhentos e quaremta e sete anos. » Francisco toscanno »
(Sobrescrito) Para o senhor governador.

N. 53.º

Senhor — Oje que são vymte symquo de novembro chegou dom Jo. mascarenhas a esta cydade, e receby hũa carta de uosa s. que porey á comta com as outras muitas e gramdes mercês, que me tem feitas, pelas quais lhe noso senhor acresemte por muitos anos seus dias de vida e estado.

Os panos de pomda ambos tenho acabados, e dom Jo. mascarenhas hos leuará, he hũa vya será sua, e outra dará ao viador da fazenda, paraque mamde em outra náo por outra vya. Não nos gabo a V. S. porque são parte. Dom bernaldo e o padre costodio vyrão ja hum acabado amtes que daquy partisem: eles o poderão dizer como testemunhas de uista, e uosa S. o poderá julguar pelo que . . . feito, quando embora V. S. vyer.

Nouas de qua não espreuo a V. S. porque as que me fora lycyto espreuer são as da obrygação de meu cargo, em que a prezemte não ha que dizer; porque armas e fazenda numqua forão boas amygas. Estamdo com o allforje feito pera salsete, se mudou o conselho da ida por requyrymento dos vereadores e dos que nele asynarão, que vosa S. la uerá, e não achará a mȳ, de que me nada peza; porque não fuy, nem são de tall pareser. Dizem os butyquairos que com receita de mestres se emxaroparão estes dous dias muytos omẽs. Noso senhor acresemte por muitos anos os dias de vida e estado ha vosa S., a que beijo muitas vezes as mãos. De guoa oje XXV de novembro de 547 » Seruidor e feytura de v. s. — Amtonio fernamdes —
(Sobrescrito) Ao senhor governador meu senhor —

N. 54.º

Senhor — Per Francisco dallmeyda espreuy ha vosa S. como cide hamede vyera fallar comyguo, e trouxera hum formão dellrey, em que dizya que avya por bem, que se fallase nas pazes, e que pera iso mamdarya hũa pesoa aseyta ha elle ha huna, pera se comsertarem has pazes, e que lhe lleuase hum espryto meu pera lloguo ho mamdar. Aguora me tornou cyde hamede com reposta, que ellrey lhe espreuera que dom gironemo capitão de baçaym espreuera ao bramalluquo, que tynha poderes de vosa S. pera fallar na paz; que lhe tinha respomdido; e que tamto que lhe vyese recado, lhe mamdarya dizer ho que avya de fazer. Foy gramde dita emcarreguarse dom gironemo deste neguoceo; porque allem de ho elle tambem saber neguocear, he muyto mays perto caminho de cambaya ha baçaym, que ha dio. Como isto soube llevey mão de fallar mays neste neguoceo, por não danar, e parecer que desejamos tamto esta paz: e porque me temy de ser este seu recado dillação pera poderem ter tempo de mamdarem allgũas naos, mamdey dous catures ha mamguallor, por ter nova, que llamçauão duas naos ao mar, e que veyo hy ter dormuz duas terradas carreguadas demxofre. Esta fortalleza tem necesydade de navyos; porque estes, que mamdey, estavão nesta couraça feytos em pedaços, que custou bem de trabalho comsertaremse.

Dom manoell de llyma houve-se tão mall com hum navyo, que lla mamdey, e fez tam más fidallguias nos meus he em mynha fazemda, que não housarey de mamdar lla buscar mamtymemtos de que tenho nesesydade pera esta fortalleza sem huma fortycema prouysão de vosa S., ha quall me vosa S. fará merce de ma mamdar por que me he nesesareo mamdar ha ormuz ha tempo que me posa qua vyr emvernar. Noso senhor acresemte vyda e estado de vosa S. por muytos dias. Desta fortalleza de dio aos quymze dias de janeiro de 548 „ luis falcam „

(Sobrescrito) Pera ho senhor gouernador — meu senhor.

N. 55.º

Senhor — luys falcão me deu hũa carta de vosa merce, e quamto a me ter em comta de seu servydor, eu lho mereço, porque verdadeiramente que ho são dall ma, e do coração, e prazerá a noso senhor, que me dará tempo pera ysto poder mostrar em lhe fazer muitos seruyços. Novas desta terra são estar cyde mamede aymda em vna: ele mespreveo que vyria cedo a esta fortaleza: tão bem mispreveo mya-ycufo-xaa, que he o tenadar, que está na quimta, que hera chegado chapa dellrey a ele pera poder falar nas pazes, e nam cyde mamede; mas eles nam são muito amyguos, pode ser que seja emveja de o ver amdar metido neste negocyo. As mays novas são a quimze de Janeiro sayr ellrey da cydade de cãobaya e ficar ao presemte nũa cydade que se chama memadavade, que são seis legoas ha madavade. Em cãobaya fyzerão-se algũas sete ou oyto fustas novas, e renovarão nam sey quoamtas velhas do tempo de soltão bador. Estas novas me deu hum mouro que veo da quimta de melyque a trazerme a carta do ycufo-xá, a quem eu dey dous pares de vezes de vynho e comtoume estas novas. O ycufo-xá mespreueo que querya mamdar hum omem homrado a fallar com o capytão, a quem no eu dixe, e mamdoulhe hum seguro pera poder vyr a gogolla, e eu yr hahy fallar com ele: asyque estas são as novas; mas as com que mais qua todos folgamos, foy com o senhor gouernador serteficar sua vymda a esta terra, homde prazerá a noso senhor que amtes de se yr dela fará as pazes á sua vomtade. Beijo as mãos de vosa merce. De dio ao derradeiro de janeiro de 548 » muito serto seruidor de vosa merce — Amtonio memdes de crasto » *(Sobrescrito)* Ao muito manyfico senhor dom aluaro de crasto, capytão mor do mar da ymdia &c. meu senhor.

N. 56.°

Senhor. Pareceome bem mamdar amtonio memdez com recado a V.S. do que pasou com modoretequam; e porque de tudo o que com ele pasou dará meuda conta a V.S., nam direy neste capitulo mais.

Com toda a cortesia he acatamento que deuo, confiamdo em quam leal seruidor e amiguo temdes em mym ousey de fazer esta lembramça a V.S., ainda que pera yso nam tiuese seu poder; mas, como diguo, na confiamça de ser mais voso seruidor, que de nenhum outro gouernador que fose em meu tempo, me salua da pena, se esta confiança se pode chamar erro.

Primeiramente alembro a V.S. que soo os vemcedores podem fazelapaz, como quiserem; e que V. S. tem avido em seu tempo has mores vitorias, que nestas partes temos vistas, despoys que sam descubertas, e se dixer que muito mayores das que ouve roma, despois que ha romullo fundou, não erraria; como cousa ouve no mundo, como apresentar batalha a elrrey do guzarate nos canpos de baroche, e matarlhe dous capitaes, e fazelo fogir, sem ousar de pelejar com V.S. com vimte soldados, que com mays se nam achou na dianteira, pois por menos vitoria se deue dauer desbaratar cymquo capitaes de Idalcão com vimte e cymquo de cavallo, digo que o ey por muito mayor feito, e mais glorioso vemcimento que o delrrey dom affonso amrriquez no campo dorique: deixo descerquar dio com morte de tamtas ymfinidades de gentes, e outras mui grandes vitorias, que vos noso senhor cadadia daa dos imigos da sua santa fee: tudo isto trago á memoria a V. S., peraque lhe alembre, que nam tem mais que fazer, pera o S. A. fazer duque, ou marquez de colares, que paz ao presemte; e aquy hacabo o primeyro pomto.

Em segundo lembro a V. S. que ha mercê que nos deos fez em nos dar adem que foy muy grande, e muito pera lha agardecermos, porque elle que nolla

deu, nos dará poder pera a defendermos: mas V. S. tenha por muy certo, que se nos ordenou hũa muy trabalhosa contenda, porque ho turquo alhe de ser muy nojosa ha nova da tomada dadem, e nessa mesma ora áde prover no estreyto per causa de mequa e de sua romagem porque hos romeiros nam amde housar de navegar com temor das nosas armadas, ainda que em adem nam aja mais que hũa so fortaleza: asy que he de crer que daquy nacerá contenda trabalhosa: ora nós nom somos tamtos pera nos repartirmos em tamtas partes, nem os rreis nosos vezinhos nam tem recebido de nós tam bõas hobras, que esperemos deles ajuda em nosos trabalhos; per onde parece ser ao presente necesaria a paz, e concemtir V. S. nella, posto que nam seja com as avantages, que hos purtugeses desejaram, mas ao tempo e ala sazam se conforme, diz o rrifam. Deste atreuimemto que tomey seja perdoado pois tudo o que dixer e fizer he a fim de servir V. S. a quem noso senhor acresente por muitos dias a vida e estado. De dio, oje terça feira XXVII de feuereiro de 548 » Luis falcam »
(Sobrescrito) Ao senhor gouernador: meu senhor.

N. 57.º

Senhor — Amtonio memdes de crasto foy ha Vnaa: pasarão ele, e motaremocão muytas palavras que são escusadas dizer a vosa S. fynallmente que lhe nam póde arrymcar mays dos bofes, que ha paz do vysorey, nem tem poder dellrey pera mais. Meu parecer hera que Vosa S. me deve de dar lycemça pera mamdar amtonio memdez e cyde amede, porque per algũas mostras que amtonio memdes vyo nestes mouros, parece que se fará a paz de muita aventage, do que se aquy fará com estes cães; e a omra deste negocio deve destar no proveyto. Ellrey de cãobaya he gram senhor, e muy cheo de vaydade, e com lheu espreuer que não quero fazer a paz com os seus capytães, senam com sua A., porque se neste negocyo lhe fyzer algum servyço, a

ele quero que seja feyto; parece-me, que será camynho pera se este negocyo fazer mylhor. Se o vosa S. ouver asy por bem, he necesaryo levar amtonio memdes algũ presente, que deve de ser hum par de cavalos, e se nese baçaym os nam ouver, eu os tenho muito bõos. Ho motaremocão estava ja pera se partyr quamdo amtonio memdes chegou, e aguora ao despedir-se dele lhe pydio que ha reposta lhe mandase loguo, porque com ela se havya loguo de partyr. Vosa S. me deve de mamdar, o mays cedo que puder, reposta, porque a que lhe eu ouver de mamdar será com tamtos vagares, como hos eles tem em todas suas cousas.

A rezão porque aquy diguo que va cyde amede em companhya damtonio memdes he por ser testemunha de não querer fazer a paz com motaremocão, e mamdarmolos ambos louvar em sua A., pera que ele dê a sentença neste negocyo, e cyde amede como pera teyra he o que deseja este camynho, porque sabe de nos ha que nam poderemos fazer a paz senam com a pesoa dellrey e a mӯ asy mo parece pelo que tenho conhecydo de mouros e de suas vaydades: mas como vosa S. emtemde todas estas cousas mylhor que nynguem, não ha mays que neste negocyo lhesprever. Noso senhor acrecemte a vyda e estado de vosa S. por muitos anos. De dio a seis de março de 548 „ Luis falcam „

(Sobrescrito) Ao senhor guovernador — meu senhor.

N. 58.º

Senhor — Se deixei desprever a vosa S. todas as palavras, que pasey em vnaa com motaremocão, foy por me parecer cousa justa deixalo a luys falcam, pera o ele esprever a vosa s., mas se o deixou de fazer seria por saber que vosa s. estaua doente, e não no quererya emfadar com tamtas palavras como mouros dizem: mas comtudo peço perdão a vosa s. de lhe nam esprever o que com eles pasey, porque verdadeiramente que me pareceo que nam fazya nysto erro, e a mer-

ce que quero de vosa s. he que me perdoe este, com portestação de nunca cayr em outro desta calydade.

O que pasey depoys de vyr de baçaym foi chegamdo a esta fortaleza esprever hũa carta ao motaremocão em como eu era chegado de baçaym, e que achara aquy hũa carta de cyde mamede, que viera depoys deu ser partydo, em que mespreuya, que lhe mandase a reposta do que luys falcam dizya, e que sua merce que estava pera se yr, pelo quoall o queria yr ver amtes que se peratyse: e loguo ao outro dia me mamdou hũa chapa sua pera poder yr seguro, eu e os que comyguo fosem. E com este seguro fuy sem ficar nesta fortaleza mays premda, nem pareceo necesaryo, por m'ele da outra vez ter dito, que sem refeẽs, nem seguro podia yr eu e os que comyguo fosem, seguramente, asy a vnaa, como hamadavade, se compryse, porque este hera o custume dellrey de cãobaya, que estamdo tâo mall hele, e o moguor, como estyverão, e temdolhe tomado ho reyno, hyão e vynhão recados dũa parte, e doutra sem nunca se fazer nojo aos que nysto amdavão.

Depois de chegar ha vnaa me dixe o motaremocão, que tardara muitos dias, e que ja estaua com as temdas fora do lugar pera se yr, quamdo a mynha carta lhe chegáraa, e o que eu soube era ter mamdado recado a ellrey do que pasara comyguo, e esperar per reposta, e nam lhe ser ymda vymdo; e a causa de tardar tamto he por ellrey estar muito anojado de se lhe yr hum capytão per nome hetenyde-cão, que hera muito seu privado, e muito ascyto a ele, dizem que se foy pera os patanes, e elrey o tem mamdado buscar per muitas partes pera o desagravar, e o seu agravo dizem que foy sobre ellrey lhe tomar huns lugares que lhe tinha dados: asy que com esta vollta não he vymda a reposta ao motaremocão, nem se yrá de vnaa ate lhe nam vyr; e ysto soube dos seus propyos paremtes e cryados.

Pregumtou-me o motaremocão que poys fôra a baçaym, que lhe dixese se estaua vosa S. achegado a re-

zão, e que era o que dizya neste negocyo da paz. A ysto lhe respomdy que quamdo vosa s. mouvyo o que heles dyzyão acerca das pazes, que asemtara o visorey, que samta glorya aja, e que hesas farya aguora ellrey de cambaya, que vosa s. se ryra disto, e mays semdo a cydade nosa, e temdo-a ganhada pela pomta da espada. Dixeme que parecia que vosa s. querya fazer as pazes á sua vomtade, e nam como fose rezão; e que ellrey de cambaya hera o que estaua arrezoado, e nós outros muito fora da razão: de maneira que pasamdo estas e muitas outras palavras, a que lhe eu respomdy o que me pareceo que compryа pera este negocyo, lhe dixe o que me luys fallcam mamdou, scilicet, que foy, se ellrey de cãobaya nos dese estas allfandegas e cydade, e as terras de manora, que faryamos a paz, e ysto lhe tinha ja dito da outra vez que lá fuy: ao que me respomdeo que não fora nesesaryo esperar em vnaa tamtos dias, nem heu tornar lla, se a reposta avya de ser aquela; porque ellrey de cãobaya amtes avemturarya todo o seu poder e estado, que perder a jurdição e nome de dio ser seu. Asyque ao que vyemos per derradeiro foy, que poys ele dizya que ellrey não farya paz com perder a jurdição de dio, e nome que tinha de ser seu, que vosa s. lhe daria ametade das allfamdegas, e a jurdição, comtamto que ellrey de cãobaya tornase a dar a vosa S. as terras de manora, que ja o soltão bador dera a nuno da cunha, quamdo lhe deu baçaym, e guora as tynhão os capitaĩs dellrey de cambaya em seu poder; e tornando-lhe estas terras, que vosa S. lhe darya na cydade a parte que atrás diguo, e que farya hese seruyço, e amyzade a ellrey de cambaya.

Respomdeo-me a ysto que ellrey hera gramde senhor, e que se nós o seruysemos, que muito mores merces nos farya; mas que aleguora os seruyços que lhe tinhamos feytos por nos dar baçaym com todas suas remdas, e depois a fortaleza em dio, e após ysto a remda e parte nallfamdegua, fóra matarmos o solltão bador, e roubarmoslhe a sua cydade e tomarmoslhe

toda a sua armada e artelharya e que hatéguora não tinhão vystos outros seruyços nosos per omde merecesemos ellrey fazernos de novo mercê, e que o seruysemos doutra maneira, e que era muito pouco fazer ellrey o que nós queryamos: mas que aguora vysto ellrey ter de nós recebydos tamtos agravos, que devyamos daseytar a paz como ha tinhão feyta com ho visorey; e depois diso que mamdase vosa S. a corte a vygytar ellrey, e que tudo o mays farya ellrey como semtise em nós vomtade de o seruirmos.

A ysto lhe respomdi o que heu sabya destas coùsas, que hera sermos nós a causa dellrey de cambaya ser oje em dia rey; porque se nam fora com ajuda de nuno da cunha os moguores numca foram llamçados de cambaya; e que se ellrey se fora pera meca como se ya, e nuno da cunha o nam acomselhara, que se nam fose, e nam ajudara; que tarde tornára a réstaurarse em seu reyno, e que hele nos tinha armado trayção pera matar nuno da cunha, e tomarnos a fortaleza; e que por ysto lhe dera deus o paguo: e que quamto aceytarmos a paz que fizera o vysorey, que nam fallase nyso; porque depoys tyveramos até o tempo da guerra o meio das allfamdegas, e que haguora estava vosa S. muy arrezoado, por nam pedyr mays, que as terras de manora, que forão nosas, e eles nysto não davão nada, poys era tornaremnos o que o soltão bador nos dera: e que se ele a ysto não tynha mays que dizer, que ho que me ja tynha dito, que me dese llicemça pera me tornar pera dio. Dixeme que me vyese embora, e que dese comta dysto ao capytão, porque ele não tinha licemça dellrey pera mais que pera a paz do visorey, e que lhe mandase a reposta do que ho capytão dezia, porque com ela se queria yr.

Eu vym a esta fortaleza e dey dysto comta a lluys fallcão. Dixeme que respomdese a cyde amede, e a reposta que lhe mamdey foy, que eu dera comta ao capytão do que com ele e motaremocão pasara, e que o capytão se espantára muito diso, porque ele cyde amede lhe tinha dito, por muitas vezes, que ellrey

de cãobaya faria a paz como nós fosemos comtemtes, e que haguora falavão muy fóra de prepesyto: que se motaremocão tynha mais poder dellrey, do que me tynha dito, pera poder falar neste negocyo da paz, que mo espreuese. A isto me respomdeo cyde amede, que hele, nem o cão não tynhão mays poderes, que ho que me tinhão ja dito; mas que ymda nam vyera a reposta dellrey: e que por ele, e eu nam perdermos o trabalho, que tynhamos llevado, que lhe parecya bem yrmos ambos a ellrey, e que hele do seu dinheiro darya huũ cavallo, e que eu dese outro, e com ysto farya ellrey tudo o que fose rezão, e nós quygesemos; porque ellrey de cãobaya hera gramde senhor, e muito vão, e que nam querya mays que verem huũ portuges em hamadavade, pera na propya ora se acabarem dasemtar as pazes, como fose rezão; e que muito mylhor se avyão dasemtar com ellrey, que com o motaremocão. A ysto lhe torney a respomder, que eu nam ousara de fallar nysto ao capytão; que hele podia qua vyr se quigese e que o dixese ao capytão, e que eu o ajudarya no que pudese; mas soo que me nâo hatervya por arrecear mandarme o capytão premder, se lhe nysto falase: e domymguo XI de março ja muito tarde me tornou a esprever hũa carta, que querya qua vyr fallar ao capytão, e que verya terça feyra até quarta. Asy que fica a cousa desta maneira, e pelo homem que me trouxe a carta soube nam ser ymda vymda a reposta dellrey, e a rezão he pela yda do ytemydecão, que nam ousão a fallar a ellrey em negocyos. Asy que ysto he o que ate hoje treze de março pasey: e a volltas da carta do cyde amede me trouxerão hũas poucas de cynouras, que mamdo a vosa S. Prazerá a noso senhor, que o tomarão ja em desposyção que posa comer delas. Noso senhor acrecemte a vyda e estado de vosa S. por muitos anos, e lhe de muita saude. De dio a XIII de março de 548 » Amtonio memdes de crasto »

(Sobrescrito) Ao senhor guovernador — meu senhor.

N. 59.°

Senhor — Quymta feira demdoemças mespreueo cyde amede hũa carta, em que me dizya que hera ja vymdo recado dellrey, o quoall estaua muito menencoryo por nós derybarmos a sua fortaleza e todas as casas de dyo; mas comtudo que me fose ver com ele a naguyna, que he ha hũas duas pallmeyras, homde os rumes fyzeram agoada, quamdo se foram: á quall lhe respomdi o que V. S. verá pelo terlado da que lhespreuy: e ao dya de pascoa veo ter a gogolla, e com eu estar doemte de febres, fuy ter com ele, homde pasamos muitas palavras, amtre as quoaes foy tornar-lhe a certeficar que como ellrey de cambaya não dese a vosa S. as terras de monora, e ametade destas allfamdegas, que nam farya vosa S. a paz, como fose menos disto hũm só quylate. A ysto me respomdeo que ellrey nos daria os dous quymtos das allfamdegas: dixe-lhe que estaua mall desposto; que não gastase tempo deballde; e que me querya tornar pera a fortaleza. E ao que veo por derradeiro foy que ele como homem que tinha trabalhado neste negocyo, á hum ano, desejaua fazerse a paz, não que ellrey lhe mamdase dizer ysto, que hera que nos daryão ametade das allfamdegas com comdição, que nós da nosa parte desemos algũa cousa pera ajuda de se comsertarem as casas dellrey, que nós derrybaramos: e quamdo ysto nam quigesemos, que fose mamdarmos cada hano a ellrey algũs cavalos. A ysto lhe respomdi, que ellrey noso senhor nam pagava pareas a nimguem, amtes nesta terra lhas pagavão muitos reys: que se querião fazer a paz, que falase em cousas, que podesem ser, e nam nestas tão fora de rezão. Dixeme que dese comta dysto a luys fallcão, e lhe mamdase a reposta, porque hele que desejaua muito fazer-se esta paz, e mays aguora, que ho ydallcão mamdara de novo embaxadores a ellrey de cãobaya pera jurarem em seu nome de não fazer paz com portugueses demtro em

cymco anos, e que se mamda desculpar de nâo fazer a guerra a goa, quamdo a qua fyzerão em dyo; que se o deixou de fazer foy pela guerra que trazia com ho zamaluco: asy que por ysto queria muito ver esta paz feyta comnosco. Esprevo ysto que me dixe a vosa s., porque pode muito bem ser que nâo sejâo mays que feros, como os mouros custumão a fazer, e que nam será verdade nada do que diz cyde amede. Eu por nam deixar de esprever tudo o que me dixe, o faço nesta. O comque me despedi dele foy, que vosa s. tinha destroydo todos os portos e terras do ydallcão, e tinha jurado de nam fazer pazes com ele, mas amtes esperava em mayo por muita gemte de portugall, e que nam avya de descamsar até que lhe nam fose tomar bylguão porque todas as outras terras per derredor de goa lhe vosa s. tynha ja tomadas; e com ysto me vym pera esta fortaleza e dey dysto comta a luys falcão, e tardei dous dias em lhe respomder, e no fim deles, que foy a segunda oytava de pascoa, veo hũm abexym do cyde amede a matacavalo ter a gogolla com hũa carta sua pera mȳ espamtamdo-se de lhe nam respomder ao que pasára comyguo em gogolla: e que depoys dele de qua yr, vyera outro recado dellrey, em que mandava que se nam fizesem pazes senam com lhe darem os dous terços nallfamdega, como mays meudamente vosa s. verá pelos terlados asy das cartas de cyde amete, como da reposta que lheu mamdey, os quoaes são estes que com esta mamdo a vosa s. E a sete dabrill veo d'una hũm pyão per quem lhe mamdei hũs frascos d'agoa rozada; me tornou a esprever outra carta, em que me diz que ho que falou comyguo em gogolla, que se avya de fazer, porque hera muito bom; e ysto que me tornou a espreuer foy depoys de lhe ter esprito o desengano, e que se fosem muito embora. Ele e o cão ymda estâo em unaa, e verdadeiramente que me parece pelo que vejo nas cartas do cide amede que se nam hão dyr d'unaa até lhe nam vyr reposta delrey; porque cyde amede lhesprevео o que aguora pasara comyguo em gogolla: por-

que seles nam tyveraõ mays poder delrey do que me cyde amede espreveo, depoys de vyr a gogolla, que ellrey mamdára, não ousára a tornarme de novo a esprever sobre o que falamos em gogolla. Prazerá a noso senhor, que ordenara ysto, como for seu seruyço, e delrey noso senhor, e mays homra de vosa s. A gemte da terra da per novas matarem os resbutos certos capytaẽs a ellrey de cãobaya, e querem dizer, que emtra neles cara asem, e o bor moluco, he ysto se diz ha doze ou quinze dias. Prazerá a deos, que serão estas novas certas, he que poucos he poucos hos destroyrá a todos: e porque pelas cartas que cyde amede mespreveo, de que mamdo o terllado a vosa s., e asy da minha reposta verá todas as palavras, que mespreveo, e eu a ele, não diguo nesta mays, senam pedyr a noso senhor, que acrecemte a vyda, e estado de vosa s. por muytos anos. De dio a IX dabrill de 548 = Amtonio memdes de crasto.

Trelado dũa carta de cyde amede pera amtonio memdes.

Senhor amtonio memdes: voso amyguo amede abedell naby vos mamda muitas çalemas. Quamto a reposta dellrey, perque esperava, he vymdo hum aluará que diz ser ellrey sabedor, que os portugueses destroyrão a fortaleza delrey e todas as casas de dyo, e por esta rezão está muito menencorio, he esta palavra he cousa forte. E este voso amyguo por o que cumpre a amballas partes respomdy a elrey, e lhe mamdey hũa carta: prazera a deos, que ha pallavra delrey se chegará perto a rezão. Vós vymde da parte de naguynaa; e este voso amyguo, e vós, pelo que releva a ambas as partes, fallaremos, e tomaremos comcrusão neste negocyo. Motaremocão, e ceyde amedezayr mamdão muitas çalemas ao senhor capytão. Se mamdardes algum servyço espreveimo pera o fazer.

Reposta pera cyde hamede.

Senhor cyde amede abedellnaby. Deram me vosa carta: e quamto ao que me nela dyzeys, que vaa a naguyna pera hahy falarmos vós e eu sobre este negocyo das pazes, jaque vós aveys de vyr ahy, he tão perto de gogolla, que havyaes de vyr a ela, ao menos por nam me dar trabalho de pasar cavalos pera tão perto: e se ouverdes por trabalho vyr a gogolla, mamdayme hũm seguro de motaremocão, e eu yrey a naguyna, ou a huna, se comprir. O Senhor capytão vos mamda muitas çalemas asy a vós, como a motaremocão, e a ceyde amede zayr, e eu tão bem faço o mesmo. Se de mỹ mamdardes algum seruiço, espreveymo, e faloey. Oje quinta feira, 29 de março.

Trelado doutra carta que cyde amede mespreueo, depoys de vyr a gogolla.

Senhor amtonio memdes: este voso amyguo amede abe dell naby vos faz a saber como eu e vós falamos em gogolla algũas palavras, de que me nam mandastes a reposta, e asy tão bem veo aguora hum aluara dellrey, que dous terços sejão seus, e hum dos portugueses, e que se fará a paz; e que se os portugueses nam forem comtemtes, que estas terras se dem ao mamjatecão; e motaremocão, e eu nos vamos pera ellrey. O que for vosa vomtade respomdey; porque este voso amyguo sabe que ellrey sem os dous terços nam he comtemte: e pera que vos seja craro e vós vejaes o que vos cumpre.

Reposta que mamdey desta carta a cyde amede he estaa.

Muito omrado senhor cyde amede abe dell naby:

se vos não respomdy ao que vós e eu falamos em gogolla foy por mynha doemça, como tão bem por lhe nam parecer bem ao capytão nada do que me dixestes. Ora se lhe nam pareceo bem o que me allargastes em gogolla que hera ametade dallfamdega, como lho parecerá dizerdes aguora que ellrey que falla em dous terços, que he a cousa que vós e motaremocão me dyxestes em Vna averá quoremta e cymco, ou cymcoenta dias, a que loguo vos respomdi que nam curaseis de fallar nyso; porque dahy a cem anos, em que estyvesemos sem fazer paz, não se farya tall cousa. Pareceme que ellrey não quer fazer paz com nosco, nem ternos por seruydores, poys que fala em cousa tão fora de rezão: que se a ele quyger fazer fale em cousas arrezoadas: que o capytão está prestes pera chegamdo-se ellrey á razão, rogar ao senhor governador que haja por bem fazerem se as pazes. E quamto a me dizerdes em vosa carta que ellrey mamdaa que emtreguem estas terras ao majatecão, folgamos muito mays de termos aquy hũm capytão tão omrado, que termos ycufo xá, que he hum espravo, filho doutro: e quamto a vosa yda e do senhor motaremocão, seja nas boas oras, e vaa deos comvosco. Se de quá tiuerdes nesesydade dallgũa cousa pera o camynho, esprevеymo e mamdarvoloey. A motaremocão mamdo muitas çalemas, e asy a vós, como a ceyde amedezayr. Eu vos mamdava pelo voso espravo os seis frascos dagoa rosada, que me pedistes em guogolla: dixe que os nam podia levar, porque hya a cavalo, e que os quebrarya. Oje terça feyra IIII dabryll.

Carta de cyde amede depoys de lhesprever esta atrás.

Senhor amtonio memdes. Qua me deo o pyão os seys frascos daguoa rosada. As palavras que vos dixe em gogolla pelo que hya a ambas as partes, que falamos, se o ouverdes por bem, será muito bom fazer-se,

e depoys vede o que vos parecer que vos cumpre: e se mamdardes de mỹ allgum seruiço, espreveyme. Voso amyguo amede abe dell nabyy. Oje a VI dabryll.

N. 60.°

Artigo de huma carta que Luiz Falcão escreveo de Ormuz a D. Jo. de Castro, com data do 1.° de Fevereiro de 1546.

" Alleyxos de carualho me dixe da parte de vosa s., que lhe mãodase *allyxamdre* bem parsyo: lla lho mãodo, haimdaque has escreturas destes mouros, tenho-as por menos autemtes que has nosas. Nese llyvro vam houtras estoryas hafóra has dallyxamdre, has quays me parese que follguará mays com ellas ho senhor dom fernãodo, hou quallquer houtro homem do mumdo, como heu, que V. s. Llá mãoc ~ dous crystamos catyvos, que ha pouquo tempo que fugirão de allepo. Não dam nhũas novas pollo pouco tempo, que avya, que herão cativos: hesas que dão, llá has comtarão ha vosa s.; por iso lhas não escreuo, nem ao presemte nom ha que escreuer, senão que noso senhor acresemte vyda e estado de vosa s. por muitos anos " &c.

Artigo de huma carta, que Garcia de la Penha escreveo a D. Jo. de Castro, de Ormuz, a 5 de Fevereiro de 1546.

" Aleyxos carvalho pedio qua a elrey e goazil hemires hum livro da ystoria dalyxamdre. Com muyto trabalho acharão hũ, que lhe mamdão. Eu porque quis que vosa s. por algum respeyto ouvese de mim algum conhecimento, e pelos desejos que tenho de servir senhor, de que tam altas bomdades se dyzem deferemtes das dos outros, que seu mamdo tiverão, mam-

do a vosa s. hum livro, que cuydo que noso senhor me quis fazer esta mercé de ser tam bom, que em gramdes dias se não achará outro tal. Peço a vosa s., que ho livro, e a mim com ele, queyra aver por seus com aquela vomtade e desejo, que noso senhor sabe que lho eu ofreço, cujo estado he castidade, acompanhada de tamtas virtudes, como dizem, que está. Noso senhor sostenha e acrecemte per muytos anos pera amparo destas terras. » &c.

Artigo de huma carta de Rui Gonsalves de Caminha para D. Jo. de Castro, escrita de Goa a 22 de Janeiro de 1547, em que falla de huma náo aprezada, e das fazendas, que nella vinhão.

» Em [illegible] caixão, em que vinhão hũas poucas de fotas, e panos de seda, vem dous livros escriptos em parceo, emlumynados, muyto lousãos, não sey de que são, e diz o feitor, que de laa veio na náo, que outros dous tomouos Symão botelho, pequenos, muyto bõs, que dixe, que os tomaua para V. S. » &c.

N. 61.°

Dom aluaro de crasto: eu elRey vos enuio muito saudar. Porque as nouas que tiue os dias pasados de barbarroixa ser ydo na via de leuante, com toda sua armada as ey por certas por mas escreuerem de todas as partes, domde me podiam vyr a certeza delas, ouue por meu seruiço de vos mandar vyr; pelo que vos encomendo muyto e mando, que vos venhaes com toda a jente que comvosquo levastes, e comque laa me estaueis servindo. E muyto vos agradeço o como la me servistes nas cousas que se oferecerão de meu seruiço: e asy comfio de vós que o fareis sempre. Escripta em euora a XIII dias do mez de setembro de 1544 » E asy

ey por bem que tragaes convosquo dom fernando voso irmão » Rey »
(No fundo) Pera dom aluaro de crasto.
(Sobrescrito) Por elRey — A dom alluaro de crasto fidalligo de sua casa.

N. 62.°

Dom Aluaro de Crasto amigo. o Iffante vos enuio muito saudar: recebi uossa carta, e com ella leuey muito contentamento por saber nouas de uós e pellas que me daes das cousas dessa terra sempre folgarei que mas escreuaes, e que me façaes saber de uossa disposição, e prazerá a nosso senhor que volla dará sempre tão booa como eu desejo pera com ella merecerdes a ElRey meu senhor fazeruos muita honra e merce alem da que vos deue por filho de uosso pai, que o tambem serue nessas partes. Vós folgai sempre de o parecer em tudo, e de seguir seus boõs exemplos, porque tendes muita razão de uos prezar delles: de uossas cousas eu tenho o cuidado, que vosso pai uos dirá, e terey sempre mui boõa vontade; pera o que vos de mĩ cumprir. escrita em almeirĩa XVII de Março de M. D. xlvij. »
Iffante Dom Luis »
A dom Aluaro »

N. 63.°

Dom Aluaro de Crasto amigo: recebi a carta que me escreuestes na armada de Lourenço pirez de Tauora, em que me daes conta particularmente do cerco de Dio, e da victoria delle, que he tamanha, que se nom pode nella falar, porque, por muito que se diga, he ficar áquem do que se deue dizer, por as muitas particularidades, que nisto ha, e muitas mostras e sinaes de grandes virtudes, e esforços, e muito boõa ventura, que noso senhor deu a uosso pai, e aos que com elle forão, que fez neste negocio todo boõ oficio, assi no socorro que mandou com dom fernando vosso

irmão, e no que mandou per uós, como da vinda em pessoa que fez, que tudo parecem obras inspiradas per deos, e per ellas lhe deuem dar todos muitas graças. Pois o que vós fezestes, e os trabalhos, e perigos que pasastes no mar, e o esforço, com que pelejastes na terra, e a honra que nisso ganhastes he muito pera louuar, e pera ElRey meu senhor gratificar com honra e merce, pera o que mostra ter boõa vontade, como verêes per obra no que vos escreue e manda: da morte de vosso irmão me pesou muito, e ouue por mui grande perda a de sua pessoa por os sinaes que tinha dados de sua virtude e esforço; e porêm elle acabou tambem, que basta pera uos consolardes, e dardes muitas graças a noso senhor, como creio que terees feito. Scrita em Lixboa a xvij de outubro de M. D. xlvij „ Iffante Dom Luis „

N. 64.°

Dom aluaro de castro: eu elrrey vos enuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes, em que me dais conta da guerra que se moueo com o Idallcaão por caussa do miale: e assy do cerquo e guerra da fortaleza de dio, e do cuidado e dellygencia, com que o gouernador vosso pay a tudo proueo, e trabalhos que nisso leuou, e como em tudo me seruio, que foy tam comforme há comfiança que delle tenho, que nâo posso eu deixar de ter disso o contentamento que he rezaão, e se deue aos merecimentos de sua pessoa e seruiços. E nos trabalhos, que sey, que vós leuastes, e sofrestes, em fforçar os tempos e os mares pera em tal tempo socorrerdes a dita fortaleza, se vio quanto mais pode o desejo que temdes de me seruir, que o receo de tamanho periguo, como em tal tempo naquelle caminho se vos offerecia; e na maneira em que a ela cheguastes, e em como pelejastes na deffensão dela, compristes bem com a obriguação que tendes de filho de vosso pay: e de quanto tudo acrescentou na hoarra e merecimento de vossa pessoa tenho eu tanto

como do seruiço que nisso fizestes a nosso senhor, e a mim, o quall eu istimo tanto e tenho naquella conta, que a calidade dele, e o fruito que se dele seguio o merece, e assy vollo agradeço, e essa confiança tenho de vós, que em tudo o que se offerecer de meu seruiço tomareys sempre tanta parte dos trabalhos de vosso pay e o ajudareys nelles tanto como neste feito o fizestes, e vos encomendo muito, que o façais assy, pera que a muito boa vontade que vos tenho, e a obriguação de vos fazer merce por vossos seruiços vaa sempre com elles em muito crescimento. Antonyo ferraz a fez em Lixboa a XIX dias de feuereiro de 1548 »
Rey »
3.ª via pera dom Aluaro de castro.

N. 65.º

Dom Aluaro de castro: eu elRey vos enuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes de baçaim a XXVI de novembro de quarenta e sete; e o que me nela escreueis da boa vontade com que me seruis se mostra na maneira de que o fazeis, e tudo he conforme aa muita confyança que de vós tenho, e aa obriguaçam que tendes de quem sois, e do lugar em que me seruis: e nam sómente recebo contentamento dos boõs seruiços que me tendes feitos, e fazeis pela calidade e merecimento deles, mas ainda pelo exemplo que se niso toma de vós: e louuo muito a noso senhor por todas as vitorias que tem dadas a voso pay dos immiguos de sua santa fee catholica, e de meu seruiço, nas quaes tendes tanta parte, como quisestes tomar dos trabalhos e perigos delas: e da boa conta, que em todas destes de vós, tenho o contentamento, que he rezão, e vós o deveis de ter grande da muita honra que niso tendes guanhada; e trabalhar de a conseruar e acrescentar em todo o mais, que ao diante se offercer de meu seruiço, porque a muito boa vontade, que vos tenho seja com iso mais acrescentada. E dos fidalguos e pesoas que se acharam comvosquo

no feito de poudaa e o fizeram tambem como dizeis em vosa carta, terey a lenbrança que he rezão, que de tam bõo seruiço se tenha. E postoque os trabalhos e ocupações da guerra vos não dẽe lugar pera me escreuerdes larguo, como dizeis, todavia trabalhay de o fazer, porque me prazerá diso muito. Antonio daguiar a fez em almeirỹ a XIIII dias de março de 1549 » Rey »

(No fundo) Reposta a dom aluaro de castro.

(Sobrescrito) Por elrey — A dom aluaro de castro cappitão moor do mar nas partes da india.

FIM.

CATALOGO

Das Obras impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada uma dellas se vende brochada.

1835.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes, para formar um Museu Nacional, *folheto* em 8.º 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia por João Antonio Dalla Bella, Socio da mesma, 1 vol. em 4.º . . 480

III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, pelo mesmo. *Segunda edição accrescentada pelo Socio da Academia* Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, 1 vol. em 4.º 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. em 8.º 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiæ Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. em 4.º 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis et Criminalis Lusitani, 5 vol. 4.º 2400

VII. Osmia, Tragedia coroada pela Academia, *folheto* em 4.º 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folheto* em 4.º 160

IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.º, 2.ª *edição augmentada* por Fr. José de Santo Antonio Moura. 600

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum, 1 vol. em 8.º 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico desde o anno de 1789: cada anno 1 vol. em 4.º 360

O mesmo para o anno de 1836. 480

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. em 4.º 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, desde o Reinado do Senhor Rei D. Diniz, até o do Senhor Rei D. João II. 5 vol. em *folio*. 9000

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folheto* em 8.º . *gr.*

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, por Francisco de Mello Franco, 1 vol. em 4.º . 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados

CATALOGO.

A Parte I. do Tomo XI. 1000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Parte 1. em 4.° . . 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum, 1 vol. em 4.° 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. em 4.° 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves: para distribuir-se ao Exercito Portuguez, *folheto* em 12. . . . . *gr.*

XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569, *folheto* em 12. 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de uma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. em 4.° 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, por J. M. D. P., 1 vol. em 8.° 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, 6 vol. em 4.° 5400

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1.° vol. em 8.° . . . 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia Real das Sciencias, 8 Tom. em 8.° 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. em 4.° 2400

O Tomo IV. Parte I. e II.: cada huma 400 rs. . . . 800

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tom. I. e II. em 4.° 1400

O Tomo III. 800

O Tomo IV. N.° I.° 360

XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso pelo Socio da Academia Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, *com os textos*, 1 vol. em 4.° 600

XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Numeros I. até XIII. 1 vol. em 4. 300

XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Fran-

co, Socio da Academia. *Terceira edição*, 1 vol. 4.° . . 960

XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidades do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1 vol. em 4.° 400

XLIX. Taboadas Perpetuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza, 1 vol. em 4.° 600

L. Elementos de Geometria, por Francisco Villela Barbosa, Socio da Academia Real das Sciencias. *Segunda edição*, 1 vol. em 8.° 960

LI. Memoria para servir de Indice dos Foraes das Terras do Reino de Portugal, e seus dominios, por Francisco Nunes Franklin. *Segunda edição*, 1 vol. em 4.° 600

LII. Tratado de Policia Medica, no qual se comprehendem todas as materias, que podem servir para organizar um Regimento de Policia de Saude para o interior do Reino de Portugal, por José Pinheiro de Freitas Soares, 1 vol. em 4.° 800

LIII. Tratado de Hygiene Militar e Naval, pelo Socio Joaquim Xavier da Silva, 1 vol. em 4.° 400

LIV. Principios de Musica, ou Exposição Methodica das doutrinas da sua composição e execução, pelo Socio Rodrigo Ferreira da Costa, 2 vol. em 4.° 2400

LV. Tratado de Trigonometria Rectilinea e Spherica, por Mattheus Valente do Couto. *Segunda edição*, 1 vol. em 4.° 360

LVI. Ensaio Dermosographico, ou Succinta e Systematica Descripção das Doenças Cutaneas, &c., por Bernardino Antonio Gomes, 1 vol. em 4.° 1200

LVII. Memorias para a Historia da Medicina Lusitana, por José Maria Soares, 1 vol. em 4.° 300

LVIII. Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portugueza, por D. Fr. Francisco de S. Luiz. *Segunda edição*, 1 vol. em 4.° 720

O Tomo II. da mesma obra 600

LIX. Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou principios da Grammatica geral applicados á nossa Linguagem, por Jeronymo Soares Barboza, 1 vol. em 4.° 960

LX. Collecção de Cortes. Congresso do Braço da Nobreza nas de 1697 e 1698, 1 vol. fol. bom papel. 600

LXI. Diario da viagem, que em visita e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, 1 vol. em 4.° 360

LXII. Flora Farmaceutica e alimentar Portugueza, ou tratado daquelles vegetaes indigenas de Portugal, e outros nelle

---

Vendem-se em Lisboa nas lojas dos Mercadores de livros na rua das Portas de Santa Catharina.